

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TRIÂNGULO MINEIRO – *CÂMPUS* UBERABA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

**ELAINE ANTUNES FIDELIS**

**SENTIDOS DO CURSO TÉCNICO PARA O SUJEITO-ALUNO DE CURSOS  
TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL  
DO TRIÂNGULO MINEIRO - *CÂMPUS* UBERABA**

**UBERABA/MG  
2018**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TRIÂNGULO MINEIRO – *CÂMPUS* UBERABA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

**ELAINE ANTUNES FIDELIS**

**SENTIDOS DO CURSO TÉCNICO PARA O SUJEITO-ALUNO DE CURSOS  
TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL  
DO TRIÂNGULO MINEIRO - CAMPUS UBERABA**

Dissertação apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Tecnológica.

Área de concentração: Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia - Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica.

**Orientador:** Professor Dr. Welisson Marques

**Uberaba/MG  
2018**

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Tatiane da Silva Viana – CRB6/3171

F448s	<p><b>Fidelis, Elaine Antunes.</b> Sentidos do curso técnico para o sujeito-aluno de cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Câmpus Uberaba / Elaine Antunes Fidelis. – Uberaba, 2018. 177 f. : il. color. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Programa de Mestrado em Educação Tecnológica, concentração: Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia - Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques.</p> <p>1. Ensino médio – Ensino integrado. 2. Ensino profissionalizante. 3. Interdisciplinaridade. I. Marques, Welisson. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Programa de Mestrado em Educação Tecnológica. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 373</p>
-------	--

**ELAINE ANTUNES FIDELIS**

**SENTIDOS DO CURSO TÉCNICO PARA O SUJEITO-ALUNO DE CURSOS  
TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL  
DO TRIÂNGULO MINEIRO - *CÂMPUS* UBERABA**

Dissertação apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Tecnológica.

**Área de concentração:** Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia - Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2018.

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Welisson Marques – Orientador – (PPGET-IFTM *Câmpus* Uberaba/MG)

---

Profa. Dra. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes – (PPGE-UNIUBE)

---

Prof. Dr. Humberto Marcondes Estevam – (PPGET-IFTM *Câmpus* Uberaba/MG)

**Uberaba/MG  
2018**

**ELAINE ANTUNES FIDELIS**

**SENTIDOS DO CURSO TÉCNICO PARA O SUJEITO-ALUNO DE CURSOS  
TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL  
DO TRIÂNGULO MINEIRO - *CÂMPUS* UBERABA**

**Data de aprovação:** 27/02/2018

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Welisson Marques

Instituto Federal do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM)

**Membro Titular:**

Profa. Dra. Sueli Teresinha de Abreu Bernardes

Universidade de Uberaba – (PPGE-UNIUBE)

**Membro Titular:**

Prof. Dr. Humberto Marcondes Estevam

Instituto Federal do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM)

**Membro Suplente:**

Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM)

**Membro Suplente:**

Prof. Dr. Otaviano José Pereira

Instituto Federal do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM)

**LOCAL:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - *Câmpus* Uberaba – Auditório. Rua João Batista Ribeiro, 4000. Distrito Industrial II – Uberaba/MG.

## **INVESTIGADORA**

**Pesquisadora:** Elaine Antunes Fidelis

**Inspetora Escolar- Secretaria de Estado de Minas Gerais/ Superintendência Regional de Ensino de Uberaba.**

## **ORIENTADOR**

---

Prof. Dr. Welisson Marques

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – *Câmpus* Uberaba.

---

## **CONTATO:**

**Endereço:** Rua Dona Helena Abrahão, 191- Olinda.

**Fone:** (34) 99115-4622

**E-mail:** fideliselaine@hotmail.com

Dedico este trabalho a todos que valorizam uma Educação de qualidade, a autonomia do pensamento em prol de um mundo mais ético e igualitário.

A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa.

Mahatma Gandhi.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. Manifesto aqui minha enorme gratidão, primeiramente a Deus pela vida, por minha família, amigos, mestres, todos que passaram pela minha existência, compondo minha história de vida. Gratidão também pela oportunidade de aprender com a diversidade do mundo, com o encantamento da natureza, com as lições dos homens e com minhas superações pessoais.

Minha gratidão também de forma particular:

A todos os colegas do Curso de Mestrado em Educação Tecnológica que no cumprimento dos créditos obrigatórios e optativos pudemos compartilhar o prazer de aprendermos juntos, pouco a pouco amadurecendo o pensamento e construindo um universo de possibilidades e de bons amigos que terei com carinho para o meu sempre. À você, Magda Vilas-Boas, o meu agradecimento e carinho especial por tudo o que você representa nessa minha trajetória, por todos os nossos momentos compartilhados.

Aos funcionários do IFTM que com tanto apreço nos recebeu, em especial à coordenadora de curso Tâmara Lourenço.

Aos alunos participantes dessa pesquisa, que enriqueceram de maneira singular esse trabalho.

Aos Professore(a)s Doutores do Mestrado, que souberam ensinar com sabedoria e dedicação, propiciando, cada um com sua contribuição especial, compartilhando seus saberes para que esse momento se concretizasse com êxito e autonomia.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Welisson Marques, que com todo carinho e dedicação me acolheu, me auxiliou a criar um senso crítico mais apurado e acreditou em meu potencial de pesquisadora. Sem você, esse estudo não seria possível. Meu muito obrigada!

À FAPEMIG pelo apoio concedido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET/IFTM) e ao Projeto Perspectivas Interdisciplinares em Educação (IFTM/UNIUBE).

Agradeço de maneira singular, com todo o meu amor, a todos os meus familiares e amigos pela compreensão e atenção e, principalmente, aos meus pais, que são responsáveis diretos pelo que sou, acredito e luto, aos meus filhos que me desafiam a querer ser uma pessoa melhor e buscar um mundo mais digno para a humanidade e ao meu marido, que sempre acreditou nas minhas buscas. Gratidão a todos vocês por existirem em minha vida.

*A consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais. A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada. A consciência mágica, por outro lado, não chega a acreditar-se “superior aos fatos, dominando-os de fora para, nem se julga livre para entendê-los como melhor lhe agrada. Simplesmente os capta, emprestando-lhes um poder superior, que a domina de fora e a tem, por isso mesmo, de submeter-se com docilidade. É próprio desta consciência o fatalismo, que leva ao cruzamento dos braços, à impossibilidade de fazer algo diante do poder dos fatos, sob os quais fica vencido o homem.*

Paulo Freire

## RESUMO

A literatura aponta a dualidade histórica entre o ensino médio regular destinado às elites e o ensino técnico profissionalizante destinado às massas, às necessidades do mundo do trabalho. Essa dualidade reflete-se na estrutura social; A partir do entendimento teórico da estruturação do mundo do trabalho e do papel da educação frente às políticas econômicas e sociais, foi acrescentado o alicerce desse estudo, a concepção de quais os sentidos são atribuídos pelos sujeitos alunos do curso técnico integrado ao ensino médio em uma instituição federal da cidade de Uberaba-MG. Este estudo pauta-se na análise do discurso como metodologia de pesquisa para se compreender a questão principal da presente proposta: como o dualismo histórico na EPT reflete nos discursos dos alunos? Investiga-se outras vertentes de igual cunho analítico sobre o curso. Para dialogar com os alunos e as legislações pertinentes, foi escolhido como referencial teórico principal Paulo Freire, Gaudêncio Frigotto, Marise Ramos, entre outros. O estudo proposto se constitui de uma abordagem quali-quantitativa; foi composto de técnicas metodológicas como análise do discurso em grupos focais. A análise de dados pauta-se em uma análise qualitativa descritiva dos discursos dos alunos, compondo-se de ilustrações quantitativas a respeito do estudo. Os resultados dessa pesquisa foram analisados por eixos: no eixo I foi verificada a unanimidade na qualidade do estudo, na conceituação positiva da estrutura da instituição e na necessidade de manutenção dessa estrutura. Verificou-se que 73% dos alunos optaram estudar no IFTM vislumbrando o ensino médio, contudo ao serem questionados se após a experiência do técnico e se houvesse a possibilidade de escolha de cursar somente o ensino médio no IFTM, 88% dos alunos que vieram movidos pelo ensino médio optariam em cursar o ensino médio integrado. O eixo II revela uma pretensão de prosseguirem os estudos e a atuação na área se daria somente durante esse período devido à desvalorização financeira do curso técnico. O eixo III aborda se o curso técnico contribui para os alunos se tornarem cidadãos mais críticos, reconhecendo que o curso integrado tem proporcionado maior criticidade, maturidade e entendimento do mundo. O eixo IV investiga sobre as práticas pedagógicas interdisciplinares, as mesmas são reconhecidas como um facilitador na aprendizagem, e uma minoria acredita que ela ocorra pelo envolvimento e capacidade do sujeito. O último eixo examina a anuência em relação à oferta de novos cursos: a maioria analisa como desfavorável, preferindo que os investimentos sejam nos cursos existentes. Os alunos demonstraram um diferencial da instituição de ensino pesquisada, apresentando uma maturidade em seus discursos e discussões. Reconhecem o IFTM como uma instituição que valoriza seus alunos e eleva o pensamento crítico, fortalecendo-os como cidadãos. O discurso dos alunos diferem-se do disposto da literatura em relação à dualidade histórica na EPT, ao contrário, há um posicionamento de superioridade qualitativa e quantitativa em relação ao Ensino Médio Regular. Esse projeto é integrante do Programa de Pós Graduação do IFTM - Mestrado Profissional em Educação Tecnológica, Linha de Pesquisa I- Educação, Trabalho, Ciência e Tecnologia - Processos Formativos e Práticas Educativas em Educação Tecnológica.

**Palavras-chave:** Curso técnico. Ensino profissionalizante. Interdisciplinaridade. Ensino Médio Integrado.

## RESUMEN

La literatura apunta a la dualidad histórica entre la enseñanza media regular destinada a las élites y la enseñanza técnica profesionalizante destinada a las masas, las necesidades del mundo del trabajo. Esta dualidad refleja en la estructura social. A partir del entendimiento teórico de la estructuración del mundo del trabajo y del papel de la educación frente a las políticas económicas y sociales, se añadió el cimiento de este estudio, la concepción de qué sentidos son atribuidos por los sujetos alumnos del curso técnico integrado a la enseñanza media en una enseñanza la institución federal de la ciudad de Uberaba-MG. Este estudio se basa en el análisis del discurso como objeto de investigación para comprender la cuestión principal de la presente investigación: ¿cómo el dualismo histórico en la EPT refleja en los discursos de los alumnos? Se investiga otras vertientes de igual cuño analítico sobre el curso. Para dialogar con los alumnos y las legislaciones pertinentes, fue elegido como referencial teórico principal Paulo Freire, Gaudencio Frigotto, Marise Ramos, entre otros. El estudio propuesto se constituye en un enfoque cualitativo cuantitativo; se compuso de técnicas metodológicas como análisis del discurso en grupos focales. El análisis de datos se basa en un análisis cualitativo descriptivo en los discursos de los alumnos, componiéndose de ilustraciones cuantitativas acerca del estudio. Los resultados de esta investigación fueron analizados por ejes: eje I se verificó la unanimidad en la calidad del estudio, en la conceptualización positiva de la estructura de la institución y la necesidad de mantenimiento de esa estructura. Se verificó que el 73% de los alumnos optaron a estudiar en el IFTM vislumbrando la enseñanza media, sin embargo al ser cuestionados si después de la experiencia del técnico y si hubiera la posibilidad de elección de cursar solamente la enseñanza media en el IFTM, el 88% de los alumnos que vinieron movidos por la enseñanza media optar por cursar la enseñanza media integrada. El eje II revela una pretensión de proseguir los estudios y la actuación en el área se daría solamente durante ese período debido a la devaluación financiera del curso técnico. El eje III aborda si el curso técnico contribuye a que los alumnos se convierten en ciudadanos más críticos, unánimes, reconociendo que el curso integrado ha proporcionado mayor criticidad, madurez y entendimiento del mundo. El eje IV investiga sobre las prácticas pedagógicas interdisciplinarias, las mismas son reconocidas como un facilitador en el aprendizaje, y una minoría creen que ella se debe a la participación y capacidad del sujeto. El último eje examina la anuencia en relación a la oferta de nuevos cursos, la mayoría analiza como desfavorable, prefiriendo que las inversiones sean en los cursos existentes. Los alumnos demostraron un diferencial de la institución de enseñanza investigada, presentando una madurez en sus discursos y discusiones. Reconocen el IFTM como una institución que valora a sus alumnos y eleva el pensamiento crítico, fortaleciéndolos como ciudadanos. El discurso de los alumnos difiere de lo dispuesto en las literaturas en relación a la dualidad histórica en la EPT, al contrario hay un posicionamiento de superioridad cualitativa y cuantitativa en relación a la enseñanza media regular. Este proyecto es integrante del Programa de Post Graduación del IFTM - Maestría Profesional en Educación Tecnológica, Línea de Investigación I- Educación, Trabajo, Ciencia y Tecnología - Procesos Formativos y Prácticas Educativas en Educación Tecnológica.

**Palabras clave:** Curso técnico. Enseñanza profesional. Interdisciplinariedad. Enseñanza Media Integrada.

## LISTA DE SIGLAS & ABREVIACÕES

<b>BNC</b>	Base Nacional Comum
<b>CFE</b>	Conselho Federal de Educação
<b>CEE</b>	Conselho Estadual de Educação
<b>CEFET</b>	Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica
<b>CEP</b>	Comitê de Ética e Pesquisa
<b>CBE</b>	Conferência Brasileira de Educação
<b>CEN/CEB</b>	Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica -
<b>CPIs</b>	Comissões Parlamentares de Inquéritos
<b>CPLP</b>	Comunidade de Língua Portuguesa
<b>EMC</b>	Educação Moral e Cívica
<b>EITs</b>	Escolas Industriais e Técnicas
<b>EM</b>	Ensino Médio
<b>EPT</b>	Educação Profissional Técnica
<b>IFs</b>	Institutos Federais
<b>IFTM</b>	Instituto Federal do Triângulo Mineiro
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>MERCOSUL</b>	Mercado Comum do Sul
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>OSP</b>	Organização Social Política Brasileira
<b>PEP</b>	Programa de Educação Profissional
<b>PNA</b>	Plano Nacional de Alfabetização
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>PROEJA</b>	Programa de Educação de Jovens e Adultos
<b>PROEP</b>	Programa de Expansão da Educação Profissional
<b>PRONATEC</b>	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
<b>PROUNI</b>	Programa Universidade para Todos
<b>SENAI</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
<b>SENAC</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio

<b>SESCOOP</b>	Serviço Social de Cooperativismo
<b>SENAR</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
<b>SENAT</b>	Serviço Social de Transporte
<b>SESI</b>	Serviço Social da Indústria
<b>SETEC</b>	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
<b>TCLE</b>	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido
<b>TICs</b>	Tecnologia da Informação e Comunicação
<b>USAID</b>	<i>United States International for Development</i>
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Análise Global de dados.....	71
<b>Figura 2</b>	Triangulação sujeito-aluno, objeto de estudo e fenômeno.....	72
<b>Figura 3</b>	Estrutura.....	76
<b>Figura 4</b>	Qualidade de Ensino.....	77
<b>Figura 5</b>	Opção por estudar no IFTM no Ensino Médio.....	79
<b>Figura 6</b>	Alunos que vieram para o IF pelo Ensino Médio e optariam pelo curso Técnico Integrado, após a experiência do curso Técnico, caso houvesse duas possibilidades.....	80
<b>Figura 7</b>	Pretensão de atuar na área do curso .....	82
<b>Figura 8</b>	Valorização financeira do curso.....	84
<b>Figura 9</b>	Alunos que pretendem prosseguir em uma graduação.....	85
<b>Figura 10</b>	O curso técnico integrado contribui na criticidade e cidadania?.....	88
<b>Figura 11</b>	Realização de trabalho interdisciplinar.....	91
<b>Figura 12</b>	Planejamento dos professores em perspectiva interdisciplinar.....	92
<b>Figura 13</b>	A interdisciplinaridade é facilitadora na aprendizagem.....	94
<b>Figura 14</b>	Se o IF deve ampliar a demanda dos cursos técnicos.....	97

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Demonstrativo por Curso.....	76
<b>Tabela 2</b>	Demonstrativo por Curso.....	79
<b>Tabela 3</b>	Demonstrativo por Curso.....	80
<b>Tabela 4</b>	Demonstrativo por Curso.....	83
<b>Tabela 5</b>	Demonstrativo por Curso.....	84
<b>Tabela 6</b>	Demonstrativo por Curso.....	91
<b>Tabela 7</b>	Demonstrativo por Curso.....	93
<b>Tabela 8</b>	Recorte do PDI da instituição IFTM.....	96
<b>Tabela 9</b>	Demonstrativo por Curso.....	97

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>CAPÍTULO I</b>	
- Ensino Profissionalizante e o contexto sócio, político econômico brasileiro.....	22
<b>1.1 Conceito e desenvolvimento do tripé social: Trabalho, Técnica e Educação</b> .....	22
<b>1.2 Antecedentes Históricos da Educação Profissional no Brasil, uma retrospectiva da dualidade educacional no país</b> .....	23
<b>1.3 A Importância da Rede Federal na Educação Profissional no país</b> .....	37
<b>1.4 A organização da Educação brasileira atual</b> .....	41
<b>CAPÍTULO II</b>	
- <b>As revoluções Industriais e a submissão Educacional frente ao capitalismo</b> .....	44
2.1 Retrospectiva Tecnológica.....	46
2.2 Revolução Tecnológica: A Era da Informação e do Conhecimento.....	52
2.3 A Educação e o Pensar.....	55
<b>CAPÍTULO III</b>	
- <b>Aspectos Metodológicos</b> .....	61
<b>CAPÍTULO IV</b>	
- <b>Análise de Dados</b> .....	73
<b>4.1 Eixo 01- IFTM</b> .....	74
<b>4.2 Eixo 02- Sobre o Curso</b> .....	74
<b>4.3 Eixo 03- Compreensão de Mundo</b> .....	74
<b>4.4 Eixo 04- Interdisciplinaridade</b> .....	74
<b>4.5 Eixo 05 - Ampliação</b> .....	74
<b>4.6 Estudo do Eixo 01 - IFTM</b> .....	75
4.6.1 Sobre a estrutura do IFTM.....	75
4.6.2 Sobre o ensino no IFTM.....	77
4.6.3 Sobre a escolha de estudar no IFTM, cursar o curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, veio pelo Ensino Médio ou pelo Curso profissionalizante?.....	78
4.6.4 Após a experiência do curso Técnico Integrado, hoje, você optaria em cursar somente o Ensino Médio ou continuaria no curso Integrado ao Médio?.....	79
<b>4.7 Estudo do Eixo 02- Sobre o Curso</b> .....	81
4.7.1 Quanto à pretensão de se trabalhar na área.....	81
4.7.2 Quanto à valorização financeira do curso.....	84
4.7.3 Se pretendem dar continuidade aos estudos, ingressar em um curso superior.....	85
<b>4.8 Estudo do Eixo 03 - Compreensão de Mundo</b> .....	87
<b>4.9 Estudo do Eixo 04 – Interdisciplinaridade</b> .....	90
4.9.1 Quanto à realização de trabalho interdisciplinar.....	90
4.9.2 Se ocorre interação entre os professores da parte profissionalizante e os da base nacional comum no planejamento das aulas.....	92
4.9.3 Se a interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento.....	93
4.10 Estudo do Eixo 05 – Ampliação.....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	100
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
<b>APÊNDICES</b> .....	107

## INTRODUÇÃO

Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.  
Paulo freire

O interesse em pesquisar o Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio parte da experiência vivenciada ao final da década de 1980 quando a pesquisadora optou por cursar o Ensino Médio Técnico em Administração, na cidade de São Paulo.

Na conjuntura da época inicial da República, pós-promulgação da atual Constituição Federal, o ensino reformulado pela Lei 7.044/82 dispunha sobre a não obrigatoriedade do Ensino Técnico nas escolas públicas e concedia além de um caráter de “preparação para o trabalho” um enfoque mais cultural e social a respeito do mundo do trabalho, uma autonomia curricular, o que levou várias instituições particulares a se interessarem pela oferta dessa modalidade de ensino.

A opção aqui relatada por essa pesquisadora em cursar um Ensino Médio Técnico, tendo sido o primeiro contato teórico e prático com o mundo do trabalho, ocorreu na intenção de se ingressar mais rapidamente e com uma maior qualificação profissional ao mercado de trabalho.

O curso escolhido era um possível ideal a ser prosseguido na graduação, porém muitos colegas de aula se encontravam matriculados pela facilidade de cursar algumas matérias específicas do Ensino Médio em um menor período. Na instituição as matérias do núcleo da base nacional comum eram ofertadas apenas em um ano específico, sendo os demais horários da grade curricular destinados à parte profissionalizante. Essa realidade era muito inquietante, não sendo concebível uma escolha a partir de falta de opções coerentes com o que se almejava para o futuro e, muito menos, por escolhas aleatórias, como se fossem apenas “treinados” para um trabalho no qual havia demanda no mercado.

Proseguí meu percurso escolar, apesar de deslumbrar a Faculdade em Administração na USP, o Ensino Médio Técnico não propiciou um conhecimento que fosse compatível com a disputa de um vestibular desse porte, me levando a questionamentos pessoais, como se houvesse cursado apenas o Ensino Médio, essa base pré vestibular teria sido satisfatoriamente preenchida? O curso era composto de fragmentos, sentia-me realmente em uma empresa setorizada e desvinculada do todo. Desinteressei-me da Administração e, como as faculdades

particulares se encontravam em expansão no Brasil, optei por outra área. Com a vinda da minha família para Uberaba, e pelo fato de a cidade não oferecer o curso superior em Nutrição, fiquei um tempo à deriva, até optar pela Pedagogia. Após a conclusão na graduação, ingressei na Especialização em Inspeção Escolar; função que exerço até a presente data, no Estado de Minas Gerais.

Nessa trajetória profissional na Educação, presenciei diversos programas de expansão dos cursos técnicos, como por exemplo, o Programa de Educação Profissional - PEP iniciado no ano de 2007. Como Inspetora Escolar, eu era responsável por acompanhar *in loco*, à parte burocrática e questões em relação às perspectivas dos alunos, quanto à estrutura da Instituição, escolha e representatividade do curso e prosseguimento profissional, para alimentar os dados de uma rede de assessoria contratada pelo Estado de Minas Gerais.

Esse trabalho me remeteu aos tempos de Colégio, onde cursava o Ensino Técnico, e as questões que me inquietavam quanto a escolher um curso que não era opção profissional voltaram a incomodar. Ao ingressar no Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), e após algumas mudanças no percurso do projeto inicial, senti-me despertada a pesquisar sobre essas questões que me instigaram durante o meu convívio escolar e profissional com o curso técnico. Ademais, excedendo aos meus anseios iniciais, e diante do conhecimento e criticidade atual, senti-me despertada sobre a influência política e econômica no cenário educacional, isto é, sobre a dualidade que será a seguir exposta.

A Educação brasileira, em todo o seu contexto histórico, apresenta-se submissa aos sistemas sócio, político e econômico. Utilizada como um mecanismo de manutenção do poder, sua compreensão histórica aflora uma dualidade entre o ensino destinado à elite para prosseguimento dos estudos e o ensino profissionalizante, com conhecimento rudimentar, voltado a atender às necessidades do mundo do trabalho.

Entendemos que o existente hoje é produto de lutas e contradições sociais. Acreditamos na capacidade coletiva e aguerrida de defender ideias e de propor para a construção de novas possibilidades. O novo nasce do velho, daquilo que sabemos a fórmula não existe e o pronto nunca existirá. Como diria Antônio Gramsci, sejamos pessimistas na inteligência e otimistas na vontade. O pessimismo da inteligência não quer dizer que nada daria certo. Ao contrário significa sermos capazes de identificarmos situações adversas para não criarmos mitos. Enquanto otimismo da vontade é a reunião da energia que nos alimenta para perseguirmos a utopia e novos caminhos (RAMOS, 2005).

Pesquisar sobre os sentidos que são atribuídos ao curso técnico por seus sujeitos-alunos, adentrar nesse legado histórico da dualidade educacional frente à submissão política

econômica, como é apontado nas literaturas sobre o tema e poder ter a oportunidade de ouvir e reconhecer esses sujeitos-alunos, dispondo de um contato próximo como possibilita a dinâmica de grupo focal, é de uma satisfação e contribuição imensurável ao processo de ensino-aprendizagem, além de se apresentar como um resgate de inquietação pessoal.

Uma das grandes tendências do Ensino Técnico e Tecnológico do IFTM (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro) é a de se destacar das demais instituições públicas, por assumir o compromisso de propiciar um ensino de qualidade, que visa a excelência na Educação Profissional e Tecnológica e, também, por ser o ensino técnico integrado ao ensino médio uma tentativa de romper com a dualidade estrutural que, historicamente, separou o ensino propedêutico da formação profissional no Brasil, em uma perspectiva unitária de formação.

O texto desta dissertação procura investigar quem são os sujeitos-alunos<sup>1</sup> que integram os cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFTM – *Campus* Uberaba e refletir sobre o sentido que os mesmos atribuem a essa modalidade de ensino. Didaticamente, o foco é saber se há interdisciplinaridade entre os conteúdos da base nacional comum e os profissionalizantes e qual a concepção dos alunos em relação a essa didática, se ela se apresenta favorável ou inadequada na prática escolar dessa modalidade de ensino (sem o objetivo principal de refletir sobre a prática pedagógica), mas sim, de entender como os alunos a assimilam em prol da estruturação do seu conhecimento, para realizar o movimento de repensar a ação pedagógica. Por isso o título desse trabalho: “Sentidos do Curso técnico para o sujeito-alunos de cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal do Triângulo Mineiro- Campus Uberaba.

Este estudo parte da inquietação histórica da dualidade entre o ensino médio regular e o ensino médio profissionalizante e das políticas públicas que, veladamente, reforçam esse cenário. Fundamentado em estudos de referenciais teóricos e ordenamentos legais, os quais, segundo Gohn (1993, p.253): “são um conjunto de princípios, categorias e conceitos”, gerou-se um prognóstico, uma suposição de qual o impacto, qual o sentido que o ensino técnico integrado possui para os sujeitos-alunos.

Partimos da hipótese preliminar de como o dualismo histórico na EPT reflete no discurso dos alunos do curso técnico integrado ao ensino médio. Essa controvérsia geradora pode explicitar o insucesso ou sucesso das políticas públicas educacionais profissionalizantes para abastecer o mundo do trabalho e a pretensão de um apontamento de quem são

---

<sup>1</sup>O termo utilizado sujeito é no sentido linguístico e não no termo depreciativo em que é interpretado no senso comum.

beneficiados com essas políticas do ensino médio integrado para abastecer o mundo do trabalho e a pretensão de um apontamento de quem são beneficiados com essas políticas do ensino médio integrado.

A temática que aqui abordaremos, por compromisso com as lutas sociais, não prescinde de uma recuperação histórica. Os antecedentes histórico-políticos da concepção de ensino médio integrado à educação profissional, demonstram o caráter ético-político do tema, posto que esse debate coincide com debates sobre projetos de sociedade e concepções de mundo. A realidade nos impõe sempre a pensar sobre o tipo de sociedade que visamos quando educamos. Visamos a uma sociedade que exclui, que discrimina, que fragmenta os sujeitos e que nega direitos; ou visamos a uma sociedade que inclui, que reconhece a diversidade, que valoriza os sujeitos e sua capacidade de produção de vida, assegurando direitos sociais plenos? nós nos colocamos, na segunda posição que, em síntese, persegue a construção de uma sociedade justa e integradora (RAMOS, 2005, p. 01).

Nesse sentido, essa pesquisa se estrutura, em um primeiro instante, disposto nos dois primeiros capítulos, fundamentar-se em um referencial teórico em que se alinha um diálogo com os acontecimentos históricos na EPT à luz de concepções dispostas em Paulo Freire, Gaudêncio Frigotto, Maria da Glória, Manuel Castells, Lucci e Marise Ramos (2005), como fonte principais. Objetiva, também, apresentar uma retrospectiva histórico-político-educacional no Brasil, desde a colônia até os dias atuais, com enfoque na dualidade entre o saber propedêutico<sup>2</sup> e o saber profissionalizante, ressaltando como a Educação se apresenta diante de cada contexto histórico-político e a influência do mundo do trabalho na dualidade entre a Educação profissional e o ensino formal.

Intenciona, ainda, discorrer sobre o papel da Educação no período das três revoluções industriais, no intuito de se contextualizar e compreender historicamente o percurso da Educação profissional. Propiciar um entendimento de como as transformações tecnológicas, ocorridas nas revoluções industriais promoveram mudanças nas relações de trabalho e os impactos educacionais e sociais em prol da manutenção do capitalismo reforçando o dualismo educacional.

A proposta de apresentar uma reflexão do desenvolvimento tecnológico, da sociedade mercantilista, industrial e informacional ocorre no intuito de enfatizar a distinção do conhecimento e da informação e destacar a relevância do saber para produção de novos conhecimentos. As “Revoluções Industriais”, no seu ápice, alteraram significativamente os modos de vida, as relações com o trabalho, os modos de produção e as configurações de sociedades. Segundo Frigotto (1999, p. 16): “há razões de ordem teórica e ético-política que

---

<sup>2</sup> Denominamos aqui propedêutico o ensino da Base Nacional Comum, de formação geral; oferecido no Ensino Médio regular.

nos animam a prosseguir na análise da Educação em suas relações com a produção material (economia) e, mais amplamente, com a produção ideológica e simbólica (ideias, valores, concepções, conhecimentos etc.)”.

O trabalho, no sentido ontológico<sup>3</sup>, como processo inerente da formação e da realização humana, não é somente a prática econômica de se ganhar a vida vendendo a força de trabalho; antes de o trabalho ser isto- forma específica que se configura na sociedade capitalista- o trabalho é a ação humana de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade. Nesse sentido, trabalho não é emprego, não é ação econômica específica. Trabalho é produção, criação, realização humana. Compreender o trabalho nessa perspectiva é compreender a história da humanidade, as suas lutas e conquistas mediadas pelo conhecimento humano (RAMOS, 2005).

As mudanças no capitalismo e na Educação ocorrem conforme as sociedades se estruturam e incorporam as novas tecnologias, conduzindo o rumo da história. Cabe à escola propiciar a reflexão entre informação e conhecimento de maneira a conduzir a autonomia do pensamento e da criticidade. Entender como o pensar se posiciona nessa perspectiva de mudanças de produção frente à Educação, ao capitalismo e aos alunos do ensino técnico integrado ao ensino médio, do campus Uberaba, é uma das propostas deste capítulo, entendendo, como defende Lucci, “pensar é aprender a ser livre”.

Nesta perspectiva, temos como eixo a seguinte proposta de questionamento inicial, em que se alicerça o objetivo geral dessa pesquisa: Como o dualismo histórico na EPT reflete nos discursos dos alunos do curso técnico integrado ao ensino médio no IFTM, campus Uberaba. A organização do curso técnico integrado ao ensino médio é propensa a substanciar o sistema capitalista, reforçando a dualidade histórica entre o ensino profissional e o ensino formal? Ou, Por conseguinte, tendo nesse espaço a possibilidade da tomada de consciência crítica dos professores e alunos, seria possível a superação dessa dualidade histórica educacional?

Para alcançarmos o objetivo ora proposto, foi utilizado, nesta pesquisa, como *corpus* de análise, o discurso dos alunos, coletado por meio da técnica de grupo focal, para averiguar quais os sentidos são atribuídos ao curso técnico integrado pelos sujeitos-alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro- *campus* Uberaba, no intuito de verificar a relevância e intenções profissionais dos alunos. Os cursos técnicos integrados selecionados são os de Alimentos, Administração e Agropecuária; Buscamos,

---

<sup>3</sup> Existe uma dualidade em relação ao trabalho que precisa ser compreendida para maior entendimento desse estudo: **1- ontológico**, como práxis humana e, então, como a forma pela qual o homem produz sua própria existência na relação com a natureza e com os outros homens e, assim, produz conhecimento. **2- histórico**, que no sistema capitalista se transforma em trabalho assalariado ou fator econômico, forma específica da produção da existência humana sob o capitalismo; portanto, como categoria econômica e práxis diretamente produtiva. (MARX, 1985a).

também, observar como o dualismo histórico na Educação Profissional Técnica - EPT reflete nos discursos dos alunos; refletir sobre a valorização do curso técnico integrado nos discursos dos sujeitos-alunos, a contribuição do curso técnico integrado na formação cidadã e crítica do sujeito e analisar se há interdisciplinaridade nas práticas escolares entre o ensino médio regular e o ensino técnico, compõem o rol dos objetivos específicos do estudo.

O posicionamento dos alunos frente a essas questões formou os cinco eixos de perguntas abordados nos grupos focais, os quais foram subdivididos por ano, escolaridade e curso. As etapas metodológicas se encontram melhor descritas no terceiro capítulo em que se estabelece o método quali quantitativo proposto.

A análise de dados, descritas no quarto capítulo, são preponderantemente descritivas, com fragmentos do objeto de pesquisa: o discurso dos alunos. Porém, para auxiliar a visualização dos mesmos, foram acrescentadas ilustrações quantitativas de cada eixo. Apresentou-se o que é comum na individualidade dos sujeitos, acompanhado de um diálogo com os referenciais teóricos e documentais. Todas as conversas, referentes a cada grupo focal encontram-se transcritas na íntegra e compõem os apêndices desse trabalho.

O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu em quatro etapas, sendo simultaneamente pensado e reavaliado pelos envolvidos, com a intenção de garantir os objetivos propostos. Primeiramente, foi selecionado e estudado o referencial teórico a embasar esse estudo. Posteriormente, os capítulos I e II foram produzidos, na intencionalidade de compreender historicamente a EPT no contexto sócio, político, econômico brasileiro e o impacto na educação frente às revoluções industriais. Em seguida, o roteiro de entrevistas foi pré-estruturado e o projeto referente à pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e pesquisa-CEP. O terceiro momento refere-se à aplicabilidade da pesquisa, onde foram expostos os objetivos aos coordenadores dos cursos, solicitando as devidas autorizações, termos de consentimento dos responsáveis e termo de confidencialidade, além da coleta de dados com os grupos focais. A última etapa consistiu na transcrição das entrevistas, análise de dados e finalização da escrita da dissertação.

Convido-os a prosseguirem nesta apreciação de descobertas e análises sobre os sentidos empregados pelos alunos sobre os cursos técnicos integrados ao ensino médio em Alimentos, Administração e Agropecuária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, *campus* Uberaba.

## **CAPÍTULO I Ensino Profissionalizante e o contexto sócio, político econômico brasileiro**

É impossível a neutralidade da educação política  
porque ela é política.  
Paulo Freire

A educação brasileira, em todo o seu contexto histórico, apresenta-se submissa/atrelada aos sistemas sócio-político e econômico. Utilizada como um mecanismo de manutenção do poder, sua compreensão histórica aflora uma dualidade entre o ensino destinado à elite e o ensino profissionalizante, voltado às necessidades do mundo do trabalho.

Nesse capítulo, será abordado o conceito que faz parte do tripé desse estudo: trabalho, técnica e educação. A historicidade do ensino profissionalizante no Brasil será percorrida em um contexto sócio, político, econômico, de modo a situar como a educação profissional se apresenta a cada decorrer da história brasileira, compondo e reforçando o cenário da dualidade existente entre o ensino médio regular e o ensino profissionalizante. A importância da Rede Federal na educação profissionalizante será dissertada como um diferencial na educação profissional oferecida no ensino médio integrado.

### **1.1 Conceito e desenvolvimento do tripé social: Trabalho, Técnica e Educação**

Os termos trabalho e técnica permeiam toda a história do desenvolvimento da humanidade, influenciando efetivamente o contexto político, socioeconômico e educacional das sociedades. A humanidade evoluiu a partir de conquistas oriundas do trabalho e do desenvolvimento das técnicas, da ciência e da tecnologia. Os homens primitivos organizavam-se em ambientes que possibilitavam sua subsistência, seu trabalho. Conforme foram aprimorando as técnicas, proporcionaram descobertas, tais como o fogo, que os encaminharam a novos comportamentos. Nesse sentido, o desenvolvimento do trabalho e das técnicas desempenha função importante na concepção das etapas de desenvolvimento da sociedade.

Etimologicamente, o termo trabalho tem sua origem latina: *tripalium*, (*tri-* três, *palum-* madeira), *tripalium* era um instrumento semelhante à cruz, feito de três estacas de madeiras bastante afiadas e era utilizado na Idade Média, na Europa, como objeto de tortura para obrigar os escravos a aumentarem a produção e os pobres que deveriam pagar os seus impostos, com a produção do seu trabalho. Nesse contexto, “trabalhar” significava ser “torturado”, sendo assim, os trabalhos somente eram executados por pessoas destituídas de

posse. Camponeses, artesãos, agricultores compunham alguns ofícios da época. Somente ao término da Idade Média, no século XIV, o termo trabalho se direcionou ao uso da força física, também das habilidades e do conhecimento humano para almejar um determinado fim.

A técnica, palavra de raiz grega: *téchne*, pode ser interpretada por “arte” ou “ciência”. Porém, ela é um procedimento que, às vezes, se utiliza de alguma ferramenta e conhecimentos diversos, sejam eles físicos ou intelectuais, para se chegar a um determinado resultado. Historicamente, a técnica não é exclusiva do homem, ela se faz presente entre os animais e responde a uma necessidade de sobrevivência, de transformar seu modo de vida, atendendo suas necessidades; o indivíduo a aprende e a aprimora dando origem a novas técnicas.

Todo trabalho exige uma técnica. Trabalho e técnica comungam do mesmo propósito: atingir um determinado fim. Por isso, são indissociáveis entre si e essencialmente influentes na história da humanidade, da organização da sociedade, no mundo do trabalho. Dentro das definições da terminologia *trabalho e técnica*, compreende-se um pouco a mutação que o termo trabalho foi sofrendo, de acordo com os interesses políticos sociais e econômicos. Conforme dispõe Marx & Engels, (1974, p.19): “Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material”. Mas produzir trabalho e aperfeiçoar técnicas exigem preceitos que necessitam serem ensinados. Portanto, não se pode conceber falar em trabalho e técnica sem se falar em Educação, que é o que conduz ao trabalho e à técnica.

Nas comunidades primitivas, onde o modelo de convivência era coletivo, não dispendo de divisões de classes, essas técnicas e o trabalho se aglutinavam ao processo de educação. Estrutura-se o tripé da sociedade em todo o seu percurso histórico: trabalho, técnica e educação, tripé esse que vai se ajustando sempre a interesses do poder, chefes, reis, imperadores, presidentes, como também outras terminologias históricas que aqui não cabem ser salientadas, mas que delas emanam o controle político social e econômico que vão direcionar a Educação e seus propósitos, ajustando-o aos fins político, social e econômico.

Neste contexto, faz-se importante elucidar alguns fatos históricos que contribuíram para a dualidade entre o ensino regular e o ensino profissionalizante.

## **1.2 Antecedentes Históricos da Educação Profissional no Brasil, uma retrospectiva da dualidade educacional no país**

O Brasil é o quinto maior país em extensão territorial do mundo, ficando atrás somente da Rússia, Canadá, China e Estados Unidos, o qual pode justificar algumas particularidades em que o acesso ao ensino ocorre de forma precária. No entanto, essas particularidades se

generalizam em relação à dualidade culturalmente existente entre o ensino regular e o ensino técnico profissionalizante. Essa dualidade histórica se revela acentuando-se ou amenizando-se de acordo com o contexto político-sócio-econômico da sociedade, de cada época.

O Brasil é um país de legado escravista, existe um conflito histórico na tentativa de superação, não somente racial, mas econômica social. Isso se deve ao processo de colonização que se iniciou de forma autoritária, atendendo a interesses do poder da Coroa portuguesa, em detrimento de povos mais subalternos economicamente, estipulando uma lacuna dimensional incalculável em prol da hegemonia das classes. Essa estrutura colonizadora dá início a muitas discussões de diferentes abordagens, porém aqui neste estudo, foi limitado a investigar sobre a dualidade provocada na Educação. Dualidade esta que se mantém presente, ainda que se faça um discurso político contrário, nos propósitos da Educação do ensino regular de nível médio e o ensino técnico profissionalizante de ensino médio.

O não entendimento da abrangência da educação profissional na ótica do direito à educação e ao trabalho, associando-a unicamente à “formação de mão-de-obra”, tem reproduzido o dualismo existente na sociedade brasileira entre as “elites condutoras” e a maioria da população, levando, inclusive, a se considerar o ensino normal e a educação superior como não tendo nenhuma relação com educação profissional (BRASIL, 1999, p. 05).

Iniciando a retrospectiva histórica brasileira da Educação, retrocedendo ao Brasil Colônia (1500 a 1822), à parte dos interesses religiosos, concentra-se na análise da atuação dos jesuítas durante esse período, que, veladamente, atendia aos interesses também da Coroa, na colonização do Novo Mundo, deveria estar predisposto a atendê-los de forma eficaz com seus trabalhos e serviços.

O trabalho de catequização e conversão do gentio ao cristianismo, motivo formal da vinda dos jesuítas para a Colônia brasileira, destinava-se à transformação do indígena em “homem civilizado”, segundo os padrões culturais e sociais dos países europeus do século XVI, e à subsequente formação de uma “nova sociedade”. Essa preocupação com a transformação do indígena em homem civilizado justifica-se pela necessidade em incorporar o índio ao mundo burguês, à “nova relação social” e ao “novo modo de produção”. Desse modo, havia uma preocupação em inculcar no índio o hábito do trabalho, pelo produtivo, em detrimento ao ócio e ao improdutivo (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 174).

Havia um interesse mútuo: o papado de arrebanhar novos fiéis e a Coroa de impor o seu reinado e organizar o trabalho na nova Colônia. Essa organização foi vinculada ao Ensino dos jesuítas que, não conseguindo atingir os seus propósitos com os índios, se dirigiu à população dos menos favorecidos. Entre os seus ensinamentos, a obediência absoluta e sem limites aos superiores era uma doutrina. Assim, em um primeiro momento a Educação serviu

como pretexto para a condução do trabalho e da subserviência das classes menos favorecidas. Em contraponto a esse cenário, no mesmo período do Brasil colonial, os jesuítas também serviram para a Educação propedêutica formal da elite, preparando-os, inclusive, para ingressar em cursos superiores na Universidade de Coimbra e demais universidades da Europa.

De forma embrionária, iniciou, no período de colonização, a dualidade entre o ensino ofertado às classes menos favorecidas que se direcionavam para o trabalho e a subserviência e a elite que se direcionava ao universo do dito “ócio”, que previa uma Educação formal propedêutica.

Com a chegada da Corte Portuguesa em 1808, o Brasil deixou de ser Colônia para tornar-se sede do Império. Nesse período pós-expulsão dos jesuítas, a Educação brasileira encontrava-se à deriva. Na reorganização, foram fundadas instituições de ensino superior<sup>4</sup>, o ensino propedêutico – direcionado à elite, com a intenção de prosseguimento de estudos no ensino superior, o que se consolidou com a criação do Colégio Pedro II em 1837.

A educação profissional era ministrada nas academias militares (Exército e Marinha), em entidades particulares sem fins lucrativos e nos liceus de artes e ofícios. Era voltada para “os menores dos setores mais pobres e excluídos da sociedade: os órfãos, os abandonados, os desvalidos (MANFREDI, 2002, p. 74-76).

A educação profissional, nessa perspectiva, se consolidou como ensino destinado aos menos validos, uma vez que se destinava aos cegos, surdos e aleijados, sendo ampliada aos menores carentes e órfãos, entre outros marginalizados pela sociedade da época. A educação profissional foi vista como uma alternativa de controle social, uma vez que o ócio dessa camada social dos menos favorecidos levava-os à mendicância e a pequenos furtos.

Percebe-se que durante o império o ensino se deu de forma invertida, sendo, em primeiro lugar, o ensino superior priorizado (em que o primário e o secundário eram praticamente privados, com o intuito do ingresso da elite no prosseguimento dos estudos) e por último, o ensino profissionalizante como forma de controle social. A formação de força de trabalho continuava ligada à produção, ocorria de forma direta nas oficinas e fábricas.

A primeira Constituição do Brasil, pós-independência, foi outorgada em 1824, pelo Império. Nela se tem o berço do arcabouço legal da Educação brasileira, em que em um de seus últimos citados, o art. 179, §32, prevê a Educação primária, gratuita a todos os cidadãos.

---

<sup>4</sup>No Rio de Janeiro, foi criada a academia de Marinha e as cadeiras de Anatomia e Cirurgia (1808); a Academia Real Militar (1810); o curso de Agricultura (1814); o curso de Desenho Técnico (1818); a Academia de Artes (1820).

A educação profissional continuava destinada aos desprovidos da sorte, reforçando a dualidade entre o ensino regular propedêutico e o ensino técnico profissionalizante.

O período republicano constou de vários acontecimentos que trouxeram influências até o século XXI. Durante a República velha a educação circulou por alguns ministérios como o da Educação, Correios e Telégrafos, no qual o orçamento da educação era muito inferior aos dos correios e telégrafos. Após dois anos, esse Ministério foi extinto e a educação foi incorporada ao Ministério da Justiça. Do Ministério dos Negócios, da Agricultura, Indústria e Comércio vieram as Políticas de incentivo ao desenvolvimento do Ensino Comercial, Industrial e Agrícola.

Para se entender esse breve período de importância histórica para a educação técnica profissional, necessário se faz rever o panorama político-econômico-social, segundo dados do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 1889), após a abolição completa da escravatura no Brasil, o país contava com uma população de 14 milhões de habitantes, aproximadamente, 54 mil trabalhadores e 636 fábricas; a economia, acentuadamente agrário-exportadora, compunha uma predominância no trabalhador rural. Nesse cenário econômico, fez-se necessária modificação e valorização da educação profissionalizante.

O Presidente do Estado do Rio de Janeiro (como eram chamados os governadores na época), Nilo Peçanha iniciou no Brasil o ensino técnico por meio do Decreto nº 787, de 11 de setembro de 1906, criando quatro escolas profissionais naquela unidade federativa: Campos, Petrópolis, Niterói, e Paraíba do Sul, sendo as três primeiras, para o ensino de ofícios e a última à aprendizagem agrícola (BRASIL, 2009, p. 02).

O ano 1906 foi marcado pela consolidação do ensino técnico profissionalizante-industrial no Brasil, em que se destaca a realização do primeiro “Congresso de Instrução” onde foi apresentado projeto de Promoção do Ensino Prático Industrial, Agrícola e Comercial, que previa, conforme documento do MEC (Ministério de Educação e Cultura), “a criação de campos e oficinas escolares onde os alunos dos ginásios seriam habilitados, como aprendizes, no manuseio de instrumentos de trabalho” (BRASIL, 2009, p. 02), a ser subsidiado pela União e Estados; o Senado aumentou o orçamento dos Estados para a criação de escolas técnicas profissionalizantes, sendo criada no Rio de Janeiro a Escola Prática de Aprendizes das Oficinas do Engenho de Dentro. Houve a criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Ademais, sob a jurisdição do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, dezenove “Escolas de Aprendizes Artífices”, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito são criadas. Em 1927, o Projeto de Fidélis Reis que

previa o oferecimento obrigatório do ensino profissional no país é aprovado pelo Congresso Nacional.

Essas medidas operacionais, ou seja, esse salto na Educação profissional se deve à demanda do mundo do trabalho, das indústrias brasileiras, que não possuíam trabalhadores qualificados, uma vez que a maioria eram trabalhadores rurais, e despendiam de tempo para capacitá-los ao serviço nas fábricas, o que gerava um prejuízo na produção e na economia. A intencionalidade de expandir as fábricas e contribuir para o processo de industrialização no país, que era, até o momento, de economia preponderantemente agrário-exportadora, veio ao encontro da necessidade de políticas sociais para inclusão dos jovens carentes no mundo do trabalho. Tal afirmativa se faz presente no discurso de posse do Presidente da República Afonso Pena em 1906, disponível no documento do MEC: “A criação e multiplicação de institutos de ensino técnico e profissional muito podem contribuir **também** para o progresso das indústrias, proporcionando-lhes mestres e operários instruídos e hábeis” (grifo nosso). O decreto n. 7.566/1909 dispõe:

Considerando: que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência: que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo *technico* e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos uteis à Nação (BRASIL, 1909, p. 6975).

Assim, a educação profissional iniciou seu processo de expansão, não como uma preocupação pedagógica, mas sim, por necessidade econômica e social, conservando o caráter assistencialista, embutido na política econômica.

A Era Vargas, também conhecida como República Nova, se iniciou em 1930, pós-crise mundial de 1929, e foi acompanhada por mudanças no enfoque econômico, isto é, da terra para a indústria. Vários amparos aos trabalhadores brasileiros foram instituídos, incluindo sua preparação para o mundo do trabalho, devido às exigências desse novo contexto econômico. Durante esse período foi criado o Ministério de Educação e Saúde e, a partir de 1940, houve um impulso industrial no país, em que surgiram grandes empresas estatais como a Companhia do Vale do Rio Doce; havia preocupação muito grande com o fornecimento de energia para comportar o crescimento das indústrias. A Reforma Francisco Campos e a Reforma Capanema, voltadas para instrução dos trabalhadores do país, que seriam a mão-de-obra especializada para o comércio e a indústria do Brasil, como também o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em 1932, objetivavam a reconstrução do ensino no Brasil e

defendia que seria “preciso fazer homens, antes de fazer instrumentos de produção” (RIBEIRO et al, s/d).

O ensino técnico profissionalizante, antes ligado ao Ministério dos Negócios, da Agricultura, Indústria e Comércio, passou a ser incorporado pelo setor educacional e dentro do Ministério da Educação e Saúde Pública criou-se a Inspeção do Ensino Profissional Técnico, que, em 1934, foi transformada em Superintendência do Ensino Profissional. Tinha como objetivo a supervisão das Escolas de Aprendizes Artífices, dando início formal à acoplação do ensino industrial à estrutura educacional. A Era Vargas expandiu o ensino industrial com políticas e leis voltadas para esse fim. Com a Reforma Francisco Campos e a Reforma Capanema houve uma reformulação do ensino comercial; foi instituído, em 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), além de outras organizações educacionais. A Constituição Brasileira de 1937 foi a primeira a dispor particularmente sobre o ensino técnico profissional e industrial, e estabelecia em seu artigo 129:

**Art. 129** - A infância e à juventude, a que faltarem os recursos necessários à educação em instituições particulares, é dever da Nação, dos Estados e dos Municípios assegurar, pela fundação de instituições públicas de ensino em todos os seus graus, a possibilidade de receber uma **educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais.**

**O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas** é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.

**É dever das indústrias e dos sindicatos** econômicos **criar**, na esfera da sua especialidade, **escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários** ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado, sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo Poder Público (BRASIL, 1937, grifos nossos).

Deve-se considerar este período como de grande avanço para a Educação Profissional, ainda que os alunos concluintes dos cursos técnicos sejam autorizados a ingressarem no ensino superior em área equivalente à da sua formação. Não se pode ser ingênuo na análise do contexto aqui exposto, uma vez que o verdadeiro sentido ideológico e social da matéria, em relação à Reforma Capanema e ao texto disposto na Constituição Federal de 1937 apontam para a política da dualidade entre o ensino regular propedêutico e o ensino técnico profissionalizante, instituindo o ensino profissional para as massas, para atender às necessidades políticas, econômicas e o ensino regular, na época denominado ensino secundário, voltado às elites. Como se pode observar, existe toda uma manobra política

econômica, intencional, para utilização da massa em prol dos interesses não só econômicos da elite, mas também do interesse em manter a estratificação social.

Diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana, isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela tem. (...) Enquanto a concepção „bancária“ dá ênfase à permanência, a concepção problematizadora reforça a mudança. Deste modo, a prática „bancária“, implicando o imobilismo, se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora que, não aceitando um presente „bem-comportado“, não aceita igualmente um futuro pré-dado, se faz revolucionária (FREIRE 2011, p.102).

Pode-se dizer que o ensino técnico profissionalizante foi pensado para assumir um duplo papel de reprodução das relações capitalistas de produção, formando os trabalhadores mais aptos tecnicamente e favoráveis ideologicamente<sup>5</sup>.

Nesse sentido, passaremos, doravante, aos ditos “Anos Dourados” do Brasil. A República populista recebeu esse codinome por dirigir-se à população na tentativa de buscar confiança e estima do povo pelo governo. Foi o período que separou as duas ditaduras do país, em que ocorreram eleições diretas em todas as esferas da política, de vereador a presidente da República. Foi nele que ocorreu a verdadeira industrialização no país, devido principalmente à integração econômica no capitalismo ocidental. Durante o Governo de Juscelino Kubitschek surgiu a indústria automobilística, um marco na consolidação da indústria nacional. O plano de metas para crescer “cinquenta anos em cinco,” contemplou 3,4% do total dos investimentos para a educação, com o objetivo de capacitar professores para contribuírem com as metas de desenvolvimento do país. Foi um período educacional voltado ao tecnicismo.

Alguns acontecimentos marcaram a educação nesse período, entre eles: em 1948 chegou ao Congresso Brasileiro a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, porém sua promulgação só se efetivou após treze anos, em 1961, em que prevaleceram as reivindicações das igrejas e dos donos de estabelecimentos de ensino particulares. No artigo 33 dessa lei, encontra-se a substituição da ideia do ensino médio regular, da preparação do ensino superior para a formação do adolescente. Outro acontecimento foi a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) em 1946, e a nova Carta Magna Constitucional, que destinou apenas sete artigos para a Educação. Em 1953 foi criado o Ministério da Educação e

---

<sup>5</sup> Ideologicamente favoráveis no sentido de estagnar a população desprovida economicamente, em uma à criticidade; ou seja, incorporar nessa mão de obra, uma postura de passividade ante aos fatos, não propiciando a compreensão e a discussão dos fatos, dentro de uma postura intelectual.

Cultura (MEC), em 1959 as Escolas Industriais e Técnicas (EITs) foram transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais, na intenção de ampliar a formação de técnicos e atender ao mercado e a política de desenvolvimento. A campanha do método Paulo Freire de alfabetização foi difundida em 1961. Em 1962, instituiu-se o Conselho Federal de Educação (CFE), o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Programa Nacional de Alfabetização (PNA). Essas preocupações com a alfabetização ocorreram devido às necessidades mínimas de atender aos novos modos de produção.

A Ditadura Militar foi um período que amedrontou a sociedade pelo meio da privação de direitos e uso excessivo da força. A censura foi o meio de controle que viabilizou toda a política militar. Os Atos Institucionais foram normas e decretos editados durante o Regime Militar que se punham acima de qualquer outra legislação, incluindo a Carta Magna, a Constituição Federal. Os Atos Institucionais forneciam aos Militares poderes soberanos para legitimar suas ações, principalmente contra as manifestações coletivas que se encontravam em maior concentração no âmbito escolar; seu objetivo era combater a corrupção e a subversão. Ao todo foram decretados 17 atos institucionais, regulamentados por 104 atos complementares. Os presidentes Militares Castello Branco e Costa e Silva, aliados aos americanos, *United States International for Development*(USAID) e em parceria com o MEC, fecharam doze acordos de reformas de leis no sistema educacional brasileiro, de cunho autoritário e domesticador, como era a própria filosofia do Regime Militar. Esses acordos de ideologia “tecnocrata-repressiva” implantou uma Educação voltada aos princípios administraçãoinistrativos e a educação foi fundida em um sistema empresarial cuja principal função era de:

Promover uma mentalidade empresarial capaz de orientar a implantação do modelo econômico vigente interligado à estrutura do sistema imposto pelas forças armadas, estas duas comissões (MEC/USAID) diferentes buscavam o objetivo de encontrar justificativas para a implantação da política educacional. Tentando, por causa disso, ocultar as características transnacional e subordinada, ou seja, as reformas de bases no 1º e 2º grau e universitárias que viriam em seguida (FONSECA, s/d, s/p).

A educação tecnicista, inspirada no *taylorismo*<sup>6</sup>, e no *Fordismo*<sup>7</sup>, que consistem em alcançar o máximo de produção e rendimento com o mínimo de tempo e de esforço, foi

<sup>6</sup> Taylorista/fordista: padrão produtivo capitalista desenvolvido ao longo do séc. XX e que se fundamentou basicamente na produção em massa, em unidades produtivas concentradas e verticalizadas, com um controle rígido dos tempos e dos movimentos, desenvolvidos por um proletariado coletivo e de massa sob forte despotismo e controle fabril (Antunes, 1996, p.79).

<sup>7</sup> Toyotismo: expressa a forma particular de expansão do capitalismo monopolista do Japão no pós-45, cujos traços principais são: produção flexível, existência de grupos ou equipes de trabalhos utilizando-se

instituída para atender às necessidades capitalistas de racionalidade, eficiência e produtividade e a manutenção do sistema, desvalorizando a ciência humana, manipulando o senso crítico em prol da ciência exata, visto como conhecimento válido para o mundo do trabalho.

Nessa concepção, houve uma ganância por formação de mão de obra especializada no menor período possível, e que atingiu também a Educação, não somente no que diz respeito à capacitação do aluno para o mercado do trabalho, como também a formação de professores para ampliação da rede de ensino, que, conforme disposto na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 5.692/71, amplia a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos. Não havendo número de profissionais habilitados para atender a essa demanda legislativa, foi conferido aos cursos de licenciatura a licenciatura curta, com formação em tempo mínimo, e concedido aos demais profissionais autorizações para lecionarem. As escolas polivalentes, também conhecidas como ginásios vocacionais, se expandiram com o acordo entre o MEC/USAID. Necessário se fez habilitar profissionais em educação para se produzir maior número de trabalhadores voltados ao mercado de trabalho.

A maioria das escolas estaduais, do pós-64, eram centros de formação profissional dos filhos da classe operária e trabalhavam na formação desses como instrumentos econômicos do país. Tornam-se, dessa maneira, estabelecimentos educacionais de 2ª classe que teriam de transmitir a “educação tecnicista” – tarefa que não exige conhecimento, apenas habilidades práticas e manuais (FONSECA, s/d, s/p).

Nesse cenário histórico, a elite contemplou uma decadência do ensino público que se voltou para a formação de mão de obra e, assim, essa mesma elite transferiu seus filhos para a rede privada de educação, a qual se especializou nas aprovações dos vestibulares e, de tal sorte, foi vista como uma preparação para a continuidade dos estudos superiores. Mais uma vez as políticas brasileiras reforçaram e aumentaram a dualidade entre o ensino médio regular, com deslumbramento de prosseguimento de estudos e por tanto voltada à elite, e o ensino técnico profissionalizante, voltado para as massas (menos favorecidas) como mão de obra, com conhecimentos específicos mínimos para atuarem no mundo do trabalho e, assim, atenderem às necessidades sociais-políticas-econômicas do capitalismo. O ex-ministro do Planejamento, Roberto Campos, segundo consta em estudos de Bianca Trindade Fonseca (s/d), afirmou em um seminário realizado em 1968 que “a educação que nos convém e a intenção do governo era formar os filhos dos pobres até o ensino médio, apenas para qualificar a mão-de-obra. A universidade era um local destinado para as elites”.

Vale ressaltar que nesse período histórico, de várias reivindicações e insatisfações estudantis, em relação à ampliação do acesso à universidade, intensificaria o movimento de contestação ao Regime Militar, por isso, conter esse acesso com oferecimento dos cursos profissionalizantes também compunha uma estratégia política.

As leis estabelecidas sobre educação foram instrumentos de pavor para manter o domínio da sociedade brasileira, como bem pode-se perceber pelo Decreto-Lei 477, que foi direcionado exclusivamente aos atores educacionais; profissionais da educação em todas as esferas, professores, administrativos e alunos, tanto público como privado. Objetivava reprimir toda e qualquer manifestação de caráter político ou de protestos considerados como qualquer ato de subversão, conforme disposto em seu artigo primeiro: “Infração Disciplinar”. Professores, escritores, estudantes e pensadores foram perseguidos, presos, torturados, exilados e mortos, acusados dessa dita “subversão,” por se posicionarem criticamente contra a ditadura e a favor da manifestação da autonomia do pensamento.

Medidas para conter o pensamento autônomo-crítico e contribuir com uma Educação tecnicista que reforça a separação entre teoria e prática foram institucionalizadas; esses prejuízos foram imensuráveis no contexto educacional, entre eles, destaca-se: o não oferecimento das disciplinas de sociologia e filosofia. As mesmas possibilitariam um despertar de pensamentos que poderiam se opor ao Regime; a unificação das disciplinas de história e geografia em estudos sociais, que ofereciam um mínimo de informações pontuais e que não abriam espaço para discussões. Além disso, houve a implantação das disciplinas de Organização Social Política Brasileira (OSPB) e Educação Moral e Cívica (EMC), que valorizavam a pátria e enobreciam as medidas políticas do período. Outro destaque importante é a obrigatoriedade do livro didático, que era escolhido pelo governo e dispunha de suas linhas ideológicas, sendo assim, uniformizava o discurso e, ao mesmo tempo, servia ao propósito de auxiliar o professor que chegava com a formação mínima e não dispunha de aprofundamentos didáticos e conhecimentos desejáveis.

Nesse paradigma tecnicista de urgência as escolas técnicas federais aumentaram consideravelmente o número de matrículas e a oferta de novos cursos técnicos, as quais deveriam proporcionar sugestões de habilitação correspondentes a três áreas econômicas: primária (agropecuária), secundária (indústria), e terciária (serviços). Em 1978, com a Lei n. 6.545, três escolas técnicas federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) foram transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs).

O período até os anos 1980 foi conturbador não só no contexto educacional, como também para toda a sociedade brasileira. Porém, por volta dos anos 1980, a Ditadura Militar

começou o seu declínio político, entre vários movimentos, destaca-se nesse estudo às lutas estudantis. A redemocratização começou a sinalizar e diante da não eficácia das medidas estudantis foi dispensada das escolas a obrigatoriedade da profissionalização e iniciando-se um longo debate sobre a volta das disciplinas anteriormente retiradas.

Nesta breve retrospectiva, percebe-se a Ditadura Militar acentuando a dualidade entre o ensino público e o privado, entre o ensino médio regular e o ensino técnico profissionalizante e entre a elite e a massa. Coibir o pensamento autônomo crítico, conter o acesso as universidades e propiciar uma política educacional pública voltada à pura execução, são alguns mecanismos de controle para promover a dualidade educacional.

A Nova República foi o período compreendido entre 1985 até os dias atuais (início de século XXI), um período conturbado quanto à estabilização e consolidação da democracia brasileira. Na década de 1980, período inicial pós-ditadura, houve uma estagnação econômica na América Latina, o alto índice da inflação e o desemprego se tornaram foco das políticas brasileiras, porém foi a década de maior mobilização dos educadores.

Nessa década foi realizada a Primeira Conferência Brasileira de Educação (CBE), à qual deram continuidade mais cinco, sendo realizadas em 1982, 1984, 1986, 1988 e a que deveria ser realizada em 1990, concretizou-se somente em 1991. Destaca-se a IV CBE, realizada em Goiânia em 1986, onde foi aprovada a “Carta de Goiânia”, contendo os tópicos que deveriam integrar o capítulo sobre educação da Constituição Federal. Assim posto, a Seção I do Capítulo III, Da Educação, da Cultura e do Desporto, da Carta Magna, dispõe sobre os princípios da educação do qual destaca-se: A gratuidade que se estende a todo o ensino público. Elevação dos percentuais educacionais, passando para 18%, no caso da União, e para 25%, nos casos dos Estados, Distrito Federal e Municípios. Estabeleceu o Plano Nacional de Educação, de duração plurianual, visando à articulação e o desenvolvimento do ensino, em seus diversos níveis, e à integração das ações do Poder Público que conduzam à: I – erradicação do analfabetismo; II – universalização do atendimento escolar; III – melhoria da qualidade do ensino; IV – **formação para o trabalho**; V – **promoção humanística, científica e tecnológica do País** (conforme dispõe o Art. 214).

Além desses dispositivos inseridos no corpo da Constituição de 1988, o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias determinou entre outras medidas:

Eliminação do analfabetismo e da universalização do ensino fundamental deveriam ser atingidas no prazo de dez anos, portanto, em 1998. Com a Emenda RBP AE - v. 29, n.2, p. 207-221, mai/ago. 2013 215 n. 14, aprovada em 1995, este prazo foi estendido para mais dez anos. E com a Emenda n. 53, aprovada em 2006, o prazo alongou-se por mais 14 anos sobre os dez já definidos no FUNDEF. Com isto,

aquilo que a Constituição havia determinado para ser atingido em 1998 foi protelado para 2020 (SAVIANI, 2003, p. 214).

Vinte e dois anos foi o prazo da prorrogação para eliminação do analfabetismo. Como se pode observar, as políticas educacionais brasileiras preferem ir protelando a atuar eficazmente no problema. As Disposições Constitucionais Transitórias dispuseram ainda sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), nos mesmos moldes do SENAI e SENAC, o que remete a uma preocupação também na formação técnica do homem do campo.

Entremos na década de 1990 em que a Reforma do Estado privatizou as Instituições Estatais e iniciou a terceirização de serviços públicos essenciais. Período marcado pela expansão do ensino superior privado, levando a educação a se consolidar como um setor empresarial.

Na condição de seres históricos, os homens são seres que caminham para frente, que olham para frente; seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro (FREIRE, 2011, p.103).

Essa década iniciou-se como um marco em relação aos direitos da criança e do adolescente, a Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente, houve a regulamentação do trabalho a partir dos dezesseis anos, exceto na condição de aprendiz, quando é permitido, a partir dos quatorze anos, e o trabalho noturno, somente após os dezoito anos. Dispõe também sobre a profissionalização adequada ao trabalho para o adolescente. Percebe-se, nesse marco legal, uma preocupação quanto à exploração de trabalho infantil, prática clandestinamente encontrada no Brasil.

A Lei nº 8.948/94 dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando, gradativamente, mediante decreto específico, a cada instituição, as Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs).

No ano de 1996 foi sancionada a nova LDB, a Lei 9.394/96. Nela foi dedicado um capítulo exclusivo para tratar sobre a educação profissional. Conforme documento disponibilizado no site do MEC:

Superando enfoques de assistencialismo e de preconceito social contido nas primeiras legislações de educação profissional do país, fazendo uma intervenção social crítica e qualificada para tornar-se um mecanismo para favorecer a inclusão

social e democratização dos bens sociais de uma sociedade. Além disso, define o sistema de certificação profissional que permite o reconhecimento das competências adquiridas fora do sistema escolar (BRASIL, 1996, p. 05).

Um novo enfoque na Educação Técnica Profissionalizante foi abordado na nova LDB, porém ranços culturais e educacionais ainda se encontram arraigados na sociedade quanto a essa modalidade de Ensino, ao assumir o trabalho como princípio educativo, desvinculado da educação básica, do ensino regular. Subentende-se, de forma implícita, a manutenção da dualidade entre o ensino propedêutico, para os que desejam ingressar no ensino superior e o ensino técnico, para quem precisa entrar na engrenagem do mundo do trabalho, ainda que seja para subsidiar a continuidade dos estudos.

O Decreto 2.208/1997 regulamentou a educação profissional e criou o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP). Foi uma iniciativa do MEC com o Ministério do Trabalho e Emprego para implantação de um novo modelo de educação profissional que atendesse ao mundo do trabalho e às exigências do novo mundo tecnológico. Vale ressaltar que ao final da década de 1990 a moderna tecnologia modificou os modos de produção e, necessário se faz, adequar-se às novas exigências mercadológicas, as transformações no mundo do trabalho e os avanços tecnológicos são as justificativas usadas para promover reformas educacionais profundas, financiadas por organismos internacionais.

Ao contrário da década de 1980 em que a educação viveu o centro das discussões e avanços, a década de 1990, mesmo tendo proposto vários atributos legais, não é considerada pelos historiadores educacionais uma década rica qualitativamente.

Da virada do milênio até então, a educação técnica profissional se vê diante de novos desafios, anseios, conquistas e perdas, acompanhando a política econômica brasileira.

A política social brasileira compõe-se e recompõe-se, conservando em sua execução o caráter fragmentário, setorial e emergencial, sempre sustentada pela imperiosa necessidade de dar legitimidade aos governos que buscam bases sociais para manter-se e aceitam seletivamente as reivindicações e até as pressões da sociedade (VIEIRA, 1997, p. 68).

A partir de 2004 o país se apresentou relativamente estável em sua economia, com uma expectativa de crescimento de médio e longo prazo. Mantém-se a manutenção da transferência de serviços essenciais à população para a iniciativa privada e parcerias entre estabelecimentos educacionais público-privados mediante o repasse de verbas públicas para que empresas privadas exerçam algumas das funções do Estado. Ilustra-se, aqui neste estudo, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), que promove o acesso ao ensino superior

para a população de baixa renda em universidades ou faculdades particulares de todo o país, cadastradas no programa; destaca-se, também, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), criado em 2011, o qual teve como princípio atender às demandas do Brasil Profissionalizado, e que, segundo documento disponível no site do MEC<sup>8</sup>, “destina-se à ampliação da oferta e ao fortalecimento da educação profissional integrada ao ensino médio, nas redes estaduais”.

Nessa perspectiva de expandir e democratizar a oferta de cursos técnicos e profissionais de nível médio, para suprir as demandas do mundo do trabalho, foi introduzida uma quantidade expressiva de programas sociais, voltados às camadas mais carentes da população. Segundo site do MEC: “até o final de 2015, foram construídas, reformadas e ampliadas 342 escolas públicas estaduais aptas a ofertar cursos técnicos integrados ao ensino médio”. Diante desses dados, constatou-se uma elevação no índice de escolaridade do trabalhador e uma familiaridade com as novas tecnologias atuantes nos modos de produção.

Preparando-se para o esperado “crescimento”, em 2005, conforme dados do MEC, ocorre a fase inicial do plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de 64 novas unidades de ensino. Nesse mesmo ano, a unidade do CEFET-Paraná foi transformada em Universidade Tecnológica Federal do Paraná. É a primeira universidade especializada nessa modalidade de Ensino no Brasil.

No ano seguinte (2006), conforme pesquisa realizada no site do MEC, foi instituído, em âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), em todos os níveis de ensino, fundamental, médio e educação indígena. Esse programa teve por finalidade oferecer oportunidade da conclusão da educação básica, juntamente com a formação profissional àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio na idade própria e, assim, possibilitar uma maior ascensão e rapidez ao mundo do trabalho. Ainda, caminhando nessa perspectiva profissional técnica profissionalizante, foi lançado o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia para disciplinar as denominações dos cursos oferecidos por instituições de ensino superior público e privado. A primeira conferência organizada pelo MEC aconteceu ao término desse mesmo ano, “Primeira Conferência Nacional de Educação Profissional e Tecnológica”, foi um marco importante na educação técnica profissional.

Em 2007 foi operacionalizada a segunda fase do plano de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tendo como meta, segundo dados do MEC, entregar

---

<sup>8</sup>Disponível em: <[portal.mec.gov.br/dmdocuments/folheto\\_setec.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/folheto_setec.pdf)>. Acesso: 20 ago. 2017.

população mais 150 novas unidades, perfazendo um total de 354 unidades em todo o país até o final de 2010. Entre as metas cita-se: oferecer cursos de qualificação, de ensino técnico, superior e de Pós-graduação, respeitando e atendendo às necessidades de desenvolvimento local e regional.

A regulamentação nacional da oferta dos cursos técnicos só entrou em vigência no ano de 2008, sendo, durante o ano de 2007, disponibilizado para consulta pública por um semestre inteiro; esta consulta consistia na divulgação do documento e contava com a participação da sociedade no aperfeiçoamento do mesmo. O catálogo nacional de cursos técnicos continha informações como perfil e competência de cada profissional, serve tanto de apoio aos estudantes na escolha do curso técnico que lhe agradasse, como também, para as instituições na organização necessária para o oferecimento dos mesmos. O catálogo possuía versões que foram aperfeiçoadas conforme se fez necessário.

Em 2008 a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica expandiu e foi reconfigurada, a partir da criação dos Institutos Federais (IFs). Em 2011 o PRONATEC foi ofertado, e milhões de brasileiros tiveram a oportunidade de se capacitarem para o mundo do trabalho. Várias instituições de ensino técnico-profissionalizantes se despontam no mercado educacional, sendo subsidiadas pelo governo. O Sistema S<sup>9</sup> e os IFS também compõem esse cenário educacional/mercadológico.

Durante o governo Dilma, a situação do PRONATEC começou a declinar; várias são as dívidas do governo com as instituições de Ensino. Acontecimentos políticos escandalosos relativos a corrupção, pedaladas fiscais, comissões parlamentares de inquéritos (CPIs), lavagem de dinheiro e adjacentes envolvem o governo na mais degradante história de rombo dos cofres públicos e propinas. A partir desses acontecimentos, juntamente com o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, cortes consideráveis são feitos na educação, comprometendo todas as políticas do setor.

---

<sup>9</sup> Sistema S é o termo utilizado para definir o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); Serviço Social do Comércio (SESC); Serviço Social da Indústria (SESI); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (SEST). Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

### 1.3 A Importância da Rede Federal na Educação Profissional no país

A história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no Brasil começou formalmente em 1909 com a criação de dezenove escolas de Aprendizes e Artífices (e que posteriormente deram origem aos CEFETs e IFs), como uma política de manutenção da “ordem social”, para as classes desprovidas, surgiu com uma dupla função de assistencialismo e força de trabalho. Ela encontra-se presente na história da consolidação do ensino profissionalizante no Brasil. Se inicialmente em sua história ela dirigia-se aos excluídos socialmente e privados de participação e contribuição para a sociedade, hoje, entende-se que ela vêm a somar com a sociedade brasileira, tendo como princípio uma educação profissional de excelência, voltada à cidadania e consolidando-se, não como uma política de governo, mas sim como uma política de Estado e assumindo seu compromisso social, independentemente das variáveis políticas, o que a coloca como autora coadjuvante da “valorização da educação profissional e das instituições públicas”.

Uma outra dimensão associada à reconhecida excelência da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e que diz respeito à inesgotável competência dessas instituições de, mesmo em tempo de ações de governo descomprometidas com os aspectos sociais, de colocar em primeiro plano a inclusão social, construírem “por dentro delas próprias” alternativas pautadas neste compromisso [...] (PEREIRA, 2000a, p. 1).

A Rede Federal vivenciou nos últimos anos a maior expansão de sua história, e tem se consolidado como um amplo espaço de pesquisa, produção de conhecimento e aprimoramento da mão de obra para o mundo do trabalho. Segundo Caldas, os IFs: “responde[m] à necessidade, num país como o nosso, da institucionalização definitiva da Educação Profissional e Tecnológica como política pública”.

De 1909 a 2002, foram construídas 140 escolas técnicas no país. Entre 2003 e 2016, o Ministério da Educação concretizou a construção de mais de 500 novas unidades referentes ao plano de expansão da educação profissional, totalizando 644 campi em funcionamento. São 38 Institutos Federais presentes em todos estados, oferecendo cursos de qualificação, ensino médio integrado, cursos superiores de tecnologia e licenciaturas. Essa Rede ainda é formada por instituições que não aderiram aos Institutos Federais, mas também oferecem educação profissional em todos os níveis. São dois Cefets, 25 escolas vinculadas a Universidades, o Colégio Pedro II e uma Universidade Tecnológica (BRASIL, 2016, p. 01).

A Rede Federal firma o compromisso com o desenvolvimento socioeconômico do país, também de forma minuciosa, quando adentra o Brasil em regiões em que o acesso a essa profissionalização compunha um cenário até então inexecuível e se preocupa em atender às

particularidades de cada região e não em levar um dito “modelo” pronto. Apesar de constituírem uma Rede Federal, sua autonomia autárquica, financeira e pedagógica lhe proporciona uma flexibilidade de ofertas atendendo a demandas específicas do país. Isso vem corroborar para amenizar a discrepância socioeconômica que é tão presente em nossa nação e contribui, conforme Pereira (2008), “com a construção de um país mais digno e ético, uma educação que alcance diferentes grupos e espaços sociais. Ela propicia a expansão e o acesso às aquisições científicas, tecnológicas e de produção, qualificando profissionais para os diversos setores da economia brasileira”.

O papel que está previsto para os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia é o de garantir a perenidade das ações que visem incorporar, antes de tudo, setores sociais que historicamente foram alijados dos processos de desenvolvimento e modernização do Brasil, o que legitima e justifica a importância de sua natureza pública e afirma uma Educação Profissional e Tecnológica como instrumento realmente vigoroso na construção e resgate da cidadania e transformação social (PEREIRA, 2000a, p. 3).

A Rede atua nas modalidades presencial, semipresencial e à distância e as instituições que compõem a educação profissional e tecnológica desenvolvem projetos de intercâmbio internacional nos países que integram o MERCOSUL, a Comunidade de Língua Portuguesa (CPLP) e outros países como o Canadá. Ainda, segundo site do MEC (2016): “as experiências desenvolvidas na Rede Federal constituem-se em uma referência”. Outro destaque que se pode citar na Rede Federal é quanto às oportunidades de empregabilidade que a mesma oferece devido à credibilidade de ensino no setor produtivo e na comunidade.

A lei 3.775/2008, assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, criou 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia no país. A citada lei enfatiza que “os institutos deverão ter forte inserção na área de pesquisa e extensão, visando estimular o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas e estendendo seus benefícios à comunidade.” Ela também dispõe sobre a oferta de cursos técnicos de nível médio, em especial cursos de currículo integrado, que deverão compor metade das vagas dos Institutos.

Em relação às finalidades e características dos institutos, previsto no artigo sexto, destaca-se:

- V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;
- VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;

Seção II, Art. 6º, Lei 3775/2008, p.05<sup>10</sup>

A relevância dos Institutos no âmbito da pesquisa e ensino de excelência, é não só incorporado na prática cotidiana dos institutos, como também o é firmado em cunho legal, incumbindo-o de objetivos específicos, dispostos no artigo seguinte, para se garantir a efetivação operacional, pautada em suas finalidades:

Observadas as finalidades e características definidas no art. 6º, são objetivos dos Institutos Federais:

I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

III - realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à comunidade;

IV - desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V - estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda, e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional.

Ficam explícitos em seus objetivos as políticas voltadas às necessidades econômicas, como em todo o decorrer da história, porém, nesse contexto se assegura a educação profissional voltada para uma emancipação do saber autônomo que conduz à pesquisa e geração de novas técnicas, em um processo dinâmico, acoplado à educação e ao mundo do trabalho, em uma perspectiva diferente da até então assistencialista e aproveitadora. Mas, sim, de fusão entre escola, trabalho, cidadania, visando o aprimoramento do saber científico integrado aos conteúdos da base nacional comum, existentes no currículo do ensino médio, no propósito de se oferecer uma formação integral de excelência, que possibilite ao aluno não só sua inserção no mundo do trabalho, como também sua inserção e colaboração no mundo social e cultural.

As finalidades e objetivos, assegurados em lei, dos Institutos Federais, quebra a “corrente” da vinculação do ensino profissionalizante voltado aos menos favorecidos, colocando-o em um patamar de importância e excelência, aglutinando de forma eficaz ensino regular e profissional; mundo do trabalho e mundo científico, sendo posto como um diferencial no percurso da trajetória profissional.

---

<sup>10</sup>Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/projetolei\\_ifets.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/projetolei_ifets.pdf)> Acesso: 12 fev. 2018.

A Rede Federal possui importância considerável no cenário da educação profissional do país por assumir o trabalho como princípio educativo congregando-o sob um prisma de autonomia cidadã e integração entre os conteúdos do ensino médio regular e os conteúdos profissionalizantes, proporcionando uma vivência de conhecimentos contextualizados ao invés do conhecimento acumulativo preparatório para a realização de provas.

#### **1.4 A organização da Educação brasileira na LDB**

A organização no Brasil segue o que dispõe a LDB, as diretrizes básicas propostas para cada nível de ensino, os Pareceres do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica -CNE/CEB e Conselho Estadual de Educação -CEE de cada Estado, além de outros dispositivos legais como decretos e leis orgânicas.

O ensino possui uma base nacional comum (BNC), que é de oferta obrigatória; ainda que de matrícula facultativa, como é o caso do ensino religioso nas escolas públicas. E uma parte diversificada a ser ofertada, conforme proposta pedagógica de cada instituição. A carga horária mínima prevista para o ensino regular é de 800 horas anuais, não podendo ultrapassar 1.400 horas anuais, distribuídos em 200 dias letivos obrigatórios.

Em regime de colaboração, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizam os respectivos sistemas de ensino, cabendo aos municípios:

[...] oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1996, art. 11).

Aos Estados é incumbida a responsabilidade de “assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio” e à União, a oferta do ensino superior, pós-graduações e seus estabelecimentos de ensino.

As instituições de ensino em termos administrativos se classificam como públicas, isto é, as criadas, mantidas e administradas pelo poder público ou privadas, as quais são administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado. Essas podem se apresentar nas seguintes subcategorias, conforme dispõe a LDB (BRASIL, 1996):

I - particulares em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado que não apresentem as características dos incisos abaixo;

II - comunitárias, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas educacionais, sem fins lucrativos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.020, de 2009)

III - confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior;

IV - filantrópicas, na forma da lei.

A educação brasileira encontra-se subdividida em dois níveis: Educação básica e educação superior. A educação básica é composta pela educação infantil, que é ofertada em creches até os três anos e em pré-escolas, de quatro a cinco anos; o ensino fundamental, a partir dos seis anos, que se divide em anos iniciais, correspondente aos cinco primeiros anos, e anos finais, do sexto ao nono ano de escolaridade.

O ensino médio, última etapa da educação básica, com três anos mínimos de duração, perfaz uma carga horária não inferior a 800 horas anuais. Nessa etapa está prevista a modalidade de educação profissional de nível médio<sup>11</sup>, direcionada a qualificar mão de obra para a inserção no mundo do trabalho. Ela poderá ser desenvolvida, conforme disposto na Lei nº11.741/2008 (BRASIL, 2008, art. 36-B), que altera dispositivos da Lei n. 9.394/96, das seguintes formas:

I - articulada<sup>12</sup> com o ensino médio se subdividindo de maneira: Integrada ou Concomitante; a Integrada é oferecida aos concluintes do ensino fundamental, com matrícula única ao estudante. O ensino médio e o curso técnico são oferecidos na mesma instituição e seu currículo é indissociável. No Concomitante são feitas matrículas distintas para cada curso. Ele pode ser oferecido na mesma instituição ou em instituições distintas para cada curso.

II - subsequente, em cursos destinados a quem já tenha concluído o ensino médio. Conforme disposto no artigo 36-D da LDB “Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior” (BRASIL, 1996, art. 36-D).

A educação superior atende a três vertentes diferentes de profissionais: Os cursos de tecnologia, os quais são cursos de formação tecnológica, oferecidos em um período inferior ao Bacharelado; possuem foco em uma área específica do conhecimento, visa atender a um padrão específico do mundo do trabalho. Os Bacharelados, que são: “cursos que habilitam o profissional para atuar no exercício de atividade acadêmica ou profissional, considerando um determinado campo do saber, porém não o habilitam para o magistério” (BRASIL, 1996); E

<sup>11</sup> A carga horária específica correspondente a cada curso técnico, encontra-se discriminada no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos

<sup>12</sup> Os cursos de Educação Profissional Técnica de nível Médio, oferecidos nas formas articuladas; concomitante ou subsequente, quando estruturados e organizados em etapas que preveem a terminalidade -saídas intermediárias -faculta ao aluno o certificado de qualificação para o trabalho, relativo a etapa cursada.

os cursos de Licenciatura, que habilitam o profissional para atuar no magistério da educação básica em diversas áreas do conhecimento.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino para quem não cursou o ensino fundamental e médio na idade a ela destinada, independente do motivo, ela é prevista para os maiores de quinze anos na obtenção da conclusão do ensino fundamental e maiores de dezoito anos para o ensino médio. Deve ser preferencialmente, oferecida de forma articulada com a educação profissional.

Ressalta-se que a Educação Especial é contemplada na LDB, e esse público, que demanda de atendimento especializado, conforme suas necessidades específicas, deverá ser atendido em todos os níveis de Ensino.

## **CAPÍTULO II- As revoluções Industriais e a submissão Educacional frente ao capitalismo**

O mercado produz desigualdade tão naturalmente como combustíveis fósseis produzem poluição no ar.  
Hobsbawm

A retrospectiva, aqui proposta, pautada nos três momentos históricos de ruptura e nova concepção nos modos de produção, designados como “Revolução Tecnológica”, se faz necessária nesse estudo, para elucidar como a educação se posiciona diante de cada modificação nos modos de produção e compreender o seu papel de sedimentar, com a dualidade injusta, entre o ensino regular e o ensino profissionalizante. Reforçando a regulação social e produzindo mão de obra, como relata Frigotto (1999) “adestrada” para atender à produção de bens e acumulação de capital, associados à manutenção e sustentação do poder, apoiado na resignação da escola e na alienação intelectual provida pela sociedade capitalista.

A proposta de apresentar uma reflexão do desenvolvimento tecnológico, da sociedade mercantilista, industrial e informacional ocorre no intuito de enfatizar a distinção do conhecimento e da informação e destacar a relevância do saber para produção de novos conhecimentos. As “Revoluções Industriais” no seu ápice alteraram significativamente os modos de vida, as relações com o trabalho, os modos de produção e as configurações de sociedades. Segundo Frigotto (1999, p. 16): “há razões de ordem teórica e ético-política que nos animam a prosseguir a análise da educação em suas relações com a produção material (economia) e, mais amplamente, com a produção ideológica e simbólica (ideias, valores, concepções, conhecimentos, etc.)”. Ainda segundo o autor:

A educação no Brasil, particularmente nas décadas de 60 e 70, de prática social que se define pelo desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, concepções e valores articulados às necessidades e interesses das diferentes classes e grupos sociais, foi reduzida, pelo economicismo, a mero fator de produção “capital humano”. Asceticamente abstraída das relações de poder, passa a definir-se como uma técnica de preparar recursos humanos para o processo de produção. Essa concepção de educação como “fator econômico” vai constituir-se numa espécie de fetiche, um poder em si que, uma vez adquirido, independentemente das relações de força e de classe, é capaz de operar o “milagre” da equalização social, econômica e política entre indivíduos, grupos, classes e nações (FRIGOTTO. 1999, p. 18).

Esse capítulo têm a intenção de propiciar um entendimento de como as transformações tecnológicas, ocorridas nas revoluções industriais promoveram mudanças nas relações de

trabalho e os impactos educacionais e sociais em prol da manutenção do capitalismo reforçando o dualismo educacional.

A educação é um mecanismo regulador em favorecimento do poder, que atua como veículo produtor dos interesses do sistema, sejam eles políticos, econômicos ou sociais. Historicamente, as diversas formas de poder têm se manifestado e se sustentado, basicamente em três paralelas: no domínio das tecnologias, na submissão da mão de obra e na alienação intelectual. Segundo Frigotto (1999, p.12): “os enfoques economicistas reduzem a educação a um mero fator de produção”.

Nesse cenário, a educação representa um papel relevante na manutenção e concentração da elite no poder e na exploração do trabalho em detrimento da alienação dos seus alunos. As três paralelas citadas acima; domínio das tecnologias, submissão da mão de obra e alienação intelectual, compõem o objetivo político do sistema capitalista. Nessa vertente encontra-se a alienação intelectual, através de uma corrente pedagógica tradicional, que no Brasil se faz presente de forma encoberta por um discurso progressista até os dias atuais, conduzindo ao aprisionamento da crítica construtiva. Esse aprisionamento da crítica delimita a formação integral e omnilateral<sup>13</sup> do ser social que se caracteriza, conforme Bastos (1998, p. 32), pela “integração do saber, do fazer, do saber fazer e do pensar e repensar o saber e o fazer, enquanto objetos permanentes da ação e da reflexão crítica sobre a ação,” conduzindo à submissão da mão de obra. A terceira paralela exposta diz respeito ao domínio das tecnologias, as quais a escola encontra-se obsoleta em relação à contemporaneidade humana e modernização tecnológica do mundo do trabalho. Como bem evidencia Lucci (2016) “Vivemos na era Pós-Industrial, um novo mundo, onde o trabalho físico é feito pelas máquinas e o mental, pelos computadores. Nela cabe ao homem uma tarefa para a qual é insubstituível: ser criativo, ter ideias”, nessa perspectiva o homem passa a exercer e ocupar um novo perfil no mundo do trabalho. Ignorar essa mudança é apartar-se da realidade e das demandas mercadológicas.

Nessa concepção, ressalta-se a incumbência da escola na sociedade pós-industrial, no sentido de posicionar-se para preservar a manutenção da divisão de classes, mantendo e reforçando a dualidade dentro do setor educacional; educação propedêutica para a elite e educação profissional para atender ao mercado de trabalho e a manutenção do sistema. Contrariando alguns pensadores que acreditam no fim da sociedade do trabalho, esse estudo

---

<sup>13</sup>A politécnica é a formação dos trabalhadores no âmbito da sociedade capitalista que, unida aos outros elementos da proposta marxiana de educação, deve encontrar o caminho entre a existência alienada e a emancipação humana em que se constrói o homem **omnilateral**.

pauta-se no princípio de que há uma modificação nos meios de produção e no papel do homem frente ao mundo do trabalho. Porém, esse prelúdio, ousadamente, sinaliza uma recolocação, uma alteração do homem e da escola frente a essa terceira era revolucionária do modo de produção. Cabe ao sistema educacional posicionar-se, tendo em vista que há uma fenda, segundo Frigotto (1999, p.19): “Explícita, de igual modo, um espaço de contradição dentro do qual é possível desenvolver uma alternativa de sociedade e de educação democráticas que concorrem para a emancipação humana”. Não é a escola sozinha que irá modificar essa realidade brasileira, mas por ser ela o local “destinado” a promover a autonomia crítica intelectual, ela se apresenta como o principal caminho, como um mecanismo de forte influência para essa conquista emancipatória humana, política e social.

## 2.1 Retrospectiva Tecnológica

A descoberta de novas tecnologias<sup>14</sup> desde os tempos das cavernas sempre afetou as maneiras de conviver e pensar; de produzir e trabalhar, ensinar e aprender, ainda que de maneira rudimentar e informal. A descoberta tecnológica é um marco na civilização; responsável por desmembrar o antes e o depois, o domínio da tecnologia sempre concedeu “poder” sobre um povo, ambicionado pelos reguladores. O fogo, a roda, os pictóricos, são exemplos primórdios das tecnologias.

A evolução histórica das relações entre poder, tecnologia, alienação e submissão, demonstram a intenção e possibilidades do uso da tecnologia, na manutenção da sociedade capitalista. Segundo Castells (1996, p.42): “precisamos localizar o processo de transformação tecnológica revolucionária no contexto social em que ele ocorre e pelo qual está sendo moldado” Para assim, compreendermos sua influência nas mudanças educacionais.

No contexto histórico sempre houve a regulação social. Na era medieval esse controle era exercido pelo medo, intermediado pela igreja e atendia aos interesses da realeza. Aconteceram três grandes revoluções tecnológicas, revoluções não no sentido de subversões, mas no sentido de transformações tecnológicas, responsáveis em promover mudanças nas relações de trabalho, de subsistência, sociais, econômicas e educacionais. Essas mudanças, inegavelmente estimularam o fortalecimento do capitalismo e aliciaram os aparelhos de regulação social, entre eles o recorte desse trabalho, a escola.

---

<sup>14</sup>A etimologia da palavra tecnologia é grega: *Téchne* significa arte, destreza; e *logos* quer dizer palavra, fala. Adicionado o termo *logos* a *téchne*, percebemos que essa é a palavra (*logos*) que vem conferir significado ao fazer, à técnica. Então, tecnologia é um fazer com significado, um fazer pensado que tem uma intencionalidade. Peixoto, Brandão e Santos (2007, p.68 apud ROSA; CECÍLIO, 2012, p. 23).

Antes mesmo da consolidação dos sistemas de ensino, em 1.757, Voltaire recomendava ao rei da Prússia que a canalha não era digna de ser esclarecida:  
 A canalha (as massas) é indigna de ser esclarecida (...) é essencial que haja cozinheiros ignorantes (...) e o que é de lei é que o povo seja guiado e não seja instruído (FRIGOTTO, 1999, p.33 apud ARROYO, 1987, p. 75).

A primeira Revolução Industrial iniciou-se na Inglaterra na metade do século XVIII, a ciência descobriu o carvão como fonte de energia, desenvolvendo a máquina a vapor e a locomotiva. Esse processo trouxe modificações significativas na economia e na sociedade. Surgem os operários proletariados e há uma migração exacerbada para as grandes cidades. Nesse sentido, a escola é destinada à classe burguesa. Aos filhos de operários a jornada de trabalho é de dez a doze horas por dia e em condições muito precárias. Isso se mostra um marco da exploração de mão de obra infantil.

O trabalho nas fábricas alterou profundamente não somente o modo de vida social e geográfico, mas principalmente o pensamento, que sem a consciência da exploração, não a identifica, transformam como bem afirmam Marx e Engels (1996, p.72):

O desenvolvimento da maquinaria e a divisão do trabalho levam o trabalho dos proletariados a perder todo o caráter independente e com isso qualquer atrativo para o operário. Esse se torna um simples acessório da máquina, do qual só se requer a operação mais simples, mais monótona, mais fácil de aprender.

Inicia uma desvalorização do ser humano em prol do capitalismo, que passa do mercantilismo para o industrial. A disparidade social e econômica se intensifica. No chão das fábricas, homens, mulheres e crianças “acessórios de máquinas” vendem sua força de trabalho ao capital, de forma alienante, como bem afirmava Charles Chaplin “a alienação só sobrevive devido à falta de conhecimento social”. Consequências das longas jornadas, do trabalho fragmentado, reverso à criatividade, e da desinformação, do desconhecimento racional que forneceria aos indivíduos um possível potencial de consciência. É nesse período que ocorre a desarticulação da sociedade, transformando economia em economia de mercado e estabelecendo o capitalismo como sistema.

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital (FRIGOTTO (1999, p.26).

Pondera-se que há um convencimento da elite referente a necessidade de se manter tal dualidade no interior do sistema de ensino, conduzindo a educação profissional às classes

menos favorecidas (atuando como uma engrenagem para o sistema capitalista), e a educação propedêutica para a elite, visando provavelmente a manutenção do sistema capitalista, em uma perspectiva da exploração da mão de obra. Segundo Frigotto (1999, p.30 e 31).

A educação e a formação humana terão como sujeito definidor as necessidades, as demandas do processo de acumulação de capital sob as diferentes formas históricas de sociabilidade que assumir. ou seja, reguladas e subordinadas pela esfera privada, e à sua reprodução. [...] A qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade do trabalho na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir histórico. Está, pois, no plano dos direitos que não podem ser mercantilizados e, quando isso ocorre, agride-se elementarmente a própria condição humana.

Diante da reflexão acima percebe-se que o homem trabalhador vem sendo simbolicamente agredido dentro da ideologia das “relações capitalistas de produção da existência” (FRIGOTTO, 1999, p.17), incorporado de um discurso de “necessidades naturais”. A força do trabalhador é posta em uma relação exploratória e excludente com o aval do sistema político, econômico, social e educacional.

Tendo como berço a América, inicia-se em 1870 nos Estados Unidos, a Segunda Revolução Industrial, caracterizada pela inauguração de diversos setores produtivos, como as indústrias, siderúrgicas e química. Promove-se o uso de novas fontes de energias como a elétrica e matérias primas como o petróleo. Há uma expansão do grupo de países detentores de tecnologias e produções industriais. Esse período está por trás de todo o desenvolvimento técnico, científico e de trabalho que ocorreu na primeira e principalmente na segunda guerra mundial. Em 1920, Ford introduz a produção padronizada, em série e em massa. Surge um trabalhador desqualificado, que desenvolve uma função mecânica, extenuante e para a qual não precisa pensar. Pensar é a função de um especialista, o engenheiro, que planeja para o conjunto dos trabalhadores dentro do sistema da fábrica. Temos aqui a principal característica do período técnico da Segunda Revolução Industrial: a separação entre concepção e execução, separando quem pensa (o engenheiro, opressor) e quem executa (o trabalhador em massa, oprimido).

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como „seres para si”, esta luta pela humanização somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma „ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*. (...) O ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sintam opressores, nem se tornem, de fato, opressores dos opressores, mas

restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si mesmos e aos opressores. (...) Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos” (FREIRE, 2011, p. 41).

A partir das transformações sociais causadas pela ordem capitalista da industrialização, a necessidade de ensinar e aprender se tornam cada vez mais necessárias, dentro e fora do ambiente de trabalho. Como bem dispõem Stoer e Magalhães (2003):

Procurando traçar a evolução histórica das relações entre formação e emprego, Alaluf (1993) diz que, num primeiro momento, à escola competiria formar “bons operários”, quer dizer, competir-lhe-ia combater a “vagabundagem”, desenvolver a disciplina, a pontualidade e a “honestidade” dos trabalhadores, pois importava criar não só operários bons, mas sobretudo importava criar bons operários. O conhecimento, assumido pelo paradigma sociocultural da modernidade, como potenciador da emancipação dos indivíduos, surge simultaneamente como uma poderosa forma de regulação social (STOER; MAGALHÃES, 2003).

As mudanças do capitalismo acontecem conforme a sociedade se estrutura. Na educação elas ocorrem à medida que há necessidade de regulação dessa sociedade para a manutenção do capitalismo. A educação foi fundada pelo trabalho como uma atividade fundamental no processo de reprodução social. Sua origem data desde os primórdios da existência humana quando esta, constituída pelo trabalho, fundou uma atividade que garantiria às gerações mais novas o aprendizado da experiência acumulada pelos homens ao longo do tempo.

Historicamente, a educação vem servindo, predominantemente, como um espaço de preparação para o trabalho explorado, alienado, para a dualidade entre opressores e oprimidos, onde se fundamenta as desigualdades geradas pelo capital, produzindo consenso e conformidade. Como defende Freire, Rabelo e Segundo: “os indivíduos devem ser formados para aprenderem a criar uma forma de continuar sobrevivendo num mundo que os joga na miséria”.

A exploração capitalista diferencia-se da exploração dos modos de produção precedentes por inscrever-se no próprio processo social de produção mediante a separação entre a esfera econômica e política e pela unificação da produção e apropriação da mais-valia. Funda-se, pois, numa relação social fundamental, formalmente igualitária, mas histórica e efetivamente desigual: relação capital/trabalho- proprietários privados dos meios e instrumentos de produção e vendedores de força de trabalho (FRIGOTTO, 1999, p.63).

Na sociedade industrial, vigente por duzentos anos, o desafio era produzir o maior número de coisas em menos tempo, perpetuar uma classe oprimida a favor do capitalismo,

gerar uma busca desenfreada pelo consumo em que se forma um círculo viciante de: trabalho, objeto, possuir, ter. Nesse círculo a submissão às condições de trabalho, mesmo com o “estado do bem estar” da era fordista, em que direitos sociais foram adquiridos são manipulados por um interesse maior, que sem se darem conta, instaurada pelo sistema dual de ensino, produzem e mantêm manipuladamente, uma classe de trabalhadores oprimidos.

Temos que encarar os oprimidos como seres duais, contraditórios, divididos: a situação de opressão em que se „formam“, em que „realizam“ sua existência, os constitui nesta dualidade, na qual se encontram proibidos de ser. Basta, porém, que homens estejam sendo proibidos de ser-mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real, pois fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do *ser mais*. (...) Por isso é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. O importante é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 2011, p. 58).

Sem a consciência e manifestação do “penso”, por meio de uma educação formatada para atender às necessidades do sistema, emparelhada, como cita Foucault, a instituições de confinamento do corpo: escola, fábrica, quartel, opoente à sociedade industrial, a sociedade pós-industrial despontou com a Segunda Guerra Mundial, a partir do aumento da comunicação entre os povos, com a difusão de novas tecnologias e com a mudança da base econômica: é a chamada terceira “Revolução Tecnológica”.

A terceira “Revolução Tecnológica” possui como característica certa oposição às demais revoluções; à produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética. Corresponde ao processo de inovações no campo da informática e suas aplicações nos campos da produção e do consumo. Iniciou-se por volta da década de 1970, no Japão, influenciada pelo *Toyotismo*<sup>15</sup>, de produção enxuta, produz-se somente o necessário, sem criar excedentes e, simultaneamente, oferta uma variedade de produtos.

---

<sup>15</sup>Toyotismo é um sistema de organização voltado para a produção de mercadorias. Criado no Japão, após a Segunda Guerra Mundial, pelo engenheiro japonês Taiichi Ohno, o sistema foi aplicado na fábrica da Toyota (origem do nome do sistema). O Toyotismo espalhou-se a partir da década de 1960 por várias regiões do mundo e até hoje é aplicado em muitas empresas. **Principais características do Toyotismo:** Mão-de-obra multifuncional e bem qualificada. Os trabalhadores são educados, treinados e qualificados para conhecer todos os processos de produção, podendo atuar em várias áreas do sistema produtivo da empresa; Sistema flexível de mecanização, voltado para a produção somente do necessário, evitando ao máximo o excedente. A produção deve ser ajustada à demanda do mercado; Uso de controle visual em todas as etapas de produção como forma de acompanhar e controlar o processo produtivo; Implantação do sistema de qualidade total em todas as etapas de produção. Além da alta qualidade dos produtos, busca-se evitar ao máximo o desperdício de matérias-primas etempo; Aplicação do sistema *Just in Time*, ou seja, produzir somente o necessário, no tempo necessário e na quantidade necessária. Uso de pesquisas de mercado para adaptar os produtos às exigências dos clientes. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/economia/toyotismo.htm>>. Acesso: 12 fev. 2018.

Quando estamos falando das revoluções industriais que marcaram o período de formação e consolidação do capitalismo em âmbito mundial, não podemos levar o conceito de *revolução* no sentido de “ruptura imediata” que o nome possa nos sugerir. Trata-se, na verdade, de um processo relativamente longo e gradativo, ou seja, que vai ocorrendo aos poucos, com o passar dos anos (PENA, 2017, s/p).

Dessa forma, a terceira revolução tecnológica vem se sucedendo, se aperfeiçoando, se consolidando a cada dia. A cada novo invento, uma expectativa. Há produtos que possuem sua edição de produção esgotada antes mesmo de serem lançados oficialmente e finalizados no seu modo de produção. Ela se faz presente não somente no processo de inovações, de criação de produtos e aplicabilidades, mas modifica bruscamente os modos de produção, as necessidades mercadológicas, os aspectos sociais, econômicos e educacionais. Há uma reformulação dos paradigmas, o que implicam consequências positivas ou negativas nessas estruturas.

Nesse sistema, o operário necessita ter grandes habilidades para trabalhar ao lado de máquinas automatizadas, as quais realizam desde o trabalho pesado até as mais tênues, porém que exigem minuciosa precisão e cálculos elaborados. Às máquinas cabem a execução da fabricação e o homem é um coparticipante do processo.

Computadores e robôs, unidos, extraem matéria-prima, manufaturam, distribuem o produto final e realizam serviços gerais, substituindo a mão de obra humana e eliminando as necessidades de determinados materiais, como o papel e a caneta. Percebe-se, tanto, que a compressão de tempo passa a exigir respostas e decisões mais rápidas. O tempo e o conhecimento tornam-se mercadorias e os postos de trabalhos são substituídos por máquinas e computadores, desaparecendo o trabalhador tradicional (LOPES, 2002, p. 11-13).

Trata-se de uma revolução Técnico-Científica que têm como pilar a alta tecnologia. As atividades são voltadas à criatividade e requer uma mão de obra especialista multifuncional, há uma flexibilização temporal, espacial, social, novos paradigmas acompanham essa nova era, a intensidade e amplitude das transformações provocadas pela emergência das Tecnologias de Informação e Comunicação, as TIC, afetam crescentemente as maneiras de conviver e pensar; de produzir e trabalhar; de ensinar e aprender; Influenciam no dia a dia dos indivíduos, nas questões mais elementares como esquentar uma comida, conversar, ler um jornal (*on-line*), ligar um carro, o estar junto não presencial, alteram as relações sociais. Como reconhece Weiser (1991apud LEMOS, 2005, p.5): “as tecnologias mais profundas são aquelas que desaparecem. Elas se entrelaçam no tecido da vida cotidiana até se tornarem indistinguíveis”. A tecnologia é tão intrínseca ao cotidiano que não só o ritmo da existência

humana é alterado imperceptivelmente, como as relações com a arte, cultura, lazer, aprendizado e as relações que ocorrem por afinidades e não mais por contiguidade.

O computador é a máquina da terceira Revolução Tecnológica. Sua aplicabilidade e as relações da sociedade com o objeto, com a informação e conhecimento se dão de forma rápida, como observa Bauman: em uma liquidez onde tudo se dilui, se dissolve rapidamente. Em um nível mais elementar, há uma absorção e um descarte muito rápido das informações. Em outra análise, o conhecimento, apesar de não ser estático, não se dilui enquanto não for aprimorado. Nesse sentido, o computador é uma rede de possibilidades de troca e construção de saberes.

A escola, principalmente a educação profissional, cerne desse estudo, se vê em um necessário posicionamento de reflexão sobre suas práticas, cursos oferecidos e metodologias, uma vez que não há como negar a influência da tecnologia nos modos de produção e nas relações sociais. Retroceder a essa realidade seria uma utopia infantil saudosista. Nesse cenário, para continuar girando a engrenagem do capitalismo e atender às necessidades do mundo do trabalho, adequar-se aos novos paradigmas conceituais se faz uma necessidade de sobrevivência da Instituição Escolar.

[...] que o conhecimento, por isso, tem caminhado para ser a mola propulsora da economia mundial e cujo valor de produtos e serviços depende cada vez mais da parcela do conhecimento a eles incorporados [...] é claro que isto inclui a aptidão de desenvolver, preservar e utilizar os mesmos, não se descuidando de maneira a permitir que o processo se dilua no dia a dia da administração da empresa como um todo [...]. Importante ressaltar, entretanto, que por trás de toda e qualquer mudança estão as pessoas, quer pela aplicação de novas tecnologias, quer pelo conhecimento advindo de pesquisas e práticas administrativas. Operar a máquina e o computador exige do trabalhador níveis maiores de conhecimento, pois as atividades nesse novo contexto passam a ser mais criativas, exigindo um grande domínio de conhecimento, da linguagem e maior autonomia para resolver os problemas encontrados no ambiente de trabalho (LOPES, 2002).

A era Pós-industrial é conhecida também como a era da Informação e do Conhecimento. Mas necessário se faz distinguir informação de conhecimento.

## **2.2 Revolução Tecnológica: A Era da Informação e do Conhecimento**

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) integram o mundo em redes<sup>16</sup> globais de comunicação, superam distância e tempo, trespasam um multiculturalismo de

<sup>16</sup>As redes de comunicação abordam temas relacionados à infraestrutura de comunicações e tem sua origem na área de telefonia e telecomunicações em geral. As redes de computadores englobam tradicionalmente desde os aspectos físicos até os aspectos de aplicação. No caso da Internet, esses aspectos são mais concentrados em

ideias e informações. Provoca um padrão de descontinuidade nas bases da economia, sociedade e cultura.

Os enunciados sobre o mundo e a sociedade são traduzidos em bytes de informação por meio dos quais pode circular em rede. [...] As redes são estruturas abertas, com o potencial de se expandirem sem limites, integrando novos nós desde que sejam capazes de comunicar (CASTELLS apud STOER; MAGALHÃES, 2003).

A internet é a rede, e possibilita um excesso de informações em tempo integral. Pela rede também é possível refletir, discutir uma ideia, criar grupos, difundir conhecimentos, principalmente pelas redes sociais. A rede dá origem a duas ramificações de sociedades; a sociedade da informação e a sociedade do conhecimento. O que as distingue é a colaboração, atuação efetiva. Na primeira, basta ter acesso à internet, a informação circula em tempo real e o sujeito é um agente passivo. A outra, opostamente, se caracteriza pela participação, interação e troca de informações nas redes sociais. É uma participação ativa, onde se discute, reflete e produz informações. É, conforme dispõe com sabedoria Castells, a retroalimentação da rede.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e desta informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 2000, p.51).

O grande desafio não é somente contedúístico, posto que esses estão disponíveis na Internet, mas sim a seleção das informações, sua confiabilidade, importância e relevância para o crescimento cognitivo, e, também, como essas informações vão mudar o modo de ver o mundo e de fazer as pessoas crescerem intelectualmente. Deve também propiciar autonomia intelectual, de tal forma que, a cada mudança científica e tecnológica, o cidadão consiga por si próprio buscar a informação necessária para o seu desenvolvimento. Segundo Piaget, o comportamento é construído numa interação entre o meio e o indivíduo. Saber desenvolver a capacidade de aprender para continuar aprendendo é uma ação contínua necessária à sociedade do conhecimento para nutrir a rede nesse ciclo de realimentação de Castells e fazer inferências no mundo do trabalho. Esse desafio somente é possível se houver uma mudança

de paradigmas na educação e a mesma se propor a acompanhar as mudanças tecnológicas contemporâneas presentes no mundo do trabalho.

Essa nova sociedade que está se formando, e que tem por base o capital humano ou intelectual é chamada de *Sociedade do Conhecimento*. Nessa sociedade onde as ideias, portanto, passam a ter grande importância, estão surgindo em várias partes do mundo. Os *ThinkThanks*, que nada mais são do que grupos ou centros de pensamento para a discussão de ideias. Esses centros têm por objetivo a construção de um mundo, de uma sociedade mais saudável do ponto de vista econômico e social, que possa desfrutar de uma melhor qualidade de vida (LUCCI, 2016, s/p.).

O pensar é, portanto, o grande diferencial entre as pessoas e as sociedades e seu campo de atuação no mercado de trabalho. “A máquina multiplicou o número de informações com que o homem lida a cada dia, chegando a níveis absurdos [...]. As pessoas se expõem ao estresse informativo, sem saber como se proteger ou, pelo menos, como selecionar de maneira correta” (LUCCI, 2016, s/p.). É preciso sair da mecânica da teia de informações e pensar sobre as mesmas, de maneira reflexiva, avaliar seu uso, intenções ocultas do sistema para sua manutenção. Nesse sentido, cabe à escola propiciar essa reflexão, em uma perspectiva de emancipação e igualdade de acesso e discernimento.

A privatização educacional do conhecimento, no sentido antagônico, pode representar poder e ameaça; nessa perspectiva, seu monopólio se dá de forma velada, para sustentação do capitalismo. Para Frigotto (1999, p.85): “A privatização do conhecimento é, ao mesmo tempo, uma forma de aumentar a polarização da riqueza social e do poder e uma ameaça à própria espécie humana”. O conhecimento se faz necessário para atender ao novo modelo de produção, porém precisa ser mantida a dualidade educacional histórica de triagem do mesmo para não desmantelar o sistema. Em suma, sua essência é disponibilizada a conta gotas e fundem-se em um equívoco, talvez proposital, de informação com conhecimento.

No processo de definição da LDB, o lobby do ensino técnico propõe uma radicalização do dualismo, mediante a formação de um subsistema de ensino "tecnológico" que vai da escola básica à pós-graduação. A base da argumentação passa pelo ideário da teoria do capital humano, atualizada pelas "teses" da sociedade do conhecimento e da "qualidade total" (FRIGOTTO, 1999, p.188).

Nessa perspectiva, vem a dicotomia entre a sociedade da informação e do conhecimento, o período é o mesmo, ambos encontram-se na terceira Revolução Tecnológica, mas a intenção do uso, o poder de alienar ou desalienar depende da atitude do cidadão, do seu perfil de reflexão, propiciado em seu percurso escolar e de sua predisposição ao novo conhecimento. Como dispõe Hobsbawm (1992b, p. 264apud FRIGOTTO, 1999, p.81): “O

mercado produz desigualdade tão naturalmente como combustíveis fósseis produzem poluição no ar”. O mesmo se aplica na historicidade educacional, embora apontamentos deslumbrem um cenário educacional mais participativo, democrático, crítico e igualitário, na prática, na extensão e diversidade brasileira o processo é ainda moroso. Atendendo veladamente e inconsciente, a política de governo de dualidades educacionais e violação de direitos, inibe e estagna o senso crítico necessário para produzir mudanças substanciais na sociedade.

A primeira ideia fundamental a fixar em decorrência dessa perspectiva é a de que o “mercado”, mesmo onde existe uma materialidade de instituições que lhe dão densidade concreta, é incapaz de democraticamente atender direitos como os da educação, saúde, habitação e emprego. Direitos não são mercantilizáveis. “Em cada uma destas áreas não há nenhuma possibilidade que o mercado possa prover, nem sequer o mínimo requisito de acesso aos bens imprescindíveis em questão” (ANDERSON, 1995, p. 199).

O desmonte do Estado nestas áreas significa desmonte de direitos. Os efeitos do abandono do Estado no campo de saúde e educação básica nos oferecem um quadro perverso. Trata-se de uma violência, incomensuravelmente maior que a dos arrastões. Há, pois, que se ampliar o papel do Estado nestas áreas (FRIGOTTO, 1999, p. 186).

### **2.3 A Educação e o Pensar**

As mudanças ocorridas no modo de produção são significativas e um marco na história, porém a terceira Revolução Tecnológica alterou expressivamente o modo de vida e as estruturas de trabalho. O sistema vertical vai sendo substituído pela horizontalidade. A máquina não assumiu o lugar do homem, apenas mudaram-se os paradigmas onde o ser humano exerce uma atividade voltada à criatividade, à resiliência e ao intelecto. O valor do conhecimento passa a assumir significativa centralidade na nova organização da sociedade pós-moderna. A escola, instituição reguladora, a serviço do capitalismo, pano de fundo para atender às necessidades da economia, parece se manifestar contrária a essa nova demanda econômica, social e cultural.

A sociedade pós-industrial se diferencia muito da anterior, pois o trabalho intelectual é muito mais frequente que o manual, e a criatividade mais importante que a simples execução de tarefas. Antes era a padronização das mercadorias, a especialização do trabalho, agora o que conta é a qualidade de vida, a intelectualização e a desestruturalização do tempo e do espaço, ou seja, fazer uma mesma coisa em tempos e lugares diferentes (simultaneidade) (LUCCI, 2016, s/p.).

Na sociedade capitalista, dividida em classes, o saber passou a ser também dividido, conforme o que cada classe desempenha na organização social. O impedimento do nível da elevação de consciência se dá na forma do descaso pela educação, permitindo ao povo apenas

o conhecimento rudimentar. Segundo a teoria do capital humano o progresso de um país é alavancado pelo investimento em pessoas:

A ideia chave é de que a um acréscimo marginal de instrução, treinamento e educação, corresponde um acréscimo marginal de capacidade de produção, ou seja, a ideia de capital humano é uma “quantidade” ou um grau de educação e de qualificação, tomado como indicativo de um determinado volume de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas, que funcionam como potencializadoras da capacidade de trabalho e de produção. Desta suposição deriva-se que o investimento em capital-humano é um dos mais rentáveis, tanto no plano geral do desenvolvimento das nações, quanto no plano da mobilidade individual (FRIGOTTO, 1999, p.41).

Dessa maneira ocorre a subdivisão da sociedade da informação e a do conhecimento. Nessa perspectiva, a informação é acessível em tempo real, mas devido à marginalização intelectual das classes menos favorecidas, não despontam para a possibilidade de converter a informação em conhecimento e esse em ação.

O projeto educacional voltado para a reprodução da ordem vem se efetivando, de um modo geral, através da negação do conhecimento, explorando a alienação pela informação e inibindo a cocriação de conhecimentos. Apesar da tecnologia disponível, a educação vem servindo, predominantemente, como um espaço para a preparação para o trabalho explorado, alienado (LUCCI, 2016, s/p.).

O pensar crítico, analítico e fundamentado em sapiências, constituem elementos importantes para discernir o que fazer com a informação e como convertê-la em conhecimento aplicável. Nesse sentido, a educação profissional precisa se apartar do mero tecnicismo e se abrir para uma criticidade voltada à filosofia dos quatro pilares da educação<sup>17</sup>, em uma perspectiva de: Aprender a Conhecer, saber buscar e selecionar a informação; Aprender a Conviver, compreender e respeitar a diversidade cultural dos modos de vida e opiniões, nesse entendimento a tecnologia propicia novas concepções virtuais, sem fronteiras, etnias, faixa etária e classe social; Aprender a Ser, adquirir criticidade e autonomia intelectual, ter consciência da apropriação dos saberes; Aprender a Fazer, possuir autonomia da produção do conhecimento para a ação, em uma perspectiva de transformar a informação em

---

<sup>17</sup> Os quatro Pilares da Educação, são conceitos de fundamentos da Educação baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, ex-ministro da Economia Francesa, presidente da Comissão Europeia por vários mandatos. Em 1993, à frente de uma equipe, investigou com profundidade o que estava sendo feito e quais seriam as orientações para o futuro. A pesquisa foi concluída e divulgada em 1996, com a apresentação do Relatório Delors <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>, chamado “Educação: Um tesouro a descobrir”, que passou a ser considerado fundamento primeiro de todo programa sério de organização e reflexão sobre a temática da aprendizagem.

conhecimento aplicável. Sendo assim, emancipar-se da manipulação dualística imposta pela elite é condição necessária para se posicionar nessa nova era educacional e mercadológica.

Através da manipulação, as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas), tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote seu poder (FREIRE, 1987, p.144).

O principal papel da educação, nesse processo, é o de conduzir os alunos a pensarem, aprender refletindo, usando e fazendo. É a busca por conhecimento e informação que caracteriza a função da produção tecnológica no informacionalismo. A escola não pode se abdicar do seu papel em uma era em que as informações atingem a velocidade da luz e o conhecimento se aprimora, demonstrando certo prazo de validade, conforme surgem novas pesquisas e tecnologias. Parafraseando Paulo Freire: “ninguém liberta ninguém, ninguém liberta-se sozinho, homens se libertam em comunhão”. A escola é essa comunhão, é lá que a sociedade se reconstrói e a educação urge por essa libertação, por essa autonomia do pensar. É preciso difundir a sede do saber, questionar, refletir, desenvolver a criticidade; sair da periferia do saber.

Pensar é aprender a ser livre, responsável e honrado. Pensar é esforço e inconformismo, para com o mundo e também para consigo mesmo. Pensar é duvidar e criticar, não de forma altaneira ou presunçosa, senão por desejo do bem comum. Pensar é ter o tempo de poder fazê-lo. Pensar não é repetir ou reproduzir. Pensar é ativar o que de nobre há no ser humano, porque pensar é também sentir e intuir (LUCCI, 2016, s/p).

Há uma defasagem de tempo entre a inovação tecnológica, o mundo do trabalho e a escola; que é corresponsável em oportunizar aos alunos a apropriação das linguagens e tecnologias do seu tempo para atuarem na construção do saber, porém, disponibilizar equipamentos informáticos na educação profissional sem conhecer suas reais possibilidades é um engano não libertário. É preciso ter conhecimento para saber o que fazer com a informação e como transformá-la em conhecimento aplicável.

A quantidade de dados processados em um determinado espaço de tempo parece envolver a assunção pelo menos de algumas implicações daquilo que significa viver numa “sociedade em rede”. Neste sentido, o conhecimento perde a sua forma e o seu conteúdo e, dessa forma, já não detém o seu potencial de promover um processo de ensino/aprendizagem reflexivo (STOER; MAGALHÃES, 2003).

A escola precisa assumir-se como espaço reflexivo, crítico, voltado à produção de conhecimento. Local onde os divisores de informação, conhecimento e produção estejam inequívocos. Para isso é preciso ensinar a aprender pesquisando e não transmitindo meramente conteúdos e técnicas. Aguçar a curiosidade intelectual é substancial. No mundo contemporâneo tanto a informação quanto o conhecimento se tornaram, eles próprios, mercadorias. Nesse novo contexto, não basta ter o conhecimento apenas, é preciso como declara Castells, retroalimentar a rede. Nessa perspectiva não interessa saber somente, mas o que você produz com o que você sabe.

O homem confia demasiado nas forças da revolução e destrói prematuramente as suas próprias forças, escravizando-as à febre de criar. Deseja alcançar no mais curto espaço de tempo possível tudo aquilo que só pode dar fruto completo dentro dos limites estabelecidos pelas leis naturais. [...] Cria-se muito, mas sem valor, com a ilusão mentirosa de que a quantidade pode fazer as vezes da qualidade (LUCCI, 2016, s/p).

A tecnologia educacional<sup>18</sup> ainda é vista erroneamente como mercadoria, produto, objeto. Ela é uma maneira de pensar, onde seus usuários tem que estar dispostos à recriá-los e para ser viável é preciso haver coerência significativa uni e plural. Segundo Stoer e Magalhães: “Em razão do desenvolvimento da rede, a produção local do conhecimento é, ao mesmo tempo, a sua produção global e vice-versa”.

Os processos de “reconversão tecnológica”, como vimos, colocam aos setores capitalistas que queiram ser competitivos a necessidade de um conhecimento no processo de trabalho que não se reduza a fórmulas, técnicas, mas à capacidade de analisar, interpretar, resolver situações novas. Não se trata, pois, de um conhecimento restrito, um adestramento para uma tarefa ou função. Neste processo ampliam-se, também, as demandas culturais do trabalhador. Estas demandas, todavia, tendem a ser aprisionadas no limite quantitativo e qualitativo das necessidades do capital, em dilatar as possibilidades de uma formação tecnológica “unitária” para todos (FRIGOTTO, 1999, p.177).

O conhecimento não surge de um simples “touchscreen”, ele é construído, necessita de conexões seguras, não há como acelerá-lo sem os devidos pré-requisitos, sem o tempo

---

<sup>18</sup>A definição da *Association for Educational Communications and Technology* (AECT), tradicional grupo ligado a academia norte-americana define a área como: "A tecnologia educacional é o estudo e prática ética da facilitação do aprendizado e a melhoria da performance através da **criação**, uso e organização de processos e recursos tecnológicos. “as mudanças provocadas pelo uso das tecnologias educacionais geram a necessidade de competências que até então não eram necessárias, mas que neste novo contexto deverão ser desenvolvidas pelos indivíduos. Neste contexto, a tecnologia educacional é o meio e não o fim do processo educativo e como tal deve ser inserida nas atividades de sala de aula como companheira e não apenas como uma forma de automatizar processos antes realizados, pois assim assumimos a **produção de novos conhecimentos** e não somente a reprodução. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia\\_educacional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_educacional)>. Acesso: 12 fev. 2018.

necessário de leitura, reflexão e criação. Se a escola não iniciar o exercício da reflexão, da criticidade que são vias de acesso para a criatividade, não há sociedade do conhecimento sustentável e sim a banalização da informação sem critérios de apreciação. Dentro dessa concepção cabe ainda salientar que a forma com que o aluno e o trabalhador se apropriam das informações e constituem seu conhecimento é reflexo direto da qualidade de seu ensino e do nível de escolaridade. Por isso:

Ao examinarmos a proposta de educação técnica e profissional veiculada pelos organismos ligados aos empresários, direta ou indiretamente, percebemos, mais claramente, o limite e estreiteza das elites na luta para ter o controle privado desta modalidade de ensino, mesmo quando este é mantido pelo Estado. A luta destas elites, com o apoio da maior parte das direções das escolas técnicas e setores atrasados do próprio magistério e funcionários, é de manter o sistema de ensino técnico-industrial como um enclave no sistema de educação (FRIGOTTO, 1999, p. 161-162).

Antes, as informações e o conhecimento faziam parte de uma “caixa preta”, onde somente a elite tinha acesso. Com a Terceira Revolução Tecnológica, as informações ecoam das ditas “caixas pretas”. A escola não é mais o único acesso ao conhecimento, mas é ainda a principal incubadora da retroalimentação da rede, ou a guilhotina do saber crítico, reflexivo da rede aos menos favorecidos social e culturalmente. Como foi dito por Stoer e Magalhães: “O conhecimento é reconfigurado como rede comunicacional e informacional e como mercadoria, assumindo um lugar central na produção”. Aos detentores do conhecimento reflexivo, crítico e autônomo, cabem o destaque no mundo do trabalho. O êxito do conhecimento sobre o poder, só se dará quando a ignorância for assumida dentro do contexto escolar.

Ao criticar a tese do trabalho imaterial, afirmou que Fantasias existem porque há pessoas dispostas a acreditar nelas. Quase sempre as fantasias que recebem maior audiência são as que servem como consolo para a desumanidade e os sofrimentos das nossas vidas. Outras vezes são as que interferem na luta de classes induzindo a determinadas posturas e favorecendo a recusa de outras. Para nós, esta parece ser a função da educação: uma “fantasia”, uma falácia que esconde dos indivíduos qual a origem de todas as suas mazelas. O autor diz ainda que numa sociedade que acredita em fadinhas, duendes, bruxinhas etc., é muito fácil acreditar em qualquer teoria idealista que não explica a realidade social (LESSA, 2005, p. 53).

Nesse cenário, fica evidente que toda essa dualidade social, constituída pelo ensino, pelos modos de produção e pela estrutura capitalista, estão permeadas de contradições que

movimentam um emergir de crise estrutural<sup>19</sup>. O mercado segue ambiciosamente e vai ditando as regras, a educação segue submissa e tenta encontrar um modo de se reestruturar para motivar seus alunos. Democracia é um discurso e os princípios capitalistas é a política vigente.

Pautado na afirmação de Frigotto de que o "conhecimento e sua democratização é uma demanda inequívoca dos grupos sociais que constituem a classe trabalhadora," esse capítulo teve como intenção ilustrar como as transformações tecnológicas, ocorridas nas conhecidas "revoluções industriais" promoveram mudanças nas relações de trabalho e os impactos educacionais, teve ainda como objetivo, explicitar como o pensar, o conhecimento, se posiciona nessa perspectiva de mudanças de produção frente a educação.

Nos capítulos seguintes, será descrito a metodologia utilizada e na análise de dados, onde é apresentado um eixo temático que trata exclusivamente sobre o referencial teórico aqui exposto, no qual investigou-se quanto a contribuição do curso técnico integrado ao ensino médio no IFTM contribuiu para ampliar o conhecimento além do conteudismo<sup>20</sup> educacional e profissional proposto na grade curricular.

---

<sup>19</sup>As grandes crises econômicas mundiais, como a de 1929 e 2008, são um processo já esperado do capitalismo. Para Comparato, elas são o fruto da passagem do capitalismo industrial para o financeiro, com o rápido decréscimo da produção mundial e a concentração de riqueza em dinheiro não aplicado e papéis financeiros (ações, debêntures etc.), cujo valor é em grande parte fictício, pois depende do jogo de oferta e procura no mercado, sem base em bens materiais. "A cada grande crise econômica, o processo mundial de concentração de renda se intensifica. Tudo isso representa, sem dúvida, o sintoma de uma doença muito grave da civilização capitalista", afirma. <[Http://pre.univesp.br/principios-do-capitalismo#.wexihltsyuk](http://pre.univesp.br/principios-do-capitalismo#.wexihltsyuk)>. Acesso: 12 fev. 2018.

<sup>20</sup>Conteudismo: O que valoriza uma quantidade enorme de informações aos alunos, sem que haja preocupação com o desenvolvimento do raciocínio nem com a Cultura Geral. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/conteudismo/>>. Acesso: 12 fev. 2018.

### CAPÍTULO III- ASPECTOS METODOLÓGICOS

O método científico é o meio pelo qual se pode decifrar os fatos que não são transparentes, pois seu sentido objetivo deve ser revelado pela ciência.  
Gohn

O presente capítulo tem como objetivo detalhar o percurso da pesquisa, assim como justificar a escolha dos procedimentos metodológicos selecionados e criteriosamente associados pela pesquisadora. Destina-se ainda a descrever os sujeitos participantes, as técnicas de abordagem, a temporalidade, a frequência das reuniões, apresentar os instrumentos utilizados na coleta de dados; enfim, objetiva detalhar os procedimentos utilizados durante todo o processo, bem como ilustrar o cenário da pesquisa.

Esse estudo parte da inquietação histórica acerca da dualidade entre o Ensino Médio Regular e o Ensino Médio Profissionalizante e das políticas públicas que veladamente, reforçam esse cenário. Fundamentado em estudos de referenciais teóricos e ordenamentos legais, os quais segundo Severino (2000): “são um conjunto de princípios, categorias e conceitos”, gerou-se um prognóstico, uma suposição de qual o impacto, o sentido que o Ensino Técnico Integrado possui para os sujeitos alunos. Partimos da hipótese de como o dualismo histórico na EPT, reflete no discurso dos alunos. Essa controvérsia geradora pode explicitar o insucesso ou sucesso das políticas públicas educacionais profissionalizantes para abastecer o mundo do trabalho e a pretensão de um apontamento de quem são beneficiados com essas políticas do Ensino Médio Integrado. Segundo Gohn (2005, p.263), “um problema de investigação só se explica se estiver relacionado ao referencial teórico que o gerou”. A questão ora exposta foi oriunda de leituras de autores como Paulo Freire, Gaudêncio Frigotto, Manuel Castells, entre outros; além de ordenamentos legais, artigos científicos, entrevistas, reportagens e vivência profissional da pesquisadora.

Esse estudo possui relevância no cenário educacional aliado ao mundo do trabalho, entendendo que o Brasil é um país culturalmente escravocrata<sup>21</sup>; situado por suas condições socioeconômicas na periferia do globo; novato na promoção da universalização da educação (política implantada para atender às necessidades mercadológica<sup>22</sup>); e politicamente

---

<sup>21</sup> Tem arraigado à sua cultura o despreço pelo trabalho braçal e a exploração da mão de obra, principalmente dos menos favorecidos socialmente.

<sup>22</sup> Conforme o modelo industrial e comercial foram se aprimorando, um novo perfil de funcionário emergiu, necessitando de pessoas com níveis de conhecimentos cada vez mais complexos.

desprovido de políticas de Estado<sup>23</sup>. Considerando a historicidade do país que demonstra a implementação de políticas públicas governamentais, que não visam garantir a equidade educacional, mas sim a promoção de frentes opostas para a conservação da manutenção econômica, subdividindo a escola supostamente em dois patamares: ensino propedêutico para a elite e o ensino técnico profissionalizante para as classes menos favorecidas, objetivando atender as demandas do mercado.

Temos uma dívida pedagógica que precisa ser saldada com a cultura popular, com a cultura familiar, doméstica, com a cultura juvenil - sobretudo em suas dimensões éticas e estéticas- de cuja ausência se alimentam os processos de artificialidade tão espalhados em nossas escolas e tão responsáveis pela extrema precariedade de conectivos sociais de que sofrem os processos escolares (LINHARES, 2002, p.119).

Diante dessa dívida histórica e situando-se em um regime democrático e igualitário, considera-se que analisar os cursos técnicos integrados ao ensino médio, na perspectiva do sujeito-aluno, é de grande valia para entender como essa modalidade de ensino tem se inserido na sociedade contemporânea, quais os propósitos estão efetivamente sendo direcionados e se esta oferta tem coerência com as necessidades atuais em termos sujeitos-alunos e sociedade; alienação ou libertação.

A sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque, implicando o enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva. A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada. Parta de quem parta, a sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens. Daí que seja doloroso observar que nem sempre o sectarismo de direita provoque o seu contrário, isto é, a radicalização do revolucionário. Não são raros os revolucionários que se tornam reacionários pela sectarização em que se deixam cair, ao responder à sectarização direitista. Não queremos com isto dizer que o radical se torne dócil objeto da dominação. Precisamente porque inscrito, como radical, num processo de libertação, não pode ficar passivo diante da violência do dominador (FREIRE, 1987, p.35).

É necessário assumir e entender a existência da sectarização<sup>24</sup>, Para tanto se faz necessário pesquisar além de referenciais teóricos e documentais; é preciso escutar os

<sup>23</sup>No Brasil existem políticas de governos que se apresentam em variadas frentes partidárias e não uma política de Estado que visa uma nação. A cada mudança de governo uma nova política se apresenta.

<sup>24</sup>Segundo Freire (ibid, p. 52), o sectário de esquerda, como o de direita, se põe diante da história como seu único fazedor, como seu dono, por isso o povo não tem importância, o reduzido a massa. O povo é apenas um meio para seus fins. O sectário procura pensar pelo povo e o vê como “menor” que deve ser protegido. Freire (ibid, p. 50-51) coloca a radicalização como oposta à sectarização. A radicalização é preponderantemente crítica, e dialógica, não procura impor sua opinião, é amorosa. Ela não admite comodismos diante do poder opressor que

sujeitos-alunos como integrantes do processo e contextualizar seus discursos com a literatura estudada, com a análise dos dados para interpretar a realidade em que se posicionam no sistema e articular todos os dados coletados, para produzir elementos que encadeiem transformações qualitativas no campo educacional, possibilitando uma “libertação” do dualismo opressor a que se subordinou o ensino técnico profissionalizante.

O Cenário da Pesquisa, foi escolhido, seguindo as linhas propostas nesse estudo, de analisar os sentidos atribuídos aos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, pelos sujeitos alunos do IFTM e estando essa pesquisadora localizada no município de Uberaba, Minas Gerais, foi feito um estudo prévio na localidade. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, IFTM, é a única instituição Federal que oferece cursos Técnicos Integrados na localidade.

A partir da escolha da Instituição, partiu-se para a seleção dos cursos a comporem esse estudo. O IFTM possui em Uberaba dois *campi*. O *campus* Uberaba foi o indicado em virtude de sua abrangência, importância na história da educação profissional do município, que o traz como primórdio da Instituição na região, bem como “berço” da Educação Profissional integrada ao Ensino Médio no município.

O *campus* Uberaba engloba três Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio: Administração, Agropecuária e Alimentos. Para se ter um perfil geral da situação proposta por esse estudo e uma análise global do *campus* os três cursos compõem o recorte populacional da pesquisa.

O Instituto Federal (IF) é uma instituição de natureza autárquica, segundo a expressão de origem grega “*autárkeia*” significa **comandar a si mesmo**. O que lhe concede autonomia administração administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, devendo revê-las e aperfeiçoá-las conforme suas demandas. Está vinculado ao Ministério da Educação-MEC e as suas diretrizes são supervisionadas pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC, a qual, conforme *site* do MEC, compete: Planejar, orientar, coordenar e avaliar o processo de formulação e implementação da Política de Educação Profissional e Tecnológica.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro- IFTM *campus* Uberaba, atua na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sendo acoplado pelos *campi* Ituiutaba, Paracatu, Patos de Minas, Patrocínio, Uberaba, Uberlândia, Uberlândia

Centro, e os *campus* Avançado Uberaba Parque Tecnológico e *campus* Avançado Campina Verde. A Reitoria do IFTM é localizada em Uberaba.

Fundado em 1953 como Centro de Treinamento em Economia Doméstica Rural, funcionava com a autorização da Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinária. Várias mudanças e denominações aconteceram em seu percurso, seguindo as políticas de cada governo até a Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, incumbida de transformar os Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica e Escolas Agrotécnicas- CEFETs em Institutos Federais.

O IF possui como missão, segundo disposto no *site* do mesmo: “Ofertar a Educação Profissional e Tecnológica por meio do Ensino, Pesquisa e Extensão promovendo o desenvolvimento na perspectiva de uma sociedade inclusiva e democrática”, o que significa que a Instituição foi criada, no intuito de promover e aprimorar a Educação profissional. Ao inserir em sua filosofia a pesquisa, extensão, tecnologia, inclusão e democracia, percebe-se um discurso voltado às necessidades contemporâneas. Essas questões permeiam esse estudo que investiga se essas políticas e filosofias estão atendendo aos fins a que se propõem, na perspectiva do sujeito-aluno.

Nessa perspectiva, na busca do contínuo aprimoramento da qualidade de seu ensino, em uma concepção de integração entre o desenvolvimento social, tecnológico e inovador, para atender não só as necessidades do mundo do trabalho, mas também da sociedade tecno-contemporânea, voltada à produção do conhecimento, é que se evidencia a relevância desse estudo na área educacional. Refletir sobre a finalidade, a escolha do curso técnico a partir do discurso apresentado pelos alunos, possibilita uma análise da efetividade das políticas públicas, em relação às expectativas e anseios dos alunos quanto ao curso escolhido.

O IFTM atua nas modalidades presencial e a distância, ofertando desde a educação básica, cursos técnicos, até a pós-graduação *stricto sensu*– mestrado. Oferece, também, cursos de idiomas em Inglês, Espanhol e Francês. Os três cursos analisados nesse estudo acontecem de forma presencial.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB n. 9394/96, em sua seção sobre a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, prevê o oferecimento dessa modalidade de ensino em duas perspectivas: subsequente para quem já concluiu o ensino médio ou articulada ao ensino médio, quando se cursa o técnico e o médio regular no mesmo período de tempo. A forma articulada se subdivide da seguinte forma: integrada quando a matrícula é única, com oferecimento do curso técnico e do ensino médio em uma mesma instituição. Concomitante,

quando se faz necessário duas matrículas distintas, os cursos são independentes, ainda que sejam ofertados pela mesma instituição.

No IFTM a Educação Profissional Técnica de Nível Médio é desenvolvida na forma articulada ao ensino médio, podendo ser integrada, com matrícula e conclusão única no IF, ou concomitante com matrículas em instituições distintas, o aluno cursa o ensino médio regular em outra instituição e o técnico no Instituto Federal. Os cursos técnicos em administração, alimentos e agropecuária, recortes desse estudo, são oferecidos, de forma articulada e integrada.

A aplicabilidade da pesquisa ocorreu em etapas, primeiramente foi solicitada à Instituição autorização para a aplicabilidade da pesquisa, posteriormente foi feito com os alunos uma sensibilização da pretensão da pesquisa, bem como de seus objetivos e trajetória metodológica.

Por se tratar de alunos participantes, menores de idade, foi solicitada autorização dos pais ou responsáveis, permitindo que os mesmos se integrassem à pesquisa. Pautado em uma ação democrática, não houve obrigatoriedade na participação, sendo livre a decisão, porém ao assumirem o compromisso, os alunos assinaram um termo de comprometimento.

Foram realizados sete encontros, com grupos de aproximadamente seis alunos, totalizando quarenta alunos entrevistados, escolhidos entre os que se manifestaram favorável à participação. Foi previsto para cada encontro uma duração de aproximadamente trinta minutos, porém o tempo previsto foi ultrapassado na maioria dos grupos focais. O local escolhido para a realização da pesquisa foi o próprio *campus* Uberaba, na intenção de propiciar uma familiaridade com o local aos entrevistados, foi utilizado a sala de reuniões.

A linguagem utilizada por parte da pesquisadora foi a mais próxima da utilizada pelos alunos, buscando-se uma isonomia horizontal entre pesquisador e participantes. Todos os encontros, com as devidas autorizações foram gravados para comprovação da veracidade, os mesmos serão preservados pelo prazo mínimo de cinco anos. O sigilo nominal foi assegurado durante todo o processo.

A pesquisa é uma apropriação intelectual da realidade, que interpreta dados e produz saberes e reflexões. É fundamentada nos referenciais teóricos e validada nos procedimentos metodológicos. Segundo Gohn (2005, p.263): “a metodologia é a doutrina e teoria do método [...] e o quadro teórico um conjunto de princípios, categorias e conceitos”. Nesse sentido, a teoria é uma diretriz que deve ser articulada com a interpretação dos dados coletados.

No procedimento metodológico desse estudo é preponderante a abordagem qualitativa que se caracteriza por examinar aspectos mais profundos e subjetivos do tema em estudo, os

dados são preponderantemente descritivos, busca-se o que é comum na individualidade dos sujeitos. De acordo com Bogdan e Bicklen (2003, p.25): “ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, com o significado e com o processo da análise indutiva”, são características que conceituam a pesquisa qualitativa. O presente estudo, quanto à sua natureza, se constitui em uma pesquisa qualitativa descritiva. O método se incorpora a técnicas de pesquisas, como à análise de discurso e ao grupo focal, que complementam a estruturação e análise dos dados.

Não basta, porém, registrar as representações dos sujeitos, elas podem expressar formas de ver e pensar, mas o pesquisador tem que ir além delas. É necessário localizar as falas e as representações no universo de valores daquelas personagens; buscar explicar as matrizes que organizam esses valores, os interesses que os condicionam, as estruturas econômicas e culturais que propiciam aquelas representações; quais negam e quais reafirmam a condição socioeconômica e cultural daquelas personagens; quais as culturas de resistência existentes, quais os jogos de linguagens e de que tipo de comunicação elas se estruturam. Em suma, fazer uma pesquisa, segundo o método dialético, pressupõe desenvolver um pensamento crítico (no sentido de não aceitar a primeira explicação, mas questioná-la, buscar superá-la), historicizar a escola e seus problemas, localizá-la em seu território, buscar seus laços de origem e pertencimentos, resgatar a cultura de seus membros e do local, recuperar a história de vida dos sujeitos, indagar sobre os projetos implementados pelas estruturas superiores, captar as ênfases das políticas que estão sendo desenvolvidas etc. (GOHN, 2005, p.270).

Nesse sentido, essa pesquisa possui uma mobilidade quanto a sua evolução nas reflexões críticas acerca dos seus objetivos, o que pode ultrapassar, ir além da hipótese levantada inicialmente. Os grupos focais são de extrema riqueza para a coleta de dados dessa pesquisa; uma vez que eles possibilitam uma exploração da visão crítica dos alunos em relação aos sentidos que os mesmos atribuem ao Curso Técnico Integrado no *campus* Uberaba do IFTM e sua contribuição para sua cidadania.

Os procedimentos metodológicos, selecionados para compor esse estudo, encontram-se constantemente articulados, na proposição de uma unidade. A análise do discurso dos alunos, aliados às coletas dos questionários e aos referenciais teóricos, possibilitam a partir do cotidiano dos sujeitos-alunos, de seus anseios, desafios e contexto histórico, uma criticidade mais refinada sobre o objeto e o objetivo proposto.

A pesquisa bibliográfica vem colaborar na pesquisa fornecendo embasamento teórico sobre o tema em questão. Apesar de ser considerada uma fonte secundária, ela fornece subsídios sobre o tema que ajudarão na compreensão, aprofundamento do problema proposto e fornecem sustentação para análise dos dados. Segundo Nóbrega-Therrien e Therrien (2004), "a Revisão de Literatura tem por objetivo desenvolver a base teórica de sustentação e análise

do estado, ou seja, a definição das categorias centrais da investigação. Seu procedimento se constitui de levantamento bibliográfico para compreensão e explicação de teorias e categorias relacionadas ao objeto de investigação identificado".

Objetivando garantir a originalidade científica, a pesquisa bibliográfica desse estudo foi elaborada a partir do levantamento de referências teóricas, publicadas por meios escritos e ou difundidas por meios eletrônicos, como livros, revistas, periódicos, artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Inicialmente, foi realizado um estudo preliminar, sobre o tema e a abordagem filosófica social proposta. Na pretensão de colaborar com a fundamentação teórica e crítica e propiciar um diálogo dos fatos, com a intenção do conhecimento exposto ir além de inferir reflexões no colapso social educacional, foi proposto um estudo histórico e sistemático sobre o tema; denominado de estudo do estado da arte<sup>25</sup> ou do conhecimento. Segundo Romanowski e Ens (2006)," por meio do levantamento bibliográfico, o Estado da Arte reflete o ápice científico ou filosófico, o estágio mais avançado de conhecimento que se chegou".

Nos últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação *estado da arte* ou *estado do conhecimento*. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p. 258).

A pesquisa de Estado da Arte tem como propósito a superação da estagnação de sua concepção, podendo partir da contribuição de trabalhos já publicados e possuir fundamento ascendente para pesquisas posteriores.

A pesquisa documental é uma técnica próxima da pesquisa bibliográfica, o que as diferem são a natureza das fontes. Conforme dispõe Marconi (2002): "A pesquisa documental

<sup>25</sup> As pesquisas denominadas Estado da Arte constituem forte apressamento entre os estudiosos da Educação. Pode-se conceituá-la como um tipo específico de pesquisa em que se pretende analisar como se encontra o conhecimento naquele momento, não por outro motivo, esta espécie também recebe o nome de Estado do Conhecimento. Na prática, o objetivo científico é realizar uma busca pelo o que já foi publicado sobre determinado assunto em um dado período, na tentativa de identificar uma organização da produção, identificando prontos convergentes e divergentes. O Estado da Arte, então, representa um estudo histórico e sistemático, com o objetivo de delimitar o que pensam os autores sobre o tema, para evitar a realização de uma pesquisa cujo assunto já tenha sido sedimentado ou saturado. Este tipo de pesquisa também pode ter por norte agregar mais conhecimento para determinada temática, sendo necessário retomar o que já foi escrito. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/53331/sobre-um-conceito-de-estado-da-arte>>

é a coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas”.

O levantamento referente a investigação documental foi de suma importância nesse estudo, sendo o dispositivo legal que permitiu conhecer todo o cenário exposto da instituição em suas diferentes esferas como IF, IFTM, campus Uberaba, e concedeu a diretriz de suas filosofias, princípios, objetivos e operacionalização do curso em tela. Fez-se igualmente relevante como subsídio do arcabouço legal que envolve o objeto de estudo.

A entrevista é a técnica mais utilizada em pesquisa, permite um contato direto e próximo do pesquisador com os indivíduos envolvidos no processo. Possibilita que o pesquisador se inteire das opiniões, sugestões, anseios, desafios e conquistas do entrevistado em relação ao objeto de pesquisa.

A técnica de entrevista selecionada para a coleta de dados que subsidia a investigação proposta por essa pesquisa é a entrevista semiestruturada. Tal escolha se justifica por propiciar ao pesquisador certa “mobilidade” na condução das questões, podendo manifestar novas hipóteses caso as mesmas surjam durante o processo.

Foram acopladas à técnica de entrevista outras duas técnicas; a da análise do discurso, em que a palavra, o discurso dos alunos é o objeto, instrumento de pesquisa e a do grupo focal, técnica que envolve um grupo de discussões com temas preestabelecidos. Nesse tripé encontra-se o recurso que irá propiciar a análise dos dados, apoiado no referencial teórico, quanto aos objetivos aqui propostos para conclusão da pesquisa.

Para se obter os sentidos dos Cursos Técnicos para os sujeitos-alunos do curso Médio Integrado do IFTM- *campus* Uberaba, houve a intenção na pesquisa de dar voz aos alunos. Sendo o discurso a materialização pela língua, essa se constitui um objeto de coleta dessa pesquisa.

Considerando que o sujeito-aluno não é um ser humano individualizado e sim um ser social, sua linguagem corresponderá sempre a um momento histórico e social de como esse sujeito constrói significação para sua vida, para sua linguagem. Por isso conforme defende Fernandes (p.3): “Compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz”. Ouvir o aluno a partir de sua linguagem sem preconceito linguístico e sem higienizar a linguagem. É o significado da palavra em seu momento histórico e contexto social, ideológico, o discurso assumido pelo sujeito, indica suas reflexões e concepções a cerca de um determinado assunto.

Para a Análise do Discurso, não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem uma existência individualizada no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar social, histórica e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes. Assim, as noções de polifonia, heterogeneidade e identidade também constituem objeto de reflexão e são necessárias para se compreender o que chamamos sujeito discursivo (FERNANDES, 2009, p.7).

A escolha de se utilizar a A.D. nessa pesquisa parte da possibilidade de interiorizar os sentidos que os alunos do IFTM atribuem ao curso técnico integrado e a matéria que o compõe como estrutura, didática, perspectivas passadas, futuras e outras questões que envolvam o curso integrado no IFTM.

Para analisar o discurso como ciência, necessário se faz transpassar ao senso comum sobre o discurso, compreende-lo como um objeto de estudo que apresenta contrastes que se posicionam diferentes da natureza linguística e assumem posições ideológicas que indicam posicionamentos históricos, sociais. Segundo Ferreira (2009) o discurso não é a língua (gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real.

Compreender A.D. é compreender que o sujeito é composto de experiências, memórias, conhecimentos e posicionamentos que ao contrário da linguística, não são estáticos, por isso seu discurso está em constante elaboração de personalidade e se faz presente em determinado contexto de vida. A manifestação da linguagem na análise do discurso possui um "efeito de sentidos", que é o significado da palavra para o sujeito conforme sua realidade e vivência de mundo, seu posicionamento histórico, social ideológico. o contraste existente nesses "efeito de sentidos" ocorre por possibilitar conceber, em uma mesma situação, sentidos divergentes linguísticos. Essa elucidação exige do pesquisador um rigor de análise na fidedignidade da interpretação dos discursos, o que se faz possível somente quando se compreende o sujeito como ser coletivo, histórico, social em mutação de posicionamentos e desprendimento lexical em prol dos sentidos dos sujeitos. Conforme Ferreira (2009) "de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico". Ainda segundo o autor: "um "eu" implica outros "eus" e o outro se apresenta como uma condição constitutiva do discurso do sujeito, afinal, um discurso constitui-se de outros discursos e sofre (trans) formações na história". Nesse entendimento um discurso é composto de vários discursos, fragmentados, interpretativos, adicionados de concepções individuais que emanam de um coletivo. Nesse sentido, um tema proposto para análise em grupo, gera diferentes discursos e posicionamentos, concebendo uma retroalimentação de discursos ao se contestarem e se complementarem pelos sujeitos discursivos.

Ao lado das noções de língua, linguagem e fala, acrescenta-se a noção de discurso como um objeto específico, de difícil apreensão, cuja natureza constitutiva traz em si contradições que funcionam como regularidades, como coerência, como estrutura argumentativa, aspectos que rompem a perspectiva da análise textual e/ou comunicacional (FERREIRA, 2009).

A A. D. implica interpretações conforme dispõe o autor "a forma de dizer, a presença do não dito fazendo sentido nas entrelinhas do que é dito." Dentro dessa perspectiva discursiva se faz necessário analisar os fragmentos dos discursos, sua intencionalidade e sentido ideológico.

O analista deve reporta-se a uma materialidade linguística, compreendida como materialização de discursos, cuja compreensão e/ou explicação faz com que recorramos a aparatos teóricos fora da Linguística e tragamo-los para seu interior. Noutros termos, tratamos de problemas de linguagem humana, objeto de investigação científica próprio da Linguística, que impõem uma revisão teórica para que sua interpretação seja alcançada (FERREIRA, 2009).

A A.D. associada ao grupo focal, produz discursos que se debatem em uma perspectiva coletiva de interação e compreensão do todo do objeto estudado. Os discursos dos alunos ao se confrontarem ou se completarem entre si, possibilitará a esse estudo um sentido atribuído aos alunos sobre o curso técnico integrado ao ensino médio, localizando-se na historicidade do momento, do espaço social em que estão inseridos, revelando à essa pesquisa como a dualidade histórica na EPT se assume nesse contexto. Poderá possibilitar novas perspectivas de referencial teórico caso se comprove contrária às literaturas expostas nesse estudo.

O Grupo Focal<sup>26</sup> foi escolhido como técnica de pesquisa por ser uma técnica de grupos de discussões, o que desinibe, de certa maneira, os alunos e produz um enriquecimento nas respostas, considerando que elas se complementam ou se descartam conforme o discurso e a anuência do grupo de alunos. Dispõe de temas pré-estabelecidos a serem expostos e discutidos pelos sujeitos participantes com a pretensão de se obter dados qualitativos para subsidiarem a pesquisa. A utilização da coleta de dados, estruturada em grupos focais, possibilitou à essa pesquisa uma abrangência da percepção dos sentidos atribuídos ao curso técnico integrado ao ensino médio pelos alunos do IFTM.

---

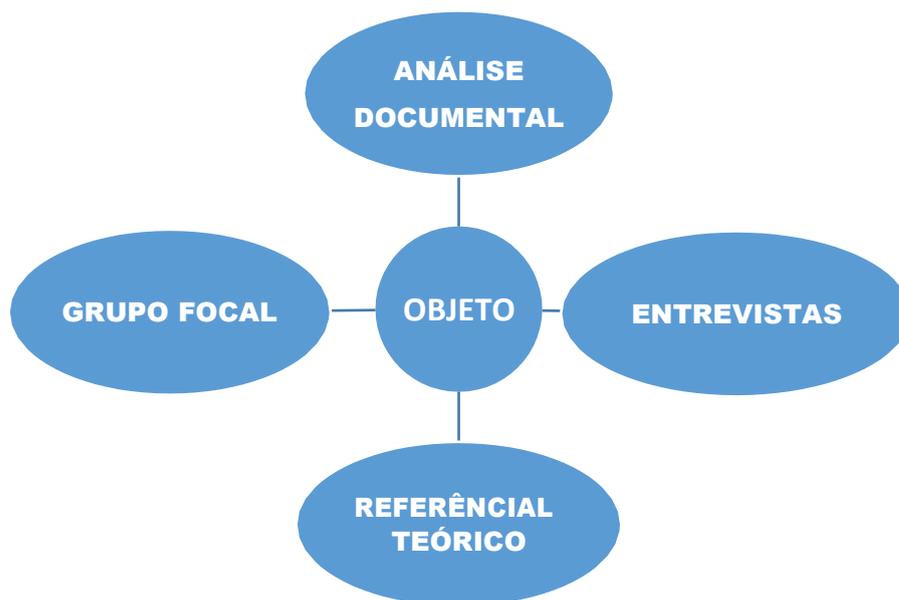
<sup>26</sup>A técnica de pesquisa com o GF foi descrita e publicada no ano de 1926, em um trabalho de Bogartus, nas Ciências Sociais, como entrevistas grupais. Depois, em 1946, durante a 2ª Guerra Mundial, foi usada por Merton & Kendall, para investigar o potencial de persuasão da propaganda de guerra para as tropas. E, em 1952, Thompson & Demerath estudaram sobre fatores que afetavam a produtividade de trabalhos em grupo. Na área de marketing, a mídia utiliza largamente a mesma técnica, valorizando-a pelas condições de baixo custo para sua operacionalização e pela rapidez em obter dados confiáveis e válidos (RESSEL, 2008).

Salienta-se que houve o cuidado da pesquisadora em se atentar e se conter durante as entrevistas, conversas grupais, para não interferir, ainda que involuntariamente, no processo, induzindo de forma gestual ou oral algum participante. O mesmo cuidado foi aplicado na análise de dados, em que a pesquisadora buscou certo distanciamento do objeto em suas interpretações, afastando-se de seus particularismos histórico-culturais e seguiu fidedigna ao discurso dos alunos.

A triangulação na análise dos dados é uma combinação da utilização de várias técnicas de coletas de dados e evidências, em que se define o sujeito, o objeto e o fenômeno que formarão esse tripé na pesquisa. Segundo Tiviños (1987, p. 43): “a técnica de triangulação tem como propósito básico abranger a máxima amplitude na descrição, na explicação e na compreensão do objeto em estudo”.

É uma maneira de dialogar com as técnicas utilizadas, complementando e aprofundando a análise dos dados. Sua utilização para compor esse estudo foi proposta na intenção de se ter uma análise global dos dados coletados e não fragmentada de forma isolada como se não compusessem o todo.

**Figura 1:** Análise Global de dados

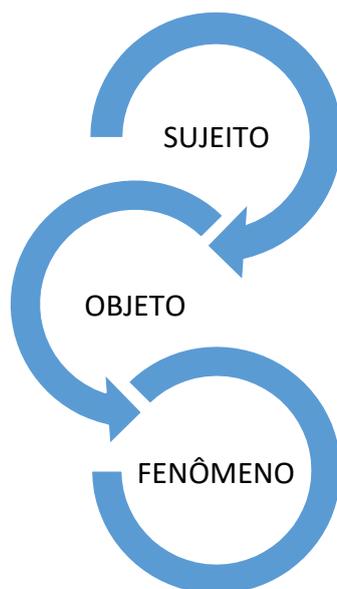


**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisa  
Ilustração elaborada por Elaine Fidelis (2018)

A figura acima ilustra os recursos utilizados durante a trajetória metodológica da pesquisa e todos os resultados se direcionam para análise e conclusão de um único objeto. Na

contemplanção do diálogo de todas as técnicas é possível chegar a um panorama de forma mais precisa e fidedigna do fato.

**Figura 2:** Triangulação sujeito-aluno, objeto de estudo e fenômeno.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisa  
Ilustração elaborada por Elaine Fidelis (2018).

A figura demonstra a relação da triangulação, ilustrando seu sujeito aluno; o objeto de estudo- discurso dos mesmos - e o fenômeno que é a indagação dessa pesquisa e o que se propõe a responder: Como o dualismo histórico na EPT reflete no discurso dos alunos do curso técnico integrado ao ensino médio? As análises e resultados desse estudo, encontram-se descritos e ilustrados no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS

O mundo da liberdade pressupõe imperativamente  
a “riqueza” do mundo da necessidade.  
Frigotto

O presente capítulo apresenta a análise dos dados coletados em entrevistas realizadas com grupos focais, subdivididos por ano e curso técnico integrado do IFTM- *campus* Uberaba. Participaram desse estudo quarenta alunos.

Ressalta-se que a pesquisa foi realizada no IFTM, com alunos do curso técnico integrado ao ensino médio do IFTM, por uma aluna mestranda do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do IFTM. Há de se considerar a hipótese de a situação descrita produza uma fragilidade na fidedignidade dos discursos, independentemente da não percepção de inibição por ambas as partes ao falar e expor os seus sentimentos, concepções no ato da aplicação da entrevista, nos grupos focais.

A análise foi estruturada por eixo temático de perguntas<sup>27</sup>, desenvolvida em duas etapas distintas: a primeira consiste em uma análise quantitativa, preliminar das respostas, por grupo focal e uma condensação dos resultados gerais, o qual propiciou legitimar a subdivisão por eixo temático de perguntas. Para tanto, o roteiro de entrevistas (apêndice A), utilizado na coleta de dados, foi subdividido em onze perguntas mestres (apêndice K), conforme a pertinência do assunto, para posteriormente, na segunda etapa, serem agrupados em cinco vertentes, no intuito de propiciar uma interlocução entre o referencial teórico, documental e a análise do discurso dos alunos, referencial metodológico que possibilitou uma sondagem da materialidade linguística para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A primeira etapa da análise dos dados encontra-se detalhada no apêndice K, sendo apresentadas individualmente as onze perguntas por curso; Agropecuária - 16 alunos de quatro turmas, Administração - 17 alunos das três turmas e Alimentos - 07 alunos de turma única. Posteriormente foram reunidos em uma análise geral envolvendo os 40 alunos dos três cursos.

A seguir analisaremos, por eixo, os gráficos ilustrativos das respostas compondo o toda-as tabelas correspondentes a cada curso e os fragmentos dos discursos dos alunos,

---

<sup>27</sup> As perguntas foram associadas em blocos respeitando-se a abrangência do assunto, para uma maior compreensão do todo.

buscando, nesses fragmentos, a representatividade nas questões e correlacionando-as com o referencial teórico.

Os cinco eixos temáticos são compostos pelas seguintes questões:

#### **4.1 Eixo 01- IFTM**

- a) -Sobre o IFTM (4.1.1.1-estrutura, 4.1.1.2- ensino);
- b) -Sobre a escolha de vir estudar no IFTM cursar o curso Técnico Integrado ao ensino médio, pelo Ensino Médio ou pelo Curso profissionalizante?
- c) - Após a experiência do curso Técnico Integrado, hoje, você optaria em cursar somente o Ensino Médio ou continuaria no curso Integrado ao Médio?

#### **4.2 Eixo 02- Sobre o Curso**

- a) -Pretende atuar na área?
- b) -Pretende fazer uma graduação?
- c) -O Curso Técnico que você cursa é valorizado?

#### **4.3 Eixo 03- Compreensão de Mundo**

- a) -O curso lhe propiciou uma maior criticidade enquanto cidadão?

#### **4.4 Eixo 04- Interdisciplinaridade**

- a) -Se já foi realizado algum trabalho interdisciplinar, entre o ensino profissionalizante e a base nacional comum?
- b) -Os professores do técnico e do médio programam suas aulas em uma perspectiva interdisciplinar?
- c) -A interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento?

#### **4.5 Eixo 05- Ampliação**

- a) -O IF deve ampliar a demanda de oferta dos cursos técnicos?

## 4.6 Estudo do Eixo 01- IFTM

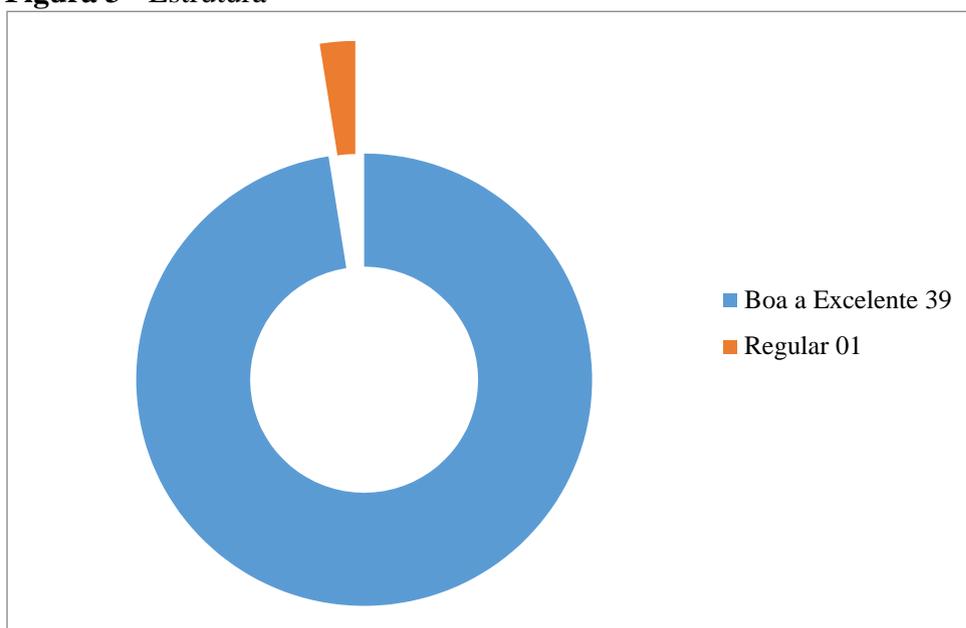
Diante da pesquisa bibliográfica exposta no Capítulo I, sobre a importância da Rede Federal na educação profissional no país, e igualmente, do IFTM na mesorregião do Triângulo Mineiro; dos treze anos de expansão expressiva dos IFs e da importância da Rede, segundo site do MEC: “as experiências desenvolvidas na Rede Federal constituem-se em uma referência”. Nesse eixo procurou-se saber a opinião dos alunos quanto ao IFTM, de um modo geral, quanto a sua estrutura, qualidade de ensino, preparação para o ENEM e o porquê escolheram estudar no Instituto.

### 4.6.1 Sobre a estrutura do IFTM

Quanto à estrutura é quase unânime a positividade, houve apenas um aluno que a classificou como regular, porém quase metade dos alunos vislumbram a necessidade de manutenção e reparos no *campus*. Conforme o replanejamento das metas a serem alcançadas pelo IFTM no ajuste para 2018 do Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI do IFTM<sup>28</sup>. O objetivo 21 prevê a promoção, a expansão e modernização da infraestrutura física no campus Uberaba, a previsão para a meta 1 é de ampliação de 03 salas de aulas e na Meta 4 é a readequação da infraestrutura atual (reformas/adaptações). Porém, é indicado na justificativa dos mesmos:

---

<sup>28</sup> O PDI do IFTM é dividido por objetivo e metas para cada campus e encontra-se disponível no site da instituição.

**Figura 3 - Estrutura**

Fonte: FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

**Tabela 01: Demonstrativo por curso**

	Alunos	Sim	Não	Talvez	Observação
Agropecuária	16	*93,7%	6,25%		*12 alunos apontam a necessidade de manutenção
Administração	17	*100%	0	%	*06 alunos apontam a necessidade de manutenção
Alimentos	07	100%	0		
Total	40	*97,50%	2,50%		*18 alunos apontam a necessidade de manutenção

Fonte: FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

### Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a estrutura do IFTM – Campus Uberaba:

A estrutura eu acho ela **razoável**, porque a gente tem algumas instalações que funcionam bem, outras nem tanto. (Aluno de Agropecuária)

Em questão de estrutura eu acho muito boa, mas é um pouco desgastada (Aluno de Agropecuária).

A estrutura aqui no campus é **extraordinária** (Aluno de Administração).

O IF tem uma estrutura **muito boa**, consegue atender a gente, as necessidades. A gente tem algumas falhas em alguns campos, mas são mínimos, e dá para resolver (Aluno de Administração).

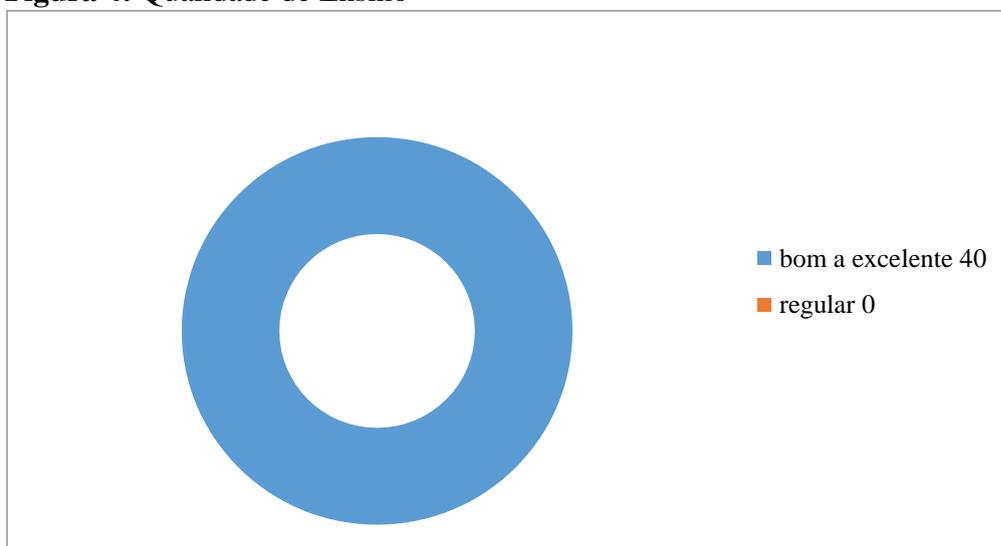
A estrutura aqui é muito **boa** (Aluno de Alimentos).

Eu achei a escola **maravilhosa**, em todos os sentidos, estrutura, ensino (Aluno de Alimentos).

#### 4.6.2 Sobre o ensino no IFTM

A qualidade do ensino tanto da base nacional comum, quanto em relação à preparação para o ENEM, é considerada excelente, muitos destacaram a qualificação profissional e pessoal dos docentes. O que demonstra que o IFTM e as políticas implementadas pela instituição estão coerentes com seus objetivos e valores<sup>29</sup>, principalmente na “Excelência na gestão educacional e valorização das pessoas”.

**Figura 4:** Qualidade de Ensino



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).  
**Leitura:** Apêndice K

**Os professores são muito bons**, todos eles tem ótimas qualificações e eles tentam passar o máximo para a gente (Aluno de Agropecuária).

**O ensino é excelente**, eu vim de uma escola particular, eu achei que o ensino se compara, o ensino é muito bom (Aluno de Agropecuária).

Os professores não só preparam para o ENEM, como todos os professores de escola de ensino médio, mas também preparam para a vida. **Eles conseguem passar o ensinamento não sendo só usado aquele pensamentinho fixado e pronto para realizar uma prova**, mas aqui no Instituto eles preparam o aluno para que ele possa sair daqui não só indo para o mercado de trabalho, não só indo para o Enem, mas para que eles possam sair daqui formado e com uma base de vivência dentro do próprio mundo (Aluno de Administração).

**Eu queria complementar que por ser um ensino bom e tudo, aqui exige da gente também maturidade** a mais, ou seja, uma formalidade um pouco a mais. Então, a gente já entra na faculdade com esse pensamento. Um pouco mais maduro, um pouco mais formalzinho, digamos assim. Então isso vai preparando de todas as formas, igual a gente como técnico, no final do terceiro tem que defender o estágio, defender TCC no caso, a gente já entra na faculdade com noção do que é isto. Você

<sup>29</sup> Todos os valores da instituição encontram-se disponíveis no site do IFTM.

não entra cru, você já entra sabendo como funciona a Faculdade (Aluno de Administração).

**Os profissionais que estão aqui dentro são modelos** para que a gente possa dar continuidade aos nossos estudos (Aluno de Administração).

O IF é uma oportunidade boa de vir a **ter um ensino de qualidade** (Aluno de Alimentos).

**Ensino gratuito de qualidade**, achei bom entrar aqui para ter um ensino médio bom, para ter uma boa formação para o Enem... me amadurece muito (Aluno de Alimentos).

Devido à expressividade nos discursos, da maioria dos alunos do curso de Agropecuária, em relação à insegurança profissional que sentem, ocasionada pelas poucas aulas práticas, essa pesquisadora se posicionou na obrigação de acrescentá-la a esse estudo no intuito de contribuição a possível revisão pedagógica da questão. Conforme demonstram citações abaixo:

Na área técnica eu não pretendo muito seguir não, igual todo mundo falou, **o curso é bom, mas falta muita prática**, e isso acaba não dando base certa para a gente, se for pra gente fazer, a gente não conseguiria (Aluno do 1º ano de Agropecuária).

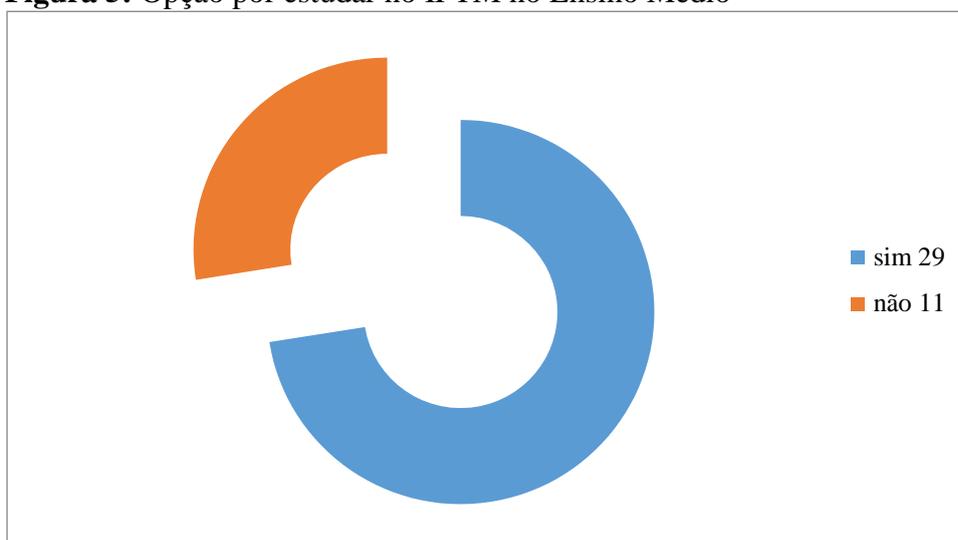
Os professores são graduados, concursados, tem mestrado, essas coisas. **Só que na parte do técnico os professores meio que só investe na teoria e a prática não tem tanta importância para eles** (Aluno do 2º ano de Agropecuária).

**Na sala de aula eles falam que tem que ser de um tal jeito, na teoria, e chega lá pra gente conhecer quando a gente tem alguma aula prática, não é daquele jeito que eles falaram na teoria.** Isso deveria melhorar (Aluno do 2º ano de Agropecuária).

Se fosse para eu exercer algo na área do curso técnico eu ficaria com medo, porque **tem algumas partes dos cursos que eu não vou conseguir fazer** (Aluno do 3º ano de Agropecuária).

4.6.3 Sobre a escolha de estudar no IFTM, cursar o curso Técnico Integrado ao Ensino Médio, veio pelo Ensino Médio ou pelo Curso profissionalizante?

A grande maioria soube do IFTM ou decidiu cursar o curso técnico integrado ao ensino médio por influência de terceiros, geralmente familiares que trabalham, estudam ou possuem contato com alguém nessa situação. Como era previsto na hipótese inicial, 73% dos alunos optaram estudar no IFTM visando o Ensino Médio.

**Figura 5:** Opção por estudar no IFTM no Ensino Médio

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

**Tabela 02:** Demonstrativo por curso

	Alunos	E.M	E.T	Talvez	Observação
Agropecuária	16	37,50%	62,50		
Administração	17	70,59%	29,41%		
Alimentos	07	100%	0		
Total	40	62,50%	37,50%		

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

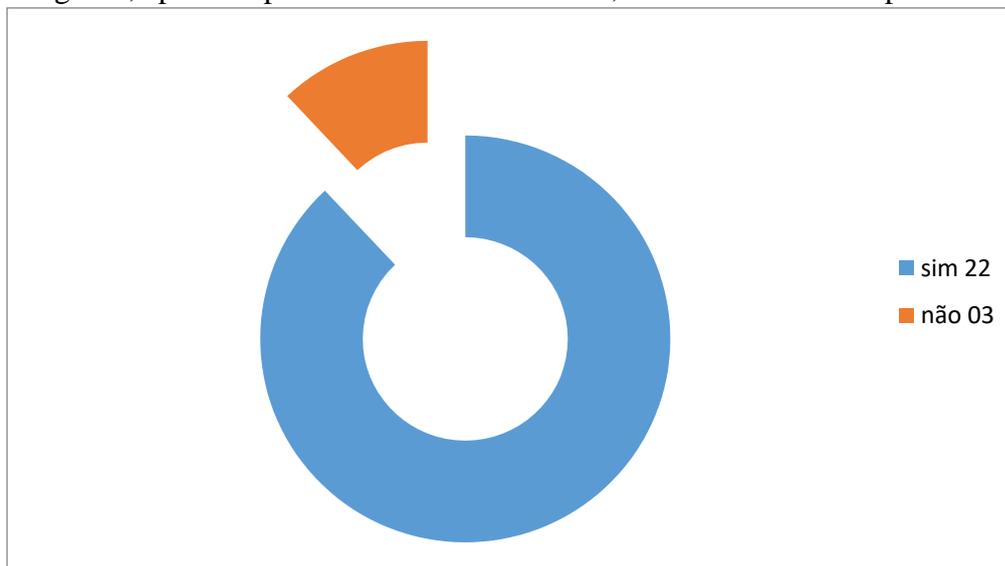
Leitura: Apêndice K

4.6.4 Após a experiência do curso Técnico Integrado, hoje, você optaria em cursar somente o Ensino Médio ou continuaria no curso Integrado ao Médio?

Caso o IFTM oferecesse o ensino médio regular e o ensino técnico integrado ao médio, após a experiência deles pelo técnico integrado, foi questionado por qual modalidade de ensino eles optariam depois da experiência em cursar o curso técnico integrado, e 88% responderam que optariam em cursar o Técnico Integrado ao Ensino Médio. As respostas foram inesperadas pela pesquisadora, que inicialmente havia levantado a suspeita dos alunos terem vindo para o IFTM em busca, primordialmente, do Ensino Médio.

Foi utilizado como referencial para análise, apenas os 25 alunos que dos 40, manifestaram inicialmente terem vindo para o IFTM, movidos pelo ensino médio.

**Figura 6:** Alunos que vieram para o IF pelo Ensino Médio e optariam pelo curso Técnico Integrado, após a experiência do curso Técnico, caso houvesse duas possibilidades.



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

**Tabela 03:** Demonstrativo por curso

	Alunos	Sim	Não	Talvez	Observação
Agropecuária	06	100%	0		Foi utilizado como referencial, apenas os 25 alunos que dos 40, manifestaram inicialmente terem vindo para o IFTM, movidos pelo ensino médio.
Administração	12	75%	25%		
Alimentos	07	100%	0		
Total	25	88%	12%		

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a opção em cursar hoje o ensino técnico integrado ao ensino médio ou somente o ensino médio:

**Eu continuaria no Integrado**, porque além de você ter um conhecimento a mais que um aluno normal não teria, você ganha dois diplomas, aí você sai bonito no currículo (Aluno de Agropecuária).

**Eu preferiria fazer só o ensino médio** porque aí você teria a tarde livre para focar nas matérias, no que cai no ENEM, outras coisas (Aluno de Administração).

Bom, **eu gosto da forma como é integrado**, é difícil, agora é uma coisa mais pesada, mais cansativa, sim. Mas a gente tem que pensar no nosso futuro e no futuro a gente vai sair com duas formações (Aluno de Administração).

Os dois serviram para **optaria pelo médio junto com o técnico** (Aluno de Alimentos). mim, mas

Após análise do eixo I, percebe-se no discurso dos alunos o salutar prazer de se estudar no IFTM. A qualidade do ensino e dos docentes é ressaltada e valorizada. A estrutura necessita de reparos e ou manutenções, mas esse fato não interfere no mérito da instituição e em sua qualidade de ensino. Outra notória na análise do discurso dos alunos nesse eixo, é quanto a relevância do curso técnico integrado ao ensino médio para o futuro e aprimoramento de seus conhecimentos.

#### **4.7 Estudo do Eixo 02- Sobre o Curso**

Nesse segundo eixo, houve a intenção de se investigar qual a perspectiva profissional dos alunos em relação ao curso técnico que estão cursando, se há pretensão de atuarem na área; se acreditam que o curso técnico que estão cursando é valorizado financeiramente, como ele é visto perante o “olhar” da sociedade e se há pretensão de continuarem os estudos superiores, isto é, de cursarem uma Faculdade ou se apenas o curso técnico o satisfazem profissionalmente.

Nesse bloco de perguntas foi indagado em alguns grupos focais como os alunos veem o curso técnico, se creem haver dualidade entre o ensino médio e o ensino técnico, conforme é disposto no referencial bibliográfico que dá embasamento a este trabalho.

Em relação a concepção da escola, o eixo básico centra-se na questão da escola unitária, formação tecnológica ou politécnica e no aprofundamento do sentido e das implicações político-práticas de tornar-se o trabalho como princípio educativo. Trata-se de uma perspectiva que demarca, [...] uma clara contraposição às teses do neoconservadorismo que, definido o mercado como o sujeito regulador da concepção e da organização da educação, tende a eternizar a concepção instrumentalista, dualista, fragmentária, imediatista e interesseira de formação humana (FRIGOTTO, 1999, p.49).

##### **4.7.1 Quanto à pretensão de se trabalhar na área**

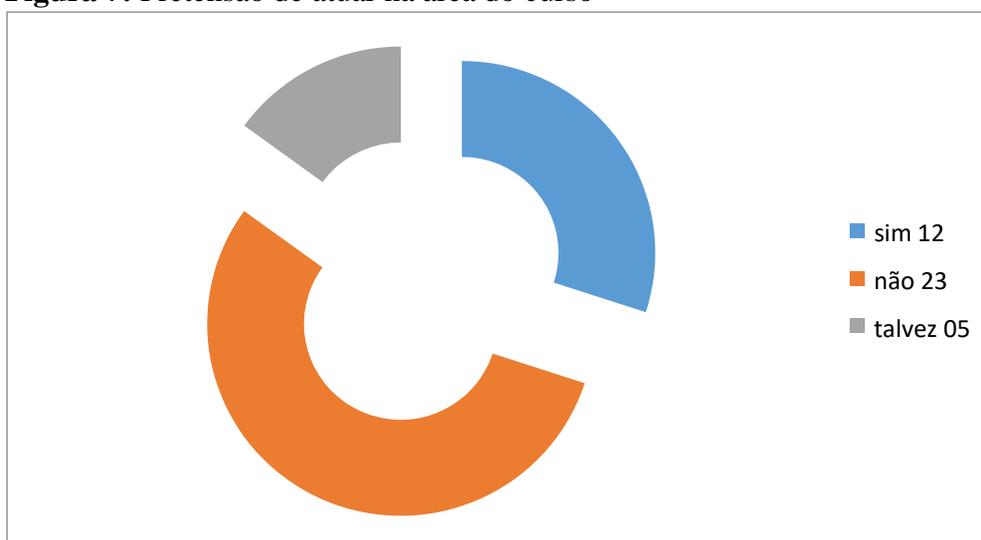
Conforme ilustração observa-se perfil diferenciado para cada curso técnico integrado, em relação ao desejo de atuar na área. A maioria dos alunos, 82% em Administração, não pretende trabalhar na área, mas veem o curso técnico como diferencial para a vida e um modo de sobrevivência para custear o período da etapa posterior, isto é, dos seus estudos superiores, onde iriam se dedicar à profissão escolhida. Todos os alunos, em seus discursos, enaltecem o diferencial do curso para a sua vida pessoal. Os estudantes de Agropecuária, por sua vez, manifestam o oposto: a maioria, 62,5%, pretende atuar e prosseguir seus estudos na área. Os

alunos de alimentos, por sua vez, veem o curso como um mercado em expansão, mas não manifestam a certeza de atuarem na área, ainda encontram-se indecisos em relação a essa questão. Conforme bem pontua Ramos (2005):

Hoje não discutimos a preparação profissional no ensino médio como uma política compensatória para aqueles que não teriam acesso ao ensino superior; nem como uma necessidade da economia brasileira. Lembremos que iniciamos este texto defendendo a necessidade de se desvincular as finalidades do ensino médio do mercado de trabalho e colocá-las sobre as necessidades dos sujeitos. Portanto, defendemos a possibilidade do ensino médio integrado à educação profissional por razões ético-políticas<sup>30</sup>, posto que a profissionalização de jovens é tanto uma necessidade quanto uma possibilidade para que o enfrentamento das adversidades econômicas seja feita mediante uma referência identitária relevante para os sujeitos, qual seja, a de ser profissional de uma área. Não obstante, o que perseguimos não é somente atender a essa necessidade, mas mudar as condições em que ela se constitui. Por isto, é também uma obrigação ética e política, garantir que o ensino médio se desenvolva sobre uma base unitária para todos. Entendemos que o ensino médio integrado ao ensino técnico, sob uma base unitária de formação geral, é uma condição necessária para se fazer a “travessia” para uma nova realidade (RAMOS, 2005).

Realizando o contraponto com um dos referenciais teóricos utilizados nesse estudo, entendemos que o curso técnico se posiciona como uma possibilidade qualitativamente e quantitativamente maior, tanto de sustento após a conclusão do ensino médio como de experiências e conhecimentos em relação ao Ensino Médio regular.

**Figura 7:** Pretensão de atuar na área do curso



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).  
Leitura: Apêndice K

<sup>30</sup> Paolo Nosella, em trabalho apresentado na 26ª Reunião da Anped, realizada em 2003, explica que um problema se torna de ordem ética quando se conhece suas causas e as condições para superá-lo.

**Tabela 04:** Demonstrativo por curso

	<b>Alunos</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Talvez</b>	<b>Observação</b>
Agropecuária	16	62,5%	37,5%		*1 atuaria somente enquanto cursasse a graduação
Administração	17	11,76%	82,35%	5,88%	*10 atuariam somente enquanto cursassem a graduação
Alimentos	07	0	42,86%0	*57,14%	* atuariam somente enquanto cursassem a graduação
Total	40	30%	57,5%	12,5%	

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a possibilidade de trabalharem na área técnica que estudam:

**Eu pretendo trabalhar na área e ao mesmo tempo fazer um curso superior,** porque eu acho que o técnico financeiramente ele não dá o que o superior daria, mas o técnico já é um diferencial bem grande na área (Aluno de Agronomia).

**Eu pretendo seguir na área,** eu acho que o técnico serve mais como uma base, claro que já pensando no mercado de trabalho, é como se fosse uma base para a Zootécnica ou Agronomia depende do que você for fazer. O conhecimento pela sociedade é bem pouco, porque quem está aqui dentro é que tem mais noção mesmo. Eu pretendo seguir o técnico mais como base (Aluno de Agronomia).

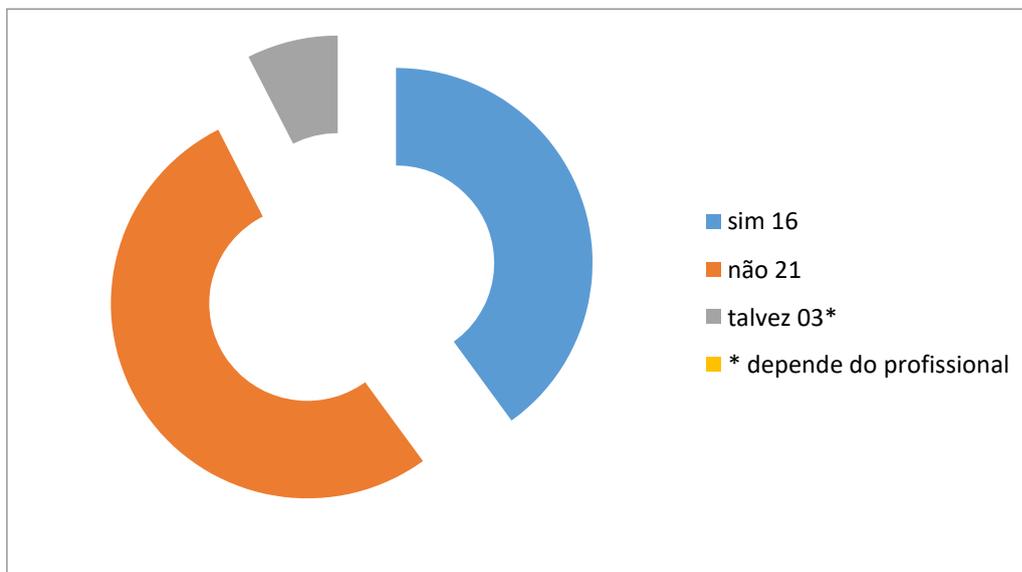
**O curso que eu pretendo seguir não tem nada a ver com Agropecuária.** Eu vejo que as oportunidades desse curso também nos possibilita esta maturidade, igual o aluno aqui falou. Os professores mesmo nos tratam com a mesma responsabilidade que um curso superior necessita. Os prepara para chegar com a seriedade que é preciso, porque como a gente cumpre o estágio no final do curso, então, como vai chegar na empresa cruzinho, bobinho, crianças... então, a grande preparação que o curso dá, não só para a vida profissional, mas para a vida acadêmica também com essa seriedade... Não pretende trabalhar na área (Aluno de Administração).

Bom, sobre o curso eu acho que me ajudou muito a ampliar minha visão para o mundo. E ele preparou muito bem para o básico, **não pretendo atuar nessa área** é totalmente ao contrário do que eu quero e nem futuramente assim, eu não pretendo (Aluno de Administração).

Ah! o curso técnico de alimentos eu também não conhecia antes, aí quando eu entrei no curso técnico de alimentos que eu vi o quanto a área é grande, e dá para atuar bastante nela. **Eu não pretendia atuar, mas agora eu estou em dúvida** (Aluno de Alimentos).

Eu não fazia ideia do que era esse curso técnico em alimentos eu só fiz por curiosidade, vi que era um curso novo. Interessei bastante. Era muito mais do que eu esperava e **pode ser uma das minhas opções para fazer o curso superior** (Aluno de Alimentos).

## 4.7.2 Quanto à valorização financeira do curso

**Figura 8:** Valorização financeira do curso

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

**Tabela 05:** Demonstrativo por curso

	Alunos	Sim	Não	Talvez	Observação
Agropecuária	16	25%	56,25%	*18,75%	* depende do profissional
Administração	17	52,94%	47,06%	0	
Alimentos	07	42,86	57,14%	0	
Total	40	40%	52,5%	7,5%	

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

## Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a valorização do curso:

Eu acho que ele **não é tão valorizado como deveria**, o técnico é ele está em falta no mercado, então deveria ser mais valorizado, eu não me realizaria só com o técnico, eu quero fazer um superior (Aluno de Agronomia).

O técnico **deveria ser valorizado** principalmente por atender os dois lados tanto o lado da Agronomia quanto o lado da Zootecnia (Aluno de Agronomia).

Quem tem o ensino médio e o técnico é bem a mais do que quem só tem o ensino médio. Então **é valorizado sim** a área e dá pra gente se manter. Eu acho que ter um curso técnico no meu currículo vai ser de grande ajuda, de grande valia (Aluno de Administração).

A sociedade antigamente ela visava o quê? A formação de cursos técnicos. Então era isso que a sociedade tinha. Hoje com o novo modelo de sociedade, **o foco maior é o curso superior**. Então a sociedade hoje cobra muito a questão dos adolescentes no

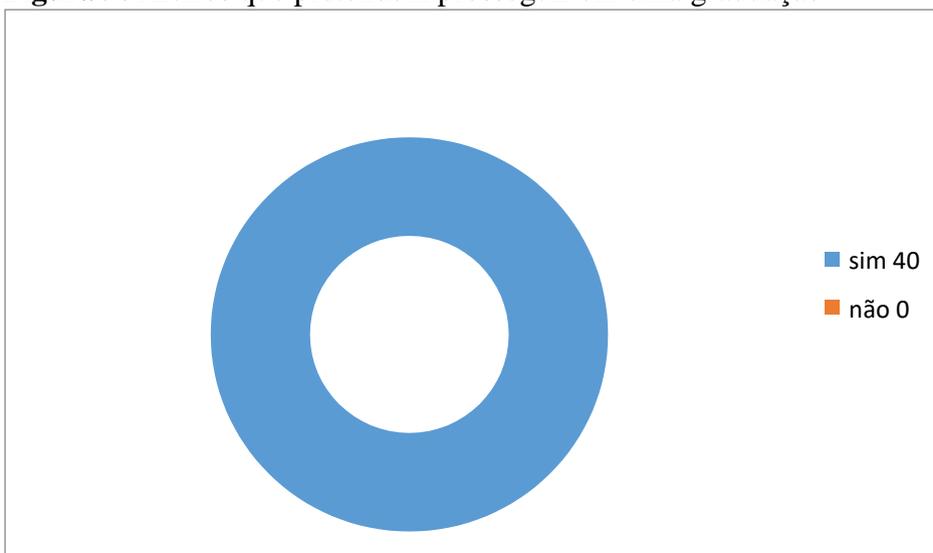
ensino superior. Hoje a gente percebe o que diante disso? ... que o superior é mais exigido que o técnico, mas o técnico dá base para a formação (Aluno de Administração).

Acho que **está em crescimento ainda. Não é uma área muito valorizada**, mas no futuro ela pode ser mais valorizada. Porque cada vez mais vão precisar de técnicos em Alimentos para poder ajudar nas indústrias (Aluno de Alimentos).

Eu acredito que seja uma área valorizada. Porém, pela falta de informação, pela falta de divulgação do papel do técnico, ela deixa de ser valorizada o tanto que deveria ser. É valorizada sim no meu ponto de vista, mas ainda falta um pouco. Ela poderia ser mais valorizada se tivesse mais informação dessa área (Aluno de Alimentos).

#### 4.7.3 Se, pretendem dar continuidade aos estudos, ingressar em um curso superior.

**Figura 9:** Alunos que pretendem prosseguir em uma graduação



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Em alguns grupos focais, houve a oportunidade de abordar a questão da dualidade, de como os discentes do curso técnico integrado veem essa questão dual descrita na literatura da área e marcada na historicidade do processo educacional entre o Ensino Médio regular e o Ensino Técnico Integrado. Pela questão não ter sido abordada em todos os grupos, não foi considerada na pré-análise como um tópico e não há representatividade gráfica (ilustração) para não causar fragilidade ao estudo. Eis as palavras de Frigotto (1999, p. 34):

Na medida, todavia, em que o sistema capitalista se solidifica e os sistemas educacionais se estruturam, assume nitidez a defesa da universalização dualista, segmentada: escola disciplinadora e adestradora para os filhos dos trabalhadores e escola formativa para os filhos das classes dirigentes. (FRIGOTTO, 1999, p.34)

Evidenciou-se, nessa pesquisa, que os alunos do IFTM veem o curso técnico integrado eminente ao ensino médio regular, derrubando determinados argumentos que generalizam ao se colocarem frente a essa dualidade, como na citação acima. Entretanto, o mesmo autor, ao final de seu livro, reconhece que há possibilidade de se superar esse fragmento histórico e que estatísticas evidenciam essa ruptura de pensamento em IFs. O reconhecimento do curso técnico integrado como diferencial de vida e de oportunidades melhores do que o ensino médio regular é unanimidade entre os discentes pesquisados.

Abaixo apresentamos excerto de Frigotto (1999) e os discursos dos alunos entrevistados sobre o eixo:

As evidências estatísticas mostram que o argumento de que é para formarem-se técnicos de nível médio necessários à incorporação ao mercado de trabalho é falso para o grupo social que frequenta as escolas técnicas federais (FRIGOTTO, 1999, p.162).

É, eu não sei muito bem, eu vou dar mais minha opinião pelo meio de qual eu vivo mesmo. O meu pai, a primeira coisa que ele falou você vai para lá porque lá tem o ensino técnico. Então ele, bom as pessoas com quem eu convivo valorizam muito essa questão de ter o ensino médio integrado junto com o técnico porque eles vêem a necessidade de conhecer novas coisas. Eu acho que tem um pouco de rivalidade, porque elas podem achar que quem faz o técnico é mais metido a saber tudo, porque tem essas coisas, mas eu acho que algumas pelo menos dão valor, mas a sociedade em geral eu não sei, no meio em que eu convivo pelo menos as pessoas valorizam muito o ensino médio com o técnico (Aluno de Agropecuária).

Eu vou falar sobre a experiência que eu tive quando eu decidi sair da minha escola e vir aqui para o IF: muita gente achou que era burrice minha sair, porque a carga horária é grande, porque eu quero fazer medicina, aí tem gente que falou que era muita idiotice minha, fazer um curso que não tem nada a ver com a minha área, bastante trabalhoso e que não ia ajudar em nada no futuro. Hoje, no final do primeiro ano eu percebo que o meu conhecimento que eu agrego, que eu to trazendo é bem maior do que o que eles têm, a minha base é maior, o meu conhecimento é maior, aqui não é só por causa do técnico, a escola em si te traz é oportunidades que você nem sonharia em escola normal. Então, tem esse preconceito, as pessoas acham que é idiotice, acham que você está pegando uma coisa que não vai ajudar, porque muita gente acha que técnico não tem valor, mas eles estão muito enganados. E hoje eu posso dizer que eu fiz a escolha certa e eu estou ciente disso (Aluno de Agropecuária).

Bom, o integrado com o profissionalizante, eles pensam que é uma coisa, tipo é melhor, por conta de ser um pouco mais dedicado aquilo, porque você tem que ficar um tempo maior na escola estudando tanto o ensino médio quanto o curso técnico, e isso ajuda bastante e as pessoas veem isso como um ponto de vista melhor na sociedade (Aluno de Administração).

Penso isso também, porque quando você tem mais uma noção de curso técnico, você entende mais pela área de trabalho. Agora quando você pensa pelo lado do ensino médio, você não tem certo conhecimento de outras áreas por exemplo fica limitado o conhecimento (Aluno de Alimentos).

Concluindo a análise desse eixo, pode-se reafirmar que as estatísticas citadas por Frigotto, no ano de 1999, além de correta, nos revela o perfil de alunos que veem no curso técnico integrado uma oportunidade a mais de progresso como pessoa, profissional e diferencial de vida acadêmica. Nesse sentido, percebe-se o IFTM como instituição que propicia educação integral antidualista frente ao histórico apresentado nos capítulos I e II.

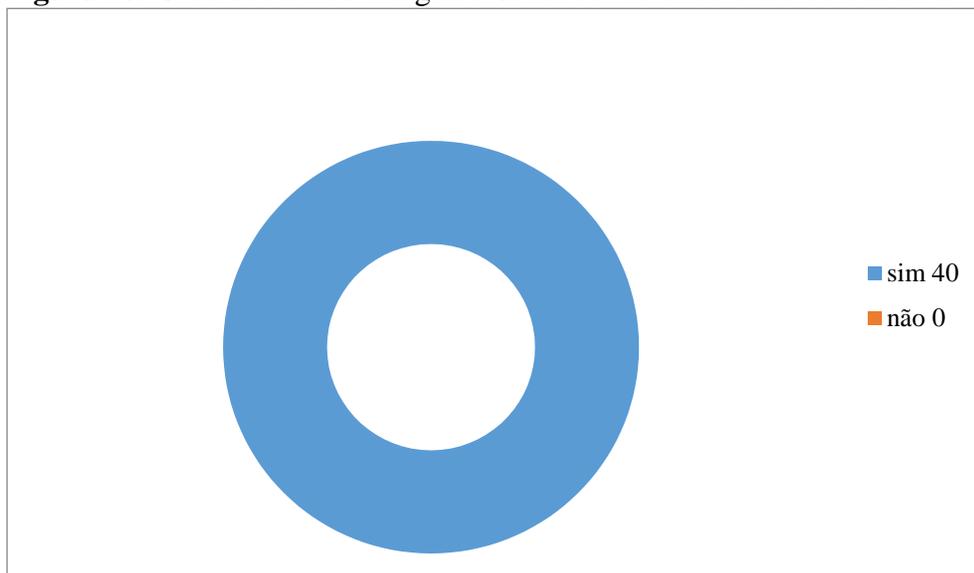
O acesso ao conhecimento como direito tem duas dimensões que se complementam, quais sejam, da compreensão da realidade em geral e da instrumentalização do trabalhador. Instrumentalização não no sentido pragmático, mas no sentido de produzir condições subjetivas e coletivas para lutar pela reconfiguração das relações de trabalho e das relações sociais dentro da ordem e contra a ordem capitalista. Isto implica ter conhecimentos que configurem identidades sociais medidas pelo trabalho. O ensino médio puro não configura identidades dos sujeitos que precisam urgentemente se inserir na vida produtiva. Esses sujeitos conseguiriam empregos? Isto não está dado, pois a educação não garante o emprego. Mas falamos em lutar ativamente, municiado de conhecimentos, de categorias que levem compreensão da realidade social e a meios de ação profissional. Uma formação genérica que não tem significado concreto para os sujeitos é uma formação que os coloca na lógica subordinada. Assim, a defesa do ensino médio integrado não reforça a ideia da empregabilidade. Ao contrário, proporciona que os sujeitos se vejam tendo conhecimentos, sendo produtivos para a sociedade, ainda que as relações na sociedade tendem sempre à exclusão (RAMOS, 2005).

#### **4.8 Estudo do Eixo 03 - Compreensão de Mundo**

Nesse eixo foi abordado como o curso técnico integrado do IFTM tem contribuído para a formação do sujeito-aluno em perspectiva crítica em relação ao mundo, à sociedade a sua volta. Conforme os valores imbuídos do IF: ética; cidadania e justiça social; responsabilidade ambiental; valorização das pessoas; respeito à diversidade e gestão democrático-participativa, valores a serem incorporados dentro da Instituição. Nesse sentido, indagou-se aos alunos se o curso técnico integrado tem contribuído para que eles se tornem pessoas mais críticas e conscientes do seu papel profissional e do papel também como cidadão, e se o curso tem de alguma maneira, acrescentado para os sujeitos-alunos essa criticidade em relação à cidadania.

Correlacionando as análises com a literatura abordada sobre a dualidade entre o ensino médio regular e o ensino técnico integrado ao ensino médio, esse estudo se propôs ainda a saber dos alunos qual o posicionamento deles em relação a essa questão, indagando-os acerca da formação humana integral, isto é, se eles tivessem cursado somente o ensino médio, acreditam que teriam mais ou menos criticidade em relação ao mundo, à política, à democracia e ao mercado de trabalho.

**Figura 10:** O curso técnico integrado contribui na criticidade e cidadania?



Fonte: FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Apresentamos a seguir fragmentos dos discursos dos alunos sobre a amplitude de compreensão de mundo, criticidade aguçada por meio do curso técnico integrado:

Eu acho que sim, eu lembrei também da aula de Ética e Cidadania e Meio Ambiente. Uma das questões que a gente mais leva é a questão ambiental, Que nós somos um país de grande diversidade, nós temos que cuidar disso, só que como é que os cidadãos não cuidam porque eles não tem a consciência e essa matéria proporciona isso demais para nós. Porque não só porque a gente mexe com essa área, mas em tudo, abriu muitos olhares, pelo menos eu não sabia esse tanto de leis que existem, tem erros de fiscalização, então se for pensar por esse lado **abre muito nosso campo de visão e nos torna cidadãos mais críticos e conscientes sobre as questões que estão acontecendo em nosso país e sobre a reação das pessoas em determinadas circunstâncias** (Aluno de Agropecuária).

Eu acho que sim, **mudou muito meu pensamento** de quando cheguei aqui no IF depois do curso técnico, porque eles deixam um pouco livre, a gente expor nosso pensamento e também não impõem igual algumas escolas impõem que tem que fazer, a gente fica livre e também **deixa a gente pensar e se conscientizar do que está fazendo** (Aluno de Agropecuária).

**O ensino técnico integrado nesse ambiente, ele me fez parar e sair daquela bolha que a gente fica.** Por exemplo, se eu tivesse cursado o ensino médio apenas; ou eu iria cursar em uma escola estadual ou em uma particular. Eu iria estar só ali, há!!! A escola, o vestibular, por que eu tenho que passar, mas aqui a gente tem aquelas noções do que realmente está acontecendo no país, o que está acontecendo aqui dentro do instituto, o tanto de processo administrativo que acontece aqui, às vezes, quem que está de fora às vezes não sabe o que passa aqui dentro. Quanto esta parte da natureza que as meninas falaram é que **a gente sai daquela bolha de só pensar em Vestibular, a gente abre para o mundo, a gente enxerga a realidade de cada coisa** (Aluno de Agropecuária).

Eu, me tenho uma pessoa diferente depois que eu comecei a ver o técnico, porque eu entendi qual é o porquê que a gente tem que ter este cuidado com a natureza. Me toquei mais disso. Que a gente precisa realmente preservar, porque a gente tem que

tentar mudar o mundo deste jeito, e **o técnico foi muito importante, além do ensino médio e da política também para a gente ter um censo crítico melhor, depois que a gente está saindo e tudo mais** (Aluno de Agropecuária).

Bom, acho que contribuiu por conta que você aprende bastante coisas na área de economia, direito, essas coisas em si e isso **ajuda bastante no mundo de fora. Você vai colocar sua crítica naquilo, pensar de um jeito diferente e agir de outra maneira para fazer o certo** (Aluno de Administração).

**Sim, é. Certeza que a parte do curso técnico abre muito as nossas mentes, o nosso jeito de pensar. Nos estrutura com mais maturidade e sim, isso nos faz ser pessoas mais críticas e conhecedoras de novos aprendizados** (Aluno de Administração).

**A minha visão de mundo passou a ser outra**, agora tudo o que eu já estudei a gente tenta procurar essa forma, a gente vislumbra. Antes ia ao supermercado e via só uma lata de milho, hoje em dia a gente pensa em todo o processo, de sair do campo passar por uma produção, todos os impostos que são colocados em cima daquilo para chegar e ter o preço no supermercado. A gente passa a ter outra visão e também o relacionamento interpessoal, o curso trabalha muito isso, porque quem trabalha na área de administração tem esse grande envolvimento com pessoas, porque antes de eu entrar aqui eu não tinha tanta desenvoltura com a fala, tanta desenvoltura com o relacionamento com pessoas, então além de trabalhar para o mercado de trabalho, prepara para a vida (Aluno de Administração).

Muito. **Me proporcionou ver muito mais além do que eu via. Sabe. Eu acho que amadureceu meu pensamento sobre mercado de trabalho.** Tudo que não é. As responsabilidades que temos que ter relacionado ao meio do trabalho (Aluno de Alimentos).

O técnico ele sempre vê o mercado de trabalho, a importância, as áreas que estão mais em alta, que estão crescendo, e aí **atenta a gente o quanto o nosso trabalho é importante, e também a entender melhor as notícias que tem.** Por exemplo, as notícias, como você falou de jornal, o mercado de trabalho que está em alta, as áreas que estão desvalorizadas. Acho que é importante o curso técnico... bastante (Aluno de Alimentos).

Parafrazeando Freire: Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas, pessoas transformam o mundo. Inspirado nessa concepção de Freire, percebe-se que o IFTM tem contribuído para que seus alunos adquiram conhecimentos que se fazem presentes em sua atuação política e social. Em outros termos, tem atendido aos princípios expostos pelos IFs e buscado superar a dualidade histórica exposta nos referenciais teóricos da área; indo muito além da base nacional comum e das matérias profissionalizantes. Os sujeitos-alunos dos cursos integrados do IFTM- *campus* Uberaba, recorte dessa pesquisa, se posicionaram diferencialmente como cidadãos, tendo adquirido no curso técnico integrado ao ensino médio conhecimentos que lhes têm proporcionado maior criticidade e entendimento de mundo.

#### 4.9 Estudo do Eixo 04 – Interdisciplinaridade

Em 2004, por meio do Decreto 5.154/04, reestabeleceu-se a possibilidade da oferta da educação profissional técnica de nível médio e o Ensino Médio em um mesmo curso, com currículo próprio, articulado organicamente e estruturado enquanto proposta integral de formação. Nessa nova perspectiva a interdisciplinaridade é um desafio, novo e ainda timidamente assimilado na prática. Por isso, entender como os alunos do curso técnico integrado vivenciam e assimilam essa nova realidade se fez presente nesse estudo, para propiciar maior compreensão de que forma a interdisciplinaridade se estrutura nessa modalidade de ensino, nos cursos que integram esse estudo.

Bernstein, 1981. Segundo este autor, a integração coloca as disciplinas e cursos isolados numa perspectiva relacional, de tal modo que o abrandamento dos enquadramentos e das classificações do conhecimento escolar promove maior iniciativa de professores e alunos, mais integração dos saberes escolares com os saberes cotidianos, combatendo, assim, a visão hierárquica e dogmática do conhecimento (RAMOS, 2005).

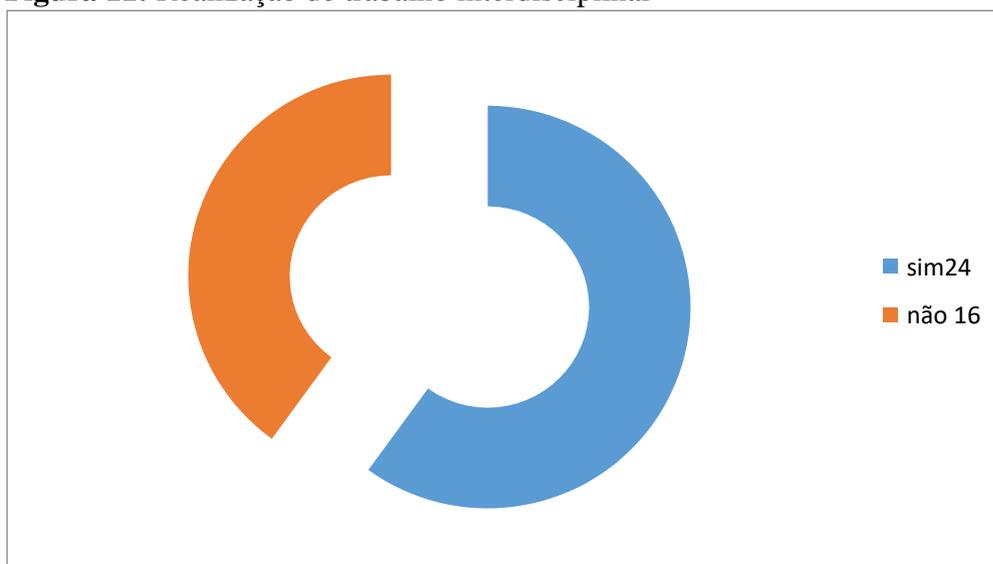
Nesse sentido, nesse quarto eixo, foi discutida a questão de como ocorre a interdisciplinaridade nos cursos técnicos integrados, se há percepção dos alunos de diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas, conforme Ramos (2005) defende: “A integração exige que a relação entre conhecimentos gerais e específicos seja construída continuamente ao longo da formação, sob os eixos do trabalho, da ciência e da cultura”. Mediante esses conceitos teóricos, foi questionado aos alunos se eles percebem que os professores, ao prepararem suas aulas, se preocupam em interagirem entre si e com outras disciplinas. Conseqüentemente, procurou-se saber se a interdisciplinaridade é vista como facilitador na assimilação do conhecimento. De acordo com Kosik, o trabalho do pensamento pela mediação dos conceitos possibilita a superação do senso comum pelo conhecimento científico, permitindo a apreensão dos fenômenos na sua forma pensada (KOSIK, 1978 apud RAMOS).

##### 4.9.1 Quanto à realização de trabalho interdisciplinar

Os alunos classificam alguns trabalhos como interdisciplinar quando envolvem mais de uma disciplina em um projeto interdisciplinar, independentemente de envolver as matérias profissionalizantes com as da base nacional comum. Dentro da mesma turma alguns alunos colocaram que nunca realizaram trabalhos dessa natureza, enquanto outros afirmam que sim,

demonstrando certa “incompreensão” do trabalho interdisciplinar realizado nas práticas pedagógicas dos docentes. Percebe-se que os discursos dos alunos, estão pautados em certa linha de compreensão de referência e concepção operantes ao conceito multidisciplinar e não interdisciplinar.

**Figura 11:** Realização de trabalho interdisciplinar



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

**Tabela 06:** Demonstrativo por curso

	Alunos	Sim	Não	Talvez	Observação
Agropecuária	16	56,25%	43,75%		
Administração	17	88,24%	11,76%		
Alimentos	07	0	100%		
Total	40	60%	40%		

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a realização de trabalho interdisciplinar no curso técnico integrado ao médio:

**Eu nunca realizei nenhum projeto e também não há essa integração do ensino médio com ensino médio e técnico com o técnico.** Há entre o dos professores do ensino Médio isolados do técnico. Mas a gente percebe que mesmo não tendo essa integração tem algumas matérias que se completam. Por exemplo, a gente tava vendo na matéria de paisagismo, jardins que estão totalmente ligados aos fatos históricos, acho que seria interessante isso trazer essas coisas que tem a ver com ensino médio e técnico juntos, para ter uma nova perspectiva das coisas, a gente

lembra assim a matéria, mas se for para parar pra pensar nem dá para perceber isso (Aluno de Agropecuária).

**Em termos de trabalhos disciplinares eu acho que o mais importante deles é o projeto *Primeiro Negócio* que ocorre na Semana Nacional de Ciência Tecnologia onde os alunos são divididos em grupos, tem que ser misto tanto em gênero quanto em turma, buscando trabalhar o relacionamento interpessoal. Tem que criar um produto ou um serviço inovador, mostrando para os discentes a importância de empreender nos dias atuais e envolve tudo em administração porque você tem que pensar como eu vou chegar ao meu cliente, como eu vou desenvolver o meu produto ou serviço, como vai ser o meu retorno, a minha forma de retorno então **eu acho que esse trabalho simboliza o curso** (Aluno de Administração).**

**Não, até hoje a gente não teve nenhuma relação do ensino médio com o técnico** (Aluno de Alimentos).

4.9.2 Se ocorre interação entre os professores da parte profissionalizante e os da base nacional comum no planejamento das aulas

Os alunos **dos cursos abaixo** relacionados **na tabela 07** reconhecem que há interlocução entre as matérias e que alguns poucos professores, timidamente, até ousam se juntarem em outra atividade esporádica, porém não reconhecem a congruência no planejamento das aulas, principalmente entre a parte técnica e a de conhecimentos gerais.

**Figura 12:** Planejamento dos professores em perspectiva interdisciplinar



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).  
Leitura: Apêndice K

**Tabela 07:** Demonstrativo por curso

	<b>Alunos</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Talvez</b>	<b>Observação</b>
Agropecuária	16	0	37,5%	62,5%	*Acontece de forma tímida
Administração	17	01%	22%	77%	* Ocorre de forma isolada e tímida
Alimentos	07	0	100%		
Total	40	2,5%	37,5%	60%	

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Fragmentos dos discursos dos alunos sobre o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas, e se ao planejarem suas aulas os professores dialogam entre si:

**Eu acho que tem ligação da própria matéria com o que foi dito, mas os professores não se comunicam**, para fazerem atividades diferentes, eu acho que é porque tem professores que dão aulas para Alimentos, Agropecuária, Administração, tudo junto e aí eles não se interessam muito, só que eu acho que tem sim no plano de ensino, por exemplo, eu vejo uma matéria agora e depois eu vou ver ligação lá na frente. As matérias têm ligação e os professores não. Facilitaria sim essa integração, até porque tem coisas que a gente nem sabe, aí depois lá na frente a gente vai ver. Ah! Então era isso, se eles passassem a informação para gente seria mais fácil (Aluno de Agropecuária).

Foi o que o aluno disse, **entre as matérias que tem essa comunicação, mas os professores mesmo eles não fazem essa comunicação entre eles** (Aluno de Administração).

Tem muita coisa relacionada. Mas **a gente percebe que tem relação entre o ensino médio e o básico, vem da gente mesmo, porque os professores não se comunicam muito entre si não para falar sobre isso** (Aluno de Alimentos).

#### 4.9.3 Se a interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento

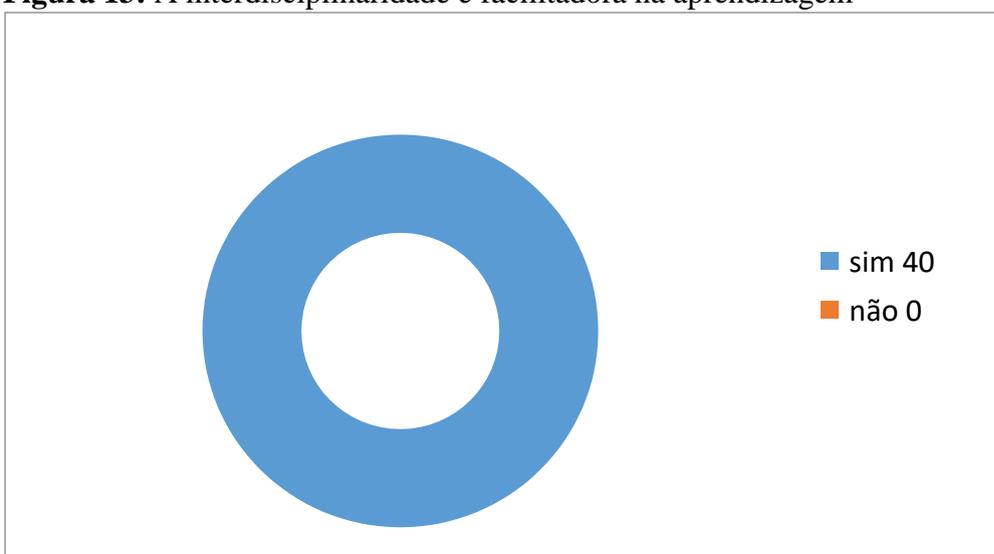
A interdisciplinaridade é considerada pelos alunos, em consonância com a literatura aqui apresentada, como facilitador da aprendizagem.

A interdisciplinaridade, como método, é a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade; isto é, dos diversos campos da ciência representados em disciplinas. Isto tem como objetivo possibilitar a compreensão do significado dos conceitos, das razões e dos métodos pelos quais se pode conhecer o real e apropriá-lo em seu potencial para o ser humano (RAMOS, 2005).

Apesar da unanimidade em relação à concepção de que a interdisciplinaridade é facilitador na aprendizagem, grande parte dos alunos acredita que ela não deva ocorrer no

primeiro ano e que se devem tomar alguns cuidados em relação a essa prática para não possuir efeito contrário ao esperado. A minoria apresenta a convicção de que ela ocorre pelo envolvimento do sujeito, caracterizando-se em atitude intrínseca, sendo a relação muito individual entre o sujeito e suas conexões com o conhecimento. Segundo Piaget (1981, p.52), a interdisciplinaridade pode ser entendida como o “intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências”. Nessa concepção de Piaget, e também de alguns alunos, a interdisciplinaridade não depende necessariamente de ação ou parceria entre os professores de determinadas matérias para se concretizar.

**Figura 13:** A interdisciplinaridade é facilitadora na aprendizagem



**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a interdisciplinaridade como facilitador da aprendizagem:

Eu também acho que é uma maneira muito boa de trabalhar. Constrói muito o conhecimento e também ajuda na questão de nota, mas como já foi dito, eu **acho que precisa ter uma organização dos professores para passar pra gente isso antes**. Se não tiver organização dos professores o nosso também não vai ficar organizado e o resultado final não vai ser bom (Aluno de Agropecuária).

Eu acho que é bom o trabalho interdisciplinar, porque ajuda a interligar tudo a uma área que tem a ver com a outra. Porém aqui no Instituto falta muita organização... **é bom, mas precisa organização** (Aluno de Agropecuária).

Bom, em relação a essa interdisciplinaridade, eu creio que fica mais na parte do aluno conseguir fazer essa junção do que do próprio professor conseguir trabalhar. Porque, como já foi dito, eu acho que tentar trazer tudo isso junto, para um curso integrado para os alunos que estão entrando, que estão tendo um movimento totalmente diferente, fica um pouco impactante, complicaria um pouco mais, mas para quem tem uma visão um pouco mais ampla, um pouco mais aberta, consegue fazer todas as junções das aulas do Ensino Médio

**com as aulas da Administração.** como o aluno que presta atenção em uma aula de Geografia do Brasil dentro da Logística é superimportante porque ele vai saber onde um polo onde ele encontra matéria prima para colocar uma indústria ou um polo que tem uma grande população para mão de obra, então há essa necessidade dessa relação, mas eu vejo mais ela, mais como um tentar a amplidão da mente do aluno e não o professor está jogando isso dentro da sala de aula, porque além de estar cortando grande parte do tempo o que não daria tempo de trabalhar toda a base comum, digamos, abre, faz com que os alunos passem a pensar um pouco mais, abre os horizontes do pensamento dessa inter-relação entre uma matéria e outra. Já fizemos muito trabalhos interdisciplinares, mas o mais importante é o primeiro negócio, em relação soma tudo o estágio, porque eu acho que ambos deles além de trabalhar toda a matéria do curso técnico as matérias da base nacional comum do ensino médio são de suma importância, o português para a comunicação, a matemática para a soma de gastos, custos, gerenciamento de tempo, a química, a física tudo isso entra dentro desse curso, porque é um curso de Humanas aplicado... então de toda forma **tem essa necessidade de juntar o conhecimento do ensino médio junto com o conhecimento de técnico de Administração e junto com o conhecimento de mundo de vida** (Aluno de Administração).

**Eu acho que deveria ser mais importante essa vontade de instigar o aluno a conhecer e correlacionar do que trabalhar isso exatamente na prática,** na íntegra (Aluno de Administração).

Eu acho que depois que o aluno tem mais maturidade, eu acho interessante fazer essa relação entre o curso e o professor do técnico e do comum, mas não de maneira tão complexa acho que pegar o básico que tem como relacionar, essas coisas simples. Porque o curso entre si já tem muitas matérias relacionadas, tudo o que você usa em uma matéria você já está usando coisas de outras. Então, é **interessante, mas na dosagem certa** (Aluno de Administração).

Eu acho que falta mesmo comunicação entre professores do técnico e do ensino médio. **É muito importante em aulas práticas onde envolve mais de uma matéria, ajudaria se interligassem matérias do técnico com o ensino médio** (Aluno de Alimentos).

**Facilitaria muito,** porque ajudaria até mesmo quem tem mais dificuldade conseguiria aprender com outros métodos e novo jeito (Aluno de Alimentos).

Nesse eixo, percebe-se na análise do discurso dos alunos, certo desentendimento em relação ao conceito de interdisciplinaridade. demonstram preocupações em relação a organização dessa prática pedagógica, mesmo valorizando-a e veem essa interligação como algo pessoal de cada aluno.

Enfim, é válido ressaltar que esta pesquisa não possui o intuito de abordar sobre procedimentos pedagógicos interdisciplinares e seus atores. Por isso, nos limitamos a atender aos objetivos desse estudo que é o de conhecer a opinião dos alunos sobre sua vivência em relação ao tema na experiência do curso técnico integrado ao ensino Médio do IFTM. Abre-se aqui, portanto, a oportunidade de exploração do tema em pesquisas posteriores.

#### 4.10 Estudo do Eixo 05 – Ampliação

O IFTM vem progressivamente ampliando o número de alunos e cursos, conforme demonstra tabela abaixo, recorte do PDI da instituição, objetivo 3:

**Tabela 8:** Recorte do PDI da instituição IFTM.

<b>Meta 1:</b>	Ampliar um total de 270 vagas em cursos técnicos até 2018.			
<b>Indicador:</b>	Número de vagas em cursos técnicos presenciais ofertados pelo IFTM			
<b>Responsável:</b>	Pró - Reitoria de Ensino		<b>Tipo:</b> Desdobrável	
<b>Ano 2014</b>	<b>Ano 2015</b>	<b>Ano 2016</b>	<b>Ano 2017</b>	<b>Ano 2018</b>
60	150	210	240	270

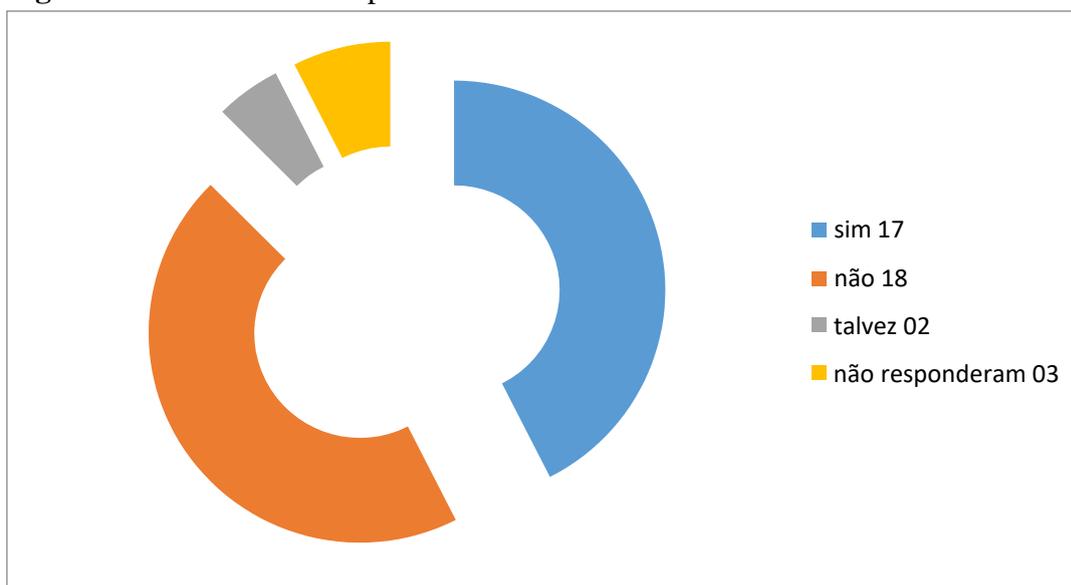
**Fonte:** IFTM (2018).

Mediante os dados apresentados acima, coletados na pesquisa documental, houve a intenção de se pesquisar, também, qual o impacto dessa ampliação na opinião dos alunos, se o propósito de ampliação da instituição está coerente com a demanda dos alunos. Neste eixo buscou-se especificamente saber a opinião dos alunos sobre a ampliação de cursos e vagas no IFTM.

Considerando que o IFTM possui como visão: “ser uma instituição de excelência na educação profissional e tecnológica, impulsionando o desenvolvimento tecnológico, científico, humanístico, ambiental, social e cultural, alinhado às regionalidades em que está inserido”<sup>31</sup>, entende-se que os alunos a conceituam em conformidade com o seu ideal. Assim, percebe-se nos discursos do mesmo certo receio do crescimento se dar de forma desordenada e assim comprometer a qualidade e o nome da instituição a despeito de conceituarem como uma necessidade de mercado e de demanda social.

Outrossim, os discentes não estão convictos de que sejam favoráveis a ampliação de cursos sem recursos necessários para adequações do campus e sem um planejamento prévio administrativo, estrutural, pedagógico e financeiro. Logo, para não comprometer a qualidade do ensino, muitos acreditam que nesse momento seria mais viável investir e aprimorar os cursos existentes.

<sup>31</sup> Disponível no site do IFTM.

**Figura 14:** Se o IF deve ampliar a demanda dos cursos técnicos.

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

**Tabela 09:** Demonstrativo por curso

	Alunos	Sim	Não	Talvez	Observação
Agropecuária	16	50%	50%		
Administração	17	29,41%	*52,94%		*É preciso investir nos cursos existentes ** 03 não responderam
Alimentos	07	57,14%	14,29%	*28,57%	* É preciso investir nos cursos existentes
Total	40				

**Fonte:** FIDELIS, E. A.(2018).

Leitura: Apêndice K

Fragmentos dos discursos dos alunos sobre a expansão de cursos técnicos no IFTM:

**Acho que deveria aqui no campus ter só Agropecuária e Alimentos**, porque os outros cursos não tem necessidade de vir aqui no campus, na roça, pra ter a aula e **teria um número menor de professores e alunos, com isso teria um maior quantidade de verbas, para ter um investimento maior em determinados cursos que seria Alimentos e Agropecuária**, então, traria benefícios para os cursos, porque além dos professores se empenharem para dar aulas para vocês. Que não vai ter tantas aulas para dar, porque é um sufoco, né? Eles vão só direcionar para você e outra turma. Essa quantidade de número excessivo de alunos que entraram no IF o ano passado e vai entrar no ano que vem, cada vez mais vai acabando com o campus, porque alunos que bombam continuam na escola, já bombou uma turma o ano passado, por exemplo, o intuito era o técnico, e tem que passar obviamente, eu acho os alunos que bombarem não teriam a chance de repetir de novo, ou teria de repetir duas vezes, não sei (Aluno de Agropecuária).

Desde que nós entramos aqui, abriu a nossa turma e recentemente abriu a turma de cursos técnicos em Alimentos, para uma instituição aumentar seu número de vagas é essencial que ela se planeje para isso, tem que analisar: o refeitório vai comportar? eu tenho ônibus suficiente para transportar essa quantidade de alunos? eu vou conseguir manter a qualidade de ensino? eu vou conseguir manter a qualidade da infraestrutura para crescer? É necessário planejamento e para você crescer também sem aumentar o número de vagas é importante fortalecer os cursos que aqui estão. Para o IF é interessante aumentar o número de vagas porque você dá educação gratuita muitas vezes para uma pessoa que não tem condições de pagar uma escola boa. Ou seja, o IF promove a inclusão social, forma mão de obra qualificada, promove desenvolvimento econômico. **É interessante aumentar o número de vagas sim, desde que seja de maneira consciente e eficiente** (Aluno de Administração).

**Eu acredito que deveria ter mais curso técnico sim**, para as pessoas se identificarem mais. No caso sou eu. Eu tô aqui mais pelo Ensino Médio mesmo, porque pelo curso não teve um que eu tipo, falei assim nossa... eu amo de paixão o que estou fazendo, o que estou estudando. Acho que deveria abrir mais. **Mas aí também vem aquela parte que ela falou, que se tiver muitos cursos, vai faltar verba para investimento em cada um deles. Não vão ficar com boa qualidade, vamos dizer assim** (Aluno de Alimentos).

Eu acho que deveria ter mais cursos técnicos, porém se investisse mais no que já tem, também seria uma boa, porque atrairia mais pessoas. Então eu fico no meio termo. **Eu acho que poderia sim abrir mais cursos, mas se investissem mais nos que já tem, também seria uma boa opção** (Aluno de Alimentos).

Esse eixo foi proposto para compor os sentidos que os alunos possuem em relação ao ensino médio integrado e a possível oferta de mais cursos para confrontar com a pesquisa documental que demonstra a intenção de ampliação do número de vagas e cursos.

Para encerrar esse capítulo, dedicado à discussão e análise dos dados, considerando a abrangência dos dados coletados e diversidade de eixos que contribuíram para verificar quais os sentidos que os alunos do curso técnico integrado ao ensino médio no IFTM- *campus* Uberaba atribuem ao curso, destacamos o fragmento do discurso do aluno que em poucas palavras traduz o contexto educacional, político, social e econômico do país e atribui ao IF, como instituição que atende os seus princípios, valores e metas e se destaca como diferencial qualitativo para se projetar o Brasil melhor para as gerações futuras.

Os IFs de todo o Brasil, é interessante destacar que eles representam um Brasil que dá certo, porque aqui no Brasil nós criamos um estereótipo das instituições públicas de que nada que é público funciona, nada que é público presta, que tudo que é público só tem corrupção. O IF ele dá certo, o IF enquanto instituição de ensino, ele alcançou o patamar segundo avaliação do PISA que teve uns anos atrás. Ele alcançou o patamar de educação de um país desenvolvido e para um país sair de um patamar de um país subdesenvolvido para a de um país desenvolvido, ele precisa produzir tecnologia, e como se produz tecnologia com mão de obra qualificada, com alunos bem preparados, então aumenta a visão crítica da população e, como eu já disse, desenvolvimento social e econômico. Um país não cresce sem esses dois, eles tem que andar lado a lado, o IF proporciona isso e quando eu vejo um governo fazendo uma reforma do ensino médio, simplesmente por fazer, isso me dói porque meus filhos eu não sei onde eles vão estudar e se eles precisarem de uma educação

pública, como é que vai ficar? Meus filhos, os meus netos, como que vai ficar isso daqui pra frente? O IF justamente dá essa oportunidade, atende todos os públicos, independente se é pobre, negro, branco, pardo se veio lá da África, da Europa, o IF é gratuito, o aluno passa na prova, tem acesso à uma educação de qualidade e, acima de tudo, promove o desenvolvimento social, porque...Antes de tudo, é isso que um país precisa. Enquanto você está em um país onde muitos tem muito e poucos tem muito pouco você fica nisso, violência, favela... O IF se tem uma coisa que muda um país é a educação, o Japão um país devastado pela guerra se reergueu justamente pela educação. No Brasil enquanto criança morre de fome eles criam uma PEC para congelar os investimentos em Saúde e Educação por vinte anos essa é a diferença, **então cria IF pelo amor de Deus!** (Aluno de Administração, grifos da pesquisadora)

Nessa análise fica explícita a importância do modelo dos IFs para que seus alunos construam o pensamento autônomo e crítico em relação ao mundo posto. Percebe-se em todos os eixos abordados o posicionamento em amadurecimento, com discurso pautado na coerência e conhecimento de mundo. Diante dessa constatação temos a esperança, assim como Freire, de que a equipe do IFTM, juntamente com seus alunos, possam inferir na realidade posta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A causa não está na consciência, mas no ser.  
Não no pensamento, mas na vida.  
Frigotto

Este trabalho teve a intenção de ouvir os alunos sobre os abrangentes aspectos que envolvem o curso técnico integrado ao ensino médio. O referencial teórico e documental foi associado com a pertinência dos discursos dos alunos, objeto de análise desse estudo.

Foi proposta a passagem pela história da educação profissionalizante no Brasil em cada período histórico e pelas transformações no mundo do trabalho, ocorridas em cada revolução industrial, o que possibilitou reconhecer o cunho político e econômico que conduziu a educação profissionalizante, distinguindo-a da educação formal, visando atender às demandas de mercado.

No percurso histórico dessa dualidade, esse estudo, no cenário da pesquisa, IFTM-*campus* Uberaba, revelou algumas contradições na literatura quanto à perpetuação histórica do dito “adestramento” do ensino profissionalizante e trouxe o encanto pelo trabalho realizado, que surpreende pela maturidade exposta na maioria dos discursos dos alunos e a confiabilidade do ensino público que contribui para a aprendizagem que transcende os muros da escola, restituindo à sociedade jovens críticos, com autonomia e maturidade de pensamento para participação na constituição da nação brasileira.

A conclusão do estudo revela que o desconforto gerado nessa pesquisadora há anos, de que alunos de cursos técnicos, muitas vezes, optam por determinado curso técnico como forma de subterfúgio de uma situação factual, seja ela movida por fatores econômicos, sociais ou outros intrínsecos à sua realidade, se confirmou nessa perspectiva, ao constatar que grande parte dos alunos colaboradores da pesquisa (73%), decidiram ou foram induzidos por terceiros a estudar no IFTM visando o ensino médio de qualidade e não o curso técnico especificamente.

O inesperado dessa questão foi a mudança de concepção em relação ao curso técnico integrado ao ensino médio quando a grande maioria (88% dos alunos que escolheram o IFTM pelo ensino médio) se posicionaram favoráveis à essa modalidade de ensino após a experiência de cursá-lo.

Apesar de uma parcela considerável não ter a pretensão de seguir na área e julgar o curso técnico desvalorizado (em termos de remuneração), eles veem como positivo a contribuição do curso à formação integral do seu ser e com determinada diferenciação

(superior) em relação aos estudantes e trabalhadores que cursam somente o ensino médio. Apontam o curso técnico como recurso de se manterem no curso superior, pretensão de todos os entrevistados, e como diferencial de aprendizagem, afirmando, contrariamente à literatura exposta, que o curso técnico integrado ao ensino médio é um diferencial positivo no contexto econômico, social e estudantil da vida deles.

Os alunos informantes desta pesquisa valorizam a estrutura do IFTM e a classificam como boa, muito boa ou excelente. Porém em seus discursos são categóricos em destacar a necessidade de manutenção física, fator que interfere em seus posicionamentos quanto à ampliação na oferta e variedade de cursos técnicos integrados ao ensino médio, levando-os à preocupação quanto ao quesito qualidade de ensino, estrutura e orçamento deficitário para se concretizar a ampliação nos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Uma questão de prática pedagógica acrescentada a esse estudo considera que o curso técnico integrado ao ensino médio se firma em política de integração e considera a prematuridade da modalidade e a busca pela concretização da interdisciplinaridade. Nesse sentido, as três perguntas que compõem esse eixo, demonstram que os alunos vislumbram a interdisciplinaridade como fator positivo para contribuir na estruturação do conhecimento. Alguns acreditam que esse fator somente é positivo a partir do segundo ano. A maioria, principalmente os que vivenciaram alguma tentativa a respeito da prática na instituição, apresenta a preocupação quanto ao planejamento e, principalmente, quanto à organização para que a mesma tenha efeito positivo na aprendizagem.

Espera-se que essa abordagem introdutória, sobre a interdisciplinaridade, na visão dos alunos, possa propiciar reflexão contributiva e direcionamento à questão. Sendo convite a estudos posteriores no IFTM.

A conclusão geral dessa pesquisa, a partir dos discursos dos alunos, nos revela o IFTM como instituição diferenciada, qualitativamente superior a outras instituições públicas, capaz de ampliar a visão de mundo de seus jovens que ali se encontram, e os conduzirem a postura mais responsável com seus estudos e com o seu meio. Os sentidos atribuídos ao curso técnico integrado ao ensino médio se consolidam nessa perspectiva qualitativa da instituição, propiciando aos mesmos renovados conceitos a respeito do curso técnico integrado ao ensino médio.

Por último, os IF's de modo geral, e o IFTM, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, de modo particular, apresenta-se como exemplo de possibilidade no rompimento da dualidade histórica e social entre o ensino médio regular e o ensino técnico profissionalizante. Ficou explícito no discurso dos seus 40 alunos, aqui

entrevistados, que conforme apresentado na hipótese desse estudo de como o dualismo histórico na EPT reflete no discurso dos alunos do curso técnico integrado ao ensino médio do IFTM, campus Uberaba; os mesmos não reconhecem essa dualidade em prol do ensino médio regular, ao contrário se vêem em posição favorável, em questão à visão de mundo, empregabilidade, conhecimentos gerais e propedêuticos e vida acadêmica.

## REFERÊNCIAS

ADAID, Felipe. Sobre um conceito de Estado da Arte: Sua importância diante do produtivismo. [Artigo – online]. 2016. Disponível em: <[Ghttps://jus.com.br/artigos/53331/sobre-um-conceito-de-estado-da-arte](https://jus.com.br/artigos/53331/sobre-um-conceito-de-estado-da-arte)> Acesso em: 15 jan. 2018.

ANDERSON, Perry. **Além do neoliberalismo**. In: SADER; GENTILI (orgs.). Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o estado democrático. São Paulo, Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Dimensões da crise e metamorfoses do mundo do trabalho**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, ano 17, n.50, p.78-86, abr. 1996.

BASTOS, F. História da ciência e pesquisa em ensino de ciências: Breves considerações. In: NARDI, Roberto. (Org.) Questões atuais no ensino de ciências. **Educação para a Ciência**. 5 ed. São Paulo: Escrituras, 1998.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 2003.

BRASIL. **Proclamação da República do Brasil**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Rep%C3%ABlica\\_do\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%ABlica_do_Brasil)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Decreto no 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Legislação, Brasília, DF, Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa civil. **Lei nº 7.044 de 18 de outubro de 1982**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/leis/L7044.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L7044.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 4, de 4 de outubro de 1999. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. **Diário Oficial, Poder Executivo**, Brasília, DF, 22 dez. 1999. p.229.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf)>, 2009. Acesso em: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 10 de novembro de 1937**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o37.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o37.htm)>. Acesso em: 23 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Disponível em: <[Http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html)> Acesso: 13 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2. do art. 36 e os arts. 39 a 41 da **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 23 de julho de 2004. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm)>. Acesso: 11 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2. do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 17 de abril de 1997. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D2208.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm)>. Acesso em: 07 abr. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. **The rise of the network society**. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

CECILIO, L. C. O. et al. A Atenção Básica à Saúde e a construção das redes temáticas de saúde: qual pode ser o seu papel?. **Ciênc. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 11, p. 2893-2902, nov. 2012.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas**. In: FERNANDES, Claudemar Alves; Gama-Khalil, Marisa Martins; JUNIOR, José Antonio Alves (orgs.). **Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas**. São Carlos: Claraluz, 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. In *Educação & Sociedade*. Ano XXIII, no. 79, agosto, 2002. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/53331/sobre-um-conceito-de-estado-da-arte>> Acesso em: 05 fev. 2018.

FONSECA. **Reflexões acerca da educação durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)**. Disponível em: <<http://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/reflexoes-acerca-educacao-durante-ditadura-militar.htm>> Acesso em: 13 fev. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

LEMONS, André. **Cibercultura e Mobilidade**. A Era da Conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.

LESSA, Sérgio. **Para além de Marx? Crítica da teoria do trabalho imaterial**. São Paulo: Xamã, 2005.

LINHARES, Célia. De uma cultura de guerra para uma de paz e justiça social: movimentos instituintes em escolas públicas como processos de formação docente. In: \_\_\_\_\_. & LEAL, M<sup>a</sup> Cristina (org.). **Formação de Professores: uma crítica à razão e à política hegemônicas**. Rio de Janeiro: DP&A. (2002).

LOPES; Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. A estabilidade do currículo disciplinar: o caso das ciências. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Orgs). **Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas**. Rio de Janeiro: DP& A, 2002, p. 73-94.

LUCCI, Elian Alabi. **A Era Pós-Industrial, a Sociedade do Conhecimento e a Educação para o Pensar**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vidlib7/e2.htm>> Acesso em: 13 fev. 2018.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. In: Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Conceito de avaliação por triangulação de métodos**. In: Minayo, Maria Cecília de Souza; Assis, Simone Gonçalves de, Souza ER (Organizadores). **Avaliação por triangulação de métodos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005: 19-51.

NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; TERRIEN, Jacques. **Trabalhos Científicos e Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas**. In Estudos em Avaliação Educacional, v. 15, n. 30, jul.-dez., 2004. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/53331/sobre-um-conceito-de-estado-da-arte>> Acesso em: 05 fev. 2018.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"Terceira Revolução Industrial"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: 04 maio 2018.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. **A metamorfose da questão social e a reestruturação das políticas sociais**. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social. Brasília, DF: UnB, Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância, módulo 1, p.45-58, 2000a.

RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. 2005. Disponível em: <[http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao\\_do\\_ensino\\_medio\\_integrado5.pdf](http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R.; GONZÁLES, R. M. B. Grupo focal como uma estratégia para coletar dados de pesquisa em enfermagem. **International Journal of**

**Qualitative Methods** 1 (2), Article 5. Spring, 2002. Disponível em: <[http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/1\\_2Final/pdf/ressel.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/1_2Final/pdf/ressel.pdf)> Acesso em: 28 abr. 2018.

RIBEIRO, Aparecida de Cássia; et al. **A relação entre homem e modo de produção do sistema capitalista**. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/gestaodecidades/publicacoes/boletim/09/a-relacao-entre-homem-e-modo-de-producao-do-sistema-capitalista>> Acesso em: 13 fev. 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. In: Diálogo Educacional. Curitiba, v.6, n. 19, p. 37-50, set./dez., 2006. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/53331/sobre-um-conceito-de-estado-da-arte>> Acesso em: 05 fev. 2018.

SAVIANI, Demerval. **O choque teórico da politécnica**. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, v.1, n. 1, p.134-151, mar. 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade**. In: SÁ, Jeanete Liasch Martins (Org.). Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lisete Bomura. O Ensino jesuítico no período colonial. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 169-189. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a11>> Acesso em: 13 fev. 2018.

STOER, Stephen R.; MAGALHÃES, António. **Educação, conhecimento e sociedade em rede**. In: Educação e Sociedade. São Paulo: Cortez; Campinas: CEDES, v. 24, n. 85, p. 1179-1202, dez. 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3122/2459>> Acesso em: 15 mar. 2018.

VIEIRA, Balbina Ottoni. **História do serviço social: contribuição para a construção de sua teoria**. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TRIÂNGULO MINEIRO  
Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação Tecnológica

Pesquisadora responsável: Mestranda, Elaine Antunes Fidelis

Orientador: Prof. Dr. Welisson Marques

**Título da pesquisa:** Sentidos do Curso Técnico para o sujeito-aluno de Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Uberaba

### **Roteiro de entrevista, para apreciação da Coordenação dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Administração, Alimentos e Agropecuária, IFTM-campus Uberaba.**

[Pergunta geral de aquecimento: O que vocês acham do IFTM de modo geral?]

1. Gostaria que vocês me falassem o porquê de vocês terem escolhido esse curso técnico... por que vocês gostam do curso, por incentivo dos pais, qual foi o motivo [...]?
  2. Vocês pretendem atuar na área técnica? Por quê?
  3. O que vocês pensam sobre um „Técnico em [Nome do curso]“?
  4. Vocês pretendem trabalhar em que área no futuro? (Desejam fazer um curso superior, qual?) [Se o curso superior não tiver relação com o técnico, pergunte por que, então, estão cursando o Técnico Integrado]
  5. Você se realizaria profissionalmente como Técnico em [nome do curso técnico]? Se sim, por quê? / Se não, por que não?
  6. Você acredita que o Técnico em [nome do curso] é valorizado (financeiramente)? Por quê? O que as pessoas pensam sobre o Técnico em [nome do curso]?
  7. O curso Técnico Integrado contribuiu para que você se tornasse uma pessoa mais crítica e consciente do seu papel profissional? De que modo?
  8. Vocês realizaram algum trabalho interdisciplinar (integrador) (isto é, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo)? Se sim, como foi?
  9. Como vocês percebem o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas (Português, Matemática, etc.)? Vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, dialogam entre si? Por quê?
  - 10- Qual a opinião de vocês em relação a demanda de Cursos Técnicos oferecidos pelo IFTM? Vocês são favoráveis à abertura de novos cursos?

**APÊNDICE B - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título da pesquisa:** Sentidos do curso técnico para o sujeito-aluno de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Uberaba

**Pesquisador(a) responsável:** Elaine Antunes Fidelis

**Instituição:** Instituto Federal Triângulo Mineiro

**Telefone para contato:** (34) 99115-4622

**Local da coleta de dados:** IFTM- *Campus* Uberaba

A pesquisadora do presente projeto se compromete a preservar a privacidade dos participantes, cujos dados serão coletados por meio da técnica de Grupo Focal. Declara que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto e para divulgação em eventos de Educação ou publicações, garantindo-se sempre o anonimato dos participantes. Informa que os dados coletados serão mantidos sob a responsabilidade da pesquisadora por um período de 5 anos, sendo que, após este período, serão destruídos. Garante que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dos participantes e comunidade.

Uberaba/MG, 30 de novembro de 2017.

Elaine Antunes Fidelis

## APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO

**Instituição:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – *Campus* Uberaba.

**Pesquisadora:** Elaine Antunes Fidelis

**Endereço:** Rua Dona Helena Abrahão, 191- bairro: Olinda.

**Fone:** (34)99115-4622

**E-mail:** [fideliselaine@hotmail.com](mailto:fideliselaine@hotmail.com)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: Sentidos do curso técnico para o sujeito-aluno de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - *Campus* Uberaba, sob a responsabilidade da pesquisadora Elaine Antunes Fidelis, aluna regular do Curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do IFTM – *campus* Uberaba e orientador Prof. Dr. Welisson Marques.

Neste estudo pretendemos ouvir grupos, compostos por seis alunos do curso médio integrado em Administração, Alimentos e Agropecuária, para analisarmos quais os sentidos são atribuídos pelo sujeito-aluno aos cursos técnicos do ensino médio integrado.

O motivo que nos leva a estudar o assunto citado acima parte da inquietação de se verificar o interesse de atuação profissional dos alunos nos respectivos cursos e analisar qual o sentido do curso técnico integrado ao ensino médio atribuído pelo sujeito-aluno.

Sua participação ocorrerá por meio da técnica de Grupo Focal. Cada grupo formado por seis estudantes irá expor sua concepção à respeito do tema, seguindo uma diretriz de temas pré estabelecidos.

A pesquisadora se compromete a manter a sua identidade no mais rigoroso sigilo, para tanto segue abaixo o Termo de Confidencialidade.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, confirmo que fui devidamente esclarecido(a) sobre os objetivos e motivos desta pesquisa, de maneira clara e detalhada. Declaro que concordo em participar desse estudo, de livre e espontânea vontade e que em nenhum momento eu me senti forçado(a) a fazê-lo. E ainda, aceito participar do estudo especificado acima, com as garantias concordadas e especificadas a saber:

 receber esclarecimento a qualquer dúvida relacionada com a pesquisa;

- ✚ liberdade para retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem nenhuma penalização;
- ✚ segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial dos dados;
- ✚ receber as informações sobre os resultados do estudo, quando solicitado por mim;
- ✚ os dados coletados poderão ser utilizados para divulgação em eventos de educação ou publicações, garantindo-se sempre o meu anonimato.

Declaro que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas antes de participar da pesquisa.

Uberaba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Assinatura do participante \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UNIUBE

Endereço: Av. Nenê Sabino, 1801 – Bairro Universitário.

Uberaba/MG – CEP 38.055-500.

Fone: (34)3319-8811

E-mail: cep@uniube.br

## APÊNDICE D - ENTREVISTA 1

### 1º ANO DO TÉCNICO INTEGRADO EM ADMINISTRAÇÃO. - 2 TURMAS

Áudio nº61 - tempo de gravação: 36 minutos.

05 alunos do sexo masculino - 01 feminino-

01 oriundo de escola particular

01 aluno surdo

Após ter sido lido e esclarecido as dúvidas referentes aos termos de livre consentimento e de

**Pesquisadora:**

O que vocês acham do IFTM de modo geral? O que significa? qual a visão que vocês tem do IF?

**Aluno 1:**

Assim, eu achei que é uma escola muito boa, um ensino de qualidade e compensa fazer a prova para entrar aqui, os professores são bem atenciosos.

**Aluno 2:**

Eu também acho muito boa, eu estudava em escola particular, do Zé Ferreira e preferi vir para cá, o ensino aqui é muito bom e lá também não tem o curso, daí, aqui tem o curso que eu quis fazer e eu acho muito bom.

**Aluno 3:**

Bom, eu acho que é uma oportunidade de vocês melhorarem uma condição é .... De estudo assim, é uma condição melhor aqui, por conta de ser uma escola federal, a maioria dos professores têm Mestrado, Doutorado, essas coisas assim, e...são bem atenciosos e ajudam bastante em qualquer coisa que a gente precisar, principalmente, na educação.

**Aluno 4:**

Aqui acaba sendo uma escola assim.... Bem atenciosa pra gente, a gente acaba esclarecendo tudo o que a gente precisa saber: os professores são bem especializados e ajudam de verdade os alunos. É uma escola que vale a pena estudar.

**Aluno 5:**

Bom eu acho que eles valorizam bem os alunos, tanto que tem o processo seletivo para entrar aqui, e a partir desse tempo, você adquire já o técnico integrado que facilita. Você já sai daqui com o diploma e facilita a carga horária também que possibilita que a gente possa entrar na faculdade sem sentir muita dificuldade.

**Aluno 6:**

Bom, o IF é uma experiência nova, um lugar muito bom de estudar, para mim, aqui. Os profissionais que estão aqui dentro são modelos para que a gente possa dar continuidade aos nossos estudos.

**Pesquisadora:**

Eu gostaria que vocês me falassem por que vocês escolheram o curso técnico em Administração. Se é por que vocês gostam do curso, por incentivo dos pais? Quais foram os motivos de vocês escolherem o curso técnico em administração? Ou se foi uma forma de vocês virem para o IF? O que levou vocês à escolherem o técnico em Administração?

**Aluno 1:**

Quando eu fui fazer a prova para entrar pra cá, eu queria fazer mesmo só para entrar no Ensino Médio, a minha mãe falou para eu fazer ADMINISTRAÇÃO porque é um curso muito bom que iria me auxiliar em várias coisas na etapa da minha vida e não ia ser só o Ensino Médio, iria ser muito bom para minha iniciação.

**Aluno 2:**

Eu vim porque eu queria vir para o IF e por amigos meus. O curso de Administração é uma coisa muito boa.

**Aluno 3:**

Bom, eu vim por conta própria, eu quis vir para o curso em Administração, por conta que uma boa parte das muitas empresas trabalham muito na parte administração administrativa, isso ajuda bastante aqui no curso técnico integrado.

**Aluno 4:**

Eu vim fazer Administração porque grande parte da minha família já fazia e eu acho um curso bem interessante que auxilia tudo o que a gente for fazer na vida.

**Aluno 5:**

Eu vim para o IF com incentivo da minha família, principalmente, pelo curso também, que a maioria faz Administração. É um curso que se encontra em vários lugares, você tem várias oportunidades.

**Aluno 6:**

Eu escolhi o curso em Administração é... porque é um curso inovador. É um curso que me dá condições de me tornar um profissional diferente e ele já é junto com o Ensino Médio e o que isso me favorecia? Que quando eu encerrasse a minha profissão aqui eu já teria condições de ter um trabalho, uma profissão, então eu estaria fazendo duas coisas ao mesmo tempo, então... e pensando a questão de profissional mesmo minha, é uma coisa que viria me contribuir e foi onde eu tive interesse em fazer o curso.

**Pesquisadora:**

Vocês pretendem atuar na área técnica em Administração ou vocês pretendem fazer outro curso?

**Aluno 1:**

Eu pretendo fazer um outro curso, não pretendo seguir essa área, mas eu acho muito importante Administração.

**Aluno 2:**

Eu pretendo seguir a área em Administração e Marketing.

**Aluno 3:**

Eu pretendo seguir uma parte da Administração porque eu vou fazer uma parte da Matemática Financeira e cai muito dentro da Administração.

**Pesquisadora:**

Mas você quer fazer o Ensino Superior em Administração?

**Aluno 3:**

Não, só na área da Matemática Financeira.

**Aluno 4:**

Eu pretendo seguir parte dela, mas eu também pretendo fazer Curso Superior de Direito.

**Aluno 5:**

Bom, eu pretendo tirar recursos do que eu aprendi, mas mudaria de profissão.

**Aluno 6:**

É... Eu assim, a minha proposta é a seguinte: eu pretendo fazer Engenharia Mecânica e me desenvolver nessa área, só que eu quero trabalhar com a Engenharia Mecânica na minha própria empresa; então, por isso, que eu já estou fazendo um curso de Administração para eu entender o lado empresarial, como que é a questão de empresas, para que, futuramente, quando eu concluir o curso de Engenharia Mecânica eu consiga fundar a minha própria empresa.

**Pesquisadora:**

Todos aqui pretendem continuar os estudos e cursar o Ensino Superior, com uma exceção, só um que quer continuar em Administração. Os demais, se fosse um curso do IFTM, por que vocês estão no IFTM fazendo um curso em Administração? Se eu estiver errada, me corrijam. Para fazer o Ensino Médio no IFTM, vocês prefeririam que fosse o curso, só Ensino Médio? Ou não? Ou: o curso integrado profissionalizante, para vocês faz mais sentido? O que vocês falam sobre isso? O que vocês pensam sobre o curso técnico em Administração? O nome do curso? E se fosse separado, se você tivesse a oportunidade de escolher entre o curso técnico integrado ou só cursar o Ensino Médio, no IFTM, o que vocês preferiam?

**Aluno 1:**

Eu preferia fazer só o Ensino Médio porque ai você teria a tarde livre para focar nas matérias, no que cai no Enem, outras coisas.

**Aluno 2:**

Eu preferia o integrado mesmo porque eu já acostumei antes a estudar assim e eu prefiro porque já tem o técnico e o Ensino Médio.

**Aluno 3:**

Bom, eu preferia o integrado por conta que há alguma coisa a mais no seu currículo e acho que isso ajuda bastante dentro de uma empresa.

**Aluno 4:**

Eu prefiro o integrado também porque, a partir do momento que você termina aqui, você já sai com o diploma prontinho para ingressar no mercado de trabalho.

**Aluno 5:**

Eu também prefiro o integrado, ele pode dificultar um pouco, mas como o outro falou, ele vai te ajudar no nosso currículo.

**Aluno 6:**

Bom, eu gosto da forma como é integrado, é difícil, agora é uma coisa mais pesada, mais cansativa sim, mas agente tem que pensar no nosso futuro e no futuro agente vai sair com duas formações.

**Pesquisadora:**

Você acha que se realizaria profissionalmente como técnico em Administração? Vocês todos querem continuar os estudos, e pretendem conciliar o trabalho com o Ensino Superior ou não? Você se realizaria como técnico em Administração e qual é a contribuição dele na vida de vocês? Ele vai contribuir para pagar uma faculdade ou se vai contribuir só na área curricular?

**Aluno 1:**

Assim, eu pretendo focar mais nos estudos quando eu sair daqui, mas se eu fosse trabalhar nessa área, iria ser muito bom para pagar essas coisas, contribui bastante.

**Pesquisadora:**

Então você pretende, enquanto faz a faculdade, trabalhar no ramo de Administração?

**Aluno 1:**

Não. Pretendo só focar nos estudos mesmo.

**Aluno 2:**

Eu pretendo, porque aí eu já sei balancear o meu dinheiro, e eu posso, enquanto eu estou fazendo faculdade, pensar em abrir uma empresa.

**Aluno 3:**

Bom, vai ajudar bastante por conta que você vai saber controlar o seu dinheiro: entrada e saída de dinheiro; isso ajuda bastante, tanto na faculdade quanto em uma empresa. Eu pretendo trabalhar junto com a faculdade e depois seguir.

**Aluno 4:**

Enquanto eu estiver na faculdade, eu pretendo trabalhar em uma empresa, ou mesmo, montar a minha. Eu acho muito importante a gente ter essa noção da Administração porque a gente sabe o que a gente precisa fazer e o que precisa seguir.

**Aluno 5:**

Eu acho que eu tiraria recursos do que eu aprendi na Administração, afinal seria útil no final né, para toda ocasião existe um tipo de administração. Eu utilizaria, enquanto faria a faculdade, eu trabalharia enquanto faria a faculdade sim.

**Aluno 6:**

É. Bom, o curso de Administração, a gente pensa assim... O técnico, em questões salariais, é bem inferior ao que já tem uma formação superior em Administração, então o que acontece? Se a gente fosse olhar, hoje o governo propõe bolsas de ajuda, então a gente teria duas vertentes nesse sentido, por exemplo: das vertentes, a gente poderia focar no estudo. E o governo, dando bolsas e ajuda de custo para a gente ter base nos estudos. Ou, a gente trabalhar e pagar particular a faculdade.

**Pesquisadora:**

Então, vocês se realizariam profissionalmente como técnicos em Administração durante esse período, e depois seguiriam carreiras escolhidas? O curso técnico integrado contribuiu para que você se tornasse uma pessoa mais crítica e consciente do seu papel profissional? De que modo contribuiu para você se tornar uma pessoa mais crítica? Porque, até então, vocês eram só estudantes e com o integrado, vocês começam a ver tanto a Educação formal, que a gente chama de propedêutica, quanto a profissional, isso contribui para se tornar uma pessoa mais crítica em relação ao mundo, à política, à economia e consciente do seu papel profissional na sociedade?

**Aluno 1:**

Eu acho que sim, porque, quando você começa a ver como funciona, você começa a ver como poderia ter feito aquilo, se tivesse feito de um jeito que seria melhor. Começa a ver o seu ponto de vista naquilo. Acho que contribuiu para ser mais crítico.

**Aluno 2:**

Sim, contribuiu, como se fosse, é... Porque nós estudamos muito Economia, empresas com o euro, que vemos na televisão, sabemos como que poderia melhorar a situação.

**Aluno 3:**

Bom, acho que contribuiu por conta que você aprende bastantes coisas na área de Economia, Direito, essas coisas em si e isso ajuda bastante no mundo de fora. Você vai colocar sua crítica naquilo, pensar de um jeito diferente e agir de outra maneira para fazer o certo.

**Aluno 4:**

Eu também acho que assim, quando a gente entra aqui, a gente acaba amadurecendo muito e a gente vê que as matérias aqui acabam ajudando a gente é na vida inteira; e a gente acaba percebendo que certas coisas poderiam ter sido de uma maneira totalmente diferente.

**Aluno 5:**

Bom, a Administração, ela envolve muita organização, mas também Economia, com isso a gente pode ter uma visão do que acontece lá fora, como os problemas que a gente pode ver que acontece hoje.

**Aluno 6:**

Sim, é... Certeza que a parte do curso técnico abriu muito as nossas mentes, o nosso jeito de pensar. Nos, estrutura com mais maturidade e sim, isso nos faz ser pessoas mais críticas e conhecedoras de novos aprendizados.

**Pesquisadora:**

Você acredita que o Curso Técnico em Administração é valorizado financeiramente? Por quê? O que as pessoas pensam sobre um curso em Administração?

**Aluno 1:**

Eu acho que é um curso que ele é valorizado, quando eu estava de fora eu via o curso de Administração, como um curso diferente porque aprende várias coisas assim e eu acho que as pessoas valorizam bastante o curso.

**Aluno 2:**

Eu acho que esse curso não é muito valorizado porque antes de eu vir para cá eu não ouvia muito sobre isso.

**Aluno 3:**

Bom, eu acho bem valorizado por conta que qualquer coisa que você for ver tem um pouco da Administração e isso ajuda bastante em qualquer lugar que você for. Principalmente em uma empresa.

**Aluno 4:**

Se a gente pensar no lado financeiro não é muito valorizado, tanto que as pessoas têm diploma técnico em Administração recebem menos que quem tem o superior, mas se a gente for ver por outro lado, sim, eu acho que é bem valorizado.

**Aluno 5-** Bom, a Administração é dividida em setores. Tem setores que não é tão valorizada, assim, então, minha visão é de que não é tanto assim valorizado.

**Aluno 6:**

A sociedade, antigamente, ela visava o quê? A formação de cursos técnicos. Então, era isso que a sociedade tinha. Hoje, com o novo modelo de sociedade, o foco maior é o Curso Superior. Então, a sociedade, hoje, cobra muito a questão dos adolescentes no Ensino Superior. Hoje, a gente percebe o que, diante disso, que o Superior é mais exigido que o técnico, mas o técnico dá base para a formação.

**Pesquisadora:**

Vocês sentem ou veem alguma dualidade, diferença na concepção da sociedade, em relação a quem cursa só o Ensino Médio e a quem cursa o Ensino Médio profissionalizante integrado? Vocês acham que a sociedade vê uma diferença de quem faz só o Ensino Médio e de quem faz o Ensino Médio profissionalizante? Como vocês veem isso? Há um conflito entre os dois? Se um é mais valorizado do que o outro? Como que vocês veem essa diferença entre o Ensino Técnico Profissionalizante? E quem cursa só o Ensino Médio?

**Aluno 1:**

Toda vez que eu estou conversando com alguém e eu falo que eu estudo aqui, o pessoal fala que é muito puxado, que tem que estudar bastante. Eu acho que o pessoal tem uma visão daqui como se fosse mais difícil que as outras escolas, daí eu acho que essa é a diferença que o pessoal vê.

**Pesquisadora:**

E você acha que é mais puxado?

**Aluno:**

Sim

**Aluno 2:**

Eu também acho assim, porque é muito mais puxado e, também, a carga horária é muito alta; e isso muda, tem muito conflito entre as duas e as pessoas pensam que aqui é muito ruim por causa da carga horária.

**Pesquisadora:**

Só da carga horária?

**Aluno 2:**

Sim

**Aluno 3:**

Bom, o integrado com o profissionalizante, eles pensam que é uma coisa, tipo, é melhor, por conta de ser um pouco mais dedicado aquilo, porque você tem que ficar um tempo maior na escola, estudando, tanto o Ensino Médio, quanto o curso técnico, e isso ajuda bastante, e as pessoas veem isso como um ponto de vista melhor, na sociedade.

**Aluno 4:**

Assim, quem cursa técnico, ele acaba ficando um tempo maior na escola, então a sociedade vê, entre aspas, que ele vai acabar tendo um futuro ainda melhor do que quem faz só o Ensino Médio.

**Aluno 5:**

Bom, depende do ponto de vista, porque eu já ouvi falar de muitas pessoas que isso seria, tipo, muito bom. Mas, de outras pessoas que falaram que isso tiraria um pouco o tempo que elas poderiam aproveitar em outras coisas. Então... Mas, na minha visão, aqui é um lugar bom que facilita. Igual eu falei antes a você, encontrar um serviço que a gente procura. Mas eu já ouvi muitas críticas falando que você iria perder muito tempo e é quase a mesma coisa que o Ensino Médio, mas ele tem o integral, então as pessoas não comparam isso e não veem a diferença.

**Aluno 6:**

Bom ah... a sociedade, eu acho que ela não percebe muito a questão da diferença entre o Ensino Médio e o Ensino Técnico. Acho que a sociedade, para eles, tanto faz, eles equiparam as duas nessa questão, nesse quesito; então, para eles, é a mesma coisa, não há diferença.

**Pesquisadora:**

Então, vocês não veem que há uma desvalorização do Curso Técnico e uma valorização do Ensino Médio formal? Ou alguém acha que o Curso Técnico é desvalorizado em relação ao Ensino Médio?

**Aluno:**

Assim, depende de cada ponto de vista, tem gente que fala que é muito bom para o mercado de trabalho quando eu sair daqui. Tem pessoas que falam que é perda de tempo; alguns familiares meus falam que eu não tenho que focar tanto no Técnico, é para focar mais no Médio.

**Pesquisadora:**

E a sua opinião?

**Aluno 1:**

Eu acho que eu devo focar mais no Médio. Porque eu não pretendo seguir essa área, mas para quem pretende é muito bom focar nos dois.

**Pesquisadora:**

Tá, mas você está cursando os dois, Integrado e Médio, em algum momento você se arrependeu e acha que você deveria ter ido para o outro?

**Aluno 1:**

Em nenhum momento eu me arrependi, se fosse para fazer de novo, eu faria o integrado

**Aluno 2:**

Eu também acho muito puxado e eu também (repete a pergunta por favor)

**Pesquisadora:** (risos) eu perguntei se vocês acham que o Técnico tem alguma desvalorização em relação a quem cursa só o Ensino Médio, se há essa dualidade entre eles e se fosse para fazer novamente se vocês escolheriam novamente o Integrado ou só o Médio.

**Aluno 2:**

Sim, eu escolheria o Integrado e a desvalorização ocorre só na parte financeira, eu acho que não tem muita desvalorização do curso.

**Pesquisadora:**

A desvalorização ocorre profissionalmente, mas não em relação, eu digo assim, em relação a quem só cursa o Ensino Médio e a quem cursa o Integrado.

**Aluno 2:**

Não, não ocorre.

**Aluno 3:**

Eu acho que há uma valorização, do que uma desvalorização, porque é alguma coisa a mais que você vai ter e isso te ajuda bastante em qualquer parte da sua vida; e sim, eu optaria novamente pelo Integrado.

**Aluno 4:**

Eu também optaria em fazer o curso Integrado, porque, assim que você sai daqui, você terá uma base para viver com uma maior qualidade.

**Aluno 5:**

Bom, eu acho que o que você está querendo dizer se eu escolheria esse curso ou se eu escolheria só o Médio?

**Pesquisadora:**

Sim, agora que você já tem a vivência do Integrado, se fosse para você voltar e escolher novamente, você acha que escolheria novamente o Integrado ou você acha que ficaria só com o Ensino Médio?

**Aluno 5:**

Não, eu escolheria o Integrado, ele adianta né, tipo assim, vamos supor, você já sai daqui com uma base, um conhecimento a mais do que você teria conhecido no Ensino Médio. No Médio você ainda estaria um pouco incompleto, você teria que completar um pouco para passar para outro nível.

**Aluno 6:**

Olha, não é uma questão de desvalorização não, os dois são bons, tanto o Ensino Médio e o Técnico, os dois são iguais para mim o que falta é a sociedade tomar consciência e ter conhecimento do que é cada um. Por exemplo: se a sociedade não buscar informação do que é um curso Técnico Profissionalizante e o que é um Curso do Ensino Médio, eles não vão conseguir entender essa diferença.

**Pesquisadora:**

Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar, integrador, isto é, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo? Se sim como foi?

**Aluno 1:**

Tô pensando... Assim, já fizemos o trabalho que envolvia o primeiro negócio, várias coisas que a gente tinha que fazer e também teve um outro, com uma outra professora, que envolvia várias coisas sobre a exportação, foi muito puxado, mas o resultado foi bom.

**Pesquisadora:**

E foram várias disciplinas em conjunto? É isso que eu quero saber. Quando eu falo assim algum trabalho interdisciplinar integrador, por exemplo, se juntou a matemática, a arte, a língua portuguesa e matérias do técnico, se houve essa integração entre as matérias da base nacional comum, do ensino médio normal e as do técnico.

**Aluno 1:**

Foi muito legal assim, foi bem puxado, mas foi legal.

**Pesquisadora:**

E qual que foi o trabalho?

**Aluno 1:**

O trabalho, a gente tinha que pegar um produto, ver como que era a exportação dele para um determinado país, colocar as tarifas, a gente era, tipo, exportador, vários professores vieram avaliar nossa bancada.

**Pesquisadora:**

A avaliação, mas eu falo assim, e na Matemática, você tinha que desenvolver isso, juntou a Matemática com a Língua Portuguesa, Matemática Financeira? Pode falar todo mundo junto.

**Aluno 2:**

Juntou a Matemática, com importação, exportação, a Língua Inglesa e Língua Espanhola.

**Pesquisadora:**

Então houve uma junção?

**Aluno 3:**

Na parte da redação técnica, a gente teve que fazer um trabalho escrito, um resumo para entregar no dia.

**Pesquisadora:**

Alguém gostaria de complementar alguma coisa?

**Aluno 6:**

Oh, por exemplo, a questão da interdisciplinaridade foi muito bom, um aprendizado, eu participei de trabalhos que a gente teve que criar, buscar e isso foi muito bom, com a interação de todos os conteúdos, até pro curso mesmo de Administração, isso é bom, ajuda a gente a estudar.

**Pesquisadora:**

Vocês percebem que há um dialogo das disciplinas técnicas e básicas que foi o que eu perguntei agora? E vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, têm um dialogo, acontece, por exemplo: eu dou aula de Matemática, você dá aula de Língua Portuguesa e ele de Matemática Financeira. Há uma interação entre essas disciplinas ou são isoladas? Você acha que no planejamento existe essa interação ou não?

**Aluno 1:**

Eu acho que não, acho que cada professor, ele foca na sua, entendeu?

**Aluno 2:**

Eu também acho que cada professor foca na sua matéria.

**Aluno 3:**

Mesma coisa dele. Cada um, foca na matéria dele mesmo.

**Aluno 4:**

Eu também acho que cada professor foca bastante na matéria dele, ele tem que dar a base do conteúdo dele.

**Aluno 5:**

Bom, eu acho que eles focam, por um lado, mas, às vezes, ele tem que usar, tipo misturado, para poder dar um exemplo de como seria dentro de uma empresa para gente, entendeu? Por exemplo: um exercício, ele pega para dar a situação de uma empresa e o aluno tem que resolver, no caso da Matemática tendo que interpretar.

**Aluno 6:**

Assim, alguns sim, eles se interagem para a construção das atividades, dos conteúdos. Outros já são isolados, eles não têm esse vinculo, essa interação com o outro. Então é difícil de falar, essa é a minha opinião.

**Pesquisadora:**

As perguntas que eu tinha para fazer aqui acabaram, eu queria só aproveitar a presença do colega de vocês para perguntar como acontece a inclusão aqui? Se tem alguma coisa que

vocês acham que deveria mudar, se a inclusão realmente acontece e como ele vê essa perspectiva e vocês também. Então eu vou inverter a ordem e vou começar com ele.

**Aluno 6:**

Oh!! A inclusão... sim, a gente sabe que as pessoas com necessidades especiais estão vindo, tem leis que as amparam. Então, a inclusão, dentro desse regimento, ela acontece dentro do Instituto. Os alunos, eu, por exemplo, na minha defesa, eu interajo junto com os meus colegas, sim eu interajo com todos.

**Pesquisadora:**

E você é bem atendido, te falta alguma coisa que poderia acrescentar para o seu desenvolvimento educacional?

**Aluno 6:**

Humm... Às vezes, falta. Não é cem por cento perfeito não, mas eu sou uma pessoa paciente. Então, eu fico... tem alguns alunos que me ajudam, tem os colegas, outros alunos não estão nem ai para mim, me ignoram perfeitamente. Mas, a maioria sim, são bons. Mas falta, é, na questão da inclusão, ainda falta. Porque acho que os ouvintes, eles precisariam ter maior interesse em aprender língua de sinais como forma de comunicação. Não ficar dependente só do interprete, mas interagir de comunicação verdadeira comigo, isso me ajudaria mais, principalmente os professores.

**Pesquisadora:**

Como sugestão para melhorar a inclusão no IF, você tem alguma a sugerir.

**Aluno 6:**

Ah sim, a inclusão tem que melhorar aqui, por exemplo, eu sou o único surdo, olha a quantidade de ouvintes que temos aqui dentro do IF e eu sou o único surdo aqui, então, já é importante a minha presença aqui dentro, o que eu penso e acredito é que o Instituto está tendo uma primeira experiência. Mas ele tem condições de melhorar, e melhorar bem, até os professores nas suas disciplinas, adaptar melhor as disciplinas, buscar, tentar entender a questão da pessoa surda. Como que é a metodologia de trabalho com essas pessoas, tentar compreender e propor atividades diferentes. Isso por exemplo, é interação e é inclusão.

**Pesquisadora:**

Alguém gostaria de complementar e falar alguma coisa sobre a inclusão.

**Aluno 2:**

Bom, quando eu comecei a ver que ele era daquele jeito eu comecei a interagir melhor com ele.

**Intérprete:**

Daquele jeito não, desculpa, pode cortar, que ele é surdo, porque quando você fala "daquele jeito" você rotula ele com algum tipo de preconceito

**Aluno 2:**

É porque antes de eu entrar eu não sabia que ele era surdo, pois eu não sou da sala dele e, quando eu fiquei sabendo que ele era surdo, eu comecei a interagir melhor com ele, porque eu acho bem interessante e legal a forma de expressar a opinião dele com a nossa.

**Aluno 3:**

Eu acho que devia ter mais inclusão social sim, porque tem muito pouco deficiente, deficiente visual, auditivo, e eu acho que tinha que ter mais. Porque eu tenho familiares que têm deficiência e não têm muita oportunidade de vir para uma escola dessas.

**Aluno 1:**

Eu acho que a escola já tem que se preparar agora para futuras ocasiões de pessoas com necessidades vir para cá. Por que o tamanho desse campus, tem poucas rampas de acesso para cadeirantes. Eu acho que eles deveriam se preparar a partir de agora já.

**Aluno 5:**

Bom, a gente, para a inclusão, eu acho que ainda tá um pouco escasso, a gente até faz essa parte para a inclusão, mas a Instituição, eles tentam. Agora, eles começaram a dar palestras sobre esses assuntos e a tentar a começarem já agir, entendeu? A fazer a inclusão.

**Aluno 4:**

Por experiência própria, desde que eu conheci ele, que ele é da minha sala, é um amigo muito importante que eu vou levar para a minha vida. A gente acaba melhorando muito, acaba amadurecendo, acaba vendo um novo mundo de verdade. Eu acho bem importante a gente ter inclusão assim. Mais alunos assim, venham para cá porque eu acho que vai melhorar ainda mais a qualidade dessa escola.

**Pesquisadora:**

Alguns de vocês sabem a língua de sinais ou se comunicam com ele pela intérprete?

**Aluno 4:**

No meu caso, eu tento me comunicar da maneira que eu consigo. Eu sei alguns sinais, eu sei a datilologia, mas não é perfeito. Eu pretendo, um dia, fazer um curso de libras, eu pretendo entrar mais na sociedade dos surdos.

**Aluno 5:**

Bom, eu sei falar um pouco, porque, como eu sou da mesma sala que ele, eu tento me comunicar com ele. Tipo assim, eu tento ver um pouco o que a interprete faz, e tento comunicar com ele. Eu vejo que ele compreende com a cabeça, mas eu vejo que ele não entendeu nada. Mas, eu vejo que ele percebe que eu estou fazendo um pequenino esforço para começar a interagir com ele.

**Aluno 2:**

Às vezes, quando eu tento conversar com ele, eu uso mais o meu jeito para poder interagir com ele. Eu não entendo muito da língua de sinais, eu pretendo fazer algum curso de língua de sinais para poder interagir melhor com essas pessoas que são surdas.

**Pesquisadora:**

Vocês acham que uma das ações de inclusão poderia ser a Instituição oferecer um curso para que vocês pudessem se comunicar com o colega?

**Aluno 4:**

Assim, pelo o que eu saiba, vai abrir o curso pelo SINID. E eu acho muito importante os alunos fazerem, porque assim, a gente se esforçando para aprender, a gente acaba incluindo também e acaba entrando no mundo deles também.

**Aluno 2:**

Tem que abrir, porque podem vir outros e isso é bem importante para a gente poder se comunicar. E isso é muito importante.

**Aluno 6:**

Nós três aqui, somos da mesma sala, a colega, por exemplo, tem muito receio de se comunicar, mas é muito legal ver isso; ela busca um meio, escreve em um papelzinho, me mostra, eu respondo, eu ponho a palavra, o sinal. Aí, a gente vai interagindo, por exemplo. Com os outros três, ainda assim, principalmente com os outros dois, eu conheço daqui do Instituto, mas eu ainda não pude; com ele, eu já consigo me comunicar. Ele sempre pega na mão, cumprimenta e isso é um jeito de se comunicar; com os outros dois, eu não pude, mesmo tendo ficado um ano todo junto, eu ainda não consegui me comunicar. Futuramente, se vocês quiserem, eu ensino língua de sinais para vocês.

**Pesquisadora:**

Eu vou deixar a palavra aberta para vocês complementarem o que acharem pertinente ao tema da pesquisa "os sentidos do Curso Técnico para os sujeitos alunos de Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFTM".

**Aluno 2:**

(Matemática Financeira) Bom, eu acho que poderia ter algum curso mais diferente, por exemplo, como aqui é mais rural, eles não deixam, eles não colocam muitos outros cursos, a Administração foi o primeiro curso não rural. Eu acho importante eles colocarem outras áreas, como uma Matemática Financeira, Marketing, agora tem um curso de Administração, que já está aqui há três anos, e isso é muito importante para desenvolver outros cursos diferentes e não só os rurais.

Foram feitos os agradecimentos e o convite à dissertação.

## APÊNDICE E - ENTREVISTA 2

### 2º ANO DO TÉCNICO INTEGRADO EM ADMINISTRAÇÃO

**Áudio nº 62- tempo de gravação- 1 hora e 20 minutos**

**06 alunos- todos oriundos de escola pública**

**04 feminino**

**02- masculino**

Após prestar esclarecimentos sobre os termos e o estudo, iniciamos nossa pesquisa.

**Pesquisadora**

O que vocês acham do Instituto Federal do Triângulo Mineiro de um modo geral? Agora só em termos da instituição. Todo o campus, o que ela significa para vocês, porque escolheram este curso. O que vocês acham do instituto.

**Aluno 1**

O IF tem uma estrutura muito boa, então a princípio nosso interesse é em questão da educação mesmo. Manutenção da qualidade educacional. Mas é. Tem uma estrutura ótima quanto a laboratório por exemplo. Biblioteca um pouco falha. Os professores, como toda instituição tem, professores que não se comprometem com o trabalho, mas na maioria são professores ótimos. E tem muita oportunidade. A gente tem oportunidades que pessoas do ensino médio de outras escolas não tem. Como projeto de pesquisa, extensão... A gente já tem estas oportunidades, fora os outros projetos que a gente pode desenvolver... Só que culturais né... Aqui dentro... Por exemplo, prestar voluntariado nos jogos que têm dentro do instituto mesmo, eventos que acontecem, então isto é muito bom pra nossa experiência pessoal; como estudante.

**Aluno 2**

O Instituto Federal nos proporciona grandes oportunidades. Os cursos aqui são bons cursos. O campus em si é um campus bom. Tem, vamos colocar assim, quase tudo que nós precisamos pra tá desenvolvendo, pra tá estudando, pra tá fazendo pesquisas, o campus oferece pra todos nós. Os professores são professores de boa qualidade. São professores formados em mestrado, doutorado. São bons professores que estão aí pra nos ajudar a crescer. Então eu vejo o Instituto Federal como uma oportunidade pra tá melhorando, não só a vida pessoal, mas pra abrir uma oportunidade pra você ter uma vida profissional também.

**Aluno 3**

A estrutura aqui no campus pra mim é extraordinária. Tem um pouco do erro da biblioteca, mas a gente tem grande acesso a livros que em escolas estaduais, municipais não encontraria. Grande parte do conhecimento deles pra nós é muito abrangente, e de uma forma geral o campus é extraordinário.

**Aluno**

O IF tem uma estrutura muito boa. Consegue atender a gente, as necessidades. A gente tem algumas falhas em alguns campos, mas são mínimos, e dá pra resolver. Além dele abrir uma grande oportunidade de entrar nas universidades, dá um ensino bom, também dá uma grande abrangência no mercado de trabalho por causa do curso técnico.

**Aluno 5**

Quando procurava um instituto, eu via nele uma oportunidade. Porque eu vinha de uma escola pública, não teria condições de conseguir um ensino de qualidade assim em escolas estaduais né. Sempre pelo bom... A boa fama que o instituto tem de ser uma escola mais séria, comprometida com o aluno. E que aqui, o grau de exigência é um pouco maior que nas outras escolas... Porém do nosso retorno é muito maior, pela qualidade dos professores e pela estrutura que o IF possibilita, eu acho que a gente tem oportunidades melhores no futuro

né. Para a chegada no mercado de trabalho, com a presença do curso técnico, então acho que é uma preparação a mais que a gente tem, fora quando for prestar o vestibular, pra entrar na faculdade também, acredito que o IF proporciona um melhor rendimento para nós.

#### **Aluno 6**

Na minha opinião o IF proporciona pra gente algo sensacional. Claro que, como todo lugar, tem suas falhas e tudo mais. Mas, pra começar, a gente tem que falar primeiro de estrutura. O IF nos proporciona uma estrutura totalmente diferente do que a gente esperava. Nunca que eu lá no meu nono ano esperava estudar em um lugar com tanta estrutura como o IF nos proporciona. Tem suas falhas, como já foi citado. A biblioteca, por exemplo, e na minha opinião tem muitos espaços vagos que daria para fazer outra coisa, uma atividade a mais. Quanto ao ensino, a maioria dos professores são de muita qualidade. Professores sensacionais, que nos proporcionam um ótimo conhecimento, uma boa aula, mas tem alguns que são menos comprometidos com a gente. Mas, além de tudo ainda nos proporcionam um ensino melhor do que outras escolas públicas.

#### **Aluno 7**

Quanto a questão da minha opinião sobre o IF, eu acho simplesmente um acesso de escola pública de outro nível. É um nível superior. É algo que não seria proporcionado pra gente em outras escolas públicas.

#### **Pesquisadora**

Vocês acham que o curso integrado te prepara também para o vestibular. Vocês sentem que a preparação é igualitária como se vocês só fizessem o curso médio.

#### **Aluno 1**

O nosso curso de administração sim. Nós temos o técnico em dois anos em período integral. No terceiro ano a gente tem a parte da tarde livre pra estudo direcionado para o Enem né. O IF, mais próximo do vestibular, dá intensivões pra gente poder reforçar a matéria do vestibular. Então acredito que ele prepara sim. Não pode comparar com uma escola particular. A gente sabe que escolas públicas não compara em questão de ensino, mas o IF se equipara. Porque o que a gente tem de ensino médio é muito bom, e nós da administração temos tempo suficiente pra estudar o ano que vem, especificamente para o vestibular.

#### **Aluno 2**

Quando eles pensaram em colocar o curso técnico em administração, eles planejaram bem, pra gente ter este um ano aí, no terceiro, pra gente tá estudando, pra nós nos prepararmos melhor pra nós conseguirmos uma boa nota, e conseguir passar nas faculdades. E, por ele ter planejado desta forma, não só o ensino que eles dão pra nós, eu acho que é um ensino muito bom. É um ensino de qualidade que você pode falar assim que pelo estudo você pode conseguir passar na faculdade que você quiser, pelo ensino que eles dão. E o curso de administração também te ajuda a você tá ali planejando o teu futuro, o seu tempo e o que você vai fazer.

#### **Aluno 3**

O IF oferece um ensino muito bom. Principalmente em comparação com as outras escolas. Se você pegar um do terceiro ano e um aluno do segundo aqui, mil coisas que o aluno do terceiro ano foi ver no final do ano. Ou que infelizmente terminou sua grade de ensino médio, tem matérias que nós vimos e eles não. E vai tentar fazer a prova do Enem. Então, em comparação, nós temos um ensino excelente voltado ao Enem. Olhando para o lado do curso, é outra coisa que literalmente é muito bem pensado, que se encaixa perfeitamente. Por exemplo, vamos dizer assim. Nós fizemos o Enem esse ano. E teve várias matérias principalmente na área da matemática, exercício de fórmula, que um aluno do ensino médio não veria caso não tivesse o curso. E nós conseguimos, porque nós vimos e sabíamos o que era. Mas no caso deles, que não teve esta aula, que não sabia o que era, que não chegou nem a ter aquela matéria no caso, não sabia. Então, isto é um grande preparo para o Enem.

#### **Aluno 4**

Igual todo mundo já falou né, eu queria complementar que por ser um ensino bom e tudo, aqui exige da gente também maturidade a mais, ou seja, uma formalidade um pouco a mais. Então a gente já entra na faculdade com este pensamento. Um pouco mais maduro, um pouco mais formalzinho, digamos assim. Então isso vai preparando de todas as formas, igual a gente como técnico, no final do terceiro tem que defender estágio, defender TCC no caso, a gente já entra na faculdade com noção do que é isto. Você não entra cru, você já entra sabendo como funciona a faculdade.

#### **Aluno 5**

Assim, eu vejo a oportunidade do curso técnico pra gente, porque, por exemplo, vamos supor que depois do técnico em administração eu queira seguir a faculdade de administração. A base que eu tive aqui, com o curso técnico já vai me preparando para este ambiente do curso superior de administração. Igual, tem amigo meu que fala, que depois que fez o curso técnico, em comparação com quem não fez, quando chegou à faculdade, o que não fez tava perdido e o que fez tinha uma noção né. E eu penso que o curso de administração em si, ele abre um leque para grandes oportunidades. Tanto que você já pode seguir no mercado de trabalho assim que terminar o terceiro. E para você seguir o curso superior também é um curso que qualquer área que você for atuar, sempre vai precisar de um pouco de administração. A gente sempre... Se você for um dentista, você vai precisar saber um pouco de administração para você saber administrar seu consultório... Assim. Ter noções... E eu vejo oportunidades deste curso também nos possibilita esta maturidade, igual o aluno aqui falou. Os professores mesmo nos tratam com a mesma responsabilidade que um curso superior necessita. Nos prepara para chegar com a seriedade que é preciso, porque como a gente cumpre o estágio no final do curso, então, como vai chegar na empresa cruzinho, bobinho, crianças... Então, a grande preparação que o curso dá, não só pra vida profissional, mas pra vida acadêmica também. Com esta seriedade.

#### **Aluno 6**

Bom, eu vejo o seguinte. Como já foi dito primeiramente, o IF nos proporciona algo que não seria capaz de proporcionar em outras escolas públicas. Mas na questão do ensino técnico. Eu penso da seguinte maneira. Será que o ensino técnico vai estar acrescentando na nossa vida futuramente... Talvez sim, talvez não. Então, eu acho que deveriam abrir apenas uma modalidade em ensino médio. Porque apesar de ajudar um pouco no vestibular, se a gente ficasse somente no ensino médio e intensificasse o ensino apenas no médio, nós chegaríamos muito mais preparados para o vestibular, para fazer a faculdade, do que nós chegamos atualmente. E pra mim este é um grande diferencial das escolas particulares para o IF.

#### **Pesquisadora**

Eu gostaria que vocês me falassem por que escolheram o curso técnico em administração. Se vocês gostam desse curso, se foi por incentivo dos pais, ou qual o motivo que fizeram vocês escolherem. Ou se foi só para cursar mesmo o IFTM, e se vocês pretendem atuar na área.

#### **Aluno 1**

Eu escolhi o IF a princípio por causa do ensino médio. Também porque meus professores indicaram, porque acreditaram no meu potencial, e disseram pra eu tentar. E quando eu tive que escolher, administração era o que eu tava mais por dentro dos assuntos. Assim, eu tenho um irmão formado em administração e é uma coisa que eu gosto, me dava bem com as atas. Então das opções que tinha era a melhor que eu vi. Meus pais foram indiferentes quanto a isto. Eles só me incentivaram, me dando apoio mesmo, mas a escolha em si eles não influenciaram em nada. Eu gosto do curso, principalmente por questões textuais. Eu não pretendo seguir na área a princípio, mas talvez futuramente com

empreendedorismo, mas o técnico em administração te dá uma base perfeita pra sua questão pessoal mesmo. Você trabalhar sua vida financeira, controlar bem seus planos, deixar a coisa bem pensada. E também na questão de relacionamento que a gente tem uns com os outros. Da maneira de tratar, profissional, geral. Então, perfeito, eu gosto do curso. E é isso.

#### **Aluno 2**

Meus pais me ajudaram. Eles falaram pra mim fazer a prova e eu não sabia que curso que eu queria e depois eu acabei escolhendo administração. Eles não tiveram influência para escolher o curso, mas eles que me ajudaram a estar aqui dentro. Me ajudaram a escolher o Instituto Federal. Eu gosto do curso da área de administração. Já fiz algumas hipóteses de tentar seguir, mas ainda não tenho certeza, talvez sim. Mas é um curso muito bom. Dá uma base muito boa pra você tá seguindo a sua vida, mesmo que você não vá seguir a administração. Mesmo que você for fazer medicina ou qualquer outra área, é um curso que te dá uma base pra você estar arrumando, entre aspas, a sua vida. Pra você fazer as coisas corretamente.

#### **Aluno 3**

Como eu decidi vir para o Instituto Federal, foi que alguns primos meus fizeram todo o ensino médio aqui, me falaram que o ensino era muito bom, e tinha diversos cursos, e a partir daí eu comecei a me interessar. Eu escolhi administração, porque, primeiramente eu não ia fazer administração, mas era uma base para quase a maioria das coisas, tanto para minha vida pessoal, quanto para a minha vida... Minha carreira de trabalho, e me daria uma base maior. E a área de trabalho voltada para a administração era bem mais amplo do que os outros cursos. Sobre continuar, fazer futuramente, eu já pensei sim nesta hipótese, mas no momento não está na minha cabeça mais não. Tenho que ver futuramente né. Pretendo fazer um curso superior, mas na área de administração não, até o momento.

#### **Aluno 4**

Eu conheci o IF através de amigos, pessoas que eu já conhecia, que já tinha estudado aqui. Indicaram pra minha família. Professores da minha escola também ficaram em cima, falaram com a minha mãe, com a minha família, pra mim tá entrando aqui. Aí minha mãe influenciou em tudo né. Que eu viesse pra cá. Eu não conhecia a escola, e eu vim numa visita também e gostei do local, das coisas, e eu decidi vir pra cá no começo. Daí, pra escolha do curso foi basicamente porque minha prima fazia faculdade de administração, e aí eu achei legal ela comentar o que ela fazia. E também por influência de amigos que queriam fazer o curso de administração. No começo eu ia fazer outro curso, mas como meus amigos também queriam, minha prima já fazia, por influência, eu acatei e optei por fazer administração mesmo. Mas eu não gosto muito do curso e não pretendo seguir nesta área. Mas pretendo fazer curso superior.

#### **Aluno 5**

Eu já conhecia o IF desde pequena por meus irmãos fazerem a prova pra entrar. E sempre foi meu objetivo entrar aqui. Depois eu tive oportunidade de ir trabalhar como menor aprendiz, e na área de administração. Então, quando chegou à época de vir fazer inscrição, como eu estava gostando muito dos afazeres, das tarefas, como menor aprendiz, eu resolvi prestar pra administração. Eu tenho minha mãe que é formada em administração pública, meu tio que é em administração de empresas, mas isto não influenciou muito. Foi mais porque eu gostava mesmo das tarefas. E eu queria o IF pelo estilo, método de qualidade. Aí, como eu pretendia voltar na empresa depois, pra agendar conversas com os donos, aí eles me abriram oportunidade pra quando eu acabasse o curso eu tivesse voltando pra lá. Como estagiária ou alguma coisa do tipo. Assim... Hoje eu vejo que não seguirei esta faculdade. Estou vendo novos começos porque hoje em dia eu vivo outras oportunidades pra minha vida.

### **Aluno 6**

Inicialmente eu escolhi o IF pelo ensino médio. Mas quando fui fazer minha inscrição me deparei com os cursos que eram disponibilizados pra gente. Eu pensei... Caramba, o que eu vou fazer. Aí acabei optando por administração. Principalmente pela grade curricular, por ter a matéria Fundamentos do Direito, que era o que eu queria seguir pra minha vida; e Fundamentos de Economia, que é algo que me interessa muito. E após analisar isto eu percebi que administração era um curso que, querendo ou não, ia mudar algum momento da minha vida, mesmo que eu não seguisse na área. Hoje em dia eu continuo com minha opção. Quero seguir na área de Direito ainda. O ensino técnico me proporcionou uma boa base com o conteúdo. E particularmente eu me apaixonei pelo curso. Tornou algo que eu até faria, se não fosse por minha decisão de optar por uma área que eu prefiro. Mas quem sabe futuramente eu não curse.

### **Pesquisadora**

Trabalhar na área ninguém quer né... Você se realizaria profissionalmente como técnico em administração. Você acredita que o técnico em administração é valorizado financeiramente. O que as pessoas pensam sobre o técnico em administração. Enquanto tá cursando a faculdade dá pra trabalhar na área e manter a faculdade, ou não.

### **Aluno 1**

Complicado. Como eu quero trabalhar em outra área, talvez me realizar profissionalmente não, mas seria suficiente para uma vida tranquila assim. Eu conseguiria viver bem como uma técnica em administração, sem pender pra outras áreas, sem graduar. Muito valorizada, acho que nenhuma profissão no Brasil é, mas o técnico tem os seus privilégios em administração. Toda empresa precisa de uma área administração administrativa. Então não é uma área que fica sem emprego. Igual você sugeriu assim. Talvez dê pra se manter durante a faculdade trabalhando como técnico. Se possível por questão de horário. É uma área que você consegue emprego bom assim, porque a gente ganha mais do que o salário mínimo um pouco como técnico né. Acho que uns dois mil a gente consegue tirar numa empresa grande. Então, pra quem tá saindo do ensino médio é uma oportunidade incrível né. Um salário deste.

### **Aluno 2**

Eu acho que me realizar profissionalmente eu acho que não. O curso técnico te dá uma base boa pra você tá trabalhando. Então é uma boa oportunidade, é uma área que sempre vai tá precisando né. Sempre você precisa de uma área administração administrativa, então é uma boa oportunidade pra você tá trabalhando e se mantendo na faculdade. Pra quem tá saindo agora do ensino médio é uma boa área. Mas pra me realizar profissionalmente eu não acho que só como técnico em administração seria algo bom.

### **Aluno 3**

Eu não diria me realizar profissionalmente. Diria contente, no máximo, principalmente se ele me desse um bom emprego pra eu poder manter minha faculdade futura. Ainda mais que a gente não pensa em administração. Eu pretendo seguir Pedagogia. Assim, sobre emprego para o técnico em administração, tem sim. Pra área de administração, emprego é o que não falta pra gente. Porque tudo, tudo, tudo no mundo precisa de administração. Até um simples viver. Até uma pessoa que não faz nada, pra arrumar o horário que ela vai dormir pode ser considerado administração. Sobre o salário, eu acho que não é muito. Não seria alto. Não é tão valorizado, vamos dizer assim, principalmente por ser técnico. Não é uma pessoa que tenha algo mais aprofundado. Daria um bom emprego, acho que daria. Um salário razoável. Daria pra me sustentar no caso.

### **Aluno 4**

Realizar profissionalmente eu acho que não, porque basicamente é uma área que eu não quero seguir. Eu quero fazer Educação Física ou Cinema. Não está dentro da minha área,

mas é igual todo mundo havia falado. Não é tão difícil você conseguir emprego nessa área, porque é uma área que em qualquer local cabe um técnico administrativo. Então tem uma grande amplitude no mercado de trabalho. Mas basicamente não é valorizado, principalmente no quesito de salário. Mas eu acho que não seria muito difícil você encontrar um serviço nessa área.

#### **Aluno 5**

Eu acho que assim, eu não pretendo seguir esta área também né. Mas eu vejo que administração, no que eu quero seguir vai me ajudar bastante, porque acho que pra tudo você precisa ter noções de administração. Se fosse pra atuar na área enquanto eu não cursasse o curso superior ou algo do tipo, eu acho que eu seria feliz sim. Porque não é uma coisa que eu mais amo fazer, mas eu gosto da área. Como a administração se divide em várias áreas né. Acho que meu perfil daria certo em algum emprego assim. Eu também já tive experiência profissional. Agora, com o estágio a gente pode comprovar isso. Se é sim uma coisa que a gente vai gostar de fazer ou não. Quanto a remuneração, eu achei muito interessante quando a gente entrou aqui, o coordenador passou pra gente sobre algumas empresas que contratavam na área de administração e começava com um salário de R\$ 1.100, R\$ 1.300. O salário inicial. Pra uma pessoa de 18 anos, que acabou de sair do ensino médio é uma coisa muito boa né. É um salário bom. E também quem tem o ensino médio e o técnico é bem a mais do que quem só tem o ensino médio né. Então é valorizado sim a área e dá pra gente se manter. Eu acho que ter um curso técnico no meu currículo vai ser de grande ajuda. De grande valia.

#### **Aluno 6**

Bom, realização profissional eu acho que não. Eu acho que apenas na área que eu quero que eu iria me realizar profissionalmente. Quanto a questão de remuneração. Por ser uma área bem ampla, que não falta... Não falta assim... Tem área que você é bem remunerado no mercado, e áreas que você é desprezado, digamos assim. E acaba que fica, como posso dizer... Misturado... Diferentes áreas, diferentes remunerações. No geral, eu acho que apesar de tudo não quero mais... Escolheria apenas por capital.

#### **Uma aluna coloca**

Um exemplo que a gente tem é concurso público. Muitas áreas do setor administrativo, o pré-requisito é só o ensino médio completo. Então, se a gente for pensar, a gente fica em vantagem porque a gente vai conseguir se dar bem na prova, que a gente treina isto aqui. Mas a gente vai ganhar o mesmo que uma pessoa que fez o ensino normal ganharia né. Pensando na questão financeira. E dentro das empresas não é uma área que o setor administrativo tem aquela importância, mas eu continuo com a ideia de que é valorizado ainda pela necessidade da profissão, mas tem esta questão também.

#### **Pesquisadora**

Se vocês fossem escolher novamente. Se o Instituto fosse oferecer só ensino técnico integrado e ensino médio. Vocês optariam pelo técnico integrado, que tem um diferencial, ou vocês optariam pelo médio.

#### **Aluno 1**

Eu optaria pelo médio.

#### **Aluno 2**

Pelo médio.

#### **Aluno 3**

Médio.

#### **Aluno 4**

Só pelo médio.

#### **Aluno 5**

Eu optaria o médio. Quando eu fui entrar eu tava trabalhando, eu optaria só pelo médio por esta questão do profissional. Se não, com certeza com o técnico.

**Aluno 6**

Apenas o ensino médio.

**Pesquisadora**

O que o curso técnico integrado contribuiu para que vocês se tornassem uma pessoa crítica, consciente do seu papel profissional. De que modo. Então, seu papel profissional e de cidadão também. O que ele contribuiu para a criticidade e consciência de vocês.

**Aluno 1**

Eu acredito que o curso técnico consegue dar uma visão nova. A gente entra bem novos, com 15, 14, 15 anos, e já entra com assuntos que são essenciais pra população enquanto cidadãos conhecer. Então a gente passa a estar ligado mais, a estar inteirado de assuntos como política, economia, educação. Então, estes temas são abordados, tanto dentro do ensino médio como no técnico. Então nós somos instigados a pesquisar sobre. A estudar sobre. A ler muito né. O curso técnico em administração especificamente em algumas matérias. E esta inserção na mentalidade do mercado de trabalho desde cedo, ajuda a gente a valorizar o emprego, a valorizar o financeiro também. Dar valor a uma educação financeira boa. Que a gente já começa a pensar nas responsabilidades. O curso técnico te puxa muito pra ser responsável. Então você não sobrevive aqui dentro.

**Aluno**

A partir do momento que você passa do ensino fundamental, que você entra no ensino médio, você automaticamente já tem uma responsabilidade maior. Mas com o curso, este curso técnico que fazemos aqui, e também com o Instituto, ele dá uma outra responsabilidade. Não só de você ser um bom aluno, ou de você somente estudar pra passar em alguma coisa, mas ele te mostra também, e abre alguns leques pra você tá vendo outras coisas que você poderia tá trabalhando, e outras coisas que você não sabia. Coisas que você começou a aprender aqui por causa do curso. Um exemplo que nós temos é o modo de lidar com as pessoas que nós aprendemos na matéria de recursos humanos né. De RH. Então nós aprendemos a lidar com as pessoas. Aprendemos um pouco sobre isto. E outras matérias também nós aprendemos como organizar. Não só organizar a nossa vida profissional, mas a nossa vida pessoal também. Então a responsabilidade que é passada pra nós é uma responsabilidade grande, e que nós temos que cumpri-la. Vamos colocar assim. Então, isso ajuda muito. E também muda nosso campo de visão pra nossa vida pessoal. Ajuda bastante a desenvolver.

**Aluno 3**

A gente da administração, que aprende a lidar com papeis, com o ser humano, então, além de saber nova forma de pensar, e saber o que está acontecendo, as mudanças que tá tendo. Por exemplo: tanto com as pessoas, como com documentos, qualquer coisa. É cobrado bastante conhecimento do mundo. Então faz você correr atrás. O que está acontecendo na sociedade. Saber o que tá acontecendo no dia a dia, é o que a gente vai ver a todo momento. Toda matéria, mesmo que seja uma matéria que simplesmente mexe só com pessoas, ou que mexe só com arquivos, cada uma vai ter um pouco de cada misturado. Por exemplo, a que mexe com pessoas vai ter arquivo junto. Digamos assim. E você não tem só que ler, você também tem que entender. Então, o que tá escrito é o que você tá vendo. Então, sobre o saber, como você vai ser, o que te faz pensar, o que te faz amadurecer. A partir do momento que você entra aqui no IF, você vai ver coisas novas, e começa a pesquisar sobre ela, já é uma mudança de cabeça. Tá recebendo novos conhecimentos. Tá olhando um lado que você nem pensou que poderia olhar. Talvez isso é o principal. Ver como vai organizar a tua vida. Não tem horário, não tem nada. Então, pra saber organizar, sua cabeça tem que tentar amadurecer.

**Aluno 4**

Instituto em si é um pouquinho mais formal, ou seja, um pouquinho mais maduro, mais dentro das coisas que estão acontecendo no mundo. O nosso curso basicamente aborda

isto, igual todo mundo já havia falado. Da parte de organização é muito importante. Se não organizar não dá certo mesmo. E a parte da educação econômica também influencia bastante. A gente fica mais por dentro das coisas, e consegue praticamente economizar e fazer as coisas mais de acordo com o que você dá conta de fazer. Tipo, com o que você tem.

#### **Aluno 5**

Quanto a minha responsabilidade aqui dentro, eu estou um pouco mais. A educação financeira foi a que mais me interessou. E também a parte de arquivos e tal. Assim, pra você pensar, mentalidade que você vai sair daqui pra tomar responsabilidades para agir... “Opa, eu que tô fazendo...” Então você tem que saber primeiro, se organizar pra tomar conta de algo que não é seu. Ou então de algo que volta pras pessoas. Eu prefiro esta responsabilidade por já ter trabalhado. Eu vim pra cá, com uma responsabilidade talvez diferente dos outros, por ter trabalhado nesta área de administração. Só de você trabalhar já é uma experiência que muda um pouco a cabeça né. Porque, você trabalha com um engenheiro, ou então diretamente com os donos da empresa. Então acho que isto faz você criar um pouco mais de responsabilidade ou algo do tipo. E então assim, eu vejo questão que é uma responsabilidade. Você tem que criar esta consciência que você tem que saber cuidar do seu para poder cuidar do dos outros. A partir do momento que você se importa, você vai ficar mais triste com a questão da sociedade, o que tá acontecendo... Questão política... Você tem a responsabilidade e cria este senso de perspectiva. Responsabilidade também com o que tá acontecendo fora da casinha, digamos assim né.

#### **Aluno 6**

Queira você ou não, o curso te traz novos conhecimentos de vivência de mundo. Então, apesar de olhar bastante, apenas para o teórico, todos nós, fazemos administração, ainda que com alguma malícia a mais no mundo, de como é o mundo, o mercado, de como funciona a área, como política, economia... Diretamente ligado ao mercado e ao mundo que a gente vai viver lá fora, após o término da faculdade, e tudo mais. Então acho que o curso tem muito o que acrescentar na nossa vida.

#### **Pesquisa**

Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar integrador. Ou seja, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo. Se sim, como foi. E como vocês percebem o diálogo entre as disciplinas técnicas e disciplinas básicas (Português, Matemática). Vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, dialogam entre si. Se sim, o que vocês já viveram a respeito disto.

#### **Aluno 1**

Existe. Até bastante esta interação aqui no IF. Tanto entre os cursos separados, técnicos, entre eles, e entre os professores do currículo comum. Como os dois grupos juntos. Então, temos exemplo de um trabalho de patologia que a gente ia fazer. Um simulado. Ele pediu que a gente escolhesse uma área da administração. Procurou entender também. Ele mesmo pesquisou uma área que pudesse ser debatida no simulado. Ele é um pouco nervoso. Então é isso. Existe bastante esta interação, e a gente tem projetos de interação entre os cursos. Então existe o Primeiro Negócio que a gente faz, que vai utilizar todas as matérias do técnico. Existe o Ponta da Língua, geralmente na área de língua, geografia e química. Professores se juntam pra fazer o projeto, sabe. Existem outros dentro da instituição. Quanto a preparação das aulas é pouco, mas ainda existe alguns que fazem tipo esta interação entre técnico e ensino médio, pra contextualizar. Então acredito que existe bastante esta integração dentro do IF e eu acho uma coisa positiva, pra você entender os dois lados. E ver que os ensinamentos que a gente tem, trabalha todo mundo engrenado. Então, uma coisa leva a outra. E assim por diante, um precisa do outro. Então, estes projetos que a gente faz, e as aulas que a gente tem, elas provam isto, que as coisas não ficam separadamente, elas se integram.

### **Aluno 2**

Eu acho que uma coisa depende da outra. Então, tanto as matérias do técnico, quanto as matérias do ensino médio podem se juntar em uma coisa só. Porque no técnico, nós precisamos da Língua Portuguesa, da Língua Inglesa, então nós precisamos ter algumas matérias do ensino médio, integrado ao curso também. Às vezes isto acontece, vamos dizer assim. A matéria do ensino médio e a do técnico, apesar de serem separadas, não há muito trabalho envolvendo as duas. É mais separado. Como já foi citado, nós temos o Primeiro Negócio que é um projeto que envolve todas as matérias do curso técnico. Então não tem muito a ver com o ensino médio que é proposto pra nós. E, nós também temos o Ponta da Língua, que é um trabalho que envolve só matérias do ensino médio. Mas se você for parar pra analisar, se nós fossemos juntar os dois, seria um bom trabalho. Nós conseguiríamos trabalhar com os dois juntos, e não seria uma coisa tão complexa porque um depende do outro. Então, há interações sim, mas só matérias do ensino médio, só matérias do técnico. Que são importantes também, e que dão uma visão de como é colocar em prática, aquilo que você apenas vê na teoria, na maioria das vezes. É isso que este trabalho nos proporciona.

### **Aluno 3**

Agora, a gente já teve bastante complicação nesta área, porque, no técnico nós tínhamos uma matéria chamada Português Instrumental. E no ensino médio, nós tínhamos o Português, normal. Chegava uma ocasião, que nós víamos a matéria duas vezes. Porque ambos chocavam. Teve até um comunicado pra um fazer uma coisa e outra dar continuidade em outra. Então, tem que ver novamente, porque fica meio enjoado ver a mesma coisa. É bom que intensifica, perfeito. Mas que não tinha necessidade. Esse ano já não aconteceu mais isto. Os professores pensaram mais. E começaram a ter comunicação entre si. Citaram o Primeiro Negócio, todas as matérias do técnico entram. Os professores do ensino médio conversaram com os do técnico e combinaram de juntar anos. Colocaram todos juntos, digamos. Uma matéria do técnico junta com a do ensino médio quando vai tratar do mesmo assunto. Como citei lá do Português e Português Instrumental. Se tivesse interação, não teria acontecido. Neste ano, trabalharam melhor a comunicação, ou seja, eles estão mais interligados. Tanto técnico, quanto o médio. Uma coisa que acontecia, mas não acontecia tão frequentemente igual está acontecendo este ano. Os professores, só do técnico ou só do médio, comunicam entre si. Ano passado tinha projetos, um ali outro aqui. Temas de redação, tecnologia, história, mas não era tão visto como é este ano. Ambos professores de diversas matérias se juntaram, porque tinha muita coisa que era equivalente que poderia se juntar e fazer um projeto.

### **Aluno 4**

Eu acho que tem muita integração entre o curso e as matérias da base curricular comum. Até mesmo exercício dentro da sala de aula, da própria matéria que o professor faz, voltado pra nossa área, da área do nosso curso. Matemática também, alguns passam exercícios que relacionam com o conteúdo que a gente tá aprendendo em Matemática com o conteúdo de matemática financeira do curso. Também já vi em outras matérias também, muitos professores procuram trazer isto mais pra realidade, mais pro que a gente tá vendo no nosso curso. Acho que os professores preparam as aulas dialogando entre si. Fazem de acordo com nosso curso, voltado pra gente.

### **Aluno 5**

Existem sim os projetos interdisciplinares, mas acredito que tem separação também, da área técnica com a comum né. Acho que falta muito a questão da conversa né. A gente sabe aí de muitos professores que nem vêm no conselho de classe que é um momento que tem pra conversar... Aí eles perguntam: vocês já viram isto em tal matéria... A gente. Já né. Então se conversassem, daria pra fazer novos projetos, integrando mais disciplinas. Eu vejo muitas das vezes a falta de comunicação mesmo entre eles, pra este planejamento. Tem umas dicas que eu daria pra eles. Sentar e programar. Na minha grade eu vejo isto. Por exemplo, na grade

Português e Instrumental. Opa, vamos ver. Que forma a gente pode trabalhar isto para que a aula não fique cansativa, repetitiva. Pra que haja esta integração entre eles. Todo profissional é assim. Você tem um trabalho bem feito o outro tem que ser bem feito.

#### **Aluno 6**

Bom. Na questão de projetos, trabalhos interdisciplinares, perfeito. Comunicação quase 100%. Porque ainda existem alguns professores que não ligam. Simplesmente não buscam saber sobre aquilo, sobre o assunto, e acabam que ficam por fora. Muitas vezes, no projeto do Primeiro Negócio, por exemplo, alguns professores simplesmente não sabiam o que era, não sabia que tinha, a que atribuir os pontos. E acabou que ficou muito confuso né. A gente teve que correr atrás por eles, porque sequer ao conselho compareceram. Agora quanto a questão de aula. Na minha opinião eu não vejo muita comunicação deles na hora de: Ah, eu vou elaborar uma aula eu vou conversar com o professor de tal matéria pra gente associar um ponto e outro. Muitas vezes o professor de física e matemática, coisas que estão intimamente ligadas, se perguntaram. Não. O outro professor já deu isto né... Porque foi explicar a matéria num dia e o outro professor ainda não tinha aplicado a matéria pra gente. Aí ele teve que explicar e tudo, pra poder dar continuidade à sua aula. Agora, se ocorresse bem a comunicação entre estes dois professores eu acho que não seria necessário. Eles já citaram o Primeiro Negócio. Pra mim é o projeto que mais intercalou as disciplinas. Quase todos professores, principalmente do técnico, estavam com a comunicação excelente para poder trazer o melhor projeto pra gente.

#### **Entra uma aluna falando**

Este ano teve um tema da matemática. Tivemos que trabalhar com a matemática, junto com as matérias de administração desenvolvendo todo um negócio.

#### **Aluno 6**

Houve este ano a proposta de procurar professores de outras áreas, como, por exemplo, a Loren que trabalha inglês. Vera de Geografia. E todas se esforçaram muito no trabalho. Paulo de Educação Física, então foi totalmente integrado.

#### **Pesquisa**

Pra encerrar eu vou abrir a palavra, se alguém quiser colocar qualquer coisa a respeito do que foi colocado. Tá aberta a palavra. E o que vocês acham da demanda dos cursos oferecidos. Vocês acham que é suficiente ou deveria ampliar. Tá aberta a palavra.

#### **Aluno 1**

Os cursos ofertados até que tem uma quantidade legal de vagas. Acho que tinha tradição ter cursos só da área de agronomia, agropecuária né. Nos últimos três anos que tem administração e espero abrir um novo curso. Eu acho que a partir do momento que vai tendo a resposta que tá tendo né. Qualidade de procura, uma série de coisas. Se é pra ofertar bem. Fazer cursos com professores bons, material bom, eu acho que a quantidade de cursos tem que estar adequada a isto. Até que ponto eles vão poder ofertar... Não adianta nada eles ofertarem cinco cursos e não conseguir dar aquilo que a gente precisa pra desempenhar bem os papéis. Por exemplo, o nosso curso é o curso mais barato que existe aqui no IFTM. E tem algumas coisas que a gente não faz porque eles não dão prioridade. Às vezes dão prioridades pra outros cursos que ter mais aulas práticas. Prefiro ter mais recursos para o curso. Não é porque cada um vai trabalhar numa área de emprego, se for trabalhar, que a gente não pode, ou não precise ver como funciona a estrutura organizacional de uma empresa. Acho assim, dar mais condições para que a gente veja como realmente funciona. Acho que com mais visitas técnicas a gente não ficaria tão perdidos assim na hora de “Opa, como vai ser meu estágio”. Primeira vez que tô entrando numa empresa. Acho que mais recursos pra gente poder melhorar o curso em si primeiro, pra depois melhorar. Uma questão de qualidade.

**Aluno 2**

Eu acredito que o IF trabalha dentro da possibilidade dele. É uma coisa que vem de cima né. É uma coisa complicada. Dentro dos recursos que ele recebe ele faz o possível para nosso curso e pra todos os cursos. A Camila citou a situação financeira, os outros cursos, inclusive aqui no campus tem graduações, licenciatura, então é dividido aí. Professores com a graduação. Os recursos deles também são divididos. Pensando nisto tudo, eu acredito que o IF trabalha dentro das possibilidades dele. E pra ter uma estrutura ainda maior do que ele já tem pra conseguir colocar outros cursos seria fundamental. Porque espaço tem. Então, começar a construir espaços novos pra conseguir ter aula. Estas coisas. Uma coisa que o IF é pouco falho, mas não é foco deste campus, é o setor de esportes. Não é uma área muito valorizada e acredito que seja fundamental pra nossa educação e é uma questão de estrutura. Mas é uma área que podia ser melhorada no IF. Mas quanto a novos cursos eu acredito que o IF tá trabalhando nisto. Inclusive este ano implantaram o de alimentos. Então já é uma coisa nova que surgiu. E trabalhando nisto, eu acredito que o IF já trabalha bem, apesar de um pouco devagar. Eu não culpo a administração do IF, mas sim o governo. Os que estão lá em cima.

**Aluno 3**

Quanto a questão da quantidade de cursos, eu acredito que mesmo com todo o esforço deles pra colocar novos cursos pra novas pessoas, ainda é pouca. Acho que deveriam ofertar mais cursos do que ofertam. Quanto a questão de vagas para cada curso eu acho que eles extrapolam um pouquinho em cada um. Agropecuária por exemplo, ano passado uma turma inteira reprovou praticamente e eles continuaram abrindo três turmas de agropecuária. Querendo ou não, isto acaba diminuindo a qualidade do nosso ensino oferecido aqui. Acaba caindo a qualidade da escola pra fora e até pra gente. O que eu gostaria de acrescentar é sobre a área mesmo. Na minha opinião deveriam diminuir a quantidade de vagas ofertadas para cada curso, e aumentar a quantidade de cursos.

**Aluno 4**

Seria ótimo se colocassem mais opções de cursos, porque sempre as pessoas querem entrar no IF mas não tem o curso que eles literalmente desejam. Normalmente eu não acho nem um pouco viável. O campus fala que está em falta de dinheiro e quer investir em nós. Aí eles vão e abrem mais vagas pra novos cursos. Igual o exemplo que ele deu. Uma sala toda da Agropecuária bombou e este ano abriram mais duas, e que bombe duas. E eles vão abrir novamente vaga para três salas. Ou seja, vai dobrar o número. Vão ser cinco salas. Três novas, mais duas que já tinha. Sem contar que eles estão gastando mais com os alunos que estão ficando, vai mais um ano e isto vai continuar acontecendo. Eles também vão ter que continuar tendo estas despesas, e com outros cursos vão ter outras despesas. Aí vai ter que comprar equipamentos para o outro curso... Seria maravilhoso se tivesse, mas não no momento. Quando estabilizar, quando tiver mais noção do resto das coisas, mas não no momento.

**Aluno 5**

Eu concordo plenamente com o que foi dito. Apesar de não ter culpa do IFTM as pessoas estarem bombando, porque ensino de qualidade nós temos. Então, não culpo a instituição por isto, então acho que ele vão ter que continuar abrindo estas oportunidades para outras pessoas porque a instituição não pode parar por causa de duas turmas, ou uma turma que bomba. Claro que toda a questão da estrutura. A questão financeira, que eles podiam tá revendo sim. Porque se realmente aconteceu o que é previsto, o ano que vem nós vamos estar com muitas turmas. Oito turmas de turmas de primeiro ano, ou mais. Oito ou nove turmas de primeiro ano. Então é algo bem complicado. Também a questão dos horários dos professores. E também tem a questão das grades curriculares mesmo né. Com este tanto de matéria, ainda mais no caso da Agropecuária. São três anos, então se torna bem complicado esta questão deles estarem abrindo novos cursos e ao mesmo tempo diminuindo as vagas para alguns

cursos, e estarem administrando esta parte que acontece e não é por culpa da instituição e sim por conta dos alunos que não andam interessando pelas matérias e nem estudando.

#### **Aluno 6**

Será que o IF tem condições para manter tudo isso. Ainda mais que este ano foram duas vezes que ameaçou fechar o instituto por falta de verba que não chegava. Tudo isto, tem que sempre lembrar desta questão financeira. É uma coisa pública mas precisa do dinheiro pra funcionar. Tem curso de graduação e tem a gente aqui. Tem que ter as verbas pra manter a qualidade, pra não cair a qualidade da instituição.

#### **Aluno 7**

Apesar de não ser culpa do instituto estas reprovações, a gente não deveria fazer um questionamento se as reprovações não estão acontecendo pela quantidade ofertada no curso, dando possibilidade a alunos que não têm um mínimo interesse em entrar na instituição e acabar prejudicando a ela mesma.

#### **Pesquisadora**

É um dos objetivos...

#### **Aluno 1**

Outra coisa é o extra aula. Os professores têm dedicação exclusiva, a maioria deles, aqui no IF, só que muitas vezes esse relacionamento, esse contato que ajuda extra sala, não acontece. Talvez fosse essencial isso acontecer. Por exemplo. Uma turma não tá conseguindo entender muito bem a matéria, o professor não tem muita disponibilidade de tempo e de local, pra ele marcar uma aula extra e conseguir dar o reforço pra esta turma. Uma coisa que ele daria para uma turma que está indo mal. Então é complicado a questão da quantidade de cursos mesmo. Outra coisa também é a maturidade dos alunos. O que eles buscam aqui dentro. Porque muitos deles entram obrigado pelos pais, entram pensando que vai ser moleza, e a gente não quer este perfil de aluno né. Infelizmente, quando a gente tá pensando em entrar aqui, a gente não vai ver o perfil do aluno que a instituição quer... Ele só entra... Não tem como a instituição fazer esta seleção de forma pessoal assim, destas características. Mas começa aqui dentro. O aluno desenvolver. O aluno mais dedicado ao estudo. Um aluno esforçado. Um aluno que busca de fato estudar. A gente tem problemas como tem em outras escolas por exemplo. Professores de literatura que passam um livro pra você ler. A gente sabe que nosso tempo é pouco, mas dá pra ler um livro em três meses, que normalmente é o tempo que se dá. Falta, parte dos alunos, uma dedicação. E isto também vai trabalhar muito com a cultura do brasileiro. Então é uma coisa muito complexa. Trabalhar dentro do instituto. Mas é uma coisa que a gente poderia tá começando a mudar aqui dentro. Entrou aqui, tem um choque de cultura, mas que muda. Se o instituto olhasse se tem algo errado, eu não tô conseguindo, tem muita gente reprovando, vamos fazer alguma coisa. É outra história. Tudo bem que tem pessoas que não querem mesmo. Tentam. Os professores conversam, dão dicas, faz até de tudo pra melhorar. Mas se o instituto pegar no pé, talvez consiga mudar a cabeça deles. Se não foram capazes de auto evoluir, digamos assim.

#### **Aluno 2**

Se esta questão fosse mais trabalhada talvez não aconteceria. Este tanto de pessoa não tomaria bomba. Então, se alguém está com dificuldade em alguma matéria, igual foi falado aqui, e a pessoa tá com dificuldade porque o professor não reviu o módulo que ele estava ensinando os alunos né. Porque as vezes a culpa não é só do aluno, mas também pode ser o modo como o professor explica que os alunos não estão entendendo. Então, não tem assim um culpado, vamos colocar assim. As duas partes têm que melhorar pra que tenham um ensino melhor.

**Aluno 3**

Eu acho que tem que pensar que tem muita gente lá fora querendo entrar, infelizmente não teve esta chance porque a vaga foi dada a ele, e talvez fosse mil vezes melhor. Teve gente lá fora que tava doido pra entrar aqui, fez a prova e não conseguiu por causa de um, dois pontos, e a pessoa tá aqui dentro, tá tendo uma chance única, extraordinária, um ensino perfeito, não perfeito, mas ótimo, e tá jogando fora. Por falta de maturidade.

**Aluno 4**

Inclusive este ano, foi mais intenso por causa de inclusão, pessoas com deficiência. Necessidades especiais né. Então o IF trabalhou muito pra esta questão, deu bastante palestra sobre isto. Pra trabalhar nossa consciência mesmo. O ser cidadão, o IF trabalha com palestras. Ele traz estas palestras de cunho social, pra refletir mesmo e dar uma conscientização. Não só com pessoas que têm necessidades especiais, mas também com doenças sexualmente transmissíveis. Acontece bastante de ter palestras. O IF já tentou uma vez com palestras solucionar casos assim.

**Aluno 5**

Não tem que culpar somente o instituto, mas o aluno também. Tem coisa que influencia nesta questão de reprovação. Como já foi citado, alguns alunos entram porque o pai obriga, a família coloca pressão em cima. Outras entram porque tem dificuldade. Também, antes da gente entrar aqui, cada um vem de uma escola diferente, de uma instituição diferente. Então, tem instituição que vai trabalhar mais, vai ter um ensino mais puxado, outra instituição vai trabalhar mais uma coisa, a outra mais a outra. Então vai entrar alunos de uma série de perfis, e quando entrar, tem que adequar. Tem um que vai ter mais dificuldade em determinada área, vai ter aluno que realmente não vai querer nada com nada. Vai ter aluno que vai ter muita facilidade. E às vezes, talvez seja uma falha dos professores, mas tem professor que não fica muito em cima dos alunos que talvez tenha dificuldade naquela matéria. A maioria da turma tá adequando aquilo, às vezes puxam mais. Inglês por exemplo, tem muito aluno com base, que entra sabendo um pouco de inglês. Outros entram sabendo nada. E aí tem que pegar a matéria já andando. Então eu acho que na minha opinião, talvez o IF tivesse que dar mais atenção a estes alunos, ou que também futuramente, não sei. Estranho. Foi uma professora minha, não vou citar o nome, mas que falou pra gente na nossa sala. Quem sabe se o IF pegasse estes alunos desde o ensino fundamental e viesse trabalhando com eles até o ensino médio. Talvez eles se adequavam mais ao ensino, se adequavam mais às coisas, e já pegava eles bem da base e ensinava tudo. Tipo, igualasse todo mundo. Ia aprender do mesmo jeito. Pegava desde a base até o ensino médio.

**Pesquisadora**

Perguntar uma coisa porque foram falando e foi me aguçando aí. Esta questão das reprovações, dos alunos descompromissados com o IF. Vocês têm preocupações com estes alunos de estar comprometendo a qualidade do ensino. O nome do IF.

**Aluno 1**

Ano passado a gente comentou muito. A quantidade que estava reprovando por qualquer coisa. A gente ficou preocupado com a qualidade de ensino da instituição. Porque se isto prejudica a instituição, prejudica a nós e a quem vai entrar futuramente e que está determinado a estudar.

**Aluno 2**

No primeiro ano, preocupou bastante, inclusive na nossa turma. Muita gente descompromissada, com notas ruins, não se empenhando em estudar. Este ano, a turma mudou entendeu. Esta preocupação quanto a manter o nome da instituição é fato. Ter qualidade de ensino tá muito ligado com o tipo de aluno que entra. Então nós estamos construindo uma instituição, e nos preocupamos muito com o tipo de instituição que estamos

criando. Por isto esta preocupação quanto as nossas notas, no Enem também. Antes elas eram classificadas na cidade. Sempre foi uma preocupação nossa.

**Aluno 3**

Não é preocupação com nota, com o IF... Eu particularmente me preocupo com o porquê que cada um bombou. Se foi porque não tá conseguindo acompanhar, se é porque está se desviando do bom caminho. Qual que é o motivo. Porque eu, por exemplo, não quero mal para ninguém. O compromisso do IF talvez seria, fazer um acompanhamento mais de perto com estes alunos. Opa, o que tá acontecendo com você. Com sua casa. Tipo assim, você tá com dificuldade nisso. Às vezes você vem pra aula e tá com dificuldade em casa, algum problema na sua família, você não vai conseguir concentrar na aula. E aí acaba que você tá pensando só em números. Tem que pensar nas pessoas também.

**Aluno 4**

Tem acompanhamento com psicóloga né...Tem que ajudar conversando, ver o que tá acontecendo, o que tá te atrapalhando. É uma ajuda incrível que ela dá para as pessoas que infelizmente tem sérios problemas. Outra coisa que eu queria comentar, o pessoal tem muito contato com as coisas externas e eles são bem ligados porque vê o que pode tá acontecendo aqui. Quando você vem falar, eu estudo no IFTM, ou alguém pergunta, “nossa você é inteligente”. Mas você chega lá com uma roupa da Agropecuária (perdão) qualquer coisa, “você fica só fora de sala”. Infelizmente tem isto. Tem gente que vê o lado ruim e tem certas pessoas que fala do curso que tem aqui a mais tempo... Fala.. Ah, não faz nada dentro de sala. Ah, isto é muito fácil. E não... Interfere na imagem do IFTM. Infelizmente isto acontece.

**Pesquisadora:**

Eu senti esta preocupação de vocês. Gente, algo mais.

**Aluna**

Têm alunos que já pensaram em projeto de levar a ideia do IF para outras escolas. De passar a conscientização de como é o IF e como você deve ir se tornando pra entrar aqui. Nas estaduais. A gente já pensou num projeto assim. Dos próprios alunos irem mesmo e falar nas escolas sobre, sabe. Então, pensar muito sobre esta questão. Melhorar o aluno. A vida pessoal, entre aspas né.

## APENDICE F - ENTREVISTA 3

### **1º ano do técnico integrado em agropecuária**

Áudio nº 63 - tempo de gravação 49 minutos.

03 alunos do sexo masculino - 03 femininos

04 oriundos de escola particular

#### **Pesquisadora:**

Eu quero que vocês me falem o que acham do IFTM, em relação à estrutura, ao Ensino, à preparação para o Enem. Por que vocês escolheram vir para o Instituto e?

#### **Aluno 1:**

De estrutura, é um local bom, claro que não é perfeito, porque ainda falta muita coisa para ser melhorado, ele é muito antigo, perto de outros IF's. E, em questão de Ensino, para aprendizagem do Médio, eu acho um local muito bom, porque, além deles prepararem a gente para o Enem, eles preparam a gente para o Curso Técnico, o que já é uma vantagem, porque a gente já pode sair para uma profissão. Eu não tenho muito a reclamar assim não, eu sempre gostei da área, escolhi pelo curso. É uma escola pública diferente das outras. Eu acho que a estrutura aqui é muito melhor, perto das outras escolas. Então, aqui a gente tem muito mais estrutura para ter uma base melhor dentro do Enem e para entrar em uma faculdade.

#### **Aluno2:**

Sobre a estrutura, eu acho muito bom, igual ele falou, não tem do que reclamar, só que muitas estruturas já estão muito tempo, precisando trocar, muitas coisas. Só que o Ensino, eu acho ótimo; das outras escolas que eu já passei, o ensino melhor que eu acho é esse. Igual ele falou, porque o meu pai é muito próximo de agropecuária, ele mexe com agropecuária, aí ele me levava quando eu era menor, daí eu comecei a gostar e eu vim por causa do curso. Eu não vim muito por causa do Ensino Médio não, eu vim por causa do curso e a preparação do Enem é boa.

#### **Aluno3:**

É bom, eu acho que como eles falaram, tem coisas que precisam melhorar, mas basicamente, tá bom, tem uma estrutura muito boa, as salas do jeito que estão dispostas, e o ambiente que a gente fica é um ambiente muito bom, que, para o nosso curso, é essencial estar nesse meio. Eu acho bem interessante isso, os laboratórios são essenciais porque a gente tem onde trabalhar, a gente vê que acontece no campo de verdade, os professores são muito bons, todos eles tem ótimas qualificações e eles tentam passar o máximo para gente. Eu vim pelo Ensino Médio, não conhecia o IF, mas eu vim mais pelo Ensino Médio mesmo, porque eu sei que é um Ensino de qualidade e é algo que iria me fazer bem, tanto agora quanto no futuro.

#### **Pesquisadora:**

Se você pudesse escolher, você, que veio pelo Ensino Médio, se tivesse separado o Ensino Médio e o Ensino Técnico, você escolheria qual, após a experiência do integrado?

#### **Aluno 3:**

Ai fica difícil de escolher, porque o Técnico te abre novas portas, mas o Ensino Médio também, o Técnico, ele te mostra um mundo totalmente diferente, eu optaria pelo Técnico. Quanto ao Enem, eu não sei dizer muito sobre isso, mas quando eu converso com alguns alunos que estão saindo, eles falam que é muito bom, e, também, a gente vê isso nas provas, os professores sempre tentam exigir mais, colocando umas questões do Enem e vestibular, então eu acho que é uma boa preparação que a gente tem.

#### **Aluno4:**

E, referente à estrutura, a estrutura é muito boa, porque, sendo uma escola bem grande, eles conseguem, tipo, ter um controle por ambiente; tem muita coisa que não funciona, como por exemplo o ar condicionado, mas fazer o quê, né? E, a estrutura é muito boa. O ensino é

excelente; eu vim de uma escola particular, eu, posso, eu, principalmente, eu achei aqui que o Ensino se compara. O ensino é muito bom. Assim, o ensino se compara ao preparo do Enem. Também é muito bom, a gente sai preparado. Eu fiz o Enem esse ano. E, além do Ensino Médio ser bom, o Técnico ajuda, porque você tem contato com coisas que um aluno normal não teria. Eu vim por causa do Ensino Médio, meus pais trabalhavam nessa área de agropecuária, aí eu disse: ah! vamos fazer então, né? Mas, eu vim mais pelo Ensino Médio.

**Pesquisadora:**

Se você pudesse escolher, você, que veio pelo Ensino Médio, se tivesse separado o Ensino Médio e o Ensino Técnico, você escolheria qual, após a experiência do integrado?

**Aluno 4:**

Eu continuaria no integrado, porque, além de você ter um conhecimento a mais, que um aluno normal não teria, você ganha dois diploma. Aí você sai bonito no currículo, né

**Aluno 5:**

Eu vim para o IFTM, focando mais essa área do Ensino Médio, mas, também um pouco do Técnico, porque eu queria a parte mais de animal e planta. Eu quero fazer Biologia, e aí, eu foquei nessa área, porque nos cursos que têm, é a mais ligada à Biologia. Daí, eu repeti de ano no ano passado. Mas, esse ano, eu tô pegando firme. Em questão de estrutura, eu acho muito boa, mas eu acho que a estrutura aqui é um pouco desgastada. Algumas coisas precisam trocar. E também, em questão de estrutura, se eu não me engano, aqui é o segundo maior IF no Brasil e o que é mais preparado, mas eu acho que a gente tem pouco acesso a isso. Como a gente está na agro, eu acho que a gente tem que ter mais ligação com a própria fazenda; a gente fica muito fechado aqui, muito teórico, só em sala de aula. A parte mais de fazenda, de bovinocultura, a gente tem alguma aula ou outra, não é, tipo, prática e eu acho muito importante isso. Eu nunca fiz o Enem, eu pretendo fazer no ano que vem; e eu acho que é boa, e eu acho que o Técnico complementa essa parte do Ensino Médio, entendeu?

**Pesquisadora:**

Se você pudesse escolher, você, que veio pelo Ensino Médio, se tivesse separado o Ensino Médio e o Ensino Técnico, você escolheria qual, após a experiência do integrado?

**Aluno 5:**

Sim, ficaria com o integrado.

**Aluno 6:**

Então, de estrutura, eu acho que eu não tenho muito o que reclamar, porque eu vim de uma escola estadual. Eu acho que aqui tá bem melhor do que lá, eu acho que as coisas não estão tão precárias assim, dá para tocar pra frente. O ensino, eu acho de muito boa qualidade, eu até tive um pouco de dificuldade para me adaptar, porque eu vim de um escola estadual, que o ensino é bem inferior. Eu escolhi o If por causa do Ensino médio.

**Pesquisadora:**

Se você pudesse escolher, você que veio pelo Ensino Médio, se tivesse separado o Ensino Médio e o Ensino Técnico, você escolheria qual, após a experiência do integrado?

**Aluno 6:**

Eu escolheria o Integrado, porque eu me dei muito bem no curso, e eu pretendo seguir na área. Então, eu estou no primeiro ano ainda, mas, pelo que eu converso com os meus amigos, eu acho que a preparação para o Enem é boa.

**Pesquisadora:**

Vocês pretendem atuar na área técnica de Agropecuária e pretendem fazer curso superior, ou pretendem ficar só com o Técnico?

**Aluno 1:**

Na área técnica, eu não pretendo muito seguir não, igual todo mundo falou. O curso é bom, mas falta muita prática, e isso que acaba não dando uma base certa pra gente. Se for

para a gente fazer, a gente não conseguiria. Eu pretendo fazer uma graduação, no futuro, aqui no IF e, claro, o Técnico vai me ajudar muito. Eu pretendo fazer Zootécnica.

**Aluno2:**

O Técnico, eu acho muito bom; eu pretendo seguir ele, seguir e me aprofundar mais. Igual ele falou, eu pretendo também fazer um curso que tem aqui e eu pretendo seguir essa área, vou fazer Agronomia.

**Aluno3:**

Bom, o Técnico não teve nada a ver com a profissão que eu vou seguir, eu escolhi Agropecuária porque eu não gosto de Administração e de Alimentos não me chamou a atenção. Eu achei que eu não ia me dar muito bem porque eu sempre fui muito fresca, mas eu acabei descobrindo que é uma área muito grande, dá para trabalhar bastante. Eu ainda estou bem indecisa na questão do que fazer, mas eu converso muito com o meu pai e ele me aconselha muito, ele conhece muito engenheiro agrônomo também e ele me fala que é uma área muito ampla e muito vasta para se trabalhar. Então eu acho que eu pretendo seguir nessa área.

**Aluno4:**

É, o curso que eu pretendo seguir não tem nada a ver com Agropecuária, eu escolhi o curso porque a minha família inteira trabalha com isso, com gado, com morango, aí eu vim para dar, tipo, que uma ajuda, uma base para a minha família, porque eles são pequenos produtores, eles não têm condições para contratar um técnico, e aí, eu poderia ajudar, mas não é o que eu pretendo seguir.

**Aluno 5:**

Então a área que eu quero seguir é Biologia, e eu acho que o Técnico complementa muito isso, dá uma base bem legal, até a convivência que a gente tem aqui; tem mais liberdade aqui do que em uma escola na cidade ou particular, a gente tem uma base maior, mais firme e, também, para conhecer novas pessoas, novos lugares, é uma vivência de universidade no Ensino Médio, entendeu?

**Aluno 6:**

Então, em questão de graduação, depois, eu pretendo fazer Agronomia; eu ainda não defini se eu vou dar um tempo depois do Ensino Médio. Ou, se de cara, eu vou fazer uma faculdade, se eu não entrar de cara na faculdade, eu pretendo trabalhar com o Técnico, porque eu acho que a gente tem uma base boa, tem o estágio que já ajuda.

**Pesquisadora:**

Você se realizaria profissionalmente como técnico em Agropecuária? E você acredita que é valorizado financeiramente? O que as pessoas pensam sobre o Curso Técnico de Agropecuária? Vocês acham que há uma valorização ou uma depreciação, se é uma visão mais rural?

**Aluno 1:**

Profissionalmente, acho que sim, pela estrutura, pelo o que a gente aprende. Assim, agente não precisa ter gasto com ensino, essas coisas assim, é um trem que você vai sair do Ensino Médio, você já vai ter um salário, que não é um dos melhores salários do mundo, mas não vai ter um dos piores salários do mundo, garantido, é eu acho que sim. Quando eu falo em Técnico em Agropecuária, as pessoas falam o que, que é isso? Muitas vezes, as pessoas nem sabem o que é o curso, acham que é só mexer com planta: ah você vai só capinar, (risos), mas a verdade é que ninguém sabe o que é a base em si. Que é mexer na área agrícola e na área a que é Zootécnica. Falta divulgação do nosso curso, não é bem divulgado assim.

**Aluno2:**

Sim, eu me realizaria. O Técnico, eu não acho tão valorizado como o Agrônomo. A primeira vez que eu comentei com um estranho sobre o curso, ele me chamou de roceiro, ele

falava que eu não ia ter futuro, que era só fazenda, que fazenda era só tirar leite, andar de trator, só ia capinar.

**Pesquisadora:**

E a sua opinião sobre o curso, você tinha a mesma opinião?

**Aluno 2:**

Não, eu já sabia o que era o curso.

**Aluno3:**

Acho que sim, seria uma boa alternativa, a se pensar, eu não conheço muito bem o mercado de trabalho. Ele levantou uma questão interessante, que não recebe tanto como um agrônomo, mas tem que levar em questão que é Técnico ainda. Eu não sei muito bem, mas eu acho que é valorizado sim. Eu não sabia o que era um Técnico em Agropecuária; eu nem sabia que existia Técnico em Agropecuária. Quando eu entrei aqui, eu pensei assim: eu vou estudar na roça, vou ficar o dia inteiro fazendo nada, foi o que eu pensei. Ai, eu converso com os meus amigos sobre algumas matérias, como solo, aí. E, eles: o que é solo? Aí, vai você explicar para a pessoa. Eu creio que as pessoas não conhecem mesmo. Eu comento algumas coisas com os meus pais e eles falam: a isso aí não existe não, é tudo mentira. É tudo enganação. E acho que as pessoas têm que ter mais acesso a essas informações, porque Agropecuária é uma área muito grande no nosso país, e é até engraçado ver que muita gente não conhece sobre essa área e também nem tem interesse.

**Aluno4:**

É, dava para me realizar sim, porque é um emprego interessante, tem muitas áreas, se eu não der certo com uma coisa pode fazer outra. Dá para você fazer mil coisas em uma só área, eles ganham um salário bom porque, tipo, se você comparar com o caixa de mercado ou alguém que não tem estudo é um salário relativamente alto. Agora, se você for comparar com Agrônomo, Zootecnista, ou alguém que formou em faculdade é meio desvalorizado. Quando eu falei com a minha mãe que existia curso de Técnico em Agropecuária, ela achou que eu tava fazendo hora com a cara dela. Mas, eu não tava, ela não sabia que existia. Tem muita gente que você fala: ah eu sou técnica em Agropecuária e eles falam: e o que você faz? Você mexe com esterco, aí você fica: não, tem muito mais coisas, as pessoas não entendem que é uma área muito grande, muito difícil, que envolve mais do que trabalho manual, que tem uma parte teórica bem, bem grande, tem muita Matemática. Eu entrei achando que não ia ter Matemática. Eu fui enganada.

**Aluno 5:**

Então, eu acho que aqui, a gente tem uma conexão muito forte com o campo, com a natureza, mas eu penso que a gente tá aqui, a gente tá aprendendo, a gente tá aprendendo muita teoria, mas falta a prática. Porque, na faculdade, a gente vê que tem muito mais ligação com o campo do que a gente entendeu. Eu falo que a gente faz a Administração porque a gente não tem quase nada de prática. É, tipo, muito só na sala. E eu acho que falta muito isso, porque a hora que a gente sai daqui, pelo relato do terceiro ano. Eu acho que a gente vai parar e pensar: o que eu vou fazer da vida agora? Porque não tem um rumo entendeu? É uma coisa boa que a gente aprende aqui, mas não é uma coisa que, tipo, vai ajudar a gente. Tipo, como a faculdade ajuda, entendeu? É complicado de explicar, mas é, tipo isso, e eu acho que tem que ter muita coisa de matéria, de explicação, de qualificação. E, quanto à valorização, sim e não, mais ou menos, porque depende da pessoa também, tipo, do interesse dela, tem gente que tá aqui, tipo, para divertir, como eu, no ano passado. Agora eu foquei; tem gente que não tá nem aí, entendeu? Então, acaba que, automaticamente, não vai ter uma boa profissão. Antes, eu queria ser paleontólogo, é sério. Aí, eu fiquei sabendo do IFTM, vim pra cá e entrei; não sei como, mas entrei; daí, eu comecei bem mal, eu não estudava, eu não fazia nada, daí esse ano, eu tô focando e tô gostando, entendeu?

**Aluno 6:**

Em questão financeira, eu acho que vale a pena, porque a gente vive em um país que vive, basicamente, de Agropecuária e Agricultura, inclusive nossa cidade, é bastante conhecida pela Agropecuária, então, eu acho que é valorizada. Meu padrinho trabalha nessa área e ele tem um salário bom, então, eu acho que compensa, mas é igual ele falou, depende do profissional que você vai ser. Acho que qualquer profissão dá dinheiro, desde que você seja esforçado. Eu já tinha noção do que era o curso, eu ia muito com a minha família para roça, eu já tinha noção, eu queria isso. Mas eu escolhi também porque eu não gosto muito de Matemática, essas coisas, achando que não ia ter, daí eu entrei aqui e tinha muito Matemática. Mas, até que eu gosto das matérias que incluem Matemática, eu acho que é melhor do que Administração., Só com o curso eu não me realizaria, porque eu quero fazer uma graduação, mas se nada der certo...

**Pesquisadora:**

Vocês acreditam que exista uma dualidade, uma rivalidade, uma desvalorização em relação ao curso Integrado, em relação só ao Ensino Médio? Em termos de sociedade, a sociedade valoriza mais o Ensino Médio puro e desvaloriza o Ensino Técnico Integrado?

**Aluno 1:**

Eu acho que existe uma rixa, isso é normal de qualquer local. que nem há as rixas dos cursos aqui. é igual a sociedade esta muito acostumada com o jeito arcaico, antigo, que é o que? você formar no médio fazer um médio muito ótimo em uma escola ótima, e fazer sua graduação ai eles pensam ah esses técnicos, isso...há essa controvérsia, ainda mais as pessoas antigas que não conhecem muito o curso.

**Aluno 2:**

Eu acho que há rivalidade com certeza; na minha opinião, eles acham que o Ensino Médio traz mais conhecimento do que o Ensino Integrado, porque, como a gente vive muito na organização, eles não pensam muito em Agropecuária. Eles pensam só em faculdade, em fazer uma Medicina, mas, a fonte que sustenta o nosso país, uma das principais, é a Pecuária e Agricultura. Eu acho que é isso.

**Aluno 3:**

É, eu não sei muito bem, eu vou dar mais minha opinião pelo meio de qual eu vivo mesmo. O meu pai, a primeira coisa que ele falou: você vai para lá porque lá tem o Ensino Técnico. Então, ele, bom, as pessoas com quem eu convivo valorizam muito essa questão de ter o Ensino Médio Integrado junto com o Técnico. Porque ele vem a necessidade de conhecer novas coisas. Eu acho que tem um pouco de rivalidade, porque elas podem achar que quem faz o técnico é mais metido e sabe tudo; porque tem essas coisas, mas eu acho que algumas, pelo menos, dão valor. Mas, a sociedade em geral, eu não sei; no meio em que eu convivo, pelo menos, as pessoas valorizam muito o Ensino Médio com o Técnico.

**Aluno4:**

Eu vou falar sobre a experiência que eu tive quando eu decidi sair da minha escola e vir aqui para o IF. Muita gente achou que era burrice minha sair, porque a carga horária é grande, porque eu quero fazer Medicina, aí tem gente que falou que era muito idiotice minha fazer um curso que não tem nada a ver com a minha área, bastante trabalhoso e que não ia ajudar em nada no futuro. Hoje, no final do primeiro ano, eu percebo que o meu conhecimento que eu agrego, que eu tô trazendo é bem maior do que o que eles têm. A minha base é maior, o meu conhecimento é maior, aqui não é só por causa do Técnico, a escola em si te traz é oportunidades, que você nem sonharia em escola normal. Então, tem esse preconceito, as pessoas acham que é idiotice, acham que você está pegando uma coisa que não vai ajudar. Porque muita gente acha que Técnico não tem valor, mas eles estão muito enganados. E hoje, eu posso dizer que eu fiz a escolha certa e eu estou ciente disso.

**Aluno 5:**

Eu acho que é muito mais o Ensino Médio em si do que o Técnico, porque tem gente que vê a gente como uns caipiras, como, tipo só porque a gente usa botina ou bota, é caipira, mora na roça, é um ninguém. e a gente é alguém normal, igual vc. Ele, eu acho que até em outras escolas, igual a gente: pega ônibus de um terminal a outro terminal. Em outras escolas, como o Castelo Branco e o Corina, veem a gente como uns caipiras, uns ninguém, e pensa que é bobagem a gente estar aqui, que a gente não faz nada, que não vai dar em nada. Até gente da minha família mesmo, fala que não vai dar em nada. Eu acho engraçado, como ele falou, é que, no Brasil, a base econômica dele é a Agropecuária, e muita gente pensa que é bobagem, mas não, é só a gente da roça que eles falam que é pobre, mas não é pobre, entendeu?

**Aluno 6:**

Eu acho que tem muito preconceito das outras escolas, tem gente até que fala que quem sai de uma escola particular e vem pra cá, é só para ganhar cota pública para a faculdade, mas não é isso, o ensino daqui é muito bom, bem mais elevado que as outras escolas, eu acho.

**Pesquisadora:**

O curso Técnico integrado, ele contribuiu para que você se torne uma pessoa mais crítica e consciente do seu papel profissional. De que modo? do papel profissional e do papel também como cidadão, se ele acrescentou para você essa criticidade na sua cidadania, você acha que se tivesse cursado somente o Ensino Médio, você acha que teria mais ou menos criticidade em relação ao mundo e ao mercado de trabalho?

**Aluno 1:**

Eu acho que sim, porque o curso abre novos olhares, a gente aprende a ser mais crítico em certas coisas e aprende a ver o mundo de forma diferente. Igual, nós temos uma matéria que se chama Ética e Cidadania, ela já dá a relação profissional que a gente deve seguir dentro de uma empresa e agir como cidadãos certos.

**Aluno 2:**

Eu acho que sim, porque se a gente for fazer só o Ensino Superior, a gente acaba ficando naquele mundinho nosso, a gente precisa abrir novos horizontes, igual ele falou, conhecer mais pessoas, mais opiniões, discutir.

**Aluno 3:**

Eu acho que sim, eu lembrei também da aula de Ética e Cidadania, e Meio Ambiente. Uma das questões que a gente mais leva é a questão ambiental, né? Que nós somos um país de grande diversidade, nós temos que cuidar disso. Só que, como é que os cidadãos não cuidam porque eles não têm a consciência e essa matéria proporciona isso demais para nós. Porque não só porque a gente mexe com essa área, mas em tudo, abriu muitos olhares, pelo menos eu não sabia esse tanto de leis que existem, tem erros de fiscalização, então, se for pensar por esse lado, abre muito nosso campo de visão e nos torna cidadãos mais críticos e conscientes sobre as questões que estão acontecendo em nosso país e sobre a reação das pessoas em determinadas circunstâncias.

**Aluno 4:**

Eu acho que eu já falei um pouco disso antes, mas, assim, o Curso Técnico, ele te dá uma formação, uma base, ele te ensina coisas que se você fosse um estudante normal, que só estivesse cursando o Ensino Médio, você nunca ia saber. Tem muitas matérias aqui que você nem sonha que existe, (fitonilidade????), ninguém sabe o que é isso, solos ninguém sabe que existe uma matéria chamada de solos, você aprende muitas coisas e, além de você aprender muitas coisas novas, você ainda ganha um senso crítico e um rumo profissional, porque você sabe distinguir o que você gosta com o que você não gosta. Você tem oportunidade de ver áreas que você se relaciona mais, tipo, no futuro, você vai poder escolher um emprego. Falar:

isso eu gosto, isso eu não gosto, além de aqui te preparar para a faculdade; muita gente desiste porque não aguenta a carga horária e como a gente tem uma carga horária já grande, a gente está preparado para isso, a gente muda completamente.

**Aluno 5:**

Eu acho que, aqui, a gente tem uma vivência maior do que em qualquer outra escola pública ou particular. E aqui dentro do campus, ser grande e, tipo, a gente pode andar por onde a gente quiser, pode conhecer mais áreas, ter mais liberdade. Desde que eu entrei aqui, até agora, a minha cabeça mudou totalmente. E o que eu vivi em cinco anos, em uma escola só particular, eu vivi aqui em um ano. E eu acho que é muito importante a matéria de Ética e Cidadania; não só isso, mas também a responsabilidade e, também, da área de Agropecuária, que a gente tem tido contato.

**Aluno 6:**

(Risos)... Eu acho que tornou sim, a gente melhor como pessoa. Uma questão que é muito difícil pra gente é a questão da convivência, porque a gente passa aqui o dia inteiro, então eu acho que, se a gente não souber conviver com as pessoas, vai ficar uma coisa enjoativa, uma coisa chata e a gente aprende a ter convivência.

**Pesquisadora:**

E sobre a questão da criticidade?

**Aluno 6:**

Então, eu acho sim, que abre a cabeça da gente em questões de Meio Ambiente, como eles falaram, sei lá, eu acho que a gente passa a ver as coisas com mais clareza, com outra visão de mundo.

**Pesquisadora:**

Vou fazer duas perguntas em uma: Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar, integrador isto é, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo? Se sim, como foi? E como vocês percebem o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas da Base Nacional Comum, tipo, Língua Portuguesa, Matemática. Vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, dialogam entre si? Por quê? Há esse diálogo da Base Nacional Comum com a Base Técnica? Vocês vivenciaram isso Vocês acham que tem isso? Se isso aconteceu e se isso seria favorável para ampliar o conhecimento e facilitar assimilação do conhecimento?

**Aluno 1:**

Sim, isso há demais. Um desafio do nosso professor, o de solo, por exemplo, ele faz a gente perguntar alguma coisa de Química, que muitas vezes, ele não sabe. Então, há uma relação que os professores tentam deixar a base da nossa grade curricular andando juntas. O cálculo, uma fórmula que a gente aprende em Matemática, no começo do ano. Muitas vezes, a gente também já vai aprender em solo, então, a gente acaba tendo recurso e agregando valor.

**Pesquisadora:**

Então, mas aí vocês aprendem nas duas separadas, ou você vê uma integração entre os dois professores, tipo, vamos juntar os cálculos de Solo e Matemática para eles entenderem melhor o cálculo juntos? Unem as Matemáticas e fazem um trabalho só?

**Aluno 1:**

Infelizmente, aqui no curso, eles não juntam, eles não agregam, a gente aprende. Igual certas fórmulas, a gente aprende em um e aprende no outro, mas, só que não há aquele negócio, vamos supor: ah! vamos juntar a aula de Topografia, a gente usa muita Matemática e vamos juntar com a Matemática, porque aí vai ter um reforço maior. Infelizmente, não há isso.

**Aluno 2:**

Nas técnicas com o Ensino Médio, não há interação, mas Técnico com Técnico há, vou te dar o exemplo de solo com viveiro: fizeram um trabalho juntos, uma dando suporte para outra. Sim isso iria facilitar a aprendizagem.

**Aluno 3:**

Eu nunca realizei nenhum projeto e também não há essa integração do Ensino Médio com Ensino Médio e Técnico com o Técnico. Há entre os professores do Ensino Médio isolados do Técnico, mas a gente percebe que, mesmo não tendo essa integração, tem algumas matérias que se completam, por exemplo, a gente tava vendo na matéria de Paisagismo, jardins que estão totalmente ligados aos fatos históricos. Acho que seria interessante trazer essas coisas que tem a ver com Ensino Médio e Técnico juntos, para ter uma nova perspectiva das coisas. A gente lembra, assim, a matéria, mas se for para parar pra pensar ,nem dá para perceber isso.

**Aluno 4:**

E o que eu percebo é que Técnico se relaciona mais com Técnico e Ensino Médio se relaciona mais com Ensino Médio, por exemplo, esse ano nós tivemos uma atividade chamada de Copa Agro, onde juntou a matéria de Solo e Viveiros em uma atividade só. Houve uma integração, só que não há uma relação entre o Ensino Médio e o Técnico. Igual foi dito, anteriormente. Isso ajudaria bastante, porque você aplica uma coisa prática que é o técnico, uma empresa com as coisas que se aprende na escola que é uma coisa teórica, para passar no vestibular, por exemplo.

**Aluno 5:**

Então, é, eu acho, eu vou contra eles, eu acho que no técnico existem muitas matérias, tipo, Solo, tem coisas em Solo que a gente vê em Química, que tem ligação, entendeu? Tipo ph, por exemplo.

**Pesquisadora:**

As matérias se entrelaçam entre si, mas, e os professores, trabalham juntos? Eles fazem essa integração?

**Aluno 5:**

Sim, eu acho que tem ligação entre as matérias, mas não, entre os professores, por exemplo: tem professores do Médio que nem conhecem os do Técnico. A gente fala, eles dizem: não sei quem é, mas eu acho que a própria matéria tem ligação sim, por exemplo: em Química, a gente teve uma matéria sobre o ph, que teve que fazer uma ligação com os tipos de solo. Eu acho que tem ligação sim.

**Aluno 6:**

Eu acho que tem ligação da própria matéria, como foi dito, mas os professores não se comunicam para fazerem atividades diferentes. Eu acho que é porque tem professores que dão aulas para Alimentos, Agropecuária Administração, tudo junto, e aí, eles não se interessam muito. Só que, eu acho que tem sim, no Plano de Ensino, por exemplo, eu vejo uma matéria agora e, depois, eu vou ver ligação lá na frente. As matérias têm ligação e os professores não. Facilitaria sim essa integração, até porque tem coisas que a gente nem sabe, aí depois, lá na frente a gente vai ver. Ah! então era isso, se eles passassem a informação para gente seria mais fácil.

**Pesquisadora:**

O que vocês acham da variedade de cursos técnicos ofertados pelo IF, vocês acham que deveriam ampliar a variedade de cursos ou não? Está satisfatória? E eu abro a palavra para vocês.

**Aluno 1:**

Eu acho que abriria novos cursos, porque o campus é grande, comporta cursos diferentes, eu acho que uma gama de cursos, muitos cursos em um lugar só seria da hora. Eu

sugeriria esses cursos mais relacionados com o nosso Técnico e também, o que o mercado de trabalho foca, tipo, Edificação, que tem em outros Institutos, acho que falta em nosso campus, suporta ter mais cursos.

**Aluno 2:**

Eu acho que podia ter mais cursos, e, como o campus é muito grande, comporta muitos cursos, e eu acho que é uma grande oportunidade.

**Aluno 3:**

Poderia abrir para novos cursos sim, seria bem legal e, também, ampliar; eu queria fazer Técnico em Química, só que Técnico em Química só tinha concomitante, daí eu preferi fazer Técnico em Agropecuária, porque era Integrado ao Ensino Médio. Então, seria bem legal abrir para novas áreas, como por exemplo: Enfermagem, porque são coisas que estão acontecendo, são demandas do mercado.

**Aluno 4:**

Eu acho que seria muito interessante abrir novos cursos, porque além de ampliar o número de personalidades diferentes aqui dentro do campus, ainda daria novas oportunidades, tipo, tem gente que não gosta da área. Não que Administração, nem Agropecuária, nem Alimentos, e, dentro de um Ensino Médio bom e de uma oportunidade muito grande, por causa dos cursos. Então seria muito legal abrir novos cursos.

**Aluno 5:**

Eu acho que deveria sim, abrir para mais cursos, mais áreas, mais vagas, porque o campus é muito grande. Tem muito espaço e cabe muito mais salas de aula, muito mais coisas que a gente poderia ter. Só que, aí, o governo tem que liberar mais vagas, porque não tem verba nem pra gente.

**Aluno 6:**

Eu acho que seria importante sim, abrir novos cursos, só que eu acho que eles deviam saber separar, tipo, colocar Administração na cidade, colocar os cursos aqui que abrangessem mais a área da Agropecuária, porque o espaço tem muito mais a ver com o nosso curso do que com o curso de Administração, por exemplo. Eu acho que eles deveriam ter um campus maior na cidade e colocar esses cursos que tem a ver lá e colocar esses cursos que tem mais a ver com nosso curso aqui. Eu acho que seria mais difícil de coordenar, porque aqui é uma área muito grande, mas eu acho que seria interessante sim.

**Aluno 5:**

Também tem uma coisa que, por exemplo, igual aqui na IFTM, aqui é fazenda, eu acho tinha que ter uma ligação com a fazenda e o curso de Administração tem que sair daqui. Os alunos começam a falar e gerar discussões sobre maturidade e falta de pratica etc.

Foram feitos os agradecimentos e o convite à dissertação.

## APÊNDICE G - ENTREVISTA 4

### **3º ano do técnico integrado em agropecuária-**

Áudio nº 64- tempo de gravação- 29 minutos

04 alunas- (01 oriunda de escola particular)

Após apresentar o termo de confidencialidade, estamos aqui com o 3ano da turma de Técnico em Agropecuária para a nossa pesquisa.

**Pesquisadora** :Então, o que vocês acham do IFTM de modo geral, da instituição, em termo de estrutura e Ensino? E por que você escolheu o IFTM? E em questão de preparação pra o ENEM? o vestibular?

#### **Aluno 1:**

Eu acho que é muito bom. Ensino Médio bom. Eu vim mais porque gostava deste curso, mas o Ensino Médio é muito bom. E a Instituição também. Quanto ao ENEM, então, é um problema, pois prepararam a gente apenas no meio do ano e daí fica complicado. Que é satisfatório sim.

#### **Aluno 2:**

Eu escolhi o IFTM, tanto pelo curso quanto pela Instituição. O estudo aqui é muito bom. Ensino Médio melhor, IFTM sempre em números maiores no ENEM. Quanto à preparação para o ENEM, é um pouco fraca, eles, às vezes, dão um tanto de matéria e não dão para outra, o tempo de preparação é um mínimo, ruim. Que poderia melhorar para mais, a estrutura do IFTM é um tanto melhor que de outras Instituições. É uma Instituição boa. Escolhi pelo curso.

#### **Aluno 3:**

Eu escolhi o IFTM pelo Ensino Médio. Eu sempre achei o IF uma escola muito boa, o ensino aqui é muito bom, e acaba que a gente sai daqui com um conhecimento de mundo diferente. Também acho a estrutura do IF uma estrutura muito boa. O campus é muito grande e temos contato com muita coisa aqui dentro. E, em relação à preparação para ao ENEM, eu acho que vai um pouco do aluno. A gente pediu para os professores adiantarem, mas acaba que muita gente que se comprometeu não compareceu. Foi tanto do professor, que não pode adiantar o pré-ENEM, quanto da gente, que não pode comparecer, pois eram aulas extras. A escolha pelo IF foi porque achava a escola muito boa. Achava o Ensino Médio muito bom, conhecia o curso em parte, gostava um pouco de fazenda, estas coisas e daí, vim para cá. Eu faria o técnico de novo.

#### **Aluno 4:**

Eu vim tanto pelo Ensino Médio, quanto pelo Técnico, mesmo não tendo afinidade com a área. Só que, sair do Ensino Médio com o Técnico, agrega muito no nosso curriculum. Então, é mais fácil conseguir um emprego, de ter uma chance, quando a gente sair daqui. A estrutura do colégio, da Instituição, é muito boa, só que ela está decaindo. Ela está decaindo por vandalismo, entendeu? E se não controlar isso, vai ficar igual uma escola pública normal, onde ninguém liga para nada e destrói tudo. Eu escolhi por questão disso, mas, meus pais sabiam daqui e eles queriam que meu Ensino Médio fosse feito aqui, pois se não fizesse, eu iria para uma escola estadual. E o ensino em uma escola estadual não é tão bom quanto em uma federal. E, em relação ao preparatório para o ENEM e vestibular, poderia sim, ter sido melhor, mas eu entendo que acaba que, em nenhuma escola de Ensino Técnico, para mim, o foco não seja o vestibular e sim, o Ensino Técnico. Eu vim por causa do Técnico. De ter a nomenclatura do Ensino Técnico. Em busca de um Ensino Técnico, e agregando a isso, o Ensino Médio, que já é de qualidade. Mas, mais pelo Técnico.

**Pesquisadora:** vocês pretendem atuar na área de agropecuária e o que vocês acham do curso?

**Aluno 1:**

Acho que foi muito gratificante, pois meu pensamento era só plantar e pronto, mas tem todo um processamento, é diferente, tem todo um cuidado com a natureza também. Também, continuar aqui, com o Técnico e fazer vestibular para Veterinária.

**Aluno 2:**

Bem, eu já tive uma experiência assim, na área de Agropecuária, pois eu moro em uma fazenda desde criança, Eu achei muito importante o Ensino Técnico, porque, além do que eu sabia da pratica na fazenda, eu pude saber teorias e modos corretos de como manejar a Agropecuária em si. Eu quero fazer um curso superior de Zootecnia ou Veterinária.

**Aluno 3:**

No começo, eu não queria mexer com o Técnico, porque eu achava que não iria dar certo para mim aquilo, só que eu, no ano que vem, eu pretendo trabalhar nesta área, com a graduação focada nesta área.

**Aluno 4:**

Eu nunca tive afinidade com esta parte da Agropecuária, tanto que, quando foi para fazer meu processo de inscrição, eu queria fazer para a área de Informática. Mas aí, meus pais pediram para escolher aqui, e aí, eu vi que eu gosto desta área. Só que, mesmo gostando desta parte agrícola Agropecuária, eu não me vejo cursando o Ensino Superior diretamente nisso. Eu gosto de algumas partes do Técnico, mas não me vejo cursando graduação nisso. Não sei como explicar melhor.

**Pesquisadora:** você se realizaria profissionalmente como técnica em agropecuária e você acredita que o técnico em agropecuária é valorizado profissionalmente?

**Aluno 1:**

Sim, pois achei que é muito importante, qualquer profissão é importante, nenhuma é desvalorizada. Eu continuaria sim. E que não é tanto valorizada financeiramente.

**Aluno 2:**

Eu me realizaria sim, porque eu continuaria na fazenda onde eu moro, e que seria importante ter um conhecimento a mais; e a valorização, ela é bem mínima, porque o Brasil, ele é um país que tem mais agricultores de agricultura familiar, e ali trabalha, normalmente, familiares, e os técnicos, às vezes, não são tão chamados para essas localidades. O campo de trabalho fica limitado.

**Aluno 3:**

Eu acho que, agora que estou formando, eu estou tendo uma consciência a mais em relação ao Técnico. Porque eu vejo qual a importância que um técnico em Agropecuária tem. Tanto em relação ao manejo, ao cuidado com a natureza, entendeu? Eu acho que eu me realizaria trabalhando nesta área. E acho, ainda, que vai depender muito desta parte de remuneração. Porque, dependendo do lugar, você será bem remunerado, se eles tiverem consciência do trabalho do técnico. Mas se não tiverem este conhecimento melhor da importância do técnico, acho que não.

**Aluno 4:**

Essas questões de remuneração, eu acho que é muito relativo. Porque, às vezes, o que é muito para alguns, não é para outros. E tem muitas pesquisas que falam que o Ensino Técnico está sendo muito mais valorizado do que um Curso Superior. Eu acredito que, se eu encontrar um local onde realmente a Agropecuária é bem mais valorizada do que aqui, eu teria um retorno financeiro bom. E se fosse para eu ir exercer algo na área do curso Técnico eu ficaria com medo, porque tem algumas partes dos cursos que eu não vou conseguir fazer, mas eu iria me sentir realizada.

**Pesquisadora:** Agora, o curso técnico integrado, contribui para vocês se tornarem pessoas mais críticas e conscientes do seu papel profissional e como cidadão. Então, o que eu quero dizer assim e que vocês acham que o curso técnico agrega mais que o ensino médio. Ou

só o ensino médio para contribuir com seu papel para desenvolver a criticidade e sua consciência profissional e consciência como cidadã.

Agora, o curso Técnico Integrado, contribui para vocês se tornarem pessoas mais críticas e conscientes do seu papel profissional e como cidadão. Então, o que eu quero dizer assim e que vocês acham que o curso técnico agrega mais que o ensino médio. Ou só o ensino médio para contribuir com seu papel para desenvolver a criticidade e sua consciência profissional e consciência como cidadã.

**Aluno 1:**

Eu acho que sim, mudou muito meu pensamento de quando chequei aqui no IF depois do curso técnico, porque eles deixam um pouco livre, a gente expor nosso pensamento e também não impõem igual algumas escolas impõem que tem que fazer, a gente fica livre e também deixa a gente pensar e se conscientizar do que está fazendo.

**Aluno 2:**

O colégio, ele me conscientizou desta parte, assim, Política, no caso. Agora, em relação ao Técnico, ele conscientizou tanto em relação à parte de Meio Ambiente, do que é correto e do que é errado, e mudou totalmente o meu pensamento, do que eu achava antes, como que acho hoje, o Técnico me proporcionou mais conhecimento de todo o processo de Agropecuária.

**Aluno 3:**

Eu, me tenho uma pessoa diferente depois que eu comecei a ver o Técnico, porque eu entendi qual é o porquê que a gente tem que ter este cuidado com a Natureza. Me toquei mais disso. Que a gente precisa realmente preservar, porque a gente tem que tentar mudar o mundo deste jeito, e o Técnico foi muito importante, além do Ensino Médio e da Política também para a gente ter um censo crítico melhor, depois que a gente está saindo e tudo mais.

**Aluno 4:**

O Ensino Técnico Integrado nesse ambiente, ele me fez parar e sair daquela bolha que a gente fica. Por exemplo, se eu tivesse cursado o Ensino Médio apenas; ou eu iria cursar em uma escola estadual ou em uma particular. Eu iria estar só ali, há!!! A escola, o vestibular, porque eu tenho que passar, mas aqui a gente tem aquelas noções do que realmente está acontecendo no país, o que está acontecendo aqui dentro do Instituto, o tanto de processo administrativo que acontece aqui, às vezes, quem que está de fora, às vezes não sabe o que passa aqui dentro. Quanto esta parte da Natureza que as meninas falaram é que a gente sai daquela bolha de só pensar em vestibular, a gente abre para o mundo, a gente enxerga a realidade de cada coisa.

**Pesquisadora:** Agora vou fazer 02 perguntas importantes. Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar? Isto é, que desenvolva duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo? Se sim, como foi? E como vocês percebem o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas do Ensino Médio? Vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, dialogam entre si? Se sim, porquê? Sabem se existe esta integração/articulação entre as matérias do Ensino Médio e do Técnico? Vocês já vivenciaram isso? Alguma coisa, ou vocês acham que cada professor, eu faço a minha aula de Matemática, você a sua de Solo, mesmo tendo cálculo (não sei se tem) a gente não conversa entre si, a gente não aproveita. Você acha que é positivo isso?

**Aluno 1:**

Os professores ficam tentando se envolver, as matérias meio que se em si se envolvem umas com as outras. Tanto Técnico como com o Ensino Médio. Tem matéria que a gente viu no Técnico, e, às vezes, a gente vê no Ensino Médio. Cada uma se completa. Tem professor que sim, se envolve bastante, professores que fazem trabalhos juntos, às vezes, juntam e a gente participa destes trabalhos.

**Pesquisadora:** Você acha que isso é favorável para o conhecimento, ampliar o conhecimento, está junção?

**Aluno 2:**

Já houve de a gente ter integração de matéria do Médio com o Técnico, com desenvolvimento de trabalho e projetos, e foi bem importante porque a gente conseguiu associar as duas matérias em uma só, duas matérias, foi bem amplo para o nosso conhecimento.

**Aluno 3:**

E, conforme a Carol já disse, a gente teve, e, durante o curso, a gente teve bastante coisa em relação a esta integração do Ensino Médio e Técnico, só que eu acho que deveria ser melhor isso, porque, igual a Elisa disse, a gente, às vezes, tem uma matéria no Médio e a gente vê no Técnico. Por que não pensar em uma integração entre as duas? Seria interessante isso.

**Aluno 4:**

Minha memória é meio ruim, então, eu não me lembro de algum trabalho multidisciplinar que tenha envolvido o Técnico e o Ensino Médio. Teve trabalhos entre as disciplinas, mas, que eu me lembre, foi entre as matérias do próprio Ensino Médio. Como Geografia com Línguas, estas coisas. Eu não consigo lembrar se teve e é muito ligado à parte da Agropecuária, por exemplo. O curso Técnico em Agropecuária tá diretamente ligado com matérias de Matemática, Geografia; e é uma coisa que os professores destas matérias deveriam se comunicar mais com os do Técnico. Porque, na minha opinião, os professores, quando vão preparar alguma aula que seja multidisciplinar, é um professor do Ensino Médio conversando com outro professor do Ensino Médio. É muito raro ver um professor do Técnico conversando com o professor do Ensino Médio, vejam o que um dos dois podem alinhar nisso. Tanto que teve muitas coisas, como Biologia que é uma matéria que tem bastante no Técnico, matéria que deu em Biologia a gente já tinha visto na matéria do Técnico, entendeu? Então, eu acho que tinha que ter mais esta conversa, não só entre os professores de Técnico com Técnico, como também Médio e Médio, mas os dois.

**Pesquisadora:** Iria ser favorável?

Aluno 04: Ia.

**Pesquisadora:** Gente, é a última pergunta: O que vocês acham da variedade de cursos técnicos oferecidos pelo IF? Vocês acham que deveria ampliar ou só ficar nos que já estão porque está de bom tamanho e daí eu abro a palavra para vocês falarem o que quiserem.

**Aluna 1:**

Bom, eu acho que podia aumentar um pouco em relação ao Técnico, só na fazenda. Administração poderia ir lá para a cidade, porque não tem muito haver com a fazenda e aqui poderia ter só mais técnicos, em relação à fazenda mesmo.

**Aluna 2:**

O Técnico, que a gente tem no IF, eu imagino que tenha passado por alguma pesquisa do tem mais aqui na região, e, para mim, poderia continuar a mesma coisa. Por mim não mudaria nada.

**Aluna 3:**

Eu acho que deveria manter os cursos que já tem, porque eu acho que é tudo muito amplo aqui no IF. Eu acho que a quantidade de cursos está de bom tamanho. Só teria que pensar um pouco nesta quantidade de alunos, acho que, aqui no IF, a demanda tá sendo grande, abertura de muitas vagas e tá ficando meio disperso.

**Pesquisadora:** Menos alunos?

**Aluna 3:**

Isso, porque assim ficaria uma coisa mais organizada.

**Aluna 4:**

É sempre bom ter uma quantidade maior, uma opção maior de cursos para você poder escolher. Só que, eu acho que desde 2015 até hoje, estão visando muita quantidade e não qualidade. Tão querendo abrir curso novo, tão querendo a cada ano aumentar uma turma a mais, ano... Ano e ano. E aí, você vê uma taxa gigantesca do pessoal que desiste do curso, outra taxa, que é bem maior, do pessoal que repete ano, reprova. Então, se você for analisar, antes, era menor porquê? Porque estavam visando a qualidade. Hoje em dia, parece que é só números, a gente está virando números, a gente tá virando uma Escola Pública. Escola Pública visa números, quem passou. Quer saber quem passou, quem foi aprovado. E se continuar deste jeito, a gente tá caminhando para este rumo. Acho que deveria, primeiro, por um nível de qualidade que precisa ser alcançado, tá faltando muito, na minha opinião, e, depois, quando alcançar isso, há... Poderia abrir um curso diferente, que a população esteja requisitando aí. Não, a cada ano, você abrir 7 turmas no lugar que não tem espaço. Pode ser gigantesca a fazenda, só que áreas de convivências comuns, tipos, refeitórios, banheiros, não supre a quantidade que tem. Que estão querendo colocar aqui dentro.

**Pesquisadora:** Alguém gostaria de acrescentar alguma coisa, fazer algum comentário? Nada?

Meninas então eu estou muito, muitíssima agradecida pela contribuição.  
Agradecida pela contribuição.

## APÊNDICE H - ENTREVISTA 5

### 2º ANO DO TÉCNICO INTEGRADO EM AGROPECUÁRIA

Áudio nº65 - tempo de gravação: 31 minutos.

06 alunos do sexo masculino

03 oriundos de escola particular

Após esclarecimentos da pesquisa e do termo de consentimento assinados pelos alunos, iniciamos a pesquisa:

#### **Pesquisadora:**

Eu queria que vocês me falassem o que vocês acham do IFTM, de modo geral. Em relação à estrutura, ao Ensino, e por que vocês escolheram vir para o Instituto e sobre a preparação para o Enem.

#### **Aluno 1:**

Sobre a estrutura, eu considero ela razoável, porque a gente tem algumas instalações que funcionam bem, outras nem tanto. Sobre o Ensino, eu acho o ensino por parte do Ensino Médio muito bom. E o que falta no Ensino Técnico é que a gente tem uma boa teoria mas não tem uma boa prática. Eu escolhi o curso por causa que eu tenho contato com o meio de Agropecuária e eu quis fazer alguma coisa relacionada a isso. Eu vim pelo curso.

#### **Aluno 2:**

A estrutura é muito boa, mas tem algumas instalações que já estão ultrapassadas. Basicamente, o que o aluno falou: o Ensino é bom, de qualidade, basicamente, o problema do Técnico é só as aulas práticas que são bem poucas. A preparação para o Ensino, a gente ainda não chegou no terceiro ainda. O terceiro é mais aplicado, mas, quem é do terceiro, tem mais tempo para preparar. Eu escolhi porque eu gosto da área e o meu pai também está no meio e me incentivou a vir também.

#### **Aluno 3:**

A estrutura do Instituto é boa, em alguns quesitos, tem algumas instalações que tem falha. O governo não manda verba, tem instalações aqui que estão ate desativadas. O ensino aqui é muito bom, os professores são graduados, concursados, têm Mestrado, essas coisas. Só que, na parte do Técnico, os professores, meio que só investem na teoria e a prática não tem tanta importância para eles. Então, deveria ter mais um foco na prática. No ano do meu irmão, a primeira turma, só tinha prática no Técnico e, de uns anos para cá, só tem teoria, entendeu? Isso foi sendo substituído.

#### **Pesquisadora:**

Essa preparação para o Enem seria o Ensino Médio em si, se eles te preparam?

#### **Aluno 3:**

Preparam sim, as preparações para o Enem, entre o 1º. E o 2º, não é tanto. No 3º, dá mais bagagem para a gente ter um futuro melhor e a nota do Enem é boa.

#### **Aluno 4:**

A infraestrutura, eu acho boa, porém, tem algumas instalações que são meio precárias, que são antigas. Eu acho que o Ensino Médio é bom. Eu vim mais pelo Técnico. Porque é o que eu quero. E tem algumas instalações velhas, como eu já falei. Eu escolhi aqui por causa do Técnico, porque eu estou na área e eu gosto. E a preparação do Enem, 1º e 2º ano é ; eles focam bem no Enem, mas no 3º ano é melhor.

#### **Aluno 5:**

Eu acho que as instalações aqui são boas, mas, como todos estão dizendo, tem alguns lugares que não estão nas normas adequadas. Porque, na sala de aula, eles passam que tem

que ser de tal e tal jeito. Na teoria, chega lá pra gente conhecer, quando a gente tem algum na prática. Não é daquele jeito que eles falaram na teoria. Eu acho que isso deveria melhorar.

Eu escolhi aqui porque meu pai também é da área e, desde pequeno, eu quis cursar algo nesse tipo e eu fiquei sabendo e eu vim pra cá. E a preparação do Enem, eu acho que é bem focado na preparação do Enem desde o primeiro ano.

**Aluno 6:**

Eu acho a estrutura muito boa, porém, algumas instalações são bem antigas já, não atendem. Quanto ao Ensino Médio, eu acho bom, mas não estão focando naquilo que eles oferecem. Muita gente entra aqui por causa do Ensino Médio, sendo que o foco é o Médio. Eu vim pelo curso porque eu tenho bastante contato nessa área, pretendo seguir nessa área também. Pelo Ensino Médio ser muito bom, eu acho que a gente tem uma boa preparação para o Enem.

**Pesquisadora:**

Vocês pretendem atuar na área técnica de Agropecuária ou pretendem fazer curso superior? Em quê? E o que vocês acham sobre um curso Técnico de Agropecuária?

**Aluno 1:**

Eu pretendo, bem, eu estou em dúvida, eu vou fazer um curso superior, mas eu não sei se eu vou fazer agora. Inicialmente, eu pretendo já entrar no mercado como Técnico para depois ter um curso superior mais especializado. Porque no ramo a gente não vê muito técnico e sim, engenheiros agrônomos e veterinários e zootecnistas. E eu acho que precisa ter mais espaço em relação ao técnico. A sociedade, mais ou menos, entende o que é o curso Técnico em Agropecuária.

**Aluno 2:**

Eu pretendo seguir na área, eu acho que o Técnico serve mais como uma base, claro que já pensando no mercado de trabalho. É como se fosse uma base para a Zootecnia ou Agronomia, depende do que você for fazer. O conhecimento pela sociedade é bem pouco, porque quem está aqui dentro é que tem mais noção mesmo. Quem tá de fora é só uma noção de saber mesmo. Eu pretendo seguir o Técnico, mas como base, se bem que, com as condições que a gente tá tendo, não vai ser uma base muito boa. O conhecimento, a gente vai ter, mas só teórico mesmo. Eu pretendo fazer curso superior na área.

**Aluno 3:**

Eu entrei no curso pelo Ensino Médio também, só que eu não estava pensando em fazer Agropecuária. Eu estava pensando em fazer lá no Parque Tecnológico, aí eu pensei assim: eu vou fazer um curso que eu não conheço pra ver o que acontece. No começo, eu achava meio chato e, no final do primeiro colegial, eu comecei a gostar do curso, mas eu não vou seguir na área não, eu tô mais aqui por causa do Ensino Médio. Eu vou fazer um curso de História ou uma Medicina, eu tô ainda pensando na minha vida.

**Pesquisadora:**

Se você tivesse a oportunidade, se o IF oferecesse só o Ensino Médio, após a sua experiência do Técnico, qual você. Escolheria?

**Aluno 3:**

Eu iria continuar no Técnico.

**Aluno 4:**

O Técnico aqui eu acho bom, porém, é bem básico, por isso que eu pretendo fazer uma Agronomia ou Zootecnia, pra, também, questão de trabalhar, o técnico faz muita coisa: o agrônomo ou zootecnista é mais líder. Assim, eu acho que a sociedade não conhece muito o curso; só por ser um Técnico, eles acham que é meio um peão. Mas o Técnico faz muita coisa.

**Aluno 5:**

Eu acho o curso de Agropecuário muito bom, só que, com a defasagem da prática, aqui no Instituto, eu pretendo sim atuar na área enquanto eu estiver cursando uma faculdade.

Eu pretendo fazer uma Zootecnia. Então dá para eu conciliar os dois. E eu acho que a sociedade não sabe muito bem o que é um Técnico em Agropecuária. Onde que eu vivo, as pessoas acham que é um curso superior, não tem muito conhecimento do que é.

**Aluno 6:**

Bom, eu vou fazer um curso superior, vou fazer Agronomia. Muitas pessoas ficam meio em dúvidas de um Técnico. Assim, eles ficam muito inseguros de contratar um técnico. Na maioria das vezes, um técnico precisa de um auxiliar, como se fosse um Engenheiro Agrônomo ou um veterinário, porque você fica meio no meio termo, você não pode assinar os seus papéis sozinhos, você vai sempre estar precisando de um superior para fazer o seu trabalho. Eles ficam meio assim, aí, eles preferem alguém que já está no nível superior e eles deixam o técnico um pouco de lado.

**Pesquisadora:**

Você se realizaria profissionalmente como técnico em Agropecuária? E você acredita que é valorizado financeiramente?

**Aluno 1:**

Eu pretendo trabalhar na área e, ao mesmo tempo, poder cursar o superior, porque eu acho que o técnico, financeiramente ele não dá o que o superior daria, mas o técnico já é um diferencial bem grande na área.

**Aluno 2:**

Eu pretendo fazer um curso superior, mas eu acho que o Técnico, a remuneração dele não é muito alta, porém, a remuneração dele pode chegar em uma empresa grande a cinco mil. (discussão).

**Aluno 3:**

Eu acho que, sei lá, o técnico deveria ser mais valorizado porque o Agrônomo, ele vai ser contratado só para indicar o que esta faltando em sua plantação, ou fazenda. Já o técnico, ele vai usar o serviço, o serviço braçal. Posso dizer, então, além dele falar o que que está de errado na sua cultura ou na sua fazenda, ele vai demonstrar, aplicar a prática que ele aprendeu no Técnico, na fazenda da pessoa. Eu acho que a remuneração não é tão alta assim. Só que, dependendo de algumas empresas que contratam, você pode ganhar bastante dinheiro, sendo técnico.

**Aluno 4:**

Eu acho o Técnico bem inferior para a sociedade, que ela não aceita muito. A remuneração do técnico, eu acho meio, comparando com um agrônomo ou um zootecnista, por isso que eu pretendo seguir na área fazer um superior.

**Aluno 5:**

Eu acho que ele não é tão valorizado como deveria, o técnico é, ele tá em falta no mercado, então ele deveria ser mais valorizado, eu não me realizaria só com o Técnico, então eu quero fazer um superior.

**Aluno 6:**

Eu não me realizaria só com o Técnico, porque, hoje em dia, se você pensa em ter uma família só com o Técnico, fica meio difícil. Porque, como a corrupção anda muito grande, hoje em dia, eu acho que você precisaria um pouco mais para manter uma família. O técnico deveria ser valorizado, principalmente, por atender os dois lados tanto o lado da Agronomia quanto o lado da Zootecnia.

**Pesquisadora:**

O curso Técnico Integrado, ele contribuiu para que você se tornasse uma pessoa mais crítica e consciente do seu papel profissional? De que modo? Do papel profissional e do papel também como cidadão? Se ele acrescentou para você essa criticidade na sua cidadania, você, acha que se tivesse cursado somente o Ensino Médio, você acha que teria mais ou menos criticidade em relação ao mundo e ao mercado de trabalho?

**Aluno 1:**

Oh, na questão profissional sim, por causa que é instituído por alguns professores, instituem o mercado de Trabalho. Eles preparam a gente para ser um bom profissional, como no estágio. Também, a gente convive na área, vê o que a gente vai enfrentar. Por isso que eu acho que, se eu não tivesse o Técnico mesmo, eu tendo um conhecimento da área por crescer nisso, eu não teria um conhecimento profissional e, muitas das vezes, eu não saberia o que eu sei hoje, graças ao Técnico. Em questão ao cidadão, eu acho que prepara bem, porque se é um bom profissional você consegue ser um bom cidadão.

**Aluno 2:**

Eu acho que contribuiu, porque o Técnico serve como base. Através do conhecimento da área, você tem uma noção de sustentabilidade, do que você tem que fazer na fazenda. Sim, a partir do Técnico, também, a gente tem um maior conhecimento de mercado, de economia, de cultura, as principais fontes do PIB, da Pecuária. Os grãos também, que é do corte também; então, a gente tem uma maior noção.

**Aluno 3:**

Ah, contribui sim. Em relação aos estudos, aos conhecimentos, que nunca é demais ter aprendido as coisas, amplia a visão bastante, porque você está fazendo um outro curso, praticamente. É um outro Ensino Médio, só que de Agropecuária.

**Aluno4:**

Eu acho que ajuda muito, porque como foi falado, é um outro curso o Ensino Médio de Agropecuária, e, economicamente, no Técnico tem muitos professores que tocam mais nessa questão financeira, assim pode se dizer. E isso ajuda bastante.

**Aluno 5:**

Eu acho que contribui bastante sim, porque a gente tem várias experiências, a gente, sendo colocado no mercado de trabalho, um exemplo disso é o estágio, que, lá, a gente tem que ter responsabilidade, tem que fazer as coisas como se estivesse trabalhando. Então, eu acho que tem um reconhecimento bem grande como cidadão e como pessoa incluída na sociedade.

**Aluno 6:**

É, na minha opinião, contribui bastante, principalmente porque você já sai daqui sabendo que você pode atuar, não como profissional, mas como técnico. Vai ampliar bastante a nossa visão, porque a gente vai ter que dar uma amadurecida, porque, como é que a gente vai poder trabalhar, sendo que a gente não tem maturidade para resolver os problemas?

**Pesquisadora:**

Vou fazer duas perguntas em uma: Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar, integrador isto é, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo? Se sim, como foi? E como vocês percebem o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas. Da Base Nacional Comum, como Língua Portuguesa, Matemática. Vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, dialogam entre si? Por quê? Há esse diálogo da Base Nacional Comum com a Base Técnica? Vocês vivenciaram isso? Vocês acham que tem isso? Se isso aconteceu, isso seria favorável para ampliar o conhecimento e facilitar assimilação do conhecimento?

**Aluno 1:**

Em questão de trabalho interdisciplinar, a gente teve alguns, o mais recente nosso foi o trabalho de Infraestrutura, Solos, com processamento de produtos agropecuários, e tá até ocorrendo ainda. Pra mim, não foi um bom trabalho, porque a gente tinha que simular uma produção e a gente não teve ajuda dos professores, a gente não teve um apoio financeiro para adubar, desenvolver a cultura. Eu acho que é meio dividida a integração entre o Ensino Médio, só com os professores do Ensino Médio. E os professores integram só com os

professores do Curso Técnico. Mas, eu acho que é bom ter essa integração, porque o Ensino Médio, mesmo sendo diferente do Ensino Técnico, ele pega algumas partes que ajudam a gente.

**Aluno 2:**

Teve o trabalho interdisciplinar, eu acho que ele não foi nesse sentido, porque não teve verba, demoraram a entregar as sementes, mas, apesar de que fizeram essa interligação entre as disciplinas, porque está tudo interligado, essa questão de produção de associação do produto para venda do mercado, a estrutura do local. E eu acho que é importante ter essa matéria interligada. Os professores do Técnico, eles dialogam mais do que os do Ensino Médio e seria importante se eles juntassem, no ano que vem, e fizessem um trabalho entre o Ensino Médio e o Técnico. Questão de Cálculo ou uma coisa assim, já que a gente vai ter Irrigação. Às vezes, com Matemática seria importante.

**Aluno 3:**

O trabalho interdisciplinar que teve, foi uma catástrofe, né? Porque o professor entregou as sementes faltando, acho, que dois meses para acabar o ano, enquanto que nas culturas são três ou quatro, eu acho. E a gente até conseguiu plantar a beterraba, mas uma praga foi lá, se infestou. Nós pedimos para aplicar defensivos, eles nem foram lá; acho que já devem ter morrido todas as beterrabas, o jiló ainda não está bom para ser plantado. E agora, nós vamos ter que comprar a beterraba no varejão para apresentar o produto na semana que vem. E é muito produtivo essa interdisciplinar? Deveria ter, porque alguns professores aqui no If já fizera, isso, que é o Belchior e o Daniel Pena, o professor de Agricultura de precisão e Matemática. Fizeram um trabalho com outra turma, os dois juntaram as matérias e fizeram o cálculo de área, volume para a Agricultura de precisão. Eu acho que é excelente juntar.

**Aluno 4:**

Eu acho que é bom o trabalho interdisciplinar, porque ajuda a interligar tudo a uma área que tem a ver com a outra. Porém, aqui no Instituto, falta muita organização, não só com nós, mas com o professor. Por exemplo, a gente precisava da semente cedo, que era uma cultura que gastava tempo, aí, eles não têm organização e aí não entrega o negócio pra “nóis” e, aí quem leva o ferro é “nóis”. É bom, mas precisa organização.

**Aluno 5:**

Eu também acho que é uma maneira muito boa de se trabalhar. Constrói muito o conhecimento e também ajuda na questão de nota, mas, como já foi dito, eu acho que precisa ter uma organização dos professores para passar pra gente isso antes. Se não tiver organização dos professores, o nosso também não vai ficar organizado. E o resultado final não vai ser bom.

**Aluno 6:**

E essa integração, ela é boa, porém, como já foi dito, falta organização. E, também, ajuda por parte dos professores, porque a gente não pode aplicar defensivos na cultura, tem que ser feito um pedido para que os funcionários façam. A gente fez esse pedido, mas isso não ocorreu. Eu acho que, além de faltar um pouco de organização, falta um pouco de liberdade pra gente, dentro do IF, em relação ao manejo dessas culturas.

**Pesquisadora:**

O que vocês acham da variedade de cursos técnicos ofertados pelo IF, vocês acham que deveriam ampliar a variedade de cursos ou não? Está satisfatória? E eu abro a palavra para vocês.

**Aluno 1:**

Eu acho que aqui devia ser só Agropecuária, como foi a uns anos atrás. Não tem necessidade de, nesse campus, que é fora da cidade, de ter Administração. Alimentos é ate compreensível, mas, eu acho que era melhor focar em um só curso, porque, assim, você tinha menos professores e só uma área para se trabalhar, ou seja, não ia ter divisão, ia se preocupar

só com o Ensino Médio e com o Técnico. Eu também acho que esse alto número de turmas só piora a situação que a gente tem no campus aqui.

**Aluno 2:**

Eu acho que deveria investir mais no que estão, não abrir mais cursos, eu acho que Administração não deveria ser aqui, Alimentos, até que, como disse, é até compreensível, porque é produção, faz parte do curso. Deveria investir em, quanto mais alunos, você tem um maior gasto. E já não tem verba, então esse dinheiro poderia ser colocado em novas práticas, acho que seria mais importante e seria melhor.

**Aluno 3:**

Acho que deveria, aqui no campus, ter só Agropecuária e Alimentos, porque os outros cursos não têm necessidade de vir aqui no campus, na roça, pra ter a aula e teria um número menor de professores e alunos. Com isso, teria uma maior quantidade de verbas, para ter um investimento maior em determinados cursos, que seria Alimentos e Agropecuária. Então, traria benefícios para os cursos, porque além dos professores se empenharem para dar aulas para vocês. Que não vai ter tanta aula para dar, porque é um sufoco, né? Eles vão só direcionar para você. E, outra turma, essa quantidade de número excessivo de alunos que entraram no IF, no ano passado e vai entrar no ano que vem, cada vez mais, vai acabando com o campus. Porque alunos que “bombam”, continuam na escola, já “bombou” uma turma o ano passado, por exemplo. O intuito era o Técnico, e tem que passar, obviamente. Eu, acho eu, os alunos que “bombarem” não teriam a chance de repetir de novo, ou teria de repetir duas vezes, não sei.

**Aluno 4:**

Eu acho que é bom, devia focar só em Agropecuária e Alimentos, porque Administração não tem muito a ver, é, tem um pouco. E, por ter muito aluno, acaba prejudicando o IF. Porque pode ter espaço físico porém a estrutura dele não é tão boa para tanto aluno.

**Aluno 5:**

Eu acho que, como já tem os alunos da faculdade, tem quatro ou cinco cursos superiores aqui, eu acho que deveria ter só o de Agropecuária, mesmo porque sempre foi assim. e teria mais tempo, teria mais espaço, mais dedicação, tanto dos alunos quanto dos professores. E também, deveria parar com essa coisa de: ah vou entrar lá por causa do Médio. Aqui deveria ser focado mais no Técnico, porque as pessoas entram no Médio, aí vai à aula do Técnico, dorme, não presta atenção, fica bagunçando e, aí, atrapalha quem quer realmente seguir a área, estudar a área.

**Aluno 6:**

Eu acho que poderia sim, ter mais cursos, como por exemplo, o Técnico em Mecânica, que é uma coisa que falta muito, hoje em dia. Por exemplo, se eu for engenheiro agrônomo, eu vou ter minha lavoura e meu maquinário, por exemplo, eu vou ter que ter um técnico em mecânica comigo; porque se um maquinário dá problema no meio da lavoura, até que eu chamo alguém para consertar esse equipamento já me deu um prejuízo muito grande. Eu já perdi muito tempo, além de não ter tanto técnico em Mecânica no mercado. Eu acho que aqui no campus deveria manter só o Técnico em Agropecuária, Zootecnia e Agronomia, que é porque o que o campus oferece mais, porque possui os animais, possui lavoura, processamento, alimentos.

**Pesquisadora:**

Alguém gostaria de colocar alguma coisa?

**Aluno?**

Eu queria falar só que, anos atrás, aqui, era focado no Técnico, igual ele falou. E eu acho que devia ser assim, porque em uma sala de trinta alunos, por exemplo, cinco estão aqui pelo Técnico, e eu acho que isso é muito errado, na minha visão, porque aqui é pro Técnico; o

foco aqui deveria ser o Técnico e não o Ensino Médio e a Instituição atrai os alunos seus pelo Médio e não pelo Técnico e deveria ser ao contrário.

**Aluno 1:**

Eu vou concordar com ele, porque se as pessoas vêm aqui por causa do Técnico e não do Médio, querendo ou não, elas vão atrapalhar quem quer o Técnico, então isso está errado e deveria mudar isso.

**Aluno3:**

Até porque os professores acabam ficando sem interesse de dar aulas, porque o pessoal não está nem ligando, falam: vamos pro campo, chega lá os povos querem ficar na mordomia, querem ficar na sombra, ficam conversando e os professores acabam estressando.

**Aluno 6:**

Eu acho que deveria ter uma separação, tipo, se alguém quiser Ensino Médio, vai pra escola pública, pra que vir aqui?

**Aluno 2:**

A maioria quer Ensino Médio é por causa dos professores, não é por causa, tipo, do curso. Porque, aqui, os professores são muito melhores, têm graduação muito melhor do que a estadual, aqui o Ensino é muito melhor do que uma escola como o Geraldino, Irmão Afonso. Por isso que as pessoas vêm aqui, não é só por causa do Ensino Médio, mas, sim pelos professores que tem no Ensino Médio.

## APÊNDICE I - ENTREVISTA 6

### 3º ANO DO TÉCNICO INTEGRADO EM ADMINISTRAÇÃO. - 1 TURMA

Áudio nº67 - tempo de gravação 37 minutos.

01 aluno do sexo masculino - 04 feminino.

Após esclarecimentos da pesquisa e do termo de consentimento assinado pelos alunos, iniciamos a pesquisa.

**Pesquisadora:**

Eu queria que vocês me falassem o que vocês acham do IFTM, de modo geral. Em relação à estrutura, ao ensino, e por que vocês escolheram vir para o Instituto e sobre a preparação para o Enem.

**Aluno 1:**

Bom, é. Quem escolheu o IF foi o meu pai, porque ele achava que aqui ia ser bem melhor, que tem uma estrutura bem melhor de Ensino, que eles iriam me preparar melhor do que em outra escola, daí, no começo, eu não queria, mas, eu acabei vindo pra cá. Gostei bastante, conheci pessoas maravilhosas da minha vida. Em relação à estrutura da escola, é boa, tirando alguns defeitinhos que acontece, tipo, o ar condicionado que, às vezes não funciona, mas no geral é tudo bom.

**Pesquisadora:**

E a preparação para o Enem, você se sente preparada, você acha que essa parte da Educação da Base Nacional Comum, que é o que cai no Enem, você acha que você está preparada, igual você estaria se você estivesse cursando só o Ensino Médio, você vê isso comprometido?

**Aluno 1:**

Então, aqui no IF, vamos dizer que foi bom, a preparação deles foi muito boa. Eles, também, deram um intensivão para ajudar a gente para o Enem. Quem quisesse participar, participava. Eu não participei por besteira minha, porque eu não queria fazer faculdade o ano que vem. Mas a preparação deles é maravilhosa. Em relação à outra escola, eu não saberia dizer qual a diferença, mas foi boa.

**Aluno 2:**

Eu escolhi vir pra cá, primeiramente, por ser federal, não era tão conhecida, agora já é mais conhecida, só que já tinha um nome. Assim, eu nem sabia que tinha prova, nem nada, mas eu acabei fazendo e, acabou que eu consegui entrar. Antes, também, eu não tinha muito esse interesse, porque eu já estava familiarizada com a escola que eu estava. Mas, a minha avó falou para que eu tentasse, e quando eu entrei acabei ficando, gostei do curso. O Médio, em relação a outras escolas que eu já estudei, ele é mais reforçado. A preparação para o Enem também é boa. A estrutura do campus também, tem alguns defeitos como foi dito, mas eu acho que tá melhorando cada vez mais essa questão de estrutura que eles estão tentando ampliar essa questão do espaço. No geral é muito bom.

**Aluno 3:**

Bom, eu vim a conhecer o Instituto por meio de alguns parentes que já tinham feito o curso superior aqui. E eu venho de escola pública e nós fizemos uma visita ao campus. Nessa visita, eu me apaixonei, tanto pela área verde, tanto pela estrutura, pela mobilidade dentro do próprio campus, que traz uma maior liberdade aos alunos que estudam aqui no Instituto. Eles têm uma vivência totalmente diferente de quem se encontra em alguma escola de Ensino Médio da nossa cidade de Uberaba. Em relação ao Ensino, assim, a gente vê um grande diferencial, que os professores não só preparam para o Enem, como todos os professores de escola de Ensino Médio, mas também preparam para a vida. Eles conseguem passar o

ensinamento, não sendo só usados aquele “pensamentosinhos” fixados e pronto, para realizar uma prova. Mas, aqui no Instituto, eles preparam o aluno para que ele possa sair daqui não só indo para o mercado de trabalho, não só indo para o Enem, mas para que eles possam sair daqui formados e com uma base de vivência dentro do próprio mundo, digamos assim. Em relação à estrutura, o campus, como Instituto Federal, ele já pegou, digamos, uma estrutura pronta, tanto de escola Agrotécnica como de CEFET, então, sempre é necessário mudanças e melhorias não podemos requerer coisas de extrema tecnologias porque já é digamos que uma estrutura premeditada de mandatos presidenciais anteriores então nós chegamos aqui, mas mesmo assim eles já apresentam uma grande discrepância na qualidade de ensino e de estrutura em relação a outras escolas .em relação ao ensino médio a qualidade é excepcional, e no ensino profissionalizante do curso técnico em momento nenhum deixou a desejar, nos saímos daqui tanto para o mercado de trabalho quanto para realizar uma prova para entrar em alguma faculdade.

**Aluno 4:**

Então, quando eu entrei na Instituição, eu tinha muito pouco conhecimento, eu fiquei sabendo do IFTM, por meio de um familiar que trabalha aqui. E a única coisa que eu sabia é que era integrado, que estudava o dia inteiro e que essa era a diferença no que diz respeito ao Ensino. O corpo docente é extremamente qualificado, prepara tanto para vestibular quanto para o mercado de trabalho e, além disso, aqui, você tem oportunidade de participar de projetos de monitorias, de pesquisa, que não tem em outras escolas. E, além disso, você sai daqui mais preparado para a faculdade, porque você já tem noção do que é um estudo puxado, um ensino que exige do aluno. Quanto à estrutura, é normal apresentar algumas falhas, porque o IFTM é diferente das outras, não é uma escola, ainda tem aquele *status* de fazenda-escola e não deixou nada a desejar, em termos de Ensino. Eu só tenho muito a agradecer esses três anos. Aqui eu me tornei uma pessoa muito mais competente do que em outras escolas.

**Aluno 5:**

É o que os meninos falou.

**Pesquisadora:**

E por que você veio para o IF?

**Aluno 5:**

Eu vim porque a minha prima tinha feito a prova, mas acabou não passando e daí eu conheci o IF a partir dela. Eu fiz a prova e, quando eu vi que eu passei, no começo eu fiquei feliz. Depois eu fiquei meio triste, porque eu ia ter que deixar meus amigos, mas aí, eu acabei vindo. Nos primeiros meses, eu não queria, eu queria sair, mas depois eu acabei me apaixonando, porque o Ensino daqui é bom, você cria laços que não criaria em outras escolas. Eu acho que é isso. De estrutura, os meninos já falou.

**Pesquisadora:**

Deixa eu só perguntar uma coisa: todos colocaram que vieram porque souberam do IF, pela qualidade de Ensino. Ninguém colocou pelo Curso Técnico, então vocês vieram mais em busca do Ensino Médio. Se o IF tivesse separado, oferecendo só o Ensino Médio e o Ensino Médio Integrado, que foi o que vocês cursaram, após a experiência de vocês, de três anos de integrado, vocês optariam, hoje, por entrar no IF para fazer só o Médio? Ou vocês optariam por fazer o Médio Integrado?

**Aluno 1:**

O médio Integrado

**Aluno 2:**

Eu faria só o Médio

**Aluno 3:**

Eu faria o médio Integrado

**Aluno 4:**

Eu faria o Integrado

**Aluno 5:**

Eu faria o integrado também, mesmo sendo difícil.

**Pesquisadora:**

Por que vocês escolheram esse Curso Técnico em Administração?

**Aluno 1:**

Na nossa época, que a gente foi entrar aqui, tinha três opções, Administração, Informática e Agropecuária. Eu optei por Administração porque é o curso mais útil. Porque, independente da área que você for seguir, você vai precisar administrar o seu dinheiro e o seu tempo; então, seja no mercado de trabalho ou na vida, a Administração é extremamente válida.

**Aluno 2:**

Eu escolhi porque a minha mãe disse que ia ser o melhor (risos).

**Aluno 3:**

Eu escolhi pela justa falta de opções, na época. Eu até pensei e cogitei em entrar no Curso Técnico, concomitante em Química. Porque eu me via mais naquela área. Só que, pela vontade do Ensino Médio do Instituto, eu vim para o Curso Técnico em Administração e acabei me apaixonando pela ideia de poder aprender, não só Administração na prática, mas aprender a colocar tudo isso dentro da minha vida. Como o outro aluno já disse, poder trabalhar o seu tempo, a logística da vida, saber organizar em todas as áreas que você venha a trabalhar, sempre será necessário o curso de Administração.

**Aluno 4:**

Eu não arrependo de ter escolhido Administração, porque tem duas matérias que eu gostei muito, que foi Economia e Direito. E isso pesou para a minha escolha do curso superior. Agora, eu penso em fazer Direito, então eu fico muito feliz, sem querer eu acertei.

**Aluno 5:**

É, como tinha essas três opções de curso, eu escolhi Administração, porque Agropecuária não tem nada a ver comigo e, porque. Informática, também não, de verdade. Assim, como eu já tinha dito antes, foi o meu pai que escolheu. Ele falou: Informática você não vai conseguir passar, porque eu sei que tem muito aluno; você não vai conseguir passar e Agropecuária, você não gosta de mexer com terra, muito menos com animal. Então, você vai fazer Administração e ele me colocou lá. Ele, que fez a minha inscrição, ele que fez tudo. Só assim: hoje é o dia da prova, você se vira e faz a prova. Eu disse: ok.

**Pesquisadora:**

Vocês pretendem atuar na área técnica e o que vocês pensam sobre um curso Técnico em Administração? Correspondeu as expectativas?

**Aluno 1:**

Sim. Correspondeu às expectativas e, como o mercado de trabalho, hoje, está muito concorrido, uma vaga de técnico em Administração de empresas, no momento atual da minha vida, seria muito bem-vindo. Os professores são bons, são excelentes na verdade. Administração é muito interessante, porque ela está no seu dia a dia. Quando você entra, antes eu só entrava no supermercado, hoje eu fico lendo a propaganda dos “trem”, vejo como que está organizado, eu falo: nossa, eu estudei isso aqui. Então, foi muito bom porque eu consigo relacionar com o meu dia a dia.

**Aluno 2:**

É, profissionalmente, no futuro não, mas acho que, no momento, agora, da minha vida, se eu for fazer uma faculdade fora, seria muito bom eu trabalhar em uma área para conseguir me sustentar, no período. É um curso muito bom, eu recomendaria se alguém me perguntasse, eu recomendaria.

**Aluno 3:**

Bom, em relação ao Curso Técnico, hoje em dia, nós vemos apresentando mudanças no programa da grade curricular dele. Porque são sempre necessárias mudanças em visão do mercado, que está sempre imutável. Quando a gente entrou, a gente tinha X carga horária com X matérias. Os meninos que hoje estão no segundo ano, já estão com outra carga horária, com outra matéria. Os meninos do primeiro, com outra grade curricular e, os que vão entrar o ano que vem, uma diferente grade. Para estar sempre assim, o Básico é sempre o mesmo para todos, mas está sempre tentando se moldar, voltado ao Ensino Técnico e ao mercado de trabalho que visa essa área. No todo, os profissionais são todos de excelência, eles conseguem passar toda a matéria. Em relação há tudo o que foi me cobrado no estágio eu creio que nada me faltou na aula teórica e eu vejo que de um curso superior de administração nos vimos tudo o que seria tratado ali em um curso de graduação, só que de uma forma mais sucinta. Então, hoje em dia, o mercado de trabalho que vai contratar alguém para trabalhar na Adib. Em relação ao custo, eles preferem, muitas das vezes, contratar um técnico do que um profissional graduado, porque, acabam por ter a mesma base de conhecimento. Eu não tenho vontade de trabalhar nessa área. Não é o que o meu coração bate por aquilo, digamos, só que para custear a faculdade ou até eu conseguir adentrar em uma; eu creio que, com o salário do curso técnico pro mercado de trabalho atual pode ajudar muito.

**Aluno 4:**

Sobre o curso, eu não sabia o que eu ia enfrentar quando eu cheguei aqui. Mas, eu acabei que gostei das matérias. Os professores são muito bons e essa melhoria nos cursos, que já foi falado, eu também achei muito interessante. Para atuar, não como profissão, mas eu percebi, até depois do estágio, que eu me dou muito bem trabalhando em escritório e administrando. Então, não pro futuro, que não é o que eu pretendo, mas como um hobby ou para administrar minha vida. O ano que vem ou enquanto eu procuro, eu acho que seria bem interessante pra mim.

**Aluno 5:**

Bom, sobre o curso, eu acho que me ajudou muito a ampliar a minha visão para o mundo. E ele preparou muito bem para o Básico; não pretendo atuar nessa área, é totalmente ao contrario do que eu quero e, nem futuramente, assim, eu não pretendo.

**Pesquisadora:**

Você quer fazer um curso superior em que área?

**Aluno 1:**

Em Direito.

**Aluno 2:**

Eu pretendo fazer um superior, mas não faço a mínima ideia em quê.

**Aluno 3:**

Eu pretendo fazer um curso superior em Medicina e com especialização em Traumatologia.

**Aluno 4:**

Eu pretendo fazer Arqueologia.

**Aluno 5:**

Pretendo fazer Designer superior.

**Pesquisadora**

Você acredita que o Técnico em Administração é valorizado financeiramente e por quê?

**Aluno 1:**

Depende muito da situação, tem muitos cargos em empresas que pode exercer as mesmas atividades de um técnico em Administração, sem necessariamente ter feito esse curso, então, é mais barato contratar uma pessoa que não tem diploma do curso do que

contratar alguém que tem. Agora, se for um Técnico em Administração que fala inglês, que domina Informática e tem outras habilidades, aí, ele é mais valorizado no mercado.

**Pesquisadora:**

Mas, de um modo geral, você acha que é valorizado o Técnico em Administração? Recebe um salário compatível com a formação?

**Aluno 1:**

Sim.

**Aluno2:**

Eu também acho que sim.

**Aluno3:**

Eu acho que sim, tipo, levando em consideração que a gente estuda aqui por dois anos no Integrado. A carga horária do Curso Técnico e os alunos, concomitantes, estudam por apenas um ano e meio, são três semestres de cursos e sai com um salário. Aqui, entre mil e mil e quinhentos, dois mil reais. Eu acho compatível para essa área.

**Aluno 4:**

Eu também acho e, principalmente, quando você olha nessas empresas maiores, essas pessoas que tem um cargo de chefia em Administração, elas conseguem alcançar um patamar bem maior.

**Aluno 5:**

Eu também acho que sim, porque se você for pensar em questão de currículo, eles vão preferir bem mais quem já tem um técnico e tem noção das coisas do que quem não tem nada.

**Pesquisadora:**

O Curso Técnico Integrado, ele contribuiu para que você se tornasse uma pessoa mais crítica e consciente do seu papel profissional? De que modo? Do papel profissional e do papel também como cidadão, se ele acrescentou para você essa criticidade na sua cidadania, você, acha que, se tivesse cursado somente o Ensino Médio, você acha que teria mais ou menos criticidade em relação ao mundo e ao mercado de trabalho?

**Aluno 1:**

Sim, ele ampliou a minha visão crítica do mundo, porque eu estudo Direito, conheço as leis trabalhistas, estudo Gestão de Pessoas. Eu entendo da dinâmica organizacional, a importância de se respeitar uma hierarquia, a importância de cada um desempenhar sua atividade de forma eficiente. Eu estudo Economia, eu entendo porque o Brasil está em crise, eu estudo Administração da produção, eu entendo como é que essas indústrias que eu passo e olho todos os dias para vir a escola, funcionam. Então, ampliou essa visão de mundo, então eu acho que o essencial é isso.

**Aluno 2:**

Eu acho também que ampliou muito, eu ando na rua e tudo o que eu olho tem alguma coisa que eu aprendi no curso. Seja em uma loja, no supermercado, na televisão, tudo o que eu olho tem alguma coisa que eu aprendi no curso.

**Aluno 3:**

A minha visão de mundo passou a ser outra, agora tudo o que eu já estudei, a gente tenta procurar essa forma, a gente vislumbra. Antes ia ao supermercado e via só uma lata de milho, hoje em dia, a gente pensa em todo o processo, de sair do campo, passar por uma produção, todos os impostos que são colocados em cima daquilo para chegar e ter o preço no supermercado. A gente passa a ter outra visão. E também, o relacionamento interpessoal, o curso trabalha muito isso, porque quem trabalha na área de Administração tem esse grande envolvimento com pessoas. Porque, antes de eu entrar aqui, eu não tinha tanta desenvoltura, com a fala tanta desenvoltura com o relacionamento com pessoas, Então, além de trabalhar para o mercado de trabalho, prepara para a vida.

**Aluno 4:**

Como já foi dito, eu concordo com tudo e também muita coisa. Se eu não tivesse feito o Técnico, eu não teria noção de muita coisa. Tudo o que a gente olha, a gente associa com as matérias do curso, com tudo o que a gente aprendeu e, até mesmo, em questão de relacionamento interpessoal. E essa visão crítica, principalmente, porque eu acho que eu não tinha nada, em relação ao mundo, ia ser só o Médio mesmo, aquilo e pronto.

**Aluno 5:**

Ah! Como todo mundo já falou, bom, eu concordo com tudo o que eles disseram, o Curso Técnico ajudou a gente a sempre estar olhando para uma coisa e relacionar com as matérias que a gente aprendeu. Então, sim, ele ampliou muito a nossa visão de mundo.

**Pesquisadora:**

Vou fazer duas perguntas em uma. Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar, integrador isto é, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo? Se sim, como foi? E como vocês percebem o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas. Da Base Nacional Comum, tipo, Língua Portuguesa, Matemática. Vocês acham que os professores, ao prepararem suas aulas, dialogam entre si? Por quê? Há esse diálogo da Base Nacional Comum com a Base Técnica? Vocês vivenciaram isso? Vocês acham que tem isso? Se isso aconteceu, e se isso seria favorável para ampliar o conhecimento e facilitar assimilação do conhecimento.

**Aluno 1:**

Em termos de trabalhos disciplinares, eu acho que o mais importante deles é o projeto Primeiro Negócio, que ocorre na Semana Nacional de Ciência Tecnologia, onde os alunos são divididos em grupos, tem que ser misto, tanto em gênero, quanto em turma, buscando trabalhar o relacionamento interpessoal. Tem que criar um produto ou um serviço inovador, mostrando para os discentes a importância de empreender nos dias atuais e envolve tudo em Administração. Porque você tem que pensar: como eu vou chegar ao meu cliente, como eu vou desenvolver o meu produto ou serviço, como vai ser o meu retorno, a minha forma de retorno, então, eu acho que esse trabalho simboliza o curso.

**Pesquisadora:**

E os professores, há essa interação, por exemplo, a Língua Portuguesa, ela conversa com outras matérias? Nesse trabalho e nos dias comuns, há essa interação ou não?

**Aluno 1:**

Sim, essa interação não é tão forte ainda porque nós somos a primeira turma, é um curso que está moldando, como foi dito anteriormente. Ele está passando por transformações, mas tem o diálogo sim, por exemplo, Português pode ser relacionado com Português instrumental, Matemática, com Matemática Financeira.

**Pesquisadora:**

Das matérias tem mais, dos professores não. E você acha que, se houvesse essa interação, ajudaria na assimilação do estudo?

**Aluno 1:**

Eu acho que, no primeiro ano, fazer essa mistura, seria muito complexo, porque os alunos chegam aqui muito imaturos, mas, a partir do segundo ano, já seria interessante.

**Aluno 2:**

Em termos de interdisciplinaridade, é, no estágio, eu vivenciei muito isso, porque eu cheguei lá e já usei a Informática. Depois de um tempo, o arquivista e também o logística, então, dentro do estágio, o tempo que eu estive estagiando, eu tive contato com tudo de uma vez.

**Pesquisadora:**

Mas, tudo de uma vez da Base Técnica? E, aqui dentro, a Base Técnica com a Base Nacional Comum?

**Aluno 2:**

Foi o que o aluno disse, entre as matérias tem essa comunicação, mas os professores mesmo, eles não fazem essa comunicação entre eles.

**Pesquisadora:**

E você acha que isso facilitaria?

**Aluno 2:**

A partir do segundo ano, sim.

**Aluno 3:**

Bom, em relação a essa interdisciplinaridade, eu creio que fica mais na parte do aluno conseguir fazer essa junção do que do próprio professor conseguir trabalhar. Porque, como já foi dito, eu acho que tentar trazer tudo isso junto, para um curso integrado, para os alunos que estão entrando, que estão tendo um movimento totalmente diferente, fica um pouco impactante, complicaria um pouco mais. Mas, para quem tem uma visão um pouco mais ampla, um pouco mais aberta, consegue fazer todas as junções das aulas do Ensino Médio com as aulas da Administração. Como o aluno que presta atenção em uma aula de Geografia do Brasil, dentro da logística, é super, importante, porque ele vai saber onde um polo, onde ele encontra matéria prima para colocar uma indústria, ou um polo que tem uma grande população para Mao de obra. Então, há essa necessidade dessa relação, mas, eu vejo mais ela, mas como um tentar a amplidão da mente do aluno. E não, o professor tá jogando isso dentro da sala de aula, Porque, além de estar cortando grande parte do tempo, o que não daria tempo de trabalhar toda a Base Comum, digamos, abre, faz com que os alunos passem a pensar um pouco mais, abre os horizontes do pensamento dessa inter-relação entre uma matéria e outra. Já fizemos muitos trabalhos interdisciplinares, mas, o mais importante é o primeiro negócio, em relação, soma tudo: o estágio. Porque eu acho que ambos deles, além de trabalhar toda a matéria do curso Técnico, as matérias da Base Nacional Comum do Ensino Médio são de suma importância: o Português para a comunicação, a Matemática para a soma de gastos custos, gerenciamento de tempo. A Química, a Física, tudo isso entra dentro desse curso, porque é um curso de humanas aplicado, então, de toda forma, tem essa necessidade de juntar o conhecimento do Ensino Médio, junto com o conhecimento de Técnico de Administração e junto com o conhecimento de mundo, de vida.

**Aluno 4:**

Eu acho que, depois que o aluno tem mais maturidade, eu acho interessante fazer essa relação entre o curso e o professor do Técnico e do Comum. Mas, não de maneira tão complexa. Acho que pegar o Básico que tem como relacionar, essas coisas simples. Porque o curso entre si já tem muitas matérias relacionadas, tudo o que você usa em uma matéria, você já está usando coisas de outras. Então, é interessante, mas na dosagem certa.

**Aluno 5:**

Bom, como a outra aluna disse, muitas matérias, sim dá para relacionar com matérias do Ensino Médio. Dá para relacionar com o curso, mas depende muito do aluno, do campo de visão dele. Em relação a usar todas as matérias na interdisciplinaridade, a gente usa bastante no estágio, porque precisa do Português para elaborar o memorando, precisa da Logística, precisa do arquivista para os documentos. É isso.

**Aluno 1:**

É muito mais subjetivo do que coletivo, essa associação entre as matérias do Técnico e do Ensino Médio.

**Aluno 4:**

Ainda mais, pra gente que, agora no terceiro ano, a gente não tem mais o Técnico.

**Aluno 3:**

Eu acho que deveria ser mais importante essa vontade de instigar o aluno a conhecer e correlacionar, do que trabalhar isso, exatamente na prática, na íntegra.

**Pesquisadora:**

O que vocês acham da demanda dos cursos oferecidos pelo IF? Vocês acham que a demanda está boa, que poderia aumentar o leque de demanda, variedade de cursos ou não? Deveria ficar do jeito que está, investir nos que estão e não deveriam implantar novos cursos?

**Aluno 1:**

Desde que nós entramos aqui, abriu a nossa turma e, recentemente, abriu a turma de Curso Técnicos em Alimentos. Para uma instituição aumentar seu número de vagas, é essencial que ela se planeje para isso, tem que analisar se o refeitório vai comportar. Eu tenho ônibus suficiente para transportar essa quantidade de alunos? Eu vou conseguir manter a qualidade de Ensino? Eu vou conseguir manter a qualidade da infraestrutura? Para crescer é necessário planejamento e, para você crescer também, sem aumentar o número de vagas. É importante fortalecer os cursos que aqui estão. Para o IF, é interessante aumentar o número de vagas, porque você dá Educação gratuita. Muitas vezes, para uma pessoa que não tem condições de pagar uma escola boa. Ou seja, o IF promove a inclusão social, forma mão de obra qualificada, promove desenvolvimento econômico. É interessante aumentar o número de vagas, sim, desde que seja de maneira consciente e eficiente.

**Aluno 2:**

Bom, em relação ao mercado de trabalho de nossa cidade, eu acho que o IF, ele atende muito as expectativas de curso, principalmente, voltada para esse campus fazenda Agropecuária, Uberaba ainda é a terra do zebu, do laticínio, dos gados, então, é a área para que estamos voltados. Hoje em dia, estão crescendo muito, essa abertura para as grandes empresas. Hoje em dia, nós temos três distritos industriais, então são grandes indústrias que estão chegando para Uberaba. Então, a necessidade de técnicos administrativos para estarem trabalhando, e, além disso, nós temos o Curso Técnico de Alimentos e, no campus da cidade, tem mais três cursos da área de Informática. Então, antes de pensar em fazer muito, em abrir muito um curso de Edificação, de Mineração, que não são áreas muito voltadas a nossa região, há necessidade de trabalhar e focar, formar mais alunos em menos cursos, porém, com uma qualidade melhor, porque, um professor que dá aula de Administração não é o mesmo de um curso de Agropecuária ou outra área. Então, para estar trabalhando maior variedade de cursos, você teria uma redução do tamanho das turmas e é necessário uma ampliação do campus, da grade de professores e isso aumenta muito o custo. Então, trazer uma maior quantidade de alunos para a área que o campus já está acostumado a trabalhar. Eu acho mais importante e mais viável.

**Aluno 3:**

Eu concordo com os alunos.

**Aluno 4:**

É exatamente o que já foi falado, que tem que fazer todo esse planejamento antes de trazer mais cursos e, inicialmente, acho que, no momento que tá agora, é investir no que já estão aqui.

**Aluno 5:**

Eu também concordo com eles, eu acho que é superimportante, antes de trazer novos cursos, você ver se a escola vai ter a infraestrutura necessária para comportar esse tanto de alunos que entrariam de novo; se vai ter professores que vão ensinar tal matéria e essas coisas.

**Pesquisadora:**

Nesse momento, está aberta a palavra para vocês. Se alguém quiser acrescentar ou falar alguma coisa, esse momento é de vocês.

**Aluno 2:**

O que eu acho que ainda falta um pouco, não dentro do Instituto, mas dentro da cidade. Quando o Instituto, se eu não me engano, foi em 2008, que ele se transformou de CEFET em IF, ele não tinha visibilidade nenhuma, até hoje muitas pessoas, quando você

pergunta: você conhece o IFTM? As pessoas falam assim: o quê? Você fala: escola Agrotécnica, as pessoas sabem o que é. Quando nós entramos aqui a três anos atrás, você não via uma propaganda na televisão, no jornal. As pessoas não sabiam o que era o Instituto e o que ele oferecia. De uns tempos para cá, com algumas parcerias, com a prefeitura, a gente tem conseguido ampliar o conhecimento das pessoas graças ao que é o Instituto, ao trabalho do Instituto. Só que agora nós estamos passando por um período, tipo, de risco, porque começa Reforma do Ensino Médio, está trazendo essas escolas de cunho estadual, para começarem a estarem trabalhando com o Ensino Técnico. E isso, de alguma forma, o campus do IF não sai muito barato para a Receita Federal, porque são muitos alunos, aqui é um campus de 470 hectares, então é energia, maquinários, toda uma logística grande para trabalharem todos os cursos do Brasil. Só que o Ensino dele é totalmente diferenciado. Eu creio que as escolas hoje em dia, tanto de cunho municipal como de cunho estadual, Brasil afora, não comportam uma qualidade de Ensino e uma quantidade de alunos para realizar. Então, eu vejo isso como uma tentativa para tirar a visão dos IFs. Eu acho que deveria ser totalmente o contrário, deveria disseminar, o que o Brasil necessita, ainda é um Ensino de qualidade, porque muita gente fala: lá na frente, a crise é problema de Economia, o excesso de roubo, é problema da falta de segurança. Eu acho isso tudo conversas, o grande problema da sociedade é Educação. Como dizia Aristóteles, “eduquem as crianças para não ter que punir os homens”, então, se você educar uma criança com Ensino de qualidade, preparada para o mercado de trabalho. É Pitágoras, desculpe, mas o Ensino de qualidade, preparando para a vida e para o mercado de trabalho, ele não tem que se voltar para a vida do crime, porque ele vai ter onde trabalhar, ele vai ter um mercado de trabalho. Então, não tem o porquê de disseminar essa ideia de muita gente fazendo de qualquer jeito; seria muito melhor poucos lugares trabalhando com uma intensidade maior e pela melhoria da qualidade. Então eu, na minha visão, eu presaria por maior investimento, um aumento da qualidade da infraestrutura e do atendimento à comunidade em torno dos Institutos, para que possam trazer uma maior quantidade de alunos, formando mais profissionais para o futuro, para que a gente possa salvar o Brasil, porque... ta afundando.

#### **Aluno 1:**

Os IFs' s de todo o Brasil, é interessante destacar que eles representam um Brasil que dá certo, porque aqui, no Brasil, nós criamos um estereótipo das Instituições Públicas, de que nada que é público funciona, nada que é público presta, que tudo que é público só tem corrupção. O IF, ele dá certo, o IF, enquanto Instituição de Ensino, ele alcançou o patamar, segundo avaliação do PISA, que teve, uns anos atrás. Ele alcançou o patamar de Educação de um país desenvolvido e, para um país, sair de um patamar de um país subdesenvolvido para a de um país desenvolvido, ele precisa produzir tecnologia, e, como se produz tecnologia com mão de obra qualificada? Com alunos bem preparados, então aumenta a visão crítica da população e, como eu já disse, desenvolvimento social e econômico. Um país não cresce sem esses dois, eles têm que andar lado a lado. O IF proporciona isso e, quando eu vejo um governo fazendo uma reforma do Ensino Médio, simplesmente por fazer, isso me dói, porque meus filhos, eu não sei onde eles vão estudar e se eles precisarem de uma Educação pública, como é que vai ficar? Meus filhos, os meus netos, como que vai ficar isso, daqui pra frente? O IF, justamente dá essa oportunidade, atende todos os públicos, independentes se é pobre, negro, branco, pardo, se veio lá da África, da Europa. O IF é gratuito, o aluno passa na prova, tem acesso a uma Educação de qualidade e, acima de tudo, promove o desenvolvimento social, porque, antes de tudo, é isso que um país precisa. Enquanto você está em um país onde muitos têm muito e poucos têm muito pouco, você fica nisso: violência, favela. O IF, se tem uma coisa que muda um país é a Educação. O Japão, um país devastado pela guerra, se reergueu justamente pela Educação. No Brasil, enquanto criança morre de fome, eles criam

uma PEC para congelar os investimentos em Saúde e Educação por vinte anos. Essa é a diferença, então, crie IFs, pelo amor de Deus.

Foram feitos os agradecimentos e o convite à dissertação.

**APÊNDICE J - ENTREVISTA 7****1ª ano de Técnico Integrado em Alimentos****Áudio nº 66- tempo de gravação 22 minutos****07 alunas-****01 oriunda de escola particular**

Estou aqui com a turma do primeiro ano de Alimentos, e após ter explicado já sobre o termo de consentimento, e o termo de confidencialidade, vamos dar início então as perguntas da pesquisa.

**Pesquisadora**

Eu quero saber o que vocês acham do IFTM de uma maneira geral. Saber sobre a estrutura, o ensino, o porquê vocês escolheram o IFTM... se vocês acreditam que a base nacional da preparação para o Enem.

**Aluna 01:**

Então, eu descobri o IFTM através da escola, porque antes, eu não tinha conhecimento nenhum sobre ele. Até porque não era muito de divulgar nas escolas. Foi através de seus alunos mesmo que eu fiquei sabendo. E quando eu entrei aqui foi uma coisa muito boa pra mim, porque eu tive um conhecimento que eu nunca esperava ter.

**Pesquisadora**

E a respeito da estrutura.

**Aluna 01**

É boa.

**Aluna 02**

O IFTM eu conheci através da minha mãe, porque minha escola nunca tinha falado sobre a prova que tinha que prestar para entrar aqui no IFTM, e quando eu entrei aqui eu gostei muito, porque o ensino é de qualidade, e é uma escola federal muito boa.

**Aluna 03**

Eu conheci o IF a partir de amigos e escolas e meus pais também, e quando eu entrei aqui eu achei a escola maravilhosa, em todos os sentidos. Ensino estrutura.

**Pesquisadora**

E por que vocês escolheram o IF. Você foi por indicação dos pais, você foi escola, mas o que te fez escolher o IF.

**Aluna 01**

Eu fiquei curiosa primeiro, porque eu não conhecia né. Aí eu pensei vou fazer a prova...

**Aluna 02**

O importante é que aqui é muito bom. Principalmente o ensino.

**Aluna 03**

Eu também fui por causa do ensino

**Aluna 04**

Eu conheci o IFTM através da minha escola e também de parentes que já trabalharam aqui. E eu sempre quis estudar aqui. Porque além de ter o ensino médio que tem, e que eu acho que por ter o técnico também eu poderia ter uma boa formação aqui dentro. E quando eu cheguei aqui eu gostei muito da estrutura da escola tudo. Principalmente porque ela não te prende muito, ela te dá mais liberdade. Te amadurece aqui dentro.

**Aluna 05**

Eu conheci o IF através de um professor meu que começou a dar cursinho para quem queria prestar a prova. E aí eu falei, nunca pensei em entrar aqui dentro. Aí achei uma oportunidade boa de vir ter um ensino de qualidade.

**Aluna 06**

Eu conheci o IF através de uma prima minha que já estava aqui, que me aconselhou que era uma escola muito boa, estrutura muito boa. O ensino gratuito, de qualidade. Achei bom entrar aqui para ter um ensino médio bom. Para ter uma boa formação para o Enem.

**Aluna 07**

Eu conheci o IF através de um professor, de amigos também. Eu gostei muito de entrar aqui. Eu entrei pelo ensino médio, mas depois eu gostei muito do curso que vai me ajudar muito pra prestar o vestibular, me amadurecer muito...

**Pesquisadora**

Eu vi que todo mundo... Vocês vieram não pelo curso técnico, mas pelo ensino médio. Se vocês tivessem a oportunidade de escolher... Se o IF oferecesse somente o ensino médio ou o ensino técnico. Depois desse um ano que vocês vivenciaram do técnico. Vocês escolheriam novamente o ensino técnico, ou vocês optariam só pelo médio.

**Aluna 01**

Eu os dois. Os dois serviram pra mim. O médio junto com o técnico.

**Todas (seis alunas) respondem**

O médio junto com o técnico.

**Pesquisadora**

Vocês pretendem atuar na área técnica de alimentos. Pretendem fazer um curso superior na área ou em outra área. O que vocês pensam sobre um curso técnico em alimento. Vocês sabiam o que era um curso técnico em alimento. O que as pessoas que vocês conhecem pensam sobre este curso.

**Aluna 01**

Eu não tinha conhecimento nenhum sobre como seria um curso técnico em alimento. Depois que eu entrei aqui que eu comecei a ter uma base melhor de como funcionariam as coisas. De como seria trabalhar dentro de uma empresa de alimentos.

**Pesquisadora**

Você pretende fazer curso superior.

**Aluna 01**

Possivelmente. Provavelmente na área, mas estou muito na dúvida.

**Aluna 02**

Ah o curso técnico de alimentos eu também não conhecia antes, aí quando eu entrei no curso técnico de alimentos que eu vi o quanto a área era grande, e dá pra atuar bastante nela. Eu então pretendia atuar, mas agora eu estou em dúvida, mas pretendo sim fazer o superior de alimentos e ainda assim seguir outras áreas. Pretendo fazer mais de uma.

**Aluna 03**

Não pretendo atuar na área técnica. Pretendo fazer curso superior em Direito. Quanto ao curso técnico, antes eu achava que era uma coisa voltada somente para uma coisa. Quando entrei vi que abrangia muitas áreas diferentes, muito mais coisas que eu achava que era.

**Aluna 04**

Fazer alguma coisa na área de alimento no curso superior não é minha primeira opção. Mas eu ainda tento... Porque o curso eu gostei bastante. Não é minha primeira opção atuar como técnica de alimento, mas poderia considerar. O curso técnico de alimentos eu não sabia bem o que era e acho que as pessoas não têm muito conhecimento sobre a área ainda.

**Aluna 0**

Não penso em atuar nesta área, mas através do curso me abriu novas profissões que eu penso em atuar. Pretendo fazer superior em outras áreas. Vi os cursos que tinha no Instituto e quando eu vi eu pensei em fazer. Eu procurei muito na internet, mas mesmo assim não tinha a base que a gente tá tendo agora.

**Aluna 06**

Eu não fazia ideia do que era este curso técnico em alimentos. Eu só fiz por curiosidade, vi que era um curso novo. Interessei bastante. Era muito mais do que eu esperava. E pode ser uma das minhas opções de fazer o curso superior.

**Aluna 07**

Eu assim como as pessoas, realmente não tinha conhecimento do que era o curso, e só depois que eu entrei aqui, depois de um tempo que deu pra perceber que dá pra você ver várias áreas. Pretendo fazer curso superior, mas fazer curso superior em alimentos não é minha primeira opção. É uma possibilidade, mas não é minha primeira opção.

**Pesquisadora**

Você se realizaria profissionalmente como técnica em alimentos. E você acha que a profissão é valorizada financeiramente?

**Aluna 01**

Não. Eu não tenho muito conhecimento, mas pela base que tenho aqui percebo que ainda é uma área bem desconhecida pelas pessoas. Mesmo financeiramente

**Aluna 02**

Acho que tá em crescimento ainda. Não é uma área muito valorizada, mas no futuro ela pode ser mais valorizada. Porque cada vez vão precisar de mais técnicos de alimentos para poder ajudar nas indústrias.

**Aluna 03**

Acredito sim que ela é pouco valorizada, mas como as meninas dizem, está faltando mais conhecimento. Porque em qualquer lugar que você vai tem uma área de estabelecimento alimentício, e todo estabelecimento alimentício tem que ter um técnico. Uma pessoa formada em tecnologia do alimento ou algo do tipo.

**Aluna 04**

Tá faltando informação. Por exemplo: como tem muito crescimento populacional, o alimento vai ser o assunto nas próximas gerações, então vai precisar de muito técnico. Pra frente, vai ser muito valorizado mas agora ainda não é.

**Aluna 05**

Eu acredito que esta área ainda não tem muita informação. Mas eu acredito que é valorizada sim em questão financeira. Porque acho que todo mundo se alimenta. Todo mundo compra alguma coisa todo dia.

**Aluna 06**

Acho que é um ramo que está crescendo o mercado de trabalho, mas ainda não é muito valorizado, mas que no futuro pode sim trazer um grande retorno financeiro.

**Aluna 07**

Eu acredito que seja uma área valorizada. Porém, pela falta de informação, pela falta de divulgação do papel do técnico, ela deixa de ser valorizada o tanto que deveria ser. É valorizada sim no meu ponto de vista, mas ainda falta um pouco. Ela poderia ser mais valorizada se tivesse mais informação desta área.

**Pesquisadora**

Todo mundo falou de informação. Vocês acham que esta informação deveria partir do instituto, ou de onde viria esta informação?

**Aluna 01**

Do técnico eu acho. Divulgar mais como é a área. A profissão que ele atua.

**Outras interferem** – Porque acho que as pessoas confundem. Como com gastronomia. Não entendem que o técnico em alimentos vai trabalhar na parte de produção, análise também.

**Pesquisadora**

O curso técnico integrado contribuiu para que você se tornasse uma pessoa mais crítica e consciente do seu papel profissional e do seu papel como cidadã. Contribuiu mais do que se vocês fizessem o ensino médio comum ou não.

**Aluna 01**

Muito. Me proporcionou ver muito mais além do que eu via. Sabe. Eu acho que amadureceu meu pensamento sobre mercado de trabalho. Tudo que não é. As responsabilidades que temos que ter relacionado ao meio do trabalho. Principalmente no mercado de alimento que a gente tá diretamente... Se a gente não fizer nosso papel direito, nosso trabalho direito pode tá colocando pessoas em riscos. Então acho que foi muito importante, muito válido. Mais do que tivesse fazendo só o médio.

**Aluna 02**

Com toda certeza. Desde que entrei no IF, minha visão sobre mercado de trabalho, sobre oportunidade de emprego abriu muito mais.

**Aluna 03**

Acho que os dois juntos fazem um papel muito melhor no pensamento. Porque no médio a gente aprende as matérias do ensino mesmo, e com o técnico podemos aprender mais coisas. Ter mais responsabilidade. Como ela falou: a gente fazer alguma coisa errada gente pode colocar as pessoas em risco.

**Aluna 04**

Eu acho que o ensino médio é muito voltado para o Enem. Sempre falam pra gente: Ah esta matéria não é importante para o Enem. Já o técnico ele sempre vê o mercado de trabalho, a importância, as áreas que estão mais em alta, que estão crescendo, e aí atenta a gente o quanto o nosso trabalho é importante, e também a entender melhor as notícias que tem. Por exemplo, as notícias, como você falou de jornal, o mercado de trabalho que está em alta, as áreas que estão desvalorizadas. Acho que é importante o curso técnico... bastante.

**Aluna 05**

Penso isso também. Porque quando você tem mais uma noção de curso técnico, você entende mais pela área de trabalho. Agora quando você pensa pelo lado do ensino médio, você não tem um certo conhecimento de outras áreas por exemplo. Fica limitado o conhecimento.

**Aluna 06**

O técnico deixa a gente mais preparado a chegar no mercado de trabalho. Porque só com o médio, talvez a gente chegasse lá e sentisse dificuldade. Mas quando a gente faz o curso técnico, parece que torna mais fácil porque a gente tem um pouco do entendimento.

**Aluna 07**

A gente tem mais noção. Diferencial do que a gente quer e do que a gente não quer.

**Pesquisadora**

Vocês já realizaram algum trabalho interdisciplinar, integrador, ou seja, que envolvia duas ou mais disciplinas ao mesmo tempo. Se sim, como foi.

E como vocês percebem o diálogo das disciplinas técnicas com as disciplinas básicas (Língua Portuguesa, Matemática). Acham que os professores ao prepararem suas aulas dialogam entre si e por que? Por exemplo, vocês têm Química e uma matéria técnica relacionada a química. Vocês já presenciaram algum trabalho interdisciplinar do médio com o técnico.

**Aluna 01**

Não. Até hoje a gente não teve nenhuma relação do ensino médio com o técnico. Facilitaria muito, porque ajudaria. Até mesmo quem tem mais dificuldade conseguiria aprender com outros métodos e novo jeito.

**Aluna 02**

Eu acho que falta mesmo comunicação entre professores do técnico e ensino médio. Muito importante, em aulas práticas onde envolve mais de uma matéria, ajudaria se interligasse matérias do técnico com ensino médio.

**Aluna 03**

Tem muita coisa relacionada. Mas a gente percebe que tem relação entre o ensino médio e o básico, vem da gente mesmo, porque os professores não se comunicam muito entre si não, pra falar sobre isto.

As demais alunas concordam com as respostas expostas acima

**Pesquisadora**

O que vocês acham da variedade dos cursos técnicos oferecidos. Vocês acham que os cursos técnicos oferecidos tá bom ou deve ampliar. Oferecer mais cursos. Ou vocês acham que deveria continuar somente com estes cursos e investir mais nos que estão aqui?

**Aluna 01**

Pra mim poderia abrir mais. Até porque, tem muita gente que pensa: Ah, eu vou para uma escola que é mais distante da cidade, vamos dizer assim, só que não tem um curso que eu quero. Eu quero ir pra lá, mas eu vou só para o ensino médio, então eu queria um curso que eles teriam prazer de estar fazendo.

**Aluna 02**

Se tivesse mais cursos técnicos, haveria mais pessoas interessadas em entrar no IFTM, porque muitas vezes as pessoas não se identificam com os cursos que tem aqui. Aí se houvesse mais cursos as pessoas se identificariam mais. Só que também entra a parte dos recursos, que talvez com muitos cursos técnicos abertos, aí o IFTM não teria muitos recursos para conseguir investir em todos os cursos ao mesmo tempo.

**Aluna 03**

Eu acredito que deveria ter mais curso técnico sim, para as pessoas se identificarem mais. No caso sou eu. Eu tô aqui mais pelo ensino médio mesmo, porque pelo curso não teve um que eu tipo, falei assim nossa, eu amo de paixão o que estou fazendo, o que estou estudando. Acho que deveria abrir mais. Mas aí também vem aquela parte que ela falou, que se tiver muitos cursos, vai faltar verba para investimento em cada um deles. Não vão ficar com boa qualidade, vamos dizer assim.

**Aluna 04**

Eu acredito que tinha mesmo que ter mais opções para as pessoas se identificarem. Porque muitas pessoas não entram nem pelo curso médio, porque vão fazer um curso que não gostam, e podem perder o ano e bombarem. Então eu acho que deveria ter mais opções.

**Aluna 05**

Eu concordo que tem que ter mais cursos. Igual a Florença disse. Às vezes eu acho que estou aqui mais pelo ensino médio do que do técnico.

**Aluna 06**

Eu acho que deveria ter mais cursos técnicos, porém, se investisse mais no que já tem, também seria uma boa, porque atrairia mais pessoas. Então, eu fico no meio termo. Eu acho que poderia sim abrir mais cursos, mas se investisse mais nos que já têm, também seria uma boa opção.

**Aluna 07**

Concordo.

**Pesquisadora**

Vocês querem sugerir, acrescentar alguma coisa a esta pesquisa. O espaço agora é aberto a vocês.

**Aluna 01**

Se divulgassem todas as matérias que têm em cada curso técnico e as pessoas comesçassem a ver que existem sim dentro de um curso técnico muitas matérias que elas conseguem se identificar... Algumas talvez até não e outras sim. Aí poderia investir nos cursos técnicos que já têm aqui dentro, e conseguiria suprir a demanda que precisa em cada curso técnico, e as pessoas se identificariam com os cursos técnicos que já têm aqui. Mas também teria como abrir mais cursos técnicos.

**Outra Aluna**

Também acho que deveria que ter mais integração. Acho que tem muita dúvida quando a gente vai entrar aqui. Então, na questão da divulgação seria interessante também. Porque a gente fica meio perdido né. Gera muita dúvida, a gente não sabe como vai ser. Seria bacana esta divulgação mais detalhada.

**APÊNDICE K**  
**Tabulação**

<b>GF 01- TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO</b>				
<b>03 turmas - 17 alunos - duração 2 horas e 33 minutos- realizada em dezembro /2017</b>				
	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>Talvez</b>	
A estrutura do IF é boa?	*17	0		*06 alunos acreditam que necessita de reparos, manutenção
Veio pelo Ensino Médio	12	05		
Veio pelo Ensino Técnico	05	12		
Optaria hoje pelo Integrado?	09	03		Representatividade dos alunos que vieram para o IF pelo E.M
Pretende atuar na área?	02	*14	01	*10 atuariam somente enquanto cursassem a graduação
Pretende fazer uma graduação?	17	0		
O Técnico em administração é valorizado?	09	08		
O curso propiciou uma maior criticidade enquanto cidadão?	17	0		
Já foi realizado algum trabalho interdisciplinar?	15	02		
Os professores do técnico e do médio programam suas aulas em uma perspectiva interdisciplinar?	01	11	*05	*Ocorre de maneira isolada e tímida
A interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento?	17	0		*02 são favoráveis a partir do 2º ano
O IF deve ampliar a demanda de oferta dos cursos técnicos?	05	09*	03 **	*É preciso investir nos que já possui ** não responderam
Observações Gerais (feitas em números superior a 50% dos alunos): o curso é alicerce para a vida, os professores são destacados pela qualificação e atuação profissional . Acreditam que o curso técnico é um diferencial positivo para a vida.				

<b>GF 02- TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA</b>				
<b>03 turmas - 16 alunos - duração 1hora e 40 minutos realizada em dezembro/2017</b>				
	SIM	NAO	Talvez	
A estrutura do IF é boa?	15	01		*12 alunos acreditam que necessita de reparos, manutenção
Veio pelo Ensino Médio	06	10		
Veio pelo Ensino Técnico	10	06		
Optaria hoje pelo Integrado?	06	0		Representatividade dos alunos que vieram para o IF pelo E.M
Pretende atuar na área?	10	*06		*01 atuaria somente enquanto cursasse a graduação
Pretende fazer uma graduação?	16	0		
O Técnico em agropecuária é valorizado?	04	09	03	
O curso propiciou uma maior criticidade enquanto cidadão?	16	0		
Já foi realizado algum trabalho interdisciplinar?	09	07		
Os professores do técnico e do médio programam suas aulas em uma perspectiva interdisciplinar?	0	06	*10	*Acontece de forma tímida
A interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento?	16			
O IF deve ampliar a demanda de oferta dos cursos técnicos?	08	08		
Observações Gerais (feitas em números superior a 50% dos alunos): reclamam da falta de aulas práticas e acreditam que não há um conhecimento da sociedade sobre o curso. são favoráveis a manter na fazenda somente os cursos relacionados à ela. Acreditam que o curso técnico é um diferencial positivo para a vida.				

GF 03- TÉCNICO EM ALIMENTOS				
01 turma - 07 alunos - duração 22 minutos- realizada em dezembro/2017				
	SIM	NÃO	Talvez	
A estrutura do IF é boa?	07	0		
Veio pelo Ensino Médio	07	0		
Veio pelo Ensino Técnico	0	07		
Optaria hoje pelo Integrado?	07	0		Representatividade dos alunos que vieram para o IF pelo E.M
Pretende atuar na área?	0	03	*04	* Enquanto cursassem a graduação
Pretende fazer uma graduação?	07	0		
O Técnico em alimentos é valorizado?	03	04		
O curso propiciou uma maior criticidade enquanto cidadão?	07	0		
Já foi realizado algum trabalho interdisciplinar?	0	07		
Os professores do técnico e do médio programam suas aulas em uma perspectiva interdisciplinar?	0	07		
A interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento?	07	0		
O IF deve ampliar a demanda de oferta dos cursos técnicos?	04	01	02	É preciso investir nos que já possui
Observações Gerais (feitas em números superior a 50% dos alunos): não houve				

<b>CONSOLIDADO GERAL</b>				
<b>07 turmas - 40 alunos - duração 04 horas e 35 minutos- realizada em dezembro/2017</b>				
	SIM	NÃO	Talvez	
A estrutura do IF é boa?	39*	01		*18 alunos acreditam que necessita de reparos, manutenção
Veio pelo Ensino Médio	25	15		
Veio pelo Ensino Técnico	15	25		
Optaria hoje pelo Integrado?	22	03		Representatividade dos alunos que vieram para o IF pelo E.M
Pretende atuar na área?	12	22	06	
Pretende fazer uma graduação?	40	0		
O Curso Técnico que você cursa é valorizado?	16	21	03*	*depende do profissional
O curso propiciou uma maior criticidade enquanto cidadão?	40	0		
Já foi realizado algum trabalho interdisciplinar?	24	16		
Os professores do técnico e do médio programam suas aulas em uma perspectiva interdisciplinar?	01	24	15*	* ocorre de maneira isolada e tímida
A interdisciplinaridade facilitaria a assimilação do conhecimento?	40	0		Se houver organização
O IF deve ampliar a demanda de oferta dos cursos técnicos?	17	18	02	03 não responderam
Observações Gerais (feitas em números superior a 50% dos alunos):				